

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

Scarlet

Crônicas Lunares

ROCCO

marissa meyer

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

Scarlet

Crônicas Lunares

ROCCO

marissa meyer

Livro Dois

Sscarlet

Crônicas Lunares



Marissa Meyer

Tradução
Regiane Winarski

ROCCO ITALIA

Para mamãe e papai, meus torcedores mais dedicados.

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

LIVRO UM

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

LIVRO DOIS

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

LIVRO TRÊS

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Capítulo Trinta e Quatro

LIVRO QUATRO

Capítulo Trinta e Cinco

Capítulo Trinta e Seis

Capítulo Trinta e Sete

Capítulo Trinta e Oito

Capítulo Trinta e Nove

Capítulo Quarenta

Capítulo Quarenta e Um

Capítulo Quarenta e Dois

Capítulo Quarenta e Três

Capítulo Quarenta e Quatro

Capítulo Quarenta e Cinco

Capítulo Quarenta e Seis

Capítulo Quarenta e Sete

Agradecimentos

Créditos

A Autora



LIVRO

Um

*Ela não sabia que o lobo era um tipo de animal perverso e não
teve medo dele.*



CAPÍTULO



SCARLET ESTAVA POUSANDO NO BECO ATRÁS DA TAVERNA RIEUX quando seu tablet apitou no banco do carona e uma voz automatizada soou em seguida: *Comunicado para mademoiselle Scarlet Benoit do Departamento de Pessoas Desaparecidas da Polícia de Toulouse.*

Com o coração disparado, ela desviou a nave bem a tempo de evitar que o boreste raspasse na parede de pedra e, então, manteve o freio pressionado até que parasse completamente. Scarlet desligou o motor ao mesmo tempo que pegava o tablet largado de lado. A pálida luz azul se refletiu nos controles do cockpit.

Tinham encontrado alguma coisa.

A polícia de Toulouse devia ter encontrado alguma coisa.

– Aceito! – gritou ela, praticamente esmagando o tablet com os dedos.

Ela esperava uma mensagem de vídeo do detetive encarregado do caso da avó, mas só recebeu um arquivo de texto sem sentido.

28 AGO 126 T.E.

RE: ID CASO #AIG00155819, ARQ. 11 AGO 126 T.E.

ESTE COMUNICADO É PARA INFORMAR SCARLET BENOIT, DE RIEUX, FRANÇA, FEDERAÇÃO EUROPEIA, DE QUE, ÀS 15H42 DO DIA 28 DE AGOSTO DE 126, O CASO DE DESAPARECIMENTO DE MICHELLE BENOIT, DE RIEUX, FRANÇA, FEDERAÇÃO EUROPEIA, FOI ARQUIVADO DEVIDO À FALTA DE PROVAS SUFICIENTES DE VIOLÊNCIA OU DELITO NÃO ESPECÍFICO. CONJECTURA: PESSOA(S) FOI(RAM) EMBORA POR

VONTADE PRÓPRIA E/OU SUICÍDIO.

CASO ENCERRADO.

AGRADECEMOS O APOIO À NOSSA
INVESTIGAÇÃO.

A mensagem veio seguida de um vídeo corporativo da polícia lembrando a todos os pilotos de naves de entrega que tomassem cuidado e usassem os equipamentos de segurança enquanto os motores permanecessem ligados.

Scarlet ficou olhando para a telinha até as palavras virarem uma mancha em preto e branco e o piso da nave quase sumir debaixo de seus pés. O painel de plástico atrás da tela estalou com a força do aperto de suas mãos.

– Idiotas – sibilou na nave vazia.

Em resposta as palavras *CASO ENCERRADO* riram dela.

Ela soltou um berro gutural e atirou o tablet contra o painel de controle da nave, torcendo para quebrá-lo em pedaços de plástico, metal e fios. Depois de três golpes fortes, a tela só tremeu com uma leve irritação.

– *Seus idiotas!*

Ela arremessou o tablet no piso em frente ao banco do carona e se recostou, puxando com os dedos os fios de seu cabelo cacheado.

O cinto de segurança apertou seu peito, estrangulando-a de repente. Na mesma hora, ela soltou a fivela, empurrou e abriu a porta, por pouco não caiu no beco sombrio. O cheiro de gordura e uísque da taverna quase a sufocou quando ela respirou fundo, tentando encontrar a razão em meio a tamanha fúria.

Iria até a delegacia de polícia. Mas agora estava tarde demais. Amanhã então. Logo de manhã. Estaria calma e racional, e explicaria por que as suposições deles estavam erradas. Faria com que reabrissem o caso.

Scarlet passou o pulso pelo escâner ao lado da porta traseira da nave e a abriu com mais força do que o sistema hidráulico

permitia.

Diria ao detetive que ele tinha que continuar a busca. Faria com que ele ouvisse. Faria com que ele entendesse que a avó não tinha ido embora por vontade própria e que certamente *não* tinha se matado.

Havia seis engradados de plástico, cheios de legumes e verduras, amontoados na parte de trás da nave, mas Scarlet nem os notou. Estava a quilômetros de distância, em Toulouse, planejando a conversa em pensamento. Procurando cada última possibilidade de persuasão, cada pedacinho de poder de argumentação que lhe restava.

Alguma coisa tinha acontecido com sua avó. Alguma coisa estava errada, e se a polícia não continuasse investigando Scarlet levaria o caso aos tribunais e cuidaria para que cada um daqueles detetives cabeça-oca fosse cassado e jamais pudesse voltar a trabalhar e...

Ela agarrou em cada mão um tomate, girou e os atirou contra a parede de pedra. Os tomates explodiram e espalharam suco e sementes em cima das pilhas de lixo que aguardavam a vez de serem colocadas no compactador.

A sensação foi boa. Scarlet pegou outro, imaginando as dúvidas do detetive quando ela tentasse explicar a ele que sumir *não* era um comportamento comum de sua avó. Imaginou os tomates explodindo naquela fuça arrogante...

Uma porta se abriu na hora em que o quarto tomate foi destruído. Scarlet ficou paralisada, pois já estava a caminho de pegar outro quando o dono da taverna se apoiou no batente da porta. O rosto estreito de Gilles brilhava enquanto ele avaliava a sujeira úmida e avermelhada que Scarlet tinha feito na parede do prédio.

– É melhor não serem os *meus* tomates.

Ela afastou a mão do engradado e a limpou na calça jeans manchada e suja. Conseguia sentir o calor que emanava de seu rosto, o batimento errático do coração.

Gilles secou o suor da cabeça quase careca e a olhou com raiva, sua expressão padrão.

– E aí?

– Não eram seus – murmurou ela. E era verdade. Tecnicamente, os tomates eram dela até que ele pagasse.

Ele resmungou.

– Então vou descontar apenas três univs pela limpeza dessa sujeira. Agora, se você acabou com o tiro ao alvo, talvez possa se dignar a trazer parte deles aqui pra dentro. Estou servindo alface murcha há dois dias.

Ele voltou para o restaurante e deixou a porta aberta. O barulho de pratos e gargalhadas se espalhou pelo beco, bizarro em sua normalidade.

O mundo ao redor de Scarlet estava despencando e ninguém ligava. A avó estava desaparecida e ninguém se importava.

Ela virou para o compartimento de carga e pegou pelas beiradas o engradado de tomates, esperando que o coração parasse de saltar dentro do peito. As palavras do comunicado ainda bombardeavam seus pensamentos, mas começavam a perder força. A primeira onda de agressão começou a apodrecer junto com os tomates destruídos.

Quando conseguiu respirar sem os pulmões entrarem em convulsão, ela colocou o engradado em cima de outro, de batatas russet, e os tirou da nave.

Os cozinheiros ignoraram Scarlet conforme ela desviava das frigideiras fumegantes e seguia em direção à gélida despensa. Ela colocou os produtos nas prateleiras que tinham sido rotuladas à caneta, apagadas e rotuladas de novo mais de dez vezes ao longo dos anos.

– *Bonjour*, Scarlinda!

Scarlet virou enquanto tirava o cabelo do pescoço suado.

Émilie sorria na porta. Os olhos brilhavam com a promessa de um segredo. Mas recuou quando viu a expressão de Scarlet.

– O quê...?

– Não quero falar sobre isso. – Ela se esquivou da garçonete e seguiu pela cozinha, mas Émilie fez um muxoxo e, saltitante, foi atrás.

– Então não fale. Só estou feliz de você estar aqui – disse ela, segurando o cotovelo de Scarlet e seguindo com ela para o beco. – Porque ele voltou. – Apesar dos cachos louros angelicais que cercavam o rosto de Émilie, o sorriso sugeria pensamentos diabólicos.

Scarlet se afastou, pegou um engradado de chirívia e rabanetes e entregou para a garçonete. E não respondeu, incapaz de ligar para quem *ele* era e por que importava o fato de ter voltado.

– Que ótimo – disse Scarlet, enchendo uma cesta de cebolas-rosas.

– Você não lembra, né? Vamos lá, Scar, o lutador de rua sobre quem te contei outro... Ah, talvez tenha sido pra Sophia.

– Lutador *de rua*? – Scarlet apertou os olhos quando uma dor de cabeça começou a latejar em sua testa. – Jura, Ém?

– Não fala assim. Ele é fofo! E veio aqui quase todos os dias desta semana e sempre senta na minha área, o que certamente quer dizer alguma coisa, não acha? – Como Scarlet não disse nada, a garçonete colocou a cesta no chão e pegou um pacote de chicletes no bolso do avental. – Ele é sempre tranquilo, não é como Roland e o grupo dele. Acho que é tímido... e solitário. – Colocou um chiclete na boca e ofereceu outro a Scarlet.

– Um lutador de rua que parece tímido? – Scarlet recusou o chiclete com um gesto. – Ouviu o que *você* acabou de dizer?

– Você precisa vê-lo para entender. Ele tem uns olhos que... – Émilie abanou o rosto como se estivesse com calor.

– Émilie! – Gilles apareceu na porta de novo. – Pare de blá-blá-blá e venha para cá. A mesa quatro precisa de você. – Ele lançou um olhar irritado para Scarlet, um aviso silencioso de que descontaria mais univs do pagamento dela se não parasse de perturbar os

funcionários, depois entrou sem esperar resposta. Émilie mostrou a língua na direção em que o chefe estivera um momento antes.

Scarlet apoiou a cesta de cebolas no quadril, fechou a porta do compartimento de carga e passou pela garçonete.

– A mesa quatro é a *dele*?

– Não, ele está na nove – murmurou Émilie, pegando a cesta. Ao passarem pela cozinha quente, Émilie ofegou. – Ah, sou tão idiota! Pensei em te mandar uma mensagem pra perguntar sobre a sua grand-mère a semana toda. Teve alguma notícia?

Scarlet cerrou os dentes, e as palavras do comunicado vibraram como cornetas em sua mente. *Caso encerrado.*

– Nada de novo – respondeu ela, depois deixou que a conversa se perdesse no caos dos cozinheiros gritando uns com os outros.

Émilie a seguiu até a despensa e descarregou a cesta. Scarlet se ocupou com a reorganização dos engradados para evitar que a garçonete dissesse algo otimista. Antes de voltar para o interior da taverna, Émilie disse o esperado:

– Tente não se preocupar, Scar. Ela vai voltar.

O maxilar de Scarlet estava começando a doer de tanto que ela trincava os dentes. Todo mundo falava do desaparecimento da avó como se ela fosse um gato de rua que voltaria para casa quando sentisse fome. *Não se preocupe. Ela vai voltar.*

Mas tinha sumido havia mais de duas semanas. Desapareceu sem deixar mensagem, sem se despedir, sem avisar. Até perdeu o décimo oitavo aniversário de Scarlet, embora tivesse comprado na semana anterior os ingredientes para fazer o bolo de limão favorito da neta.

Nenhum dos trabalhadores da fazenda viu ir embora. Nenhum dos androides trabalhadores registrou nada de suspeito. O tablet dela ficara em casa, mas não ofereceu pistas nas mensagens arquivadas, na agenda ou no histórico de rede. A partida dela sem o dispositivo era suspeita o bastante. Ninguém ia a lugar nenhum sem seu tablet.

Mas o pior não foi nem o tablet abandonado, nem o bolo a fazer.

Scarlet tinha encontrado o chip de identificação da avó.

O *chip de identificação*. Enrolado em gaze, com manchas vermelho-sangue e deixado como um pacotinho sobre a bancada da cozinha.

O detetive disse que era o que as pessoas faziam quando fugiam e não queriam ser encontradas: arrancavam seus chips de identificação. Ele falou como se tivesse solucionado o mistério, mas Scarlet concluiu que a maioria dos sequestradores provavelmente também conhecia aquele truque.

CAPÍTULO

SCARLET VIU GILLES ATRÁS DO FOGÃO, COLOCANDO MOLHO bechamel por cima de um sanduíche de presunto. Ela foi até o outro lado, gritando para chamar a atenção dele, e foi recebida com irritação.

– Terminei – disse ela, retribuindo o olhar de raiva. – Venha assinar o recibo.

Gilles colocou uma pilha de batatas fritas ao lado do sanduíche e deslizou o prato pela bancada de aço até ela.

– Leve isso para a primeira mesa, e o recibo vai estar pronto quando você voltar.

Scarlet se enfureceu.

– Não trabalho para você, Gilles.

– Fique grata por eu não mandar você para o beco com um esfregão. – Ele virou de costas para ela, com a camisa branca amarelada por anos de suor.

Os dedos de Scarlet tremeram com a tentação de jogar o sanduíche na nuca dele e ver como seria em comparação aos tomates, mas o rosto austero da avó logo se infiltrou no sonho. Ela ficaria extremamente decepcionada se voltasse e descobrisse que Scarlet tinha perdido um de seus clientes mais leais em um ataque de raiva.

Scarlet pegou o prato, saiu da cozinha e quase foi derrubada por um garçom assim que uma das portas vaivém se fechou atrás dela. A Taverna Rieux não era um lugar elegante. O piso era grudento, a mobília era uma mistura de mesas e cadeiras baratas, que não combinavam, e o ar era saturado de gordura. Mas, em uma cidade onde beber e fofocar eram os passatempos favoritos, ficava sempre cheia, principalmente aos domingos, quando os trabalhadores das fazendas da área ignoravam o plantio por vinte e quatro horas seguidas.

Enquanto esperava que um caminho se abrisse na multidão, a atenção de Scarlet foi atraída pelas telas atrás do bar. Todas as três estavam transmitindo a mesma filmagem que ocupava a rede desde a noite anterior. Todos falavam sobre o baile anual da Comunidade das Nações Orientais, no qual a rainha Lunar era a convidada de honra. Uma garota ciborgue se infiltrou na festa, atirou em alguns candelabros e tentou assassinar a rainha visitante... ou talvez estivesse tentando assassinar o recém-coroadado imperador. Todos pareciam ter uma teoria diferente. As imagens congeladas nas telas mostravam um close da garota com manchas no rosto e mechas de cabelo molhado caídas de um rabo de cavalo malfeito. Era um mistério como ela tinha conseguido entrar em um baile real.

– Deviam ter dado fim nela quando caiu da escada – disse Roland, um cliente regular da taverna que parecia estar plantado no bar desde o meio-dia. Ele esticou um dedo na direção da tela e fez um gesto de tiro. – Eu teria colocado uma bala bem na testa dela. Não faria falta.

Quando um murmúrio de concordância se espalhou entre os clientes ali perto, Scarlet revirou os olhos com nojo e foi até a mesa mais próxima.

Ela reconheceu o belo lutador de rua de Émilie imediatamente, em parte por causa dos muitos hematomas e cicatrizes na pele morena, mas também porque ele era o único estranho na taverna. Era mais desganhado do que ela esperava depois da histeria de Émilie, com cabelos em mechas espetadas em todas as direções e um hematoma novo inchando em um dos olhos. Por baixo da mesa, as duas pernas balançavam como um brinquedo de corda.

Já havia três pratos na frente dele, vazios mas com manchas de gordura, restos de salada de ovo e fatias intocadas de tomate e alface.

Ela não tinha se dado conta de que o estava fitando até o olhar dele pousar no dela. Ele tinha olhos de um verde nada natural,

como uvas azedas ainda na videira. Scarlet segurou o prato com mais força e de repente entendeu a histeria de Émilie. *Ele tem uns olhos...*

Ela passou pela multidão e colocou o sanduíche na mesa.

– Você pediu croque monsieur?

– Obrigado. – A voz dele a assustou, não por ser alta e rouca como ela esperava, mas por ser baixa e hesitante.

Talvez Émilie estivesse certa. Talvez ele fosse mesmo tímido.

– Tem certeza de que não quer que a gente traga o porco inteiro? – disse ela, empilhando os três pratos vazios. – Pouparia os garçons de ficarem indo e vindo da cozinha.

O homem arregalou os olhos, e, por um momento, Scarlet esperou que ele fosse perguntar se o porco inteiro era mesmo uma opção, mas ele se voltou para o sanduíche.

– A comida daqui é boa.

Ela sufocou uma risada debochada. “Boa comida” e “Taverna Rieux” eram duas coisas que ela não costumava associar.

– Lutar deve abrir muito o apetite.

Ele não respondeu. Seus dedos brincaram com o canudo da bebida, e Scarlet conseguiu ver a mesa começando a tremer por causa das pernas inquietas.

– Bom apetite – disse ela, retirando os pratos. Mas acabou fazendo uma pausa e inclinou os pratos na direção dele. – Tem certeza de que não quer os tomates? São a melhor parte e foram plantados na minha horta. A alface também, na verdade. Mas não estava murcha assim quando colhi. Deixa pra lá, você não vai querer a alface. Mas e os tomates?

Parte da intensidade desapareceu do rosto do lutador.

– Nunca experimentei.

Scarlet arqueou a sobrancelha.

– *Nunca?*

Depois de um momento de hesitação, ele soltou o copo, pegou as duas fatias de tomate e enfiou na boca.

A expressão dele ficou paralisada no meio do processo de mastigar. Pareceu ponderar por um momento, os olhos vagos, antes de engolir.

– Não é o que eu esperava – disse ele, olhando para ela de novo. – Mas não é horrível. Gostaria de mais disso. Posso?

Scarlet ajustou os pratos que segurava para impedir que a faquinha de manteiga escorregasse.

– É que na verdade eu não trabalho...

– É agora! – disse alguém perto do bar, despertando um murmúrio excitado que se espalhou pela taverna. Scarlet olhou para as telas. Mostravam um jardim verdejante, cheio de bambus e lírios, e brilhando devido à chuva recente. A luz cálida e vermelha do baile se espalhava por uma grandiosa escadaria. A câmara de segurança estava acima da porta, direcionada para as longas sombras do caminho. Era bonito. Tranquilo.

– Aposto dez univs que uma garota vai perder o pé nessa escada! – gritou alguém, seguido por uma rodada de gargalhadas vindas do bar. – Alguém quer apostar? Vamos lá, quais as chances de isso acontecer?

Um momento depois, a garota ciborgue apareceu na tela. Ela saiu correndo pela porta e escada abaixo, destruindo a serenidade do jardim com o vestido prateado esvoaçante. Scarlet prendeu a respiração por saber o que acontecia depois, mas ainda fez uma careta quando a garota tropeçou e caiu. Ela rolou pelos degraus e terminou em posição desajeitada na base, espalhada pelo caminho de pedra. Apesar de não haver som, Scarlet imaginou a garota ofegante, deitada de costas e olhando para cima, para a porta. Sombras percorriam a escada, e uma série de figuras irreconhecíveis apareceu acima dela.

Por ter ouvido a história uma dezena de vezes, Scarlet procurou o pé que faltava ainda na escada, procurou a luz do salão de baile refletida no metal. O pé ciborgue da garota.

– Dizem que a da esquerda é a rainha – disse Émilie. Scarlet deu

um pulo, pois não tinha ouvido a garçonete se aproximar.

O príncipe – não, imperador agora – desceu os degraus e se abaixou para pegar o pé. A garota esticou a mão para a barra da saia e a puxou até cobrir o tornozelo, mas não conseguiu esconder os fios mortos como tentáculos pendurados até cobrir a perna artificial.

Scarlet sabia o que os boatos diziam. Não só a garota havia sido confirmada como lunar – fugitiva ilegal e um perigo à sociedade terrestre –, mas conseguiu inclusive fazer uma lavagem cerebral no imperador Kai. Algumas pessoas achavam que ela estava em busca de poder; outras, de riquezas. Alguns acreditavam que ela estava tentando iniciar a guerra que há muito era uma ameaça. Mas, independentemente de quais fossem as intenções da garota, Scarlet não podia deixar de sentir um pouco de pena. Afinal, não passava de uma adolescente, mais nova até do que a própria Scarlet, e parecia patética, caída na base da escada.

– Que história foi essa de dar um fim na desgraça dela? – disse um dos caras no bar.

Roland apontou o dedo na direção da tela.

– Exatamente. Nunca vi nada tão nojento na vida.

Alguém perto da ponta se inclinou para conseguir olhar para Roland.

– Não sei se concordo. Acho que ela é bonita, fingindo ser inofensiva e inocente. Talvez, em vez de mandá-la de volta, deviam ter deixado que ficasse comigo!

A reação a isso foram gargalhadas ruidosas. Roland bateu com a palma da mão no balcão, fazendo balançar um pote de mostarda.

– Sem dúvida aquela perna de metal seria uma companhia aconchegante na cama!

– Porco – murmurou Scarlet, mas seu comentário se perdeu em meio às risadas.

– Eu não me importaria de ter a oportunidade de aquecê-la! – acrescentou uma nova pessoa, e as mesas tremeram com gritos e

risadas.

A raiva voltou a subir pela garganta de Scarlet, e ela meio que bateu, meio que largou, a pilha de pratos na mesa. Ignorou as expressões surpresas ao redor e passou pela multidão, indo em direção ao fundo do bar.

O barman, perplexo, observou Scarlet tirar algumas garrafas de bebida do caminho e subir no balcão que acompanhava toda a parede. Ela esticou a mão, abriu um painel na parede abaixo de uma prateleira de copos de conhaque e puxou o cabo de rede. Todas as três telas ficaram pretas, e o jardim do palácio e a garota ciborgue desapareceram.

Um grito de protesto surgiu ao redor dela.

Scarlet se virou para encarar todo mundo e chutou acidentalmente uma garrafa de vinho da bancada. O vidro se estilhaçou no chão, mas ela mal escutou enquanto balançava o cabo na direção da multidão inflamada.

– Vocês deviam ter respeito! Aquela garota vai ser executada!

– Aquela garota é lunar! – gritou uma mulher. – Ela *deve* ser executada!

O sentimento foi reforçado por acenos e por alguém que jogou uma casca de pão no ombro de Scarlet. Ela colocou as duas mãos nos quadris.

– Ela só tem dezesseis anos.

Uma confusão de argumentos surgiu, com homens e mulheres ficando de pé e gritando sobre lunares e o mal e *aquela garota tentou matar uma líder da União!*

– Ei, ei, pessoal, se acalmem! Deixem Scarlet em paz! – gritou Roland, com a confiança aumentada pelo uísque no hálito. Ele esticou a mão para a multidão agitada. – Todos nós sabemos que a loucura é de família. Primeiro, a velhota foge, agora Scar está defendendo direitos lunares!

Uma onda de gargalhadas e gritos chegou aos ouvidos de Scarlet, abafados pelo som do sangue dela latejando. Sem saber como

desceu do balcão, ela de repente estava na metade do caminho do bar, espalhando garrafas e copos, e seu punho atingiu a orelha de Roland.

Ele deu um grito e virou para olhar para ela.

– Que...

– Minha avó não é louca! – Ela segurou a frente da camisa dele. – Foi isso que você disse ao detetive? Quando ele o interrogou? Você disse que ela era louca?

– É claro que eu disse que ela era louca! – gritou ele, e o fedor de álcool entorpeceu os sentidos dela. Scarlet apertou o tecido até seus punhos doerem. – E aposto que não fui o único. Considerando como ela fica enfiada naquela casa velha, fala com animais e andróides como se fossem gente, vai atrás das pessoas com um rifle...

– *Uma vez, e era escolta de vendedor!*

– Não estou nem um pouco surpreso de Vovó Benoit ter pirado de vez. Para mim, isso estava prestes a acontecer faz tempo.

Scarlet empurrou Roland com força usando as duas mãos. Ele se desequilibrou e bateu em Émilie, que tentava se colocar entre os dois. Émilie gritou e caiu de costas sobre uma mesa, esforçando-se para impedir que Roland a esmagasse.

O homem recuperou o equilíbrio com expressão de quem não conseguia decidir se queria dar uma risada debochada ou rosnar de raiva.

– Melhor tomar cuidado, Scar, se não vai acabar que nem a velha...

Pernas de cadeira chiaram no piso, e de repente o lutador estava com a mão ao redor do pescoço de Roland, levantando-o do chão.

A taverna ficou em silêncio. O lutador, despreocupado, segurava Roland como se ele não passasse de uma boneca, ignorando os sons sufocados que ele fazia.

Scarlet ficou boquiaberta, com a beirada do balcão apertando sua barriga.

– Acredito que você deve a ela um pedido de desculpas – disse o lutador, com a voz baixa e equilibrada.

Um gorgolejar escapou da boca de Roland. Seus pés se balançavam à procura de apoio.

– Ei, solta ele! – gritou um homem, pulando do banco. – Você vai matá-lo! – Ele segurou o pulso do lutador, mas foi o mesmo que segurar uma barra de ferro, pois ele nem tremeu. Corando, o homem soltou e se preparou para dar um soco, mas, assim que desferiu o golpe, a mão livre do lutador se levantou e bloqueou o movimento.

Scarlet saiu cambaleando do bar e deteve o olhar em uma tatuagem de letras e números sem sentido no antebraço do lutador. SLOM962.

O lutador ainda parecia zangado, mas agora também havia um traço de diversão na expressão dele, como se tivesse acabado de se lembrar das regras de um jogo. Ele baixou Roland até os pés dele tocarem o chão e o soltou ao mesmo tempo que largou o punho do outro homem.

Roland se apoiou em um banco.

– Qual é seu problema? – perguntou ele com voz rouca, esfregando o pescoço. – Você é um transplante lunático da cidade ou o quê?

– Você estava sendo desrespeitoso.

– *Desrespeitoso?* – gritou Roland. – Você acabou de tentar me matar!

Gilles saiu da cozinha empurrando as portas vaivém.

– O que está acontecendo aqui?

– Esse cara está querendo arranjar briga – disse alguém em meio à multidão.

– E Scarlet quebrou as telas!

– Não quebrei, idiota! – gritou Scarlet, embora não tivesse certeza de quem havia falado.

Gilles observou as telas apagadas, Roland ainda esfregando o

pescoço, as garrafas e copos quebrados espalhados pelo chão molhado. Olhou com raiva para o lutador de rua.

– Você – disse ele, apontando. – Saia da minha taverna.

O estômago de Scarlet deu um nó.

– Ele não fez na...

– Não comece, Scarlet. Quanta destruição você estava planejando causar hoje? Está *tentando* fazer com que eu feche minha conta?

Ela se enfureceu, o rosto ainda quente.

– Talvez eu leve a entrega de volta e vamos ver se seus clientes gostam de comer legumes estragados de agora em diante.

Contornando o bar, Gilles arrancou os cabos da mão de Scarlet.

– Você acha mesmo que a sua é a única fazenda que existe na França? Sinceramente, Scar, só compro com você porque sua avó não me deixaria em paz se eu não comprasse!

Scarlet apertou os lábios e sufocou a lembrança frustrada de que a avó não estava mais ali e que então ele talvez *devesse mesmo* comprar com outra pessoa, se era isso que queria.

Gilles voltou a atenção para o lutador.

– Mandei você ir embora!

Ignorando-o, o lutador esticou a mão para Émilie, que ainda estava meio encurvada sobre a mesa. Seu rosto estava vermelho e a saia, encharcada de cerveja, mas o olhar brilhava de fascínio enquanto ela se deixava ser levantada por ele.

– Obrigada – disse ela, e o sussurro se espalhou no silêncio incomum.

Por fim, o lutador se virou para o irritado Gilles.

– Vou embora, mas ainda não paguei pela comida. – Ele hesitou. – Também posso pagar pelos copos quebrados.

Scarlet piscou sem entender.

– O quê?

– Não quero seu dinheiro! – gritou Gilles, parecendo insultado, o que foi um choque ainda maior para Scarlet, que só ouvia Gilles

reclamar de dinheiro, dizendo que os fornecedores estavam arrancando tudo que ele tinha. – Quero você fora da minha taverna.

Os olhos claros do lutador se dirigiram à Scarlet, e, por um momento, ela sentiu uma ligação com ele.

Ali estavam eles, dois párias. Indesejados. *Loucos*.

Com a pulsação latejando, ela enterrou o pensamento. Aquele homem era um problema. Ele *lutava* com pessoas para ganhar a vida ou talvez até para se divertir. Ela não sabia qual das duas opções era pior.

Ao virar, o lutador baixou a cabeça, quase como um pedido de desculpas, e saiu andando em direção à porta. Quando ele passou por ela, Scarlet não conseguiu deixar de pensar que, apesar de todos os sinais de brutalidade, o homem não parecia mais ameaçador agora do que um cachorro repreendido.

CAPÍTULO

Três

SCARLET TIROU A CESTA DE BATATAS DA PRATELEIRA MAIS BAIXA e a deixou cair no chão com um baque antes de colocar o engradado de tomates em cima. As cebolas e os nabos foram colocadas ao lado. Teria que fazer mais duas viagens até a nave, e isso a deixava mais zangada do que qualquer outra coisa. Adeus, saída com dignidade.

Ela pegou as alças da cesta mais baixa e a levantou.

– O que você está fazendo *agora*? – perguntou Gilles, parado na porta com um pano de prato no ombro.

– Levando essas coisas de volta.

Com um suspiro, Gilles se apoiou na parede.

– Scar... eu não falei sério sobre aquilo tudo lá dentro.

– Acho um tanto improvável.

– Olha, eu gosto da sua avó e gosto de você. Sim, ela cobra caro e você me perturba e vocês duas são meio loucas às vezes... – Ele levantou as duas mãos na defensiva quando viu Scarlet voltando a ficar irritada. – Ei, foi *você* quem subiu no bar e começou a fazer discursos, então não venha me dizer que não é verdade.

Ela franziu o nariz para ele.

– Mas, no fim das contas, sua grand-mère tem uma boa fazenda, e vocês ainda colhem os melhores tomates da França ano após ano. Não quero cancelar minha conta.

Scarlet inclinou a cesta para que os frutos vermelhos e reluzentes balançassem.

– Coloque-os de volta, Scar. Já assinei o pagamento da entrega.

Ele saiu andando antes que Scarlet perdesse o controle de novo.

Soprando um cacho ruivo que lhe caía no rosto, Scarlet colocou a caixa no chão e chutou as batatas de volta para o lugar, debaixo

das prateleiras. Ela conseguia ouvir os cozinheiros rindo por causa do drama na sala de jantar. A história já tinha ares de lenda, pelo jeito que os garçons contavam. De acordo com os cozinheiros, o lutador tinha quebrado uma garrafa na cabeça de Roland, que caiu, inconsciente, destruindo uma cadeira no caminho. Teria derrubado Gilles também, se Émilie não o tivesse acalmado com um de seus belos sorrisos.

Sem interesse nenhum em corrigir a história, Scarlet limpou as mãos na calça jeans e voltou para a cozinha. Havia uma frieza no ar entre ela e os funcionários da taverna quando seguia seu caminho até o escâner ao lado da porta dos fundos. Gilles não estava por perto, e dava para ouvir as risadinhas de Émilie que vinham do salão. Scarlet torceu para só estar imaginando os olhares de soslaio que recebia. Ela se perguntou com que velocidade os boatos se espalhariam pela cidade. *Scarlet Benoit estava defendendo a ciborgue! A lunar! Está na cara que ela pirou de vez, que nem a... que nem a...*

Ela passou o pulso pelo escâner velho. Por puro hábito, inspecionou a ordem de entrega que apareceu na tela, para ter certeza de que Gilles não tinha pago a menos, como costumava tentar, e reparou que ele tinha mesmo deduzido três univs pelos tomates esmagados. **687U DEPOSITADOS NA CONTA DO VENDEDOR: BENOIT FAZENDAS E JARDINS.**

Ela saiu pela porta dos fundos sem se despedir de ninguém.

Apesar de ainda estar quente por causa do sol da tarde, as sombras do beco pareciam frescas em comparação à cozinha quente e abafada, e Scarlet se acalmou ali enquanto reorganizava os engradados no compartimento de carga da nave. Estava atrasada. Já seria bem tarde da noite quando conseguisse voltar para casa. Teria que acordar ainda mais cedo para ir à delegacia de polícia de Toulouse, senão perderia um dia inteiro no qual ninguém estava fazendo nada para encontrar sua avó.

Duas semanas. *Duas semanas inteiras* em que a avó estava por aí. Sozinha. Indefesa. Esquecida. Talvez... Talvez até morta. Talvez

sequestrada e morta e deixada em alguma vala escura e úmida em algum lugar. E por quê? *Por quê por quê por quê?*

Lágrimas frustradas arderam em seus olhos, mas ela piscou para afastá-las. Batendo a porta, foi para a frente da nave e ficou paralisada.

O lutador estava ali, apoiado de costas na parede do prédio de pedra. Observando-a.

Para sua surpresa, uma lágrima quente escapou de seus olhos. Ela a limpou antes que escorresse pela bochecha. Scarlet retornou seu olhar, avaliando se a postura dele era ameaçadora ou não. O lutador estava a uns dez passos da frente da nave, e sua expressão parecia mais hesitante do que perigosa. Mas ele também não parecia perigoso quando quase estrangulou Roland.

– Eu queria ter certeza de que você estava bem – disse ele, com a voz quase perdida em meio ao barulho vindo da taverna.

Ela colocou a mão espalmada na parte de trás da nave, irritada pela forma como seus nervos zumbiam, como se não conseguissem decidir se devia ter medo dele ou ficar lisonjeada.

– Estou melhor do que Roland – retrucou ela. – O pescoço dele já estava ficando roxo quando saí.

O lutador olhou para a porta da cozinha.

– Ele merecia coisa pior.

Scarlet teria sorrido, mas não tinha mais energia depois de engolir toda a raiva e a frustração da tarde.

– Queria que você não tivesse se envolvido. Eu tinha a situação sob controle.

– Isso é óbvio. – Ele apertou os olhos como se estivesse tentando resolver um quebra-cabeça. – Mas fiquei com medo de você apontar sua arma pra ele, e uma cena assim poderia não ser muito boa no seu caso. Com relação a ser maluca, é o que quero dizer.

Os pelos da nuca de Scarlet se eriçaram. Ela levou a mão instintivamente para a cintura, onde uma pequena pistola estava quente contra sua pele. A avó tinha lhe dado a arma de presente no

seu décimo primeiro aniversário, com o aviso paranoico: *você nunca sabe quando um estranho vai querer levá-la para um lugar aonde não quer ir*. Ela ensinou Scarlet a usá-la, e Scarlet não saía de casa sem ela desde então, independentemente de isso parecer ridículo ou desnecessário.

Sete anos se passaram, e Scarlet tinha certeza de que ninguém nunca tinha reparado na arma escondida debaixo do casaco vermelho com capuz que ela costumava usar. Até agora.

– Como você soube?

Ele deu de ombros, ou fez o que seria um dar de ombros se o movimento não fosse tão tenso e desajeitado.

– Vi o cabo quando você subiu no balcão.

Scarlet levantou a parte de trás do moletom o bastante para afrouxar a pistola presa na cintura. Tentou inspirar calmamente, mas o ar estava tomado pelo fedor de cebola e lixo do beco.

– Obrigada por sua preocupação, mas estou bem. Tenho que ir... Estou atrasada com as entregas... atrasada com *tudo*. – Ela andou em direção à porta do motorista.

– Você tem mais tomates?

Ela parou.

O lutador se encolheu ainda mais nas sombras, encabulado.

– Ainda estou com um pouco de fome – murmurou ele.

Scarlet achou que conseguia sentir o cheiro de tomate na parede atrás de si.

– Posso pagar – acrescentou ele rapidamente.

Ela fez que não com a cabeça.

– Não, tudo bem. Temos bastante. – Ela andou até a parte de trás, mantendo os olhos nele, e reabriu a porta. Pegou um tomate e algumas cenouras tortas. – Tome, elas também são boas cruas – disse, jogando para ele.

Ele os pegou com facilidade. O tomate desapareceu em seu punho grande, e a outra mão segurou as cenouras pelos cabos folhosos. Ele observou-as de todos os ângulos.

– O que são estas coisas?

Uma gargalhada surpresa saiu dos lábios dela.

– Cenouras. Você está falando sério?

Mais uma vez, ele pareceu desconfortavelmente ciente de ter dito alguma coisa incomum. Seus ombros se retraíram em uma tentativa vã de se encolher.

– Obrigado.

– Sua mãe nunca obrigou você a comer legumes, né?

Os olhares se encontraram, e o constrangimento foi imediato. Algo quebrou na taverna e fez Scarlet pular de susto. Em seguida, ouviu-se uma onda de gargalhadas.

– Deixe pra lá. São deliciosas, você vai gostar. – Ela fechou a porta, voltou para a frente e passou a identificação pelo escâner da nave. A porta se abriu, formando uma barreira entre eles, e as luzes internas se acenderam. Elas acentuaram o hematoma no olho do lutador, fazendo-o parecer mais escuro do que antes. Ele se encolheu como um criminoso sob holofotes.

– Eu queria saber se você precisa de ajuda na fazenda? – perguntou ele, embolando as palavras na pressa de falar rapidamente.

Scarlet parou ao entender de repente por que ele esperou por ela, por que enrolou tanto. Observou os ombros largos, os braços fortes. Ele era perfeito para trabalho braçal.

– Você está procurando emprego?

O lutador começou a sorrir, um visual que era perigosamente malicioso.

– O dinheiro das lutas é bom, mas não é uma profissão das mais promissoras. Pensei que você poderia me pagar com comida.

Ela riu.

– Depois de ver o tamanho do seu apetite, acho que eu acabaria perdendo até as roupas se fizesse um acordo desses. – Ela ficou vermelha assim que terminou de falar. Sem dúvida ele agora a estava imaginando sem roupas. Mas, para seu choque, o rosto dele

permaneceu sereno e neutro, e ela se apressou para preencher o vazio antes que por fim reagisse às suas palavras. – Qual é seu nome, aliás?

Ele fez aquele constrangido dar de ombros de novo.

– Me chamam de Lobo nas lutas.

– *Lobo*? Parece tão... predador.

Ele assentiu, com uma expressão completamente séria.

Scarlet escondeu um sorriso.

– Talvez fosse melhor você tirar seu nome de lutador do currículo.

Ele coçou o cotovelo com a tatuagem estranha que mal podia ser vista no escuro, e ela pensou que talvez o tivesse constrangido. Talvez Lobo fosse um apelido de que ele gostasse.

– Bem, eu sou Scarlet. Sim, por causa do cabelo escarlate, que observação inteligente.

A expressão dele se suavizou.

– Que cabelo?

Scarlet colocou o braço por cima da porta e apoiou o queixo.

– Boa.

Por um momento, ele pareceu quase satisfeito, e Scarlet se viu gostando desse estranho, dessa anomalia. Desse lutador de rua de fala mansa.

Um aviso piscou no fundo de sua mente. Ela estava perdendo tempo. Sua avó estava por aí. Sozinha. Assustada. Morta em uma vala. Scarlet apertou a porta.

– Sinto muito, mas já tenho gente suficiente. Não preciso de mais trabalhadores.

O brilho sumiu dos olhos dele, e em um instante ele parecia constrangido de novo. Confuso.

– Entendo. Obrigado pela comida. – Ele chutou uma embalagem de fogos de artifício usados no chão, um resquício das comemorações de paz da noite anterior.

– Você devia ir pra Toulouse, ou quem sabe Paris. Há mais

emprego nas cidades, e as pessoas daqui não recebem estranhos muito bem, como você deve ter reparado.

Ele inclinou a cabeça de forma que seus olhos de cor esmeralda brilharam ainda mais sob as luzes da nave, quase parecendo achar graça.

– Obrigado pela dica.

Scarlet virou e se sentou no banco do motorista.

Lobo virou para a parede quando ela ligou o motor.

– Se mudar de ideia quanto a precisar de um ajudante, pode me encontrar na casa abandonada Morel quase todas as noites. Posso não ser muito bom com pessoas, mas acho que me sairia bem em uma fazenda. – Os cantos dos lábios dele se levantaram de leve. – Os animais me adoram.

– Ah, aposto que sim – disse Scarlet, dando um sorriso de falso encorajamento. Ela fechou a porta antes de murmurar: – Que animais de fazenda não adoram um lobo?

CAPÍTULO

O CATIVEIRO DE CARSWELL THORNE COMEÇOU COMPLICADO, considerando a catastrófica rebelião do sabonete e tudo. Mas, desde que foi transferido para a solitária, ele se tornou a personificação de um cavalheiro educado, e depois de seis meses de comportamento tão louvável, ele persuadiu a única guarda de serviço a emprestar-lhe um tablet.

Ele tinha certeza de que isso não teria dado certo se a guarda não estivesse convencida de que ele era um idiota incapaz de fazer qualquer coisa além de contar os dias e procurar fotos indecentes de moças que ele conhecera e imaginava.

E ela estava certa, é claro. Thorne ficava intrigado com tecnologia e não seria capaz de fazer nada de útil com o tablet mesmo se tivesse um manual com instruções passo a passo de “Como escapar da prisão usando um tablet”. Ele não obteve sucesso ao tentar acessar suas mensagens, se conectar às notícias nem conseguir informações sobre a prisão e a cidade de Nova Pequim.

Mas gostou muito das fotos sugestivamente indecentes, mesmo que altamente filtradas.

Ele estava verificando seu portfólio no 228º dia de confinamento, se perguntando se a senhora Santiago ainda era casada com aquele homem que fedia à cebola, quando um terrível chiado agudo interrompeu a paz da cela.

Ele olhou para o alto e observou o teto branco liso e reluzente.

O chiado parou e foi seguido por um som de passos. Alguns baques. Mais arrastar.

Thorne cruzou as pernas em cima da cama e esperou enquanto o barulho ficava mais alto e mais próximo, parava e prosseguia. Ele demorou um tempo para identificar o ruído estranho, mas depois de ouvir bem e de refletir, ficou convencido de que era o som de

uma furadeira.

Talvez um dos outros prisioneiros estivesse redecorando a cela.

O som parou, mas permaneceu em sua memória, vibrando nas paredes. Thorne olhou ao redor. Sua cela era um cubo perfeito com painéis brancos lisos e brilhosos em todas as seis direções. Lá dentro havia uma cama toda branca, um penico que surgia e desaparecia da parede com o apertar de um botão, e ele, vestindo um uniforme branco.

Se alguém estava fazendo redecoração da cela, ele torcia para que a dele fosse a próxima.

O som recomeçou, agora mais como um rangido, e um longo parafuso perfurou o teto e caiu no meio do piso da cela. Outros três caíram em seguida.

Thorne inclinou a cabeça para ver um dos parafusos que rolou para debaixo de sua cama.

Um momento depois, um azulejo quadrado caiu do teto fazendo um estrondo e duas pernas penduradas surgiram, seguidas por um grito assustado. As pernas usavam um macacão branco de algodão igual ao de Thorne, mas, diferentemente dos sapatos brancos e simples dele, aqueles pés estavam descalços.

Um tinha pele.

O outro, uma cobertura de metal brilhante.

Com um grunhido, a garota se soltou do teto e caiu agachada no meio da cela.

Apoiando os cotovelos nos joelhos, Thorne se inclinou para a frente a fim de tentar vê-la melhor sem sair de sua posição segura recostado na parede. A garota tinha o corpo magro, a pele bronzeada e cabelo liso e castanho. Assim como o pé esquerdo, a mão esquerda também era de metal.

Tentando se equilibrar, ela ficou de pé e limpou o macacão.

– Com licença – disse Thorne.

Ela se virou subitamente.

– Parece que você caiu na cela errada. Precisa de ajuda para

voltar para a sua?

Ela piscou, confusa.

Thorne sorriu.

A garota franziu a testa.

A irritação dela a deixou mais bonita, e Thorne apoiou o queixo na mão enquanto a avaliava. Nunca tinha visto uma ciborgue, muito menos flertado com uma, mas havia uma primeira vez para tudo.

– Essas celas não deveriam estar ocupadas – disse ela.

– Circunstâncias especiais.

Ela o observou por um tempo, franzindo as sobrancelhas.

– Assassinato?

O sorriso dele aumentou.

– Obrigado, mas não. Iniciei uma rebelião no pátio. – Ele ajustou a gola antes de acrescentar: – Estávamos protestando contra o sabonete.

Ela pareceu ainda mais confusa, e Thorne reparou que ela ainda estava na defensiva.

– O sabonete – disse ele de novo, se perguntando se ela o tinha escutado. – Resseca demais.

A garota não disse nada.

– Tenho pele sensível.

Ela abriu a boca, e ele esperava um pouco de solidariedade, mas tudo que saiu foi uma expressão de desinteresse.

– Ah.

De pé, ela chutou o azulejo caído do teto de debaixo dos pés e deu uma volta completa, observando a cela. Seus lábios assumiram uma curvatura de irritação.

– Burrice! – exclamou ela, chegando perto da parede à esquerda de Thorne e apoiando nela a palma da mão. – Errei por uma cela.

Os cílios dela tremeram de repente como se houvesse poeira grudada neles. Resmungando, ela bateu com a palma da mão na testa algumas vezes.

– Você está fugindo.

– Não neste exato momento – disse ela entredentes, balançando de leve a cabeça. – Mas, sim, essa era a ideia. – Seu rosto se iluminou quando ela viu o tablet no colo dele. – Que modelo de tablet é esse?

– Não tenho a menor ideia. – Thorne ergueu o aparelho para que ela visse. – Estou montando um portfólio das mulheres que amei.

Ela se afastou da parede, pegou o tablet e o virou. Uma ponta do dedo robótico se abriu e exibiu uma pequena chave de fenda. Não demorou até ela conseguir tirar a cobertura da parte de trás do tablet.

– O que você está fazendo?

– Pegando seu cabo de vídeo.

– Por quê?

– O meu estragou.

Ela puxou um fio amarelo do tablet e o largou no colo dele, depois sentou de pernas cruzadas no chão. Perplexo, Thorne a viu jogar o cabelo para o lado e abrir um painel na base do crânio. No momento seguinte, seus dedos surgiram com um fio similar ao que ela tinha acabado de roubar do tablet, mas com uma ponta enegrecida. O rosto da garota se contorceu de concentração enquanto ela instalava o novo cabo.

Com um suspiro satisfeito, ela fechou o painel e jogou o fio velho ao lado de Thorne.

– Obrigada.

Ele deu um sorriso envergonhado e se afastou do fio.

– Você tem um tablet *na cabeça*?

– Algo do tipo. – A garota ficou de pé e passou a mão pela parede de novo. – Ah, bem melhor. Agora, como é que eu... – Ela parou de falar e apertou o botão no canto. Um painel branco brilhoso deslizou para dentro da parede e o penico foi ejetado com precisão. Os dedos dela procuravam algo no espaço entre o dispositivo e a parede.

Afastando-se ainda mais do cabo largado sobre a cama, Thorne

tirou da mente a imagem da garota abrindo o painel no crânio, mais uma vez incorporando o cavaleiro, e tentou conversar sobre trivialidades enquanto ela trabalhava. Perguntou por que ela estava ali e a parabenizou pelo belo trabalho das extremidades de metal, mas ela o ignorou, fazendo-o se questionar brevemente se tinha estado separado da população feminina por tanto tempo que talvez estivesse perdendo o charme.

Mas isso era improvável.

Alguns minutos depois, a garota pareceu encontrar o que estava procurando, e Thorne ouviu o som da furadeira de novo.

– Quando prenderam você – disse Thorne –, não consideraram que essa prisão poderia ter algumas fraquezas na segurança?

– Não tinha na época. Esta mão é meio que um novo acréscimo.

– Ela fez uma pausa e olhou para o canto da cela, como se tentando ver através da parede.

Talvez ela tivesse visão de raios X. *Isso* ele conseguia pensar em boas formas de usar.

– Me deixa adivinhar – disse Thorne. – Invasão de propriedade privada?

Depois de um longo silêncio examinando o mecanismo de retração, a garota franziu o nariz.

– Duas acusações de traição, se quer saber. E resistência à prisão, e uso ilegal de bioeletricidade. Ah, e imigração ilegal, mas, sinceramente, achei que foi um pouco de exagero.

Thorne apertou os olhos enquanto observava a nuca dela, com um tremor surgindo no olho esquerdo.

– Quantos anos você tem?

– Dezesseis.

A chave de fenda no dedo dela começou a girar de novo. Thorne esperou até haver uma pausa no ruído.

– Qual é seu nome?

– Cinder – respondeu ela, e logo depois o barulho aumentou.

Quando o barulho sumiu, ele continuou:

– Sou o capitão Carswell Thorne. Mas as pessoas costumam me chamar só de...

Mais barulho.

– Thorne. Ou capitão. Ou capitão Thorne.

Sem responder, ela enfiou a mão de novo no buraco. Parecia que estava tentando girar alguma coisa, mas, o que quer que fosse, não devia ter se movido, pois um segundo depois ela sentou e bufou de frustração.

– Estou vendo que você precisa de um cúmplice – completou Thorne, ajeitando o macacão. – E, para sua sorte, por acaso sou um gênio do crime.

Ela olhou para ele com raiva.

– Vá embora.

– É um pedido difícil, nesta situação.

Cinder suspirou e limpou pedaços de plástico da chave de fenda.

– O que você vai fazer quando sair? – perguntou Thorne.

Cinder se virou de novo para a parede. O barulho retornou por um tempo antes de ela parar para massagear o pescoço.

– A rota mais direta para sair da cidade é pelo norte.

– Ah, minha ingênua presidiária. Você não acha que é isso que eles estarão esperando que você faça?

Ela enfiou a chave de fenda no buraco.

– Quer parar de me distrair, por favor?

– Só estou dizendo que talvez possamos ajudar um ao outro.

– Me deixa em paz.

– Tenho uma nave.

O olhar dela se desviou para ele por um segundo; um olhar de aviso.

– Uma nave espacial.

– Uma nave espacial – repetiu ela.

– Ela pode nos levar até a metade do caminho até as estrelas em menos de dois minutos e está logo depois do limite da cidade. Fácil de alcançar. O que você acha?

– Acho que, se não parar de falar e me deixar trabalhar, não vamos chegar até a metade do caminho para lugar nenhum.

– Faz sentido – disse Thorne, levantando as mãos em gesto de rendição. – Mas pense bem nisso com essa sua cabecinha linda.

Ela ficou tensa, mas continuou a trabalhar.

– Agora que estou pensando bem, havia um ótimo restaurante de *dim sum* a uma quadra de distância. Tinha bolinhos de carne de porco sensacionais. Saborosos e suculentos. – Ele juntou os dedos, salivando com a lembrança.

Com o rosto contraído, Cinder começou a massagear a nuca.

– Se tivermos tempo, podemos parar e comprar um lanche para comer no caminho. Eu adoraria provar uma coisa gostosa depois de sofrer comendo esse lixo sem gosto que chamam de comida aqui. – Ele lambeu os lábios, mas, quando voltou a olhar para a garota, a dor nas feições dela tinha aumentado. Havia suor cobrindo sua testa.

– Você está bem? – perguntou ele, esticando a mão na direção dela. – Precisa de uma massagem?

Ela bateu na mão dele.

– *Me poupe!* – disse ela, as mãos erguidas entre os dois. Ela lutava para respirar.

Sob o olhar de Thorne, a imagem dela tremeu, como calor subindo dos trilhos do trem de levitação magnética. Ele cambaleou para trás. Sua pulsação se acelerou. Um formigar dominou seu cérebro e percorreu seus nervos.

Ela era... linda.

Não, divina.

Não, *perfeita*.

Sua pulsação disparou, com pensamentos de idolatria e devoção invadindo a mente. Pensamentos de rendição. Pensamentos de obediência.

– Por favor – repetiu Cinder, se escondendo atrás da mão de metal. Seu tom era desesperado quando caiu contra a parede. – Só

pare de falar. Só... me deixe em paz.

– Tudo bem. – A confusão reinava: ciborgue, colega de prisão, *deusa*. – É claro. Como você quiser. – Com olhos lacrimosos, ele cambaleou para trás e afundou cegamente na cama.

CAPÍTULO

OS PENSAMENTOS DE SCARLET FERVIAM ENQUANTO ELA TIRAVA os engradados vazios do compartimento traseiro da nave e os levava pelas portas abertas do hangar. Ela havia encontrado o tablet no chão da nave, e ele agora estava em seu bolso, com a mensagem da polícia queimando na pele da coxa enquanto ela seguia sua rotina sem pensar.

Talvez estivesse com mais raiva de si mesma agora por se deixar distrair, mesmo que por um minuto, por um mero rosto bonito e uma aparência perigosa, tão pouco tempo depois de saber que o caso da avó tinha sido encerrado. Sua curiosidade sobre o lutador de rua a fez sentir que traíra tudo que era importante.

E havia também Roland e Gilles e todos os outros traidores de Rieux. Todos achavam que sua avó era louca, e foi o que disseram à polícia. Não que era a fazendeira mais trabalhadora da província. Não que fazia as bombas de chocolate mais deliciosas daquele lado do rio Garonne. Não que servira ao país como piloto de nave espacial durante vinte e oito anos e ainda usava a medalha de serviços honorários no seu avental quadriculado favorito.

Não. Eles disseram à polícia que ela era louca.

E, agora, a polícia tinha parado de procurá-la.

Mas não por muito tempo. Sua avó estava por aí em algum lugar, e Scarlet a encontraria mesmo se tivesse que sujar suas mãos e chantagear todos os detetives da Europa.

O sol estava se pondo rapidamente, alongando ainda mais a sombra de Scarlet pela entrada. Depois do cascalho, as plantações sussurrantes de milho e as folhas de beterraba seguiam em todas as direções, encontrando as primeiras estrelas ao longe. Uma casa de pedra invadia a vista a oeste, com duas janelas brilhando em laranja. Os únicos vizinhos em quilômetros.

Durante mais da metade da vida dela, a fazenda havia sido o paraíso da vida de Scarlet. Ao longo dos anos, ela se apaixonou por aquele lugar mais profundamente do que pensava ser possível se apaixonar por terra e céu. E sabia que a avó sentia o mesmo. Apesar de não gostar de pensar na situação, ela sabia que um dia herdaria a fazenda, e às vezes tinha fantasias de envelhecer ali. Feliz e satisfeita, com terra para sempre embaixo das unhas e uma casa velha que precisava de constante reforma.

Feliz e satisfeita, como sua avó.

Ela não teria ido embora assim. Scarlet sabia.

Levou os engradados para o celeiro e empilhou-os no canto para que os androides pudessem enchê-los no dia seguinte, depois pegou o balde de ração das galinhas. Scarlet andava e as alimentava, jogando punhados dos restos da cozinha no caminho enquanto as galinhas corriam ao redor de seus tornozelos.

Ao sair de trás do hangar, ela hesitou.

Havia uma luz acesa na casa, no segundo andar.

No quarto de sua avó.

O balde escorregou de seus dedos. As galinhas cacarejaram e fugiram, antes de voltarem para a comida derrubada.

Scarlet passou por cima das galinhas e saiu correndo, o cascalho deslizando por baixo dos sapatos. Seu coração inchava, explodia, e a corrida já estava fazendo seus pulmões doerem quando ela escancarou a porta. Ela subiu a escada dois degraus de cada vez, com a madeira velha rangendo debaixo do seu peso.

A porta do quarto da avó estava aberta, e Scarlet parou na entrada, ofegante, se segurando no batente.

Um furacão tinha passado pelo quarto. Todas as gavetas da cômoda estavam abertas, roupas e artigos de higiene tinham sido espalhados pelo chão. As colchas estavam empilhadas de qualquer jeito no pé da cama, o colchão estava torto, os porta-retratos digitais haviam sido tirados dos pregos, deixando manchas escuras na parede onde a luz do sol não conseguia desbotar o reboco

pintado.

Um homem estava de joelhos ao lado da cama revirando violentamente uma caixa com os antigos uniformes militares de sua avó. Ele deu um pulo quando viu Scarlet e quase bateu a cabeça na viga baixa de carvalho que sustentava o teto.

O mundo girou. Scarlet quase não o reconheceu. Havia anos que não o via, mas poderiam ser décadas; ele tinha envelhecido tanto. Uma barba cobria o maxilar, normalmente liso. Seu cabelo estava grudado na cabeça de um lado e espetado para o alto do outro. Ele estava pálido e esquelético, como se não se alimentasse direito havia semanas.

– Pai?

Ele apertou um paletó azul de voo contra o peito.

– O que você está fazendo aqui? – Ela observou o caos de novo, com o coração ainda disparado. – O que está *fazendo*?

– Tem uma coisa aqui – disse ele, com a voz rouca e confusa. – Ela escondeu uma coisa. – Ele olhou para o paletó, depois o jogou na cama. Ele se ajoelhou e começou a revirar a caixa de novo. – Preciso encontrar.

– Encontrar o quê? De que você está falando?

– Ela se foi – sussurrou ele. – Não vai voltar. Ela nunca vai saber, e eu... eu preciso encontrar. Preciso saber por quê.

O cheiro de conhaque se espalhou pelo ar, e o coração de Scarlet se endureceu. Não sabia como ele tinha descoberto sobre o desaparecimento da mãe, mas era um absurdo que simplesmente partisse do princípio que toda a esperança estava perdida assim tão fácil, tão cedo, e que pensasse que teria direito a qualquer coisa que pertencesse a ela, depois de ter abandonado as duas. Tantos anos sem uma única mensagem, para depois aparecer bêbado e começar a revirar as coisas da sua avó...

Scarlet teve uma vontade repentina de chamar a polícia, só que estava com raiva *deles* também.

– Saia! Saia da nossa casa!

Inabalável, ele começou a empilhar uma variedade de roupas de volta na caixa.

Com o rosto quente de raiva, Scarlet contornou a cama e segurou o braço dele, tentando puxá-lo para que ficasse de pé.

– Pare!

Ele sibilou e despencou no chão antigo de madeira. Arrastou-se para longe dela como um cão raivoso, segurando o braço. Seu olhar brilhava de tanta loucura.

Scarlet recuou, surpresa, antes de apoiar os punhos bem fechados na cintura.

– Qual é o problema com seu braço?

Ele não respondeu, só continuou a aninhar o braço junto ao peito.

Scarlet ergueu a cabeça com determinação, saiu andando na direção dele e agarrou-lhe o pulso. Ele gritou e tentou se soltar, mas ela segurou com firmeza, levantando ao mesmo tempo a manga até o cotovelo. Scarlet sufocou um grito e soltou, mas o braço ficou esticado no ar, como se seu pai tivesse se esquecido de baixá-lo.

A pele estava coberta de marcas de queimaduras. Cada uma era um círculo perfeito em uma fileira organizada e perfeita. Fileira após fileira, envolvendo o antebraço do pulso ao cotovelo, algumas brilhando com tecido cicatrizado, outras negras e com bolhas. E, no pulso, havia uma ferida onde antes ficava o chip de identificação.

Ela sentiu o estômago revirar.

Com as costas na parede, o pai afundou a cabeça no colchão, para longe de Scarlet, para longe das queimaduras.

– Quem fez isso com você?

Ele deixou cair o braço e se encolheu. Não falou nada.

Scarlet se apoiou na parede e correu até o banheiro do corredor. Voltou um momento depois com um tubo de pomada e um rolo de ataduras. O seu pai não tinha se movido.

– Eles me obrigaram – sussurrou ele, já menos histérico.

Scarlet afastou o braço dele da barriga e começou a cuidar dos ferimentos com o máximo de delicadeza que conseguiu apesar das mãos trêmulas.

– Quem obrigou você a fazer o quê?

– Não consegui escapar – continuou ele, como se não a tivesse ouvido. – Fizeram tantas perguntas e eu não sabia. Não sabia o que eles queriam. Tentei responder, mas não sabia...

Scarlet ergueu o olhar quando o pai inclinou a cabeça na direção dela e observou com os olhos vidrados os cobertores emaranhados. Lágrimas haviam se acumulado em seus olhos. Seu pai... chorando. Era quase mais chocante do que as queimaduras. Sentiu um aperto no peito e ficou parada, com a atadura enrolada pela metade do pulso dele. Ela se deu conta de que não conhecia esse homem triste e destruído. Tinha apenas a forma de seu pai, aquele pai carismático e egoísta que não valia nada.

Onde antes queimaram tanta raiva e ódio, havia agora um doloroso sentimento de pena.

O que poderia ter causado isso?

– Me deram o atizador – prosseguiu ele com olhos arregalados e distantes.

– *Deram* para você...? Por quê...?

– E me levaram até ela. E percebi que era ela quem tinha as respostas. Ela tinha a informação. Eles queriam algo *dela*. Mas ela assentiu, apenas... me viu fazendo, e chorou... mas eles lhe fizeram as mesmas perguntas, e ela ainda assim não os respondeu. Ela se recusou a respondê-los. – Ele soluçou, e o sangue subindo ao seu rosto com uma fúria repentina. – Ela permitiu que fizessem isso comigo.

Com um nó na garganta, Scarlet terminou de enrolar a atadura e se encostou no colchão, as pernas começando a tremer.

– Grand-mère? Você a viu?

Com ódio, ele se virou para ela, enlouquecido de novo.

– Ficaram comigo por uma semana e depois simplesmente me

soltaram. Perceberam que ela não ligava para mim. Que ela não iria ceder por *mim*.

Sem aviso, ele se lançou para a frente e cambaleou de joelhos na direção de Scarlet, agarrando seus braços. A garota tentou se afastar, mas o pai a segurou com firmeza, afundando as unhas na pele dela.

– O que é, Scar? O que é tão importante? Mais importante do que seu próprio filho?

– Pai, você precisa se acalmar. Precisa me contar onde ela está. – Os pensamentos dela se embaralharam. – Onde ela está? Quem está com ela? *Por quê?*

Seu pai a avaliou, seus olhos, em pânico e brilhando. Lentamente, ele balançou a cabeça e voltou a olhar para o chão.

– Ela está escondendo alguma coisa – murmurou ele. – Quero saber o que é. O que ela está escondendo, Scar? Onde está?

Ele virou para mexer em uma gaveta de camisas velhas que já tinha sido claramente revirada antes. Suava, o cabelo umedecido ao redor das orelhas.

Scarlet se apoiou na base da cama para se erguer até o colchão.

– Pai, por favor. – Ela tentou parecer doce, embora o coração estivesse tão disparado que doía. – Onde ela *está*?

– Não sei. – Ele enfiou as unhas no espaço entre o rodapé e a parede. – Eu estava em um bar em Paris. Devem ter colocado drogas na minha bebida, porque acordei depois em um quarto escuro. Tinha um cheiro úmido, de mofo. – Ele fungou. – Também me drogaram quando me soltaram. Em um minuto eu estava naquele quarto escuro, no seguinte estava aqui. Acordei na plantação de milho.

Tremendo, Scarlet puxou os cabelos até eles se enrolarem em suas mãos. Levaram-no para *aqui*, o mesmo lugar onde sequestraram a avó. Por quê? Aquelas pessoas sabiam que Scarlet era a única pessoa que ele tinha na família? Será que acharam que ela seria a melhor pessoa para cuidar dele?

Não fazia sentido. Estava claro que não se preocupavam com o bem-estar de seu pai. Então o quê? Deixá-lo ali era uma mensagem para ela? Uma ameaça?

– Você deve se lembrar de alguma coisa – disse ela, sua voz assumindo um leve tom de desespero. – Alguma coisa do quarto ou algo que alguém disse? Você chegou a ver algum deles? Conseguiria descrever para um retratista da polícia? *Alguma coisa?*

– Estava drogado – disse ele rapidamente, mas suas sobrancelhas se franziram e se esforçou para pensar. Fez que ia tocar nas marcas de queimadura, mas acabou deixando a mão no colo. – Não me deixavam ver.

Scarlet mal resistiu ao desejo de sacudi-lo e gritar que ele tinha que fazer mais esforço.

– Vendaram você?

– Não. – Ele apertou os olhos. – Tive medo de olhar.

Lágrimas frustradas estavam começando a arder em seus olhos, e Scarlet inclinou a cabeça para trás, engolindo em seco sua respiração, paciente. Seus piores medos, aquelas desconfianças sorradeiras e horríveis, eram verdade.

Sua avó tinha sido sequestrada. Não apenas sequestrada, mas sequestrada por pessoas cruéis e brutais. Será que a estavam ferindo como feriram seu filho? O que fariam com ela? O que queriam?

Resgate?

Mas por que ainda não tinham pedido nada? E por que levaram seu pai e depois o soltaram? Não fazia sentido.

Uma nuvem de terror cobriu sua mente. Todos os horrores possíveis passavam por sua imaginação. Tortura e queimaduras e quartos escuros...

– O que quis dizer quando falou que obrigaram você? O que obrigaram você a fazer?

– Me queimar – sussurrou ele. – Me deram o atizador.

– Mas como...?

– Tantas perguntas. Não sei. Não conheci meu pai. Ela não fala sobre ele. Não sei o que ela faz aqui nesta casa antiga e grande. O que aconteceu na lua. Não sei o que ela está escondendo. Ela está escondendo *alguma coisa*. – Ele puxou fracamente os cobertores da cama, olhando sem entusiasmo debaixo do lençol.

– Você não está fazendo sentido – disse Scarlet, com a voz falhando. – Precisa pensar melhor. De alguma coisa você deve se lembrar.

Um longo silêncio. Do lado de fora, as galinhas estavam cacarejando de novo, com os pés ásperos raspando no cascalho.

– Tatuagem.

Ela franziu a testa.

– O quê?

Ele colocou o dedo em uma das queimaduras, na pele interna do braço, logo abaixo do cotovelo.

– O que me entregou o atizador tinha uma tatuagem. Aqui. Letras e números.

A visão dela se encheu de pontinhos de luz e Scarlet se apoiou na colcha emaranhada, sentindo por um momento que poderia desmaiar.

Letras e números.

– Tem certeza?

– S... L... – Ele balançou a cabeça. – Não consigo lembrar. Tinha mais.

A boca de Scarlet ficou seca, o ódio superando a tontura. Ela conhecia aquela tatuagem.

Ele tinha fingido ser gentil. Fingira que só precisava de trabalho honesto.

Quando – dias? horas? – ele torturara seu pai. E estava mantendo sua avó prisioneira.

E ela quase confiou nele. O tomate, as cenouras... Pensou que o estivesse ajudando. Céus, ela havia *flertado* com ele, e o tempo todo ele sabia. Ela se lembrou dos momentos de estranha diversão, do

brilho nos olhos dele, e sentiu um nó no estômago. Ele estava rindo dela.

Com os ouvidos zumbindo, ela olhou para o pai, que estava revirando os bolsos de uma calça que não devia caber na avó havia vinte anos.

Ela ficou de pé. O sangue lhe subiu à cabeça, mas ela ignorou a sensação. Marchou até o canto do quarto e pegou o tablet da avó no local onde o pai o tinha jogado, no chão.

– Aqui – disse ela, jogando o tablet na cama. – Vou até a fazenda Morel. Se eu não voltar em três horas, mande uma mensagem para a polícia.

Atordado, o pai esticou a mão e pegou o tablet.

– Pensei que os Morel estivessem mortos.

– Você está me ouvindo? Quero que tranque todas as portas e não saia. Três horas e pode mandar uma mensagem para a polícia. Entendeu?

Mais uma vez, ele sucumbiu àquela expressão assustada e infantil.

– Não vá, Scar. Você não entendeu? Me usaram como isca para ela, e você vai ser a próxima. Eles virão para você também.

Scarlet cerrou os dentes e fechou o zíper do moletom até o pescoço.

– Pretendo encontrá-los primeiro.

CAPÍTULO

Seis

CARSWELL THORNE

ID #0082688359

NASCIDO EM 22 DE MAIO DE 106 T. E.,
NA REPÚBLICA DA AMÉRICA

FF 437 APARIÇÕES NA MÍDIA, ORDEM
CRONOLÓGICA REVERSA

POSTADO EM 12 DE JANEIRO DE 126 T.
E.:

O EX-CADETE DA FORÇA AÉREA
CARSWELL THORNE FOI CONDENADO E
SENTENCIADO A SEIS ANOS DE PRISÃO
APÓS UM RÁPIDO JULGAMENTO DE
DUAS SEMANAS...

O TEXTO VERDE FOI SURGINDO NA VISÃO DE CINDER, RELATANDO os crimes de Carswell Thorne, que já tinha tido uma vida bem produtiva infringindo a lei, apesar de ter acabado de completar vinte anos poucos meses antes: uma acusação de deserção militar, duas acusações de roubo internacional, seis acusações de venda de mercadoria roubada e uma acusação de roubo de propriedade pública.

A última acusação não parecia fazer justiça ao crime cometido. Ele tinha roubado uma espaçonave das Forças Armadas da República da América.

Por isso sentia tanto orgulho desta espaçonave.

Apesar de, no momento, estar cumprindo uma pena de seis anos na Comunidade das Nações Orientais por tentativa de roubo de um

colar de jade da segunda era, ele também era procurado na Austrália e, é claro, na América, seu país natal, e seria julgado e, sem dúvida, também cumpriria pena nos dois países pelos crimes lá cometidos.

Cinder se encostou em um quadro de distribuição. Fugir da prisão já era uma coisa bem ruim, mas ajudar na fuga daquele criminoso, um criminoso *de verdade*, e fazer isso em uma espaçonave roubada?

Engoliu em seco e olhou pela abertura que fizera entre o aposento mecânico e a cela do prisioneiro. Carswell Thorne ainda estava sentado na cama com os cotovelos apoiados nos joelhos, girando os polegares.

Ela secou a palma da mão úmida no macacão impecavelmente branco. A questão não era Carswell Thorne. A questão era a rainha Levana e o imperador Kai e a *princesa Selene*. A criança inocente que Levana tentara assassinar treze anos antes, mas que tinha sido salva e levada escondida para a Terra. Que continuava sendo a pessoa mais procurada do mundo. Que por acaso era a própria Cinder.

Ela descobrira isso havia menos de vinte e quatro horas. O dr. Erland, que sabia havia *semanas*, decidiu informá-la que tinha feito exames de DNA que provavam sua hereditariedade depois de a rainha Levana tê-la reconhecido no baile anual e ameaçado atacar a Terra se Cinder não fosse jogada na prisão por ser uma imigrante lunar ilegal.

O dr. Erland entrou escondido na cela da prisão e deu a ela um novo pé (o dela tinha caído nos degraus do palácio), uma mão de ciborgue feita com tecnologia de ponta com ferramentas sofisticadas com as quais ela ainda estava se acostumando e o maior choque da vida dela. Em seguida, mandou que ela fugisse e fosse se encontrar com ele na África, como se isso fosse tão fácil quanto instalar um processador novo em um Gard 3.9.

Aquela ordem, ao mesmo tempo tão simples e tão impossível, deu a ela alguma coisa em que se concentrar em vez de na recém-

descoberta identidade. Coisa boa, porque, quando ficava pensando naquilo, seu corpo todo tinha uma tendência de ficar paralisado, deixando-a inútil, e esse era um momento ruim para ficar sofrendo de indecisão. Independentemente do que decidisse fazer quando saísse, Cinder tinha certeza de uma coisa: *não* fugir significava morte certa quando a rainha Levana fosse buscá-la.

Ela olhou para o detento de novo. Ter um destino próximo em mente e uma espaçonave pronta para ser utilizada podia ser a chave para sua fuga.

Ele ainda estava girando os polegares, ainda obedecendo à ordem dela: *só me deixe em paz*. As palavras saíram como fogo de sua boca, enquanto o sangue fervia e a pele queimava. A sensação de calor exagerado era um efeito colateral do novo dom lunar, poderes que o dr. Erland tinha conseguido liberar depois que um dispositivo implantado em sua coluna a impediu de usá-los durante tantos anos. Apesar de ainda parecer magia para ela, era na verdade um traço genético com o qual os lunares nasciam e que permitia que eles controlassem e manipulassem a bioeletricidade de outras criaturas vivas. Eles conseguiam enganar as pessoas para que vissem coisas que não eram reais ou sentissem falsas emoções. Consequiam fazer lavagem cerebral e levar as pessoas a fazerem coisas que normalmente não fariam. Sem discussão. Sem resistência.

Cinder ainda estava aprendendo a usar o “dom” e não tinha certeza de como conseguira controlar Carswell Thorne, assim como não sabia direito como conseguira convencer um dos guardas da prisão a transferi-la para uma cela mais conveniente. Sabia apenas da vontade que lhe dera de estrangular o presidiário quando ele não parava de falar e que o dom lunar surgiu na base do pescoço, estimulado pelo estresse e pelo nervosismo. Ela perdeu o controle do dom por um momento, e foi assim que Thorne fez exatamente o que ela queria que ele fizesse.

Ele parou de falar e a deixou em paz.

O sentimento de culpa foi instantâneo. Ela não sabia que tipo de efeito toda aquela manipulação cerebral poderia causar em uma pessoa. E, mais do que isso, não queria ser uma daquelas lunares que tiravam vantagem dos poderes só porque podiam. Não queria ser lunar em nada.

Ela bufou. Soprou uma mecha de cabelo do rosto e se abaixou para se enfiar no buraco que foi criado quando tirou o penico da parede.

Ele ergueu o olhar quando Cinder veio e parou na frente dele com as mãos na cintura. Thorne ainda estava tonto, e apesar de ela odiar admitir, era bem atraente. Isso se uma garota por acaso gostasse de queixos meio quadrados, olhos azuis intensos e covinhas demoníacas. Embora ele precisasse desesperadamente de um corte de cabelo e de uma lâmina de barbear.

Ela respirou para se acalmar.

– Forcei você a fazer o que eu queria que fizesse, mas não devia. Foi abuso de poder, e peço desculpas.

Ele piscou para a mão de metal dela e para a chave de fenda que saía da junta de um dos dedos.

– Você é a mesma garota que estava aqui ainda agora? – perguntou ele, com a voz surpreendentemente clara, mesmo com o pesado sotaque americano. Por algum motivo, ela esperava que ele arrastasse as palavras depois da manipulação cerebral.

– É claro que sou.

– Ah. – Ele franziu a testa. – Você parecia bem mais bonita antes.

Irritada, Cinder pensou em retirar o pedido de desculpas, mas preferiu cruzar os braços sobre o peito.

– Cadete Thorne, não era mesmo?

– Capitão Thorne.

– Seus registros dizem que você era cadete quando desertou.

Ele franziu a testa, ainda intrigado, mas acabou sorrindo e apontou um dedo para ela.

– Tablet na cabeça?

Ela mordeu a parte interna da bochecha.

– Bem, se você quiser falar *tecnicamente* – disse ele. – Mas agora sou capitão. Soa melhor. As garotas se impressionam muito mais.

Cinder, nada impressionada, apontou na direção da sala mecânica do outro lado da parede.

– Decidi que você pode vir comigo se conseguimos chegar à sua nave. Só... tente não falar demais.

Ele saiu da cama antes de ela terminar de falar.

– Foi meu charme irresistível que convenceu você, não foi?

Suspirando, ela entrou pelo buraco, tomando o cuidado de não pisar no encanamento desconectado.

– Essa sua nave... É a roubada, não é? Dos militares americanos?

– Não gosto de pensar nela como “roubada”. Ninguém tem provas de que não planejei devolvê-la.

– Você está brincando, né?

Thorne deu de ombros.

– Você também não pode provar.

Ela apertou os olhos para ele.

– Você *estava* planejando devolver?

– Talvez.

Uma luz laranja piscou no canto da visão de Cinder; sua programação ciborgue captando a mentira.

– Foi o que pensei – murmurou ela. – A nave é rastreável?

– É claro que não. Retirei todo o equipamento de rastreamento séculos atrás.

– Ótimo. Isso me faz lembrar de uma coisa. – Ela ergueu a mão, recolheu a chave de fenda e, depois de duas tentativas, exibiu o estilete. – Precisamos remover seu chip de identificação.

Ele deu meio passo para trás.

– Não me diga que você é um fresco.

– É claro que não – disse ele, com uma gargalhada desconfortável, dobrando a manga esquerda. – É que... Essa coisa está esterilizada?

Cinder olhou com raiva.

– Quero dizer... tenho certeza de que você é bem higiênica e tudo, é só que... – Ele parou de falar, hesitou e esticou o braço para ela. – Deixa pra lá. Só tente não cortar nada importante.

Inclinada sobre o braço dele, Cinder virou a lâmina na direção do pulso com o máximo de cuidado e delicadeza que conseguiu. Já havia uma cicatriz leve ali, supostamente de quando ele retirou outro chip de identificação, quando fugiu pela primeira vez da polícia.

Os dedos de Thorne tremeram com o corte, mas ele manteve-se imóvel como pedra. Ela extraiu o chip de identificação coberto de sangue e o jogou em meio a uma pilha de cabos no chão, depois cortou uma tira de tecido da manga e deixou que ele enrolasse no ferimento.

– É impressão minha, ou este é um grande momento em nosso relacionamento?

Cinder riu com deboche. Ela se virou e apontou para uma grade perto do teto. Estava cercada de fios pendurados saindo do quadro de distribuição e desaparecendo em dezenas de buracos nas paredes.

– Você consegue me levantar até ali?

– O que é aquilo? – perguntou Thorne, entrelaçando os dedos.

– Sistema de ventilação. – Cinder pisou nas palmas das mãos dele e ignorou seu resmungo quando ele a levantou. Ela já esperava, sabendo que a perna de metal a deixava bem mais pesada do que aparentava.

Com essa ajuda, ela tirou a grade em segundos. Colocou-a silenciosamente em cima de alguns canos e se impulsionou pela abertura sem hesitar.

Enquanto esperava Thorne subir atrás dela, abriu o arquivo da planta da estrutura interior da cadeia para verificar a direção. Cinder acendeu a lanterna embutida e começou a engatinhar.

O caminho foi trabalhoso, quente e desajeitado, com a sua perna

esquerda raspando no alumínio a intervalos de alguns centímetros. Duas vezes, ela parou para ouvir, pensando ter escutado passos embaixo. Será que um alarme seria disparado quando a fuga deles fosse descoberta? Ela estava surpresa de ainda não ter acontecido. Trinta e dois minutos. Tinha saído de sua cela trinta e dois minutos antes.

O suor pingando do nariz e o batimento acelerado do seu coração fizeram o tempo se arrastar, como se o relógio em sua cabeça tivesse quebrado. A presença de Thorne já a enchia de dúvidas. Já seria bem difícil sozinha. Como tiraria os dois dali?

O pensamento passou por sua mente, surpreendente e claro.

Ela podia fazer uma lavagem cerebral nele.

Podia convencê-lo de que ele queria contar a ela onde a nave estava e como chegar até lá, depois fazê-lo decidir que não queria ir, no fim das contas. Ela podia mandá-lo de volta. Ele não teria escolha além de obedecê-la.

– Tudo bem?

Cinder soltou o ar preso nos pulmões.

Não. Ela não tiraria vantagem dele nem de ninguém. Tinha vivido muito bem sem o dom lunar até então, e viveria bem agora.

– Desculpe – murmurou ela. – Estava só checando a planta. Estamos quase lá.

– Planta?

Ela o ignorou. Minutos depois, dobrou uma esquina e viu um quadrado de luz quadriculada no teto do duto. Uma pontada de alívio, de esperança, surgiu dentro dela quando esticou a cabeça sobre a grade e olhou para baixo.

O que viu foi uma área de concreto com uma pequena poça de água parada abaixo e, a menos de seis passos, outra grade, maior e redonda.

Um bueiro. Bem onde a planta dizia que estaria.

A queda era de um andar, mas, se eles conseguissem pular sem quebrar nenhuma perna, seria quase fácil.

– Onde estamos? – sussurrou Thorne.

– Em uma plataforma subterrânea de carga, por onde chegam a comida e os suprimentos. – Ela passou o mais graciosamente que conseguiu por cima da grade e deu a volta, para que tanto ela quanto Thorne pudessem olhar.

– Precisamos descer até lá, até aquele bueiro.

Thorne franziu a testa e apontou.

– Não é a rampa de saída bem ali?

Ela assentiu sem olhar.

– Por que não estamos tentando ir pra *lá*?

Cinder olhou para ele, com a grade criando sombras peculiares em seu rosto.

– E simplesmente andar até sua espaçonave? Em plena luz do dia, vestindo nossos lindos uniformes brancos?

Ele franziu a testa, mas qualquer resposta que daria foi silenciada pelo som de vozes. Os dois recuaram, agachados.

– Eu não o vi dançando com ela, minha irmã que viu – disse uma mulher. As palavras vieram acompanhadas de passos, depois de uma porta rolante sendo erguida em trilhos enferrujados. – O vestido dela estava encharcado e enrugado como um saco de lixo.

– Mas por que o imperador dançaria com uma ciborgue? – perguntou um homem. – E, depois, ela atacar a rainha lunar daquele jeito... Impossível. Sua irmã estava sonhando. Aposto que a garota era só uma maluca, uma maluca de rua que entrou na festa. Devia estar amarga por causa de alguma injustiça ciborgue.

A conversa foi interrompida pelo ronco de uma nave de entrega.

Cinder ousou espiar pela grade de novo e viu uma nave debaixo deles, indo de ré em direção a um compartimento de carga e parando exatamente entre Cinder e Thorne e o bueiro.

– Bom dia, Ryu-j-un – disse o homem quando o piloto desceu da nave. Os outros cumprimentos foram abafados pelo sibilar hidráulico de uma plataforma ajustável.

Aproveitando o barulho, Cinder usou a chave de fenda para

remover a grade. Quando fez um aceno para Thorne, ele a ergueu cuidadosamente.

O suor escorria pelo pescoço de Cinder, e seu coração estava palpitando tanto que ela achou que poderia machucar o interior de sua caixa torácica. Colocando a cabeça pelo buraco, ela espiou a plataforma e procurou outros sinais de vida. E logo viu, a menos de um braço de distância, no teto de concreto, uma câmera giratória.

Ela pulou para dentro do buraco, a pulsação sibilando em seus ouvidos. Por sorte, a câmera tinha estado virada para o outro lado, mas não havia como eles conseguirem descer sem serem detectados. Havia também os três trabalhadores descarregando a entrega, e cada momento que passava deixava mais próximo o momento em que algum guarda descobriria as celas vazias.

Ela fechou os olhos e imaginou onde a câmera estava antes de colocar o braço para fora. Seu braço seguiu grudado no teto (a câmera estava mais longe do que parecia quando ela olhou), mas seus dedos acabaram por encontrá-la. Ela segurou a lente e apertou. O plástico foi esmagado como uma ameixa no seu punho de titânio, fazendo um som satisfatório que pareceu ensurdecedor e alto demais.

Ela ouviu com atenção e ficou aliviada ao ouvir os sons de movimento e conversa abaixo seguirem sem mudança.

Não tinham tempo a perder. Em pouco mais de um minuto, alguém perceberia que uma câmera tinha sido desativada.

Cinder ergueu a cabeça, assentiu para Thorne e se deslocou para a abertura.

Ao pular no teto da nave de entrega, ouviu-se um estalo que tremeu debaixo de seu corpo. Thorne veio atrás, caindo com um grunhido abafado.

A conversa parou.

Cinder virou quando três pessoas saíram do compartimento de carga, com os rostos retorcidos de incompreensão.

Eles a viram junto com Thorne no alto da nave e ficaram

paralisados. Cinder conseguia vê-los observando os uniformes brancos. A mão de ciborgue dela.

Um dos homens esticou a mão para o tablet na cintura.

Trincando os dentes, Cinder esticou a mão para ele, pensando apenas em como ele não podia pegar o tablet, não podia dar o alarme. Imaginando a mão dele petrificada no ar a centímetros do cinto.

Com a vontade dela, a mão do homem parou e ficou imóvel.

Os olhos dele se encheram de terror.

– Não se mexam – disse Cinder, com a voz rouca e a culpa já corroendo sua garganta. Sabia que estava tão em pânico quanto as três pessoas à sua frente, mas o medo nos rostos delas era inconfundível.

A sensação de queimação voltou, começando no alto da nuca, e se espalhou pelos ombros e quadris, ardendo nos pontos em que tocava nas próteses. Não foi doloroso nem repentino como quando o dr. Erland libertou o dom lunar pela primeira vez. Na verdade, foi bem reconfortante, quase agradável.

Ela conseguia sentir as três pessoas de pé na plataforma, com a bioeletricidade emanando delas em ondas, estalando no ar, pronta para ser controlada.

Virem de costas.

Os três viraram ao mesmo tempo, com corpos rígidos e desajeitados.

Fechem os olhos. Cubram os ouvidos. Ela hesitou e acrescentou: *Cantarolem.*

Imediatamente, o ruído de três pessoas cantarolando preencheu o que tinha se tornado uma plataforma de carga silenciosa. Ela torceu para que fosse o bastante para impedir que ouvissem a grade sendo aberta no piso de concreto. Sua única esperança era que eles concluíssem que ela e Thorne tinham saído pela porta ou se escondido em uma nave de carga.

Thorne estava olhando fixamente, com o queixo caído, quando

Cinder virou para ele.

– O que eles estão fazendo?

– Obedecendo – disse ela com pesar, se odiando por ter dado a ordem. Odiando o cantarolar que enchia seus ouvidos. Odiando esse dom que não era nada natural, que era tão poderoso, tão injusto.

Mas a ideia de interromper o controle sobre eles jamais cruzou sua mente.

– Vamos – falou Cinder, meio pulando, meio deslizando para fora da nave. Ela rastejou por debaixo da nave e encontrou a grade entre as rodas do trem de pouso. Embora estivesse com as mãos tremendo, conseguiu girar a grade em noventa graus e levantá-la.

Uma poça rasa de água parada brilhou em seus olhos na escuridão.

A queda não era grande, mas, ao pular de pés descalços em uma água oleosa, ela se encheu de nojo. Thorne apareceu ao seu lado em um segundo e recolocou a grade na abertura.

Havia um túnel redondo de concreto na parede, que mal chegava à barriga de Cinder, tomado pelo fedor de lixo e mofo. Torcendo o nariz, ela se agachou e rastejou para dentro dele.

CAPÍTULO

O AMONTOADO DE ÍCONES NA TELA DO IMPERADOR KAI ESTAVA ficando cada vez maior, não só por haver tantas coisas que o novo imperador precisava ler e assinar, mas porque ele não estava se dedicando muito a ler e assinar nenhuma delas. Com os dedos enfiados no cabelo, ele olhou sem ver o painel embutido da tela destacada na mesa e viu os ícones se multiplicarem com uma sensação crescente de medo.

Deveria estar dormindo, mas, depois de incontáveis horas olhando as sombras acima da cama, acabou desistindo e decidiu ir até o escritório na tentativa de fazer algo produtivo. Estava louco por uma distração. Qualquer uma.

Qualquer coisa que afastasse os pensamentos que ficavam girando em sua mente.

Grande coisa suas boas intenções.

Inspirando controladamente, Kai olhou para o escritório vazio. Era para ser o escritório do pai, mas Kai achava o aposento extravagante demais para um local de trabalho. Três lustres ornados com franjas estavam pendurados em um teto vermelho e dourado, pintados à mão com dragões elegantes. Uma lareira holográfica ficava na parede à esquerda. Uma área de estar com mobília de cipreste entalhado cercava um minibar no canto. Vídeos silenciosos da mãe de Kai brilhavam em porta-retratos perto da porta, às vezes acompanhados de imagens de Kai quando criança e dos três juntos.

Nada tinha mudado desde a morte do pai, exceto o dono do escritório.

E talvez o cheiro. Kai se lembrava do aroma da loção pós-barba do pai, mas agora havia o fedor distinto de água sanitária e produtos químicos, que restava da faxina feita pela equipe de

limpeza depois que o pai contraiu letumose, a praga que matara centenas de milhares de pessoas em toda a Terra na década anterior.

A atenção de Kai se desviou das fotos e seguiu para o pequeno pé de metal que estava no canto da mesa, com as juntas cobertas de graxa. Como uma roda girando, seus pensamentos completavam uma volta inteira mais uma vez.

Linh Cinder.

De estômago apertado, ele colocou na mesa o stylus que segurava e foi pegar o pé, mas seus dedos pararam antes de chegar até ele.

Pertencia a ela, a bela e jovem mecânica do mercado. A garota com quem era tão fácil conversar. A garota que era tão autêntica, que não fingia ser uma coisa que não era.

Ou era o que pensara.

Seus dedos se fecharam e ele recuou, desejando ter alguém com quem conversar.

Mas seu pai não estava mais lá. E agora o dr. Erland também não estava; pedira demissão e tinha ido embora sem nem se despedir.

Havia Konn Torin, o conselheiro de seu pai e agora dele também. Mas Torin, com sua constante diplomacia e lógica, jamais entenderia. Kai não sabia nem se *ele mesmo* entendia o que sentia quando pensava em Cinder. Linh Cinder, que tinha mentido para ele sobre tudo.

Ela era ciborgue.

Ele não conseguia afastar a lembrança de Cinder caída na base da escada do jardim, o pé solto da perna, a mão de metal branco e quente derretendo os restos de uma luva de seda, do par de luvas que tinha sido presente dele para ela.

Kai devia ter sentido repulsa. Ao reviver a lembrança, *tentou* sentir repulsa dos fios soltando faíscas, dos dedos cheios de sujeira e do fato de que havia falsos receptores neurais levando e trazendo mensagens do cérebro dela. Ela não era natural. Devia ser um caso

de caridade, e ele não conseguia deixar de se perguntar se a família dela tinha pagado pela cirurgia ou se havia sido custeada pelo governo. Ficava pensando quem teria tido tanta pena dela a ponto de lhe dar uma segunda vida quando seu corpo humano fora tão destruído. Perguntou-se o que tinha acontecido para o corpo dela ficar tão destruído, ou se talvez ela tinha nascido desfigurada.

Ele se perguntou e se perguntou e sabia que devia ter ficado mais perturbado por cada pergunta não respondida.

Mas não ficava. Não era o fato de ela ser ciborgue que revirava seu estômago.

Na verdade, a repugnância começava no momento em que a visão que tinha dela piscou como se ela fosse uma tela quebrada. Então, de repente, e Cinder não era mais uma ciborgue indefesa e encharcada, mas a garota mais intensamente linda que ele já tinha visto. Era deslumbrante a ponto de tirar o fôlego e cegar, com a pele impecável e bronzeada e olhos brilhantes e uma expressão tão arrebatadora que ameaçava amolecer os joelhos dele.

O glamour lunar era ainda mais intenso do que o da rainha Levana, e a beleza *dela* era dolorosa.

Kai sabia que tinha sido isso: o glamour de Cinder, surgindo e sumindo enquanto ele estava de pé acima dela, tentando entender o que estava vendo.

O que ele não sabia era quantas vezes ela usara o glamour antes disso. Quantas vezes o tinha enganado. Quantas vezes o tinha feito de bobo.

Ou será que a garota no mercado, enlameada e desgrehada, era a garota de verdade, afinal? A garota que arriscou a vida para ir até o baile dar um aviso a Kai, com um pé ciborgue instável e tudo...

– Não importa – disse ele para o escritório vazio, para o pé solto.

Fosse quem fosse, Linh Cinder não era mais preocupação dele. Em pouco tempo, a rainha Levana voltaria para Luna e levaria Cinder como prisioneira. Foi o acordo fechado por Kai.

No baile, ele foi forçado a fazer uma escolha, e recusou a

proposta de aliança de casamento de Levana de uma vez por todas. Estava determinado a nunca sujeitar seu povo a viver à mercê de uma imperatriz tão desalmada, e, naquele momento, Cinder fora sua última peça de barganha. A paz em troca da ciborgue. A liberdade do seu povo em troca da garota lunar que ousou desafiar a rainha.

Era impossível saber quanto tempo um acordo assim duraria. Levana ainda se recusava a assinar o tratado de paz que aliaria Luna à União Terráquea. Seu desejo de ser imperatriz ou conquistadora não se saciaria por muito tempo com o sacrifício de uma simples garota.

E, da próxima vez, Kai achava que não teria mais nada para oferecer.

Desgrenhando o cabelo, Kai voltou a atenção para a emenda na tela e leu a primeira frase três vezes, esperando compreender as palavras. Precisava pensar em outra coisa, alguma coisa, antes que as intermináveis perguntas o levassem à loucura.

Uma voz monótona o interrompeu e o fez dar um salto.

– Entrada requerida pelo Conselheiro Real Konn Torin e pelo Chefe de Segurança Nacional Huy Deshal.

Kai olhou a hora. 6h22.

– Entrada concedida.

A porta do escritório se abriu lentamente. Os dois homens estavam vestidos para o dia que se iniciava, embora Kai nunca tivesse visto nenhum dos dois tão desgrehados. Estava claro que tinham se levantado com pressa, embora ele desconfiasse por causa das olheiras de Torin, que ele não tivesse dormido muito mais do que Kai.

Kai ficou de pé para cumprimentá-los depois de clicar no canto da tela que a embutia de volta na mesa.

– Os dois estão começando cedo hoje.

– Vossa Majestade Imperial – disse o Chefe Huy, fazendo uma reverência. – Estou satisfeito por encontrá-lo acordado. Lamento

informar uma falha na segurança que requer sua atenção imediata.

Kai ficou paralisado, seus pensamentos correndo, ataques terroristas, manifestantes descontrolados... a rainha Levana declarando guerra.

– O quê? O que aconteceu?

– Houve uma fuga da Prisão de Nova Pequim – disse Huy. – Aproximadamente 48 minutos atrás.

Os nervos contraíram seus ombros, e Kai olhou para Torin.

– Uma fuga?

– Dois detentos fugiram.

Kai enfiou as unhas na mesa.

– Não temos algum tipo de protocolo preparado para isso?

– Em termos gerais, sim. No entanto, essa é uma circunstância extraordinária.

– Como assim?

As rugas ao redor da boca de Huy se aprofundaram.

– Uma das detentas é Linh Cinder, Vossa Majestade. A fugitiva lunar.

O mundo virou de cabeça para baixo. O olhar de Kai se desviou para o pé ciborgue, mas o imperador logo voltou a olhar para cima.

– Como?

– Temos uma equipe analisando a filmagem de segurança para determinar o método exato. Sabemos que ela conseguiu lançar o glamour em um guarda e convencê-lo a levá-la para outra ala da prisão. De lá, conseguiu invadir o sistema de ventilação. – Constrangido, de repente, Huy mostrou dois sacos transparentes. Um continha uma mão ciborgue, o outro, um pequeno chip encharcado de sangue. – Isso foi encontrado na cela dela.

Kai abriu a boca, mas ele estava completamente estupefato pelo que via. Estava ao mesmo tempo intrigado e irritado pela mão solta.

– Isso é a *mão* dela? Por que ela faria isso?

– Ainda estamos trabalhando nos detalhes. Mas sabemos que ela conseguiu chegar até a plataforma de carga da prisão. Estamos

trabalhando para bloquear todas as possíveis rotas de fuga a partir de lá.

Kai andou até as janelas, que iam do chão ao teto e davam vista para os jardins do lado oeste do palácio. A grama sussurrava ainda brilhando com o orvalho matinal.

– Vossa Majestade – disse Torin, a primeira vez que falava –, eu o aconselharia a acionar reforços militares para rastrear e recuperar os fugitivos.

Kai massageou a testa.

– Militares?

Torin respondeu lentamente.

– É de seu interesse fazer tudo que puder para recuperá-la.

Kai estava com dificuldade para engolir. Sabia que Torin estava certo. Qualquer hesitação seria vista como sinal de fraqueza, e possivelmente até sugeriria que ele teria ajudado a prisioneira a escapar. O que a rainha Levana certamente não encararia bem.

– Quem é o outro fugitivo? – perguntou ele, para ganhar tempo enquanto lutava para entender as implicações. Cinder, uma lunar, uma ciborgue, uma fugitiva, que ele praticamente tinha sentenciado à morte.

Fugiu.

– Carswell Thorne – disse Huy –, um ex-cadete da força aérea da República da América. Ele desertou 14 meses atrás depois de roubar uma nave de carga. No momento, não o consideramos perigoso.

Kai voltou a se aproximar da mesa, vendo que o perfil do fugitivo havia sido transferido para a tela. Franziu ainda mais a testa. Talvez não fosse perigoso, mas era jovem e inquestionavelmente bonito. A foto da prisão mostrava-o piscando de forma irreverente para a câmera. Kai o odiou na mesma hora.

– Vossa Majestade, precisamos que tome uma decisão – disse Torin. – Temos vossa permissão para mandar reforços militares para procurar os fugitivos?

Kai enrijeceu.

– Sim, claro, se é o que você julga que a situação exige.

Huy bateu continência e marchou em direção à porta.

Kai queria chamá-lo de volta imediatamente, quando mil perguntas encheram seu cérebro. Queria que o mundo desacelerasse e desse a ele tempo para compreender isso, mas os dois homens já tinham saído antes que o hesitante “esperem” pudesse sair de sua boca.

A porta se fechou, deixando-o sozinho. Lançou um único olhar para o pé abandonado de Cinder antes de desabar na cadeira e encostar a testa na fria tela.

Kai não conseguiu evitar imaginar seu pai sentado àquela mesma mesa, encarando a situação. Ele tinha certeza de que seu pai já estaria enviando mensagens, fazendo tudo que pudesse para encontrar a garota e apreendê-la, porque era o melhor para a Comunidade.

Mas Kai não era seu pai. Não era tão altruísta.

Sabendo que era errado, não conseguiu deixar de desejar que, para onde quer que Cinder tivesse ido, ela jamais fosse encontrada.

CAPÍTULO

OS MOREL ESTAVAM TODOS MORTOS. A FAZENDA ESTAVA ABANDONADA havia sete anos, desde que os pais e uma pequena tropa de seis filhos haviam sido transportados para as quarentenas da peste de Toulouse durante um outubro, deixando para trás uma coleção de estruturas apodrecendo (a fazenda, o celeiro, um galinheiro), além de cem acres de plantações abandonadas para crescerem por conta própria. Uma construção de depósito em forma de arco, que um dia abrigara tratores e fardos de feno, permanecia intacta, solitária em meio a um campo de grãos com plantas altas.

Uma fronha velha e empoeirada, tingida de preto, ainda balançava ao vento na varanda, avisando aos vizinhos para ficarem longe da casa infectada. Por muitos anos, a fronha fez seu serviço, até os maus elementos que organizavam as lutas encontrarem a casa e a tomarem para si.

As lutas já estavam acontecendo quando Scarlet chegou. Ela mandou uma mensagem apressada para o departamento de polícia de Toulouse quando estava na nave, imaginando que teria pelo menos vinte ou trinta minutos até que os agentes respondessem, inúteis como eram. Tempo suficiente para obter a informação de que ela precisava antes de Lobo e o resto dos renegados da sociedade serem levados presos.

Respirando fundo o ar frio da noite que não ajudou em nada a acalmar seu coração acelerado, ela marchou para dentro do depósito abandonado.

Uma plateia enlouquecida gritava em volta de um palco improvisado, onde um homem estava socando o oponente no rosto, seu punho voando sem parar com uma regularidade doentia. Sangue começou a jorrar do nariz do oponente. A plateia berrava, estimulando o lutador que vencia.

Scarlet deu a volta por trás, permanecendo perto das paredes tortas, cuja superfície estava coberta de pichações das mais vibrantes cores. O chão estava coberto de palha, pisoteada até quase virar poeira. Fileiras de lâmpadas baratas estavam penduradas em fios alaranjados, uma boa quantidade piscava e ameaçava queimar. O ar quente fedia a suor e corpos e a uma doçura dos campos que não combinava.

Scarlet não esperava que houvesse tanta gente. Havia bem mais de duzentos espectadores, e ela não reconheceu nenhum. Aquelas pessoas não eram da pequena cidade de Rieux. Provavelmente, muitas tinham vindo de Toulouse. Havia uma grande quantidade de piercings e tatuagens e manipulações cirúrgicas. Uma garota com cabelo pintado como o pelo de uma zebra e um homem de coleira sendo arrastado por um androide-acompanhante curvilíneo. Havia até ciborgues na plateia, a raridade ainda mais estranha porque nenhum estava escondendo suas características robóticas. Eles exibiam tudo, desde braços de metal polido a globos oculares pretos e espelhados que se destacavam de forma sinistra do rosto. Scarlet olhou duas vezes quando passou por um homem exibindo um pequeno tablet implantado no bíceps flexionado, rindo do âncora de noticiário formal que havia dentro dele.

A plateia urrou de repente, um som gutural e alegre. Um homem com a tatuagem de uma coluna vertebral e uma caixa torácica nas costas ficou de pé no palco. Scarlet não conseguia ver o oponente dele em meio a tanta gente.

Ela enfiou as mãos nos bolsos do moletom com capuz e continuou a procurar em meio aos rostos desconhecidos, aos sujeitos estranhos. Scarlet chamava atenção com a calça jeans simples com joelhos rasgados e moletom vermelho surrado que a avó tinha lhe dado anos antes. Em geral, o capuz era como uma camuflagem em uma cidade de pessoas igualmente malvestidas, mas agora ela estava parecendo um camaleão em meio a um bando de dragões-de-komodo. Para todos os lados que ela virava, olhares

curiosos a acompanhavam. Com resistência implacável, ela retribuía todos os olhares e continuava a busca.

Scarlet chegou à parede dos fundos da construção, ainda com pilhas altas de caixas de plástico e metal na frente, sem ter encontrado Lobo. Recuou até um canto para ver melhor e puxou o capuz por cima do rosto. A arma apertou seu quadril.

– Você veio.

Ela deu um pulo. Lobo tinha se materializado do nada na sua frente, com os olhos verdes brilhando sob a intermitente luz das lâmpadas empoeiradas.

– Me desculpe – disse ele, dando meio passo para trás. – Eu não queria assustar você.

Scarlet ignorou o pedido de desculpas. Nas sombras, conseguia identificar apenas um pedaço da tatuagem no braço dele, que parecera tão sem importância horas antes, mas que agora estava gravada em sua memória.

O que me entregou o atizador tinha uma tatuagem...

Seu rosto foi tomado de calor quando a fúria, que ela havia enterrado em troca de uma praticidade calma, lhe subiu à cabeça. Aproximando-se dele, ela deu um soco no seu esterno, ignorando o fato de ele ser uma cabeça mais alto do que ela. Seu ódio a fazia sentir que seria capaz de esmagar o crânio dele com as mãos.

– Onde ela está?

A expressão de Lobo estava vazia, as mãos frouxas ao lado do corpo.

– Quem?

– Minha avó! O que você fez com ela?

Ele piscou, sua expressão imediatamente confusa e interrogativa, como se ela estivesse falando em outra língua que ele tivesse dificuldade para compreender.

– Sua avó?

Trincando os dentes, ela deu-lhe outro soco, no peito. Ele se encolheu, mas pareceu ser mais pela surpresa do que por dor.

– Sei que foi você. Sei que você a levou e está com ela em algum lugar. Sei que foi você quem torturou meu pai! Não sei o que você está tentando provar, mas quero minha avó de volta e quero *agora*!

Ele lançou um olhar furtivo por cima da cabeça dela.

– Desculpe... Estão me chamando para o palco.

Com a pulsação latejando nas têmporas, Scarlet simultaneamente segurou o pulso esquerdo dele e sacou a arma. Apertou o cano na tatuagem dele.

– Meu pai viu sua tatuagem apesar de suas tentativas de mantê-lo drogado. Acho improvável existirem duas tatuagens idênticas assim, e também que você tenha aparecido na minha vida no mesmo dia em que os sequestradores do meu pai o libertaram depois de uma semana de *tortura*.

Os olhos dele clarearam por um momento, mas a expressão foi logo seguida de um franzir profundo da testa, que acentuou uma cicatriz pálida na lateral da boca.

– Alguém sequestrou seu pai... e sua avó – disse ele lentamente. – Alguém com uma tatuagem como a minha. Mas soltaram seu pai hoje?

– Você acha que sou idiota? – gritou ela. – Vai mesmo tentar me convencer que não teve nada a ver com isso?

Lobo olhou para o palco de novo, e Scarlet apertou mais o pulso dele, mas ele não se moveu.

– Vou à Taverna Rieux todos os dias há semanas. Qualquer um dos garçons e garçonetes pode confirmar. E venho pra cá todas as noites. Qualquer um pode dizer pra você.

Scarlet fez uma expressão de raiva.

– Desculpe se as pessoas aqui não parecem exatamente do tipo que desperta confiança.

– Não são – concordou ele. – Mas todo mundo me conhece. Observe. Você vai ver.

Ele tentou passar por ela, mas Scarlet virou com ele, e seu capuz deslizou para trás. Ela afundou as unhas na pele dele.

– Você não sai daqui até... – Ela parou e olhou além de Lobo, para as pessoas em frente à plataforma.

Todas estavam olhando para eles, avaliando o corpo de Scarlet com olhares predatórios de cima para baixo.

Um homem na plataforma estava encostado nas cordas com um sorrisinho debochado no rosto. Ele ergueu as sobrancelhas quando viu que tinha atraído a atenção de Lobo e Scarlet.

– Parece que o lobo encontrou uma carnhinha mais macia pra hoje – disse ele, com a voz amplificada por caixas de som escondidas em algum lugar no alto.

Um outro homem estava no palco atrás dele, olhando com malícia para Scarlet. Tinha o dobro da largura e trinta centímetros a mais do que o que tinha falado antes e era completamente careca. O cabelo tinha sido substituído por duas fileiras de dentes de urso implantados como uma boca aberta em sua cabeça.

– Acho que vou levar essa aí pra casa, depois que destruir o rostinho bonito do garoto cachorrinho!

A plateia riu da provocação, assobiou e gritou. Alguém perto deles perguntou se Lobo estava com medo de testar sua sorte.

Impassível, Lobo virou para Scarlet.

– Ele nunca foi vencido – disse em tom de explicação. – Assim como eu.

Irritada por ele achar por um segundo sequer que ela se importava, Scarlet inspirou com fúria.

– Já mandei uma mensagem pra polícia, e eles chegarão aqui a qualquer minuto. Se me contar onde minha avó está, pode ir embora, pode até avisar seus amigos se quiser. Não vou atirar em você e não vou contar à polícia sobre você. Só... só me diga onde ela está. *Por favor.*

Ele olhou para ela, com calma apesar da agitação crescente da multidão. As pessoas tinham começado a cantarolar alguma coisa, mas as palavras estavam abafadas pelo sangue que pulsava nos ouvidos de Scarlet. Ela pensou por um segundo que Lobo estava

desmoronando. Que ia contar a ela, e ela poderia manter a palavra pelo tempo suficiente de encontrar a avó e tirá-la dos monstros que a tinham sequestrado.

Depois, ela iria atrás da cabeça dele. Quando a avó estivesse em segurança em casa, ela o procuraria e a qualquer outra pessoa que o tivesse ajudado, e os faria pagar pelo que haviam feito.

Talvez ele tenha reparado na amargura sombria no rosto dela, porque esticou a mão, segurou a dela e delicadamente abriu seus dedos. Por instinto, ela empurrou a arma nas costelas dele, embora soubesse que não ia atirar. Não enquanto não recebesse respostas.

Ele não pareceu preocupado. Talvez também soubesse disso.

– Acredito que seu pai tenha visto mesmo uma tatuagem *como* a minha. – Ele baixou a cabeça para perto dela. – Mas não era eu.

Ele se afastou. Scarlet baixou o braço, deixando a arma pender inerte na lateral do corpo, observando a plateia, que cantarolava, abrir caminho para ele. Os espectadores estavam intimidados, mas também entretidos. A maioria deles sorria e cutucava uns aos outros. Alguns andavam em meio às pessoas, escaneando pulsos, recolhendo apostas.

Lobo podia nunca ter sido derrotado, mas estava claro que a maior parte das apostas estava a favor de seu oponente.

Ela apertou a arma até a textura do cabo de metal deixar uma marca na palma da mão.

Uma tatuagem como a minha...

O que ele quis dizer com isso?

Ele só estava tentando confundi-la, determinou ela enquanto Lobo subia pelas cordas do palco, ágil como um acrobata. Era coincidência demais.

Não importava. Tinha dado uma chance a ele, mas a polícia chegaria logo e o levaria preso. Ela teria suas respostas, de uma forma ou de outra.

Tremendo de frustração, ela colocou a arma de volta na cintura da calça. O latejar em suas têmporas estava começando a diminuir,

e ela conseguiu entender o cantarolar da plateia.

Caçador. Caçador. Caçador.

Tonta pelo calor e pela onda de adrenalina, ela olhou para a enorme abertura da construção, onde conseguia ver uma área de mato alto e outra com uma plantação de trigo, iluminadas, ambas, pela lua. Reparou em uma mulher de cabelo curto olhando com raiva para ela, como uma namorada ciumenta. Scarlet retribuiu o olhar antes de voltar a atenção para o palco. Ficou atrás de todo mundo e puxou o capuz sobre a cabeça de novo, escondendo o rosto sob as sombras.

A multidão se moveu para a frente, levando Scarlet para mais perto do palco.

Caçador tinha tirado a camisa, expondo um amontoado de músculos enquanto atiçava a plateia. A fileira de dentes incorporada à cabeça brilhou quando ele caminhou de um lado do palco até o outro.

Lobo era alto, mas parecia uma criança em comparação com o Caçador. Ainda assim, era pura compostura em seu canto da plataforma, irradiando arrogância com um dos pés nas cordas, praticamente relaxando.

Caçador o ignorou e andou de um lado para o outro como um animal enjaulado. Rosnando. Xingando. Atiçando a multidão até o frenesi.

O que me entregou o atiçador...

Scarlet sentiu um nó no estômago. Ela precisava de Lobo. Precisava de respostas. Mas, naquele momento, não se importaria de vê-lo tomar uma surra naquele palco.

Como se tivesse sentido sua onda de fúria, o olhar de Lobo se dirigiu a ela. O ar de diversão arrogante sumiu.

Scarlet torceu para que estivesse claro em seu rosto para quem ela estava torcendo.

Um holograma ganhou vida em cima da cabeça do apresentador. As palavras giraram e piscaram lentamente.

– Esta noite, nosso atual campeão invicto... *Caçador!* – gritou o apresentador. A plateia vibrou. – Ele enfrenta o novato invicto, *Lobo!* – Uma mistura de vaias e gritos. Evidentemente, nem todo mundo tinha apostado contra ele.

Scarlet mal prestava atenção, mas se esforçava para ver para o holograma. Lobo [11]. Onze vitórias, desconfiava ela. Onze lutas.

Onze noites?

A avó estava desaparecida havia dezessete dias. Mas o pai... ele não disse que só ficaram com ele durante uma semana? Ela franziu a testa, frustrada com os cálculos.

Caçador gritou:

– Vamos jantar carne de lobo esta noite!

Centenas de mãos bateram na beirada da plataforma fazendo um barulho de trovão.

A concentração de Lobo se transformou em alguma coisa sedenta, mas paciente.

O holograma piscou em tom vermelho intenso, depois evaporou com o som de um gongo.

O árbitro desceu para o meio da plateia e a luta começou.

Caçador deu o primeiro soco. Scarlet sufocou um grito com a velocidade do movimento, mas Lobo desviou com facilidade e escapou da sombra de Caçador.

Caçador era incrivelmente ágil para seu tamanho, mas Lobo era mais. Evitou uma série de golpes, até que o punho de Caçador por fim acertou o outro com um estalo doentio. Scarlet se encolheu.

A plateia vibrou, empurrando-a e gritando ao lado dela. O frenesi era palpável, e as pessoas salivavam por sangue.

Movendo-se como se tudo fosse coreografado, Lobo mirou um chute sólido no peito de Caçador. Um baque alto fez o chão tremer quando Caçador caiu de costas. Ele só ficou um momento no chão antes de pular de pé de novo. Lobo se afastou e esperou. Sangue

pingava dos lábios dele, mas não parecia incomodá-lo. Seus olhos brilhavam.

Caçador atacou com vigor renovado. Lobo levou um soco no estômago e se dobrou com um resmungo. Em seguida, levou um golpe que o mandou cambaleante para a beirada da plataforma. Ele caiu apoiado em um dos joelhos, mas se levantou antes que Caçador pudesse se aproximar.

Ele balançou a cabeça de uma estranha maneira, como um cão, o cabelo voando, depois se agachou com as mãos enormes ao lado do corpo e olhou para Caçador com aquele sorriso peculiar.

Scarlet apertou os dedos no zíper do moletom, se perguntando se esse tique tinha dado origem ao apelido de Lobo.

Quando Caçador veio correndo pela plataforma, Lobo se jogou para o lado e mirou um chute bem nas costas dele. Caçador caiu de joelhos. A plateia vaiou. Um chute amplo, desta vez na orelha de Caçador, o derrubou de lado, estatelado.

Caçador tentou se levantar, mas Lobo mirou nas costelas dele e o derrubou de novo. A plateia estava fervendo, berrando e gritando falta.

Lobo recuou para permitir que Caçador tivesse tempo de se levantar apoiando nas cordas e se reposicionar para a luta. Havia um novo brilho nos olhos de Lobo, como se ele estivesse gostando daquilo, e quando sua língua saiu da boca para lambar o sangue dos lábios, Scarlet fez uma careta.

Como um touro atacando, Caçador partiu para cima. Lobo bloqueou um soco com o antebraço, mas levou outro na lateral do corpo. Seu cotovelo disparou e acertou o maxilar de Caçador, e Scarlet percebeu que ele tinha levado o golpe de propósito. Caçador cambaleou para trás. Um calcanhar no peito quase o derrubou de novo. Lobo deu um soco no nariz dele, e um jorro de sangue desceu pelo queixo de Caçador. Uma joelhada na lateral do corpo de Caçador o fez se agachar, gemendo.

Scarlet se encolhia a cada golpe, com o estômago embrulhado.

Estava perplexa por as pessoas conseguirem ver isso, *apreciar* isso.

Caçador caiu de joelhos, e Lobo estava atrás dele em um piscar de olhos, com o rosto violentamente contorcido, as mãos uma de cada lado da cabeça do oponente.

... me entregou o atizador...

E aquele homem, aquele monstro, estava com sua avó.

Scarlet colocou as mãos na boca para sufocar o grito enquanto seus ouvidos esperavam o estalo do pescoço de Caçador.

Lobo parou e olhou para ela. Seus olhos brilharam, vazios e loucos em um momento, e em seguida quase confusos. Surpresos em vê-la ali. As pupilas dele se dilataram.

A repulsa queimou os nervos de Scarlet. Ela queria afastar o olhar, queria correr, mas estava ancorada ao chão.

E então Lobo pulou para trás, deixando que Caçador caísse para a frente com o próprio peso.

O gongo soou de novo. Da plateia soava uma mistura de gritos e vaias, apreciação e raiva. Alegria explícita por ver o grande Caçador derrotado. Nenhuma daquelas pessoas se importava com a crueldade cega, nem com o fato de quase terem testemunhado um assassinato.

Quando o árbitro subiu pelas cordas para anunciar Lobo como vencedor, o lutador afastou o foco de Scarlet, passou pelo homem e pulou as cordas. A plateia se afastou dele, empurrando Scarlet para trás. Ela por pouco não perdeu o equilíbrio e quase foi esmagada pela multidão.

Lobo saltou, usando as mãos e os pés para dar impulso. Correndo em alta velocidade, ele fugiu noite adentro e desapareceu em meio ao mato prateado.

Vermelho e azul piscavam ao longe.

A multidão ferveu, zumbindo de confusão e curiosidade. O consenso murmurado parecia ser que Lobo era um novo herói, mas um herói selvagem.

Não demorou muito até que alguém reparasse nas luzes, e o

pânico se espalhou pela multidão. Primeiro, gritavam palavras de desafio para a polícia, mas logo saíram correndo pela porta e se espalharam pela fazenda abandonada.

Scarlet estava tremendo quando puxou o capuz por cima da cabeça e fugiu com a multidão. Nem todo mundo estava correndo. Alguém atrás dela estava tentando botar ordem no caos. Houve um disparo e uma gargalhada louca. À frente, a garota com cabelo de zebra estava de pé em uma caixa de depósito, apontando e rindo para os covardes que fugiam da polícia.

Scarlet fugiu no ar da meia-noite, o barulho sumindo aos poucos, longe do eco do depósito ao redor dela. Consequia ouvir as sirenes agora, misturadas com o cricrilar dos grilos. Na estrada de terra fora do prédio, ela fez um círculo completo quando a multidão passou por ela empurrando.

Não havia sinal de Lobo.

Ela achava que o tinha visto virar à direita. Sua nave estava estacionada à esquerda. Seu coração estava disparado, dificultando a respiração.

Ela não podia ir embora. Não tinha conseguido o que fora buscar.

Disse a si mesma que conseguiria encontrá-lo de novo. Quando tivesse tido tempo de se acalmar. Depois que conversasse com os detetives e os convencesse a procurar Lobo e prendê-lo, e descobrir para onde ele tinha levado sua avó.

Enfiando as mãos nos bolsos, ela correu em volta da construção, em direção à nave.

Um uivo doentio a fez parar, sugando todo o ar de seus pulmões. A falação da noite caiu em silêncio, e até uma multidão imunda de ratos da cidade parou para ouvir.

Scarlet tinha ouvido lobos selvagens antes, revirando o campo em busca de presa fácil nas fazendas.

Mas nunca um uivo de lobo tinha provocado um arrepio na espinha dela assim.

CAPÍTULO

– ARGH, TIRA, TIRA!

Cinder girou, se apoiando nas paredes curvas e escorregadias de concreto enquanto apontava a lanterna para trás. Thorne estava se contorcendo e se remexendo no túnel apertado, batendo nas costas e emitindo uma série de xingamentos e gritinhos não muito masculinos.

Ela apontou um fecho de luz para o teto e viu uma massa de baratas em movimento correndo em todas as direções. Ela tremeu, mas virou as costas e continuou a andar.

– É só uma barata – disse a ele. – Não vai te matar.

– Está no meu uniforme!

– Quer ficar quieto? Tem uma saída à frente.

– Por favor, me diga que vamos sair por aquele buraco.

Ela deu um riso debochado, mais preocupada com o mapa do sistema de esgotos em sua cabeça do que com a frescura do seu companheiro. Apesar de a ideia de ter uma barata debaixo da blusa deixá-la incomodada, ela achava que ainda era preferível a andar por aquela poça nojenta com um pé descalço e água até o tornozelo, e *ela* não estava choramingando por isso.

Eles passaram debaixo da saída, e Cinder percebeu o som regular de água ficando mais alto.

– Estamos quase na linha principal combinada – disse, a princípio ansiosa para chegar lá, pois estava tão quente quanto em Marte naquele túnel apertado, e suas coxas estavam queimando de tanto andar agachada. Mas então um fedor de revirar o estômago a atingiu, tão forte que ela quase vomitou.

Não seria mais pela rede de escoamento de água da superfície que eles andariam.

– Ah, droga – disse Thorne, gemendo. – Me diz que isto não é o que penso que é.

Cinder torceu o nariz e se concentrou em respirar ar quente pela boca.

O cheiro ficou quase insuportável quando eles passaram pelo lodo e saíram no cruzamento do esgoto, pela abertura de uma parede de concreto.

A lanterna embutida de Cinder iluminou o túnel abaixo, percorrendo as paredes viscosas. O canal principal era alto o bastante para eles ficarem de pé. A luz refletiu em uma grade estreita de metal, bastante estável e coberta de bosta de rato. Entre eles e a grade, um rio de esgoto crescia e corria, com pelo menos dois metros de largura.

Ela lutou contra outra onda de náusea quando o fedor pungente do esgoto entupiu suas narinas, garganta, pulmões.

– Pronto? – disse ela, se inclinando para a frente.

– Espere... o que você vai fazer?

– O que você acha?

Thorne olhou para ela, depois para o esgoto que mal conseguia enxergar na escuridão.

– Você não tem nenhuma ferramenta nessa sua supermão que possa nos ajudar a atravessar?

Cinder lançou-lhe um olhar irritado, meio tonta por conta da respiração superficial instintiva de seu corpo.

– Ah, uau, como pude me esquecer do meu *gancho com corda*?

Ela girou o corpo, inspirou outra lufada superficial de ar e se abaixou na gosma. Alguma coisa deslizou por entre os dedos de seus pés. A correnteza batia em suas pernas quando Cinder seguiu pela água, que chegava até suas coxas. Contorcendo-se por dentro, Cinder atravessou o mais rápido que pôde, sufocando a ânsia de vômito. O peso do pé de metal a mantinha firme no chão, e a correnteza não conseguia tirar seu equilíbrio. Em pouco tempo, ela estava do outro lado, subindo na grade. Apoiou as costas na parede do túnel e olhou para o falso capitão.

Thorne estava olhando para as pernas dela sem disfarçar seu

nojo.

Cinder olhou para baixo. O macacão branco impecável estava agora tingido de marrom-esverdeado, encharcado e grudado às pernas dela.

– Olha só – gritou ela, apontando a lanterna para Thorne –, você pode vir até aqui ou pode voltar e cumprir o resto da sua pena em paz. Mas precisa tomar uma decisão *agora*.

Depois de uma série de palavrões e cuspes, Thorne atravessou o esgoto a duras penas, levantando bem os braços. Passou o tempo todo fazendo careta enquanto seguia até a grade e subia ao lado de Cinder.

– É isso que eu ganho por reclamar do sabonete – murmurou ele, se encostando à parede.

A grade já estava furando o pé descalço de Cinder, e ela transferiu seu peso para a perna ciborgue.

– Tudo bem, cadete. Pra que lado?

– Capitão.

Ele abriu os olhos e observou o túnel nas duas direções, mas, além da luz pálida que entrava pela saída mais próxima, os esgotos estavam mergulhados na escuridão. Cinder ajustou a intensidade da luz da sua lanterna, direcionando-a para a superfície espumosa da água e para as paredes de concreto molhadas.

– Está perto do velho parque Beihai – disse Thorne, coçando a barba do queixo. – Pra que lado fica?

Cinder assentiu e virou para o sul.

O relógio interno dela dizia que eles só estavam ali havia doze minutos, mas pareciam horas. A grade machucava seu pé a cada passo. A calça molhada estava grudada nas panturrilhas, e o suor escorria pela nuca, às vezes levando-a a pensar que era uma aranha que caíra dentro de um macacão e fazendo-a se sentir culpada por ter sido dura com Thorne antes. Apesar de não terem visto nenhum rato, ela ouvia seus passinhos apressados, correndo para longe da luz, por incontáveis túneis que se abriam por baixo da

cidade.

Thorne falava sozinho enquanto andava, tentando reativar a memória. Sua nave estava perto do parque Beihai. No bairro industrial. A menos de seis quadras ao sul dos trilhos do trem de levitação magnética... Bem, talvez fossem oito quadras.

– Estamos a uma quadra do parque – disse Cinder, parando em uma escada de metal. Um raio de luz caía sobre eles. – Esta saída dá na West Yunxin.

– Yunxin me soa familiar. Mais ou menos.

Ela rezou para ter paciência e começou a subir.

Os degraus da escada machucavam seu pé, mas o ar estava deliciosamente fresco perto do topo. O som da água correndo foi substituído pelo zumbido dos trilhos do trem de levitação magnética. Ao chegar ao alto, Cinder parou para ouvir sinais de vida antes de empurrar a tampa para o lado.

Um aerodeslizador flutuava acima dela.

Cinder se abaixou com o coração a mil. Ousando levantar um pouco a cabeça, ela viu luzes silenciosas acima do veículo branco. Era um aerodeslizador de emergência. Imagens de androides com armas de eletrochoque de anulação de interface cerebral provocaram um tremor nela, antes de o aerodeslizador virar a esquina e ela ver a cruz vermelha na lateral. Era um aerodeslizador médico, não policial. Cinder quase desabou de alívio.

Eles estavam no antigo bairro de armazéns, perto das quarentenas da peste. Aerodeslizadores médicos eram de se esperar.

Ela olhou para os dois lados da rua deserta. Apesar de ainda estar cedo, o dia já estava quente e miragens oscilantes saíam do asfalto, a tempestade de verão de dois dias atrás esquecida.

– Limpo. – Ela se empurrou para fora do buraco e inspirou o ar úmido da cidade. Thorne foi atrás, com o uniforme brilhando no sol, exceto pelas pernas, que ainda estavam verde-musgo e fediam a esgoto. – Pra que lado?

Protegendo os olhos com o braço, Thorne olhou com dificuldade os prédios de concreto fazendo um giro completo. Olhou para o norte. Coçou o pescoço.

O otimismo de Cinder desmoronou.

– Me diga que reconhece alguma coisa.

– Reconheço, reconheço – disse ele, gesticulando para afastar as preocupações dela. – É só que não venho aqui faz tempo.

– Pense rápido. Não estamos exatamente camuflados no ambiente aqui.

Acenando com a cabeça, Thorne começou a andar pela rua.

– Por aqui.

Cinco passos depois, ele parou, pensou e se virou.

– Não, não, por aqui.

– Agente vai morrer.

– Não, agora já sei. É por aqui.

– Você não sabe o endereço?

– Um capitão sempre sabe onde está sua nave. É como um laço psíquico.

– Se pelo menos tivéssemos um capitão aqui.

Ele a ignorou e seguiu pela rua com uma confiança espetacular. Cinder o seguiu, três passos atrás, pulando a cada ruído: lixo rolando pela rua, um aerodeslizador atravessando um cruzamento duas ruas depois. O sol brilhava nas janelas empoeiradas dos armazéns.

Três quadras vazias depois, Thorne diminuiu o ritmo e olhou para a fachada de cada prédio por onde eles passavam, coçando o queixo.

Cinder começou a pensar desesperadamente em um plano B.

– Ali! – Thorne se lançou para o outro lado da rua, em direção a um armazém idêntico a todos os outros, com gigantescas portas de rolamento e anos de pichação colorida. Ao dobrar a esquina, ele tentou abrir a porta principal. – Trancada.

Ao ver o escâner de identificação ao lado da porta, Cinder falou

um palavrão.

– Óbvio. – Ela se ajoelhou e tirou a capa de plástico do escâner. – Talvez eu consiga desativar. Você acha que tem alarme?

– Acho bom que tenha. Não venho pagando aluguel há tanto tempo para minha queridinha ficar em um armazém desprotegido.

Cinder tinha acabado de fazer o download do manual de programação do número de série do escâner quando a porta ao lado se abriu e um homem gorducho com um cavanhaque preto saiu no sol. Cinder ficou paralisada.

– Carswell! – disse o homem. – Acabei de ver o noticiário! Achei que você poderia aparecer por aqui.

– Alak, como está você? – Um sorriso se abriu no rosto de Thorne. – Estou mesmo nas notícias? Estava bonito?

Sem responder, Alak desviou a atenção para Cinder. Sua simpatia congelou, escondida atrás de uma parede de desconforto. Engolindo em seco, Cinder recolocou a capa do escâner e ficou de pé. Sua rede já estava se conectando ao noticiário, e já havia uma série de avisos exibindo a foto dela, tirada quando tinha sido levada para a prisão. **PRISIONEIRA FUGITIVA. CONSIDERADA ARMADA E PERIGOSA. SE LOCALIZADA, MANDE MENSAGEM IMEDIATA PARA ESTE LINK.**

– Também vi você no noticiário – disse Alak, olhando para o pé de aço dela.

– Alak, estou aqui pra pegar minha nave. Estamos com um pouco de pressa.

Rugas de solidariedade surgiram nos cantos da boca de Alak, mas ele balançou a cabeça.

– Não posso ajudar você, Carswell. A polícia federal já vive de olho em mim. Guardar uma nave roubada é uma coisa, sempre posso alegar que não sabia. Mas ajudar um criminoso condenado... e ajudar... um *deles*. – Ele torceu o nariz para Cinder, mas simultaneamente deu um passo para trás, como se tivesse medo de retaliação. – Se rastreamos você até aqui e descobrirem que ajudei vocês, vou ter mais problemas do que posso arriscar ter. É melhor

ficarem um tempo escondidos. Não vou contar que vi vocês. Mas não vou deixar que peguem a nave. Não agora. Não até isso passar. Você entende, não é?

Thorne ficou vermelho de irritação.

– Mas... é minha nave! Sou um cliente pagante! Você não pode me impedir de pegá-la.

– Cada um cuida de si. Você sabe disso melhor do que ninguém. – Alak olhou para Cinder, seu medo se transformando mais e mais em repulsa. – Vão embora agora, e não vou comunicar à polícia. Se eles aparecerem, vou dizer que não vejo você desde que deixou a nave aqui ano passado. Mas, se ficar aqui por mais tempo, eu mesmo vou chamá-los, juro que vou.

Assim que ele terminou de falar, Cinder ouviu um aerodeslizador na rua. Seu coração deu um pulso ao ver um aerodeslizador de emergência, esse sem a cruz vermelha na lateral, mas ele desapareceu em outra rua. Ela virou para Alak.

– Não temos para onde ir. Precisamos daquela nave!

Ele recuou ainda mais, para se afastar dela, seu corpo enquadrado no batente da porta.

– Olha aqui, mocinha – retrucou ele, com tom determinado, apesar de ficar olhando para a mão de metal dela. – Estou tentando ajudar porque Carswell é um bom cliente, e não delato meus clientes. Mas não é um favor pra você. Eu nem piscaria antes de enviar você pra apodrecer na cadeia. É o mínimo que sua espécie merece. Agora se afastem do meu depósito antes que eu mude de ideia.

O desespero cresceu dentro de Cinder. Ela apertou os punhos. Uma onda de eletricidade tomara conta dela e a cegava. Uma dor branca e quente surgiu na base da nuca, inundando seu crânio, mas foi abençoadamente breve e deixou pontos piscando em sua visão.

Ofegante, ela retraiu a energia ardente bem a tempo de ver os olhos de Alak se revirarem. Ele caiu para a frente e tombou nos braços de Thorne.

Cinder cambaleou e se apoiou na parede, tonta.

– Ah, estrelas... ele está morto?

Thorne gemeu por causa do peso.

– Não, mas acho que está tendo um ataque cardíaco!

– Não é ataque cardíaco – murmurou ela. – Ele... ele vai ficar bem – falou, tanto para convencer a si mesma, quanto para convencê-lo, pois tinha que acreditar que essas explosões do dom lunar não eram perigosas, que ela não estava se tornando o terror para a sociedade como todos pensavam acreditar.

– Caramba, ele pesa uma tonelada.

Cinder segurou os pés de Alak, e juntos eles o arrastaram para dentro do prédio. Um escritório à esquerda tinha duas telas. Uma delas exibia imagens de uma câmera de segurança que filmava o exterior do depósito, mostrando a porta se fechando atrás de duas pessoas de branco e um homem inconsciente. A outra mostrava um âncora de noticiário no mudo.

– Ele pode ser um idiota egoísta, mas tem bom gosto pra joias. – Thorne ergueu a mão de Alak pelo polegar, mexendo em uma corrente de prata ao redor de seu pulso, um tablet em miniatura.

– Quer se *concentrar*? – Cinder puxou Thorne para que ficasse de pé. Ao virar, ela avaliou o enorme depósito. Ocupava o quarteirão inteiro e estava cheio de naves espaciais, grandes e pequenas, novas e velhas. Naves de carga, naves de passeio, naves individuais, naves de corrida, naves de transporte, naves de luxo.

– Qual delas?

– Ei, olha, teve outra fuga da prisão.

Cinder olhou para a tela, que agora mostrava o chefe de segurança nacional falando com um grupo de jornalistas. Na parte de baixo da tela rolavam as palavras: LUNAR FOGE DA PRISÃO DE NOVA PEQUIM. CONSIDERADA EXTREMAMENTE PERIGOSA.

– Que ótimo! – disse Thorne, quase derrubando-a com um tapa nas costas. – Não vão se preocupar conosco se têm uma lunar para

procurar.

Cinder parou de assistir à transmissão, e o sorriso dele sumiu.

– Espere. Você é a lunar?

– *Você é um gênio do crime?* – Ela girou nos calcanhares e entrou no depósito. – Onde está a nave?

– Pera lá, pequena traidora. Fugir da prisão é uma coisa, mas ajudar uma lunar psicótica está meio que fora da minha área.

Cinder se voltou para ele.

– Primeiro, não sou psicótica. E, segundo, se não fosse por mim, você ainda estaria sentado naquela cela de prisão brincando com o seu tablet. Portanto, você me deve uma. Sem contar que já é considerado meu cúmplice. Aliás, você parece um idiota naquela foto.

Thorne seguiu o gesto de Cinder indicando a tela. Sua foto da prisão foi ampliada ao lado da dela.

– Acho que não estou nada mal...

– Thorne. *Capitão*. Por favor.

Ele piscou para ela, com um toque de arrogância substituído por um aceno rápido.

– Certo. Vamos sair daqui.

Cinder suspirou aliviada e marchou atrás de Thorne pelo labirinto de naves.

– Espero que não esteja lá no meio.

– Não importa – disse ele, apontando para o alto. – O teto abre.

Cinder olhou para cima, para a marca no meio do teto.

– Que conveniente.

– E ali está ela.

Cinder seguiu o gesto de Thorne. A nave era maior do que ela esperava, bem maior. Uma nave de carga Rampion 214, classe 11.3. Cinder ativou o escâner de retina e fez o download da planta da nave, boquiaberta com tudo que ela era capaz de fazer. A casa de máquinas e uma plataforma completamente preparada com duas naves-satélite ocupavam o nível inferior, enquanto o nível

principal continha a área de carga, o cockpit, a cozinha, seis alojamentos para a tripulação e um banheiro coletivo.

Ela contornou a nave até a escotilha de entrada e viu que a marca da República da América tinha sido coberta apressadamente pela silhueta de uma moça deitada e nua, pintada à mão.

– Belo toque.

– Obrigado. Eu que fiz.

Apesar de suas preocupações de que a pintura pudesse deixá-los mais fáceis de identificar, ela não conseguiu evitar uma leve admiração.

– É maior do que eu esperava.

– Houve uma época em que ela abrigava uma tripulação de doze homens – disse Thorne, acariciando o casco.

– Deve haver espaço suficiente para evitarmos um ao outro, então. – Cinder andou embaixo do casco, esperando que Thorne abrisse a escotilha, mas, quando olhou para trás, viu-o encostando a cabeça amorosamente na lateral da nave e falando o quanto tinha sentido sua falta.

Cinder revirou os olhos quando uma voz desconhecida ricocheteou pelo depósito.

– Aqui!

Ao virar, ela viu uma pessoa agachada perto do corpo de Alak, envolta por um quadrado de luz. Ela usava o uniforme inconfundível dos militares da Comunidade das Nações Orientais.

Cinder soltou um palavrão.

– Hora de ir. *Agora*.

Thorne se agachou e seguiu em direção à escotilha.

– Rampion, senha: *O capitão é rei*. Abra a escotilha.

Eles esperaram, mas nada aconteceu.

Cinder ergueu as sobrancelhas em pânico.

– *O capitão é rei. O capitão é rei!* Rampion, acorde. É Thorne, o capitão Carswell Thorne. O quê...?

Cinder o mandou fazer silêncio. Atrás do casco da nave, quatro homens estavam atravessando o depósito lotado, com lanternas refletindo em vários trens de pouso.

– Talvez a bateria esteja arriada – disse Cinder.

– Como? Ela só está parada aqui.

– Você deixou o farol aceso? – perguntou ela.

Thorne fez um som de reprovação e se agachou encostado na nave. Os passos ficaram mais altos.

– Pode ser o sistema de controle automático – refletiu Cinder, revirando o cérebro. Nunca tinha trabalhado em nada maior do que uma nave de passeio, mas não deviam ser tão diferentes assim.

– Você tem a chave mestra?

Ele olhou para ela, incrédulo.

– Claro, me deixa só pegá-la no bolso deste uniforme da prisão e vamos embora.

Cinder olhou para ele com raiva, mas ficou em silêncio quando um soldado passou a dois corredores de onde estavam.

– Fique aqui – sussurrou ela. – Fique tentando entrar e decolar o mais rápido possível.

– Aonde você vai?

Sem responder, ela deu a volta na nave, a planta já na sua tela da retina. Encontrou a escotilha de acesso e abriu-a o mais rápido que pôde, depois entrou na base da nave, contorcendo-se toda para evitar vários fios e cabos. Fechou a escotilha atrás de si com cuidado e se viu envolta em escuridão. A segunda porta interior foi mais difícil de arrombar, mas, usando a lanterna e a chave de fenda, ela logo saiu da camada de baixo e entrou na sala de máquinas.

O fecho da lanterna percorreu o motor gigantesco. Ela encontrou a placa-mãe do computador nas linhas azuis que ocupavam sua visão e foi se contorcendo em sua direção. Depois de puxar o cabo conector universal da mão, ela o enfiou no terminal do computador principal.

Sua lanterna ficou fraca quando sua energia foi desviada. Letras verde-pálidas piscaram em sua visão.

DIAGNOSTICANDO SISTEMA DO
COMPUTADOR, MODELO 135V8.2
5% ... 12% ... 16% ...

CAPÍTULO

THORNE DEU UM PULO AO OUVIR UM ESTALO METÁLICO.

Uma voz masculina disse em seguida.

– Ouviu isso?

Thorne se agachou entre o trem de pouso da nave e se encolheu perto de uma viga de metal.

– O capitão é rei – sussurrou. – *O capitão é rei, o capitão é re...*

Um zumbido sutil pulsou acima de sua cabeça. Luzes pálidas piscaram perto do nariz da nave.

– *O capitão é...?*

Engrenagens começaram a estalar antes que ele pudesse terminar. A escotilha se abriu e a rampa desceu até o chão. Com o coração pulando, Thorne saiu de seu esconderijo bem a tempo de não ser esmagado.

– Ali!

Um fecho de lanterna iluminou Thorne, que já subia pela rampa.

– Rampion, fechar escotilha!

A nave não respondeu.

Uma arma foi disparada. A bala passou raspando pela luz superior da nave. Thorne se agachou atrás de uma das caixas de plástico que lotavam o compartimento de carga.

– Rampion, *fechar escotilha!*

– *Estou tentando!*

Ele ficou paralisado e olhou para os canos e tubos que dominavam o teto da nave.

– Rampion?

O silêncio a seguir foi pontuado por estalos da rampa no concreto lá fora e pelo som de botas marchando, até que a rampa gemeu de novo e começou a subir. Uma chuva de balas se alojou nas caixas de plástico, ricocheteando nas paredes de metal. Thorne cobriu a cabeça e esperou até que a rampa estivesse fechada o

bastante para bloquear as balas, então empurrou a caixa e correu para o cockpit.

A nave vibrou quando a rampa se fechou. Uma chuva de balas ricocheteou no casco.

Thorne correu na direção das luzes de emergência que contornavam o cockpit, empurrando caixas fechadas no caminho. Seu joelho bateu em alguma coisa dura e ele soltou uma série de palavrões enquanto se acomodava no assento do piloto. O parabrisa estava sujo, e tudo que ele conseguia ver no armazém escuro eram as luzes fracas do escritório de Alak e as lanternas ao redor da Rampion, procurando outra entrada.

– Rampion, aprontar para decolagem!

O painel se iluminou com controles e telas; só as mais importantes.

A mesma voz estéril feminina soou nos alto-falantes da nave.

– *Thorne, não consigo preparar a elevação automática. Você vai ter que fazer a decolagem manualmente.*

Ele olhou para os controles, boquiaberto.

– Por que minha nave está conversando comigo?

– *Sou eu, seu idiota.*

Ele inclinou a orelha na direção do alto-falante.

– Cinder?

– *Escute, o sistema de navegação automática está com problema. A bateria também está ruim. Acho que conseguimos sair, mas você vai ter que decolar sem assistência do computador.*

As palavras, secas demais no tom do computador, foram pontuadas por outra saraivada de balas atingindo a escotilha fechada da nave.

Thorne engoliu em seco.

– Sem assistência do computador? Tem certeza?

Um silêncio curto foi seguido pela voz de novo, e Thorne detectou o tom irritado de Cinder, mesmo naquele tom computadorizado.

– *Você sabe pilotar, não é?*

– Hã. – Thorne observou os controles à frente. – Sei?

Ele endireitou a coluna e levou a mão ao controle preso ao teto. Um momento depois, um raio de sol cruzou o armazém quando o teto se abriu no meio.

Algo bateu na lateral da nave.

– Tá, tá, estou ouvindo. – Thorne acionou a ignição.

As luzes no painel ficaram mais fracas e a nave ganhou vida.

– Aqui vamos nós.

Outro estrondo ecoou na parte externa da escotilha. Mexendo em alguns interruptores, Thorne preparou o modo de flutuação e tirou a nave do chão. Ela subiu lentamente, os ímãs embaixo da cidade empurrando a nave como uma pluma, e Thorne soltou um suspiro profundo.

E, então, a nave tremeu e começou a se inclinar.

– Ei, ei, ei, não faça isso! – O coração de Thorne disparou enquanto tentava acertar a nave.

– *A bateria vai acabar. Você precisa acionar os propulsores auxiliares.*

– Acionar os o quê? Ah, já encontrei.

O motor vibrou de novo. Com a onda repentina de força, a nave deu um salto para o lado oposto e Thorne ouviu um baque ao baterem na nave ao lado. A Rampion tremeu e começou a descer. Outra saraivada de balas bateu na lateral de estibordo. Uma gota de suor escorreu pelas costas de Thorne.

– *O que você está fazendo aí em cima?*

– Pare de me distrair! – gritou ele, segurando os controles e tentando controlar a nave. Um pouco demais. A nave se inclinou dessa vez para a direita.

– *Vamos morrer.*

– Não é tão fácil quanto parece! – Thorne nivelou a nave de novo. – Costumo ter um estabilizador automático pra cuidar disso!

Para sua surpresa, não ouviu nenhum comentário sarcástico em resposta.

Um momento depois, outro painel se iluminou. CONDUTORES MAGNÉTICOS SE ESTABILIZANDO. SAÍDA DE FORÇA: 37/63... 38/62... 42/58...

A nave se estabilizou calmamente, mais uma vez tremendo no ar.

– Ótimo! É isso aí!

Os dedos de Thorne estavam brancos, segurando os controles, quando arqueou o nariz da nave em direção ao telhado aberto. O zumbido do motor virou um rugido quando a nave decolou. Ele ouviu o último ricochetear de balas, e o som se distanciou quando a nave saiu do depósito e foi banhada pela luz amarelada do sol.

– Vamos, querida – murmurou ele, apertando bem os olhos quando, sem resistência, sem vacilar, a nave deixou o campo magnético protetor da cidade para trás, usou o poder total dos propulsores e varou pelas nuvens delicadas que pairavam no céu da manhã. Os arranha-céus do centro de Nova Pequim ficaram para trás, e logo só havia ele e o céu e a paisagem infinita do espaço.

Os dedos de Thorne permaneceram presos como algemas de ferro ao redor dos controles até a nave sair da atmosfera da Terra. Meio tonto, ele ajustou a saída dos propulsores e a nave entrou em órbita natural. Só então ele afastou as mãos dos controles.

Ele se recostou na cadeira, tremendo. Precisou de um longo tempo para voltar a falar, esperando seus batimentos cardíacos voltarem a um ritmo controlável.

– Bom trabalho, garota ciborgue – disse. – Se você quiser uma posição permanente na minha tripulação, está contratada.

Os alto-falantes ficaram em silêncio.

– E não estou falando de posição subalterna, não. A de imediato está disponível. Bem, na verdade, todas as posições estão disponíveis. Mecânico... cozinheiro... um piloto seria legal, pra eu não ter que passar por *isso* de novo. – Ele esperou. – Cinder? Você está aí?

Quando não houve resposta, ele se levantou e saiu do cockpit cambaleando, passou pela área de carga e entrou no corredor que

levava aos aposentos da tripulação. Suas pernas estavam fracas quando ele esticou a mão para abrir a escotilha que levava ao nível inferior da nave. Ele desceu a escada até o corredorzinho entre a sala de máquinas e a plataforma de lançamento. A tela ao lado da sala de máquinas não dava aviso nenhum de vácuo espacial nem de compressão insegura. Também não falava sobre uma garota viva lá dentro.

Thorne bateu na tela no ícone de destrancar e girou a tranca manual, depois empurrou a porta.

O motor estava alto e quente, cheirando a borracha queimada.

– Olá? – gritou ele no escuro. – Garota ciborgue? Você está aí?

Se ela respondeu, as palavras se perderam no barulho do motor. Thorne engoliu em seco.

– Acender luzes.

Uma luz vermelha de emergência se acendeu acima da porta, lançando sombras melancólicas sobre o enorme motor em movimento e os vários fios e molas que saíam por baixo dele.

Thorne apertou os olhos e viu algo quase branco.

Ele ficou de quatro e engatinhou até ela.

– Garota ciborgue?

Ela não se moveu.

Quando Thorne chegou mais perto, viu que ela estava deitada, com o cabelo escuro espalhado sobre o rosto. A mão robótica estava enfiada no compartimento de um painel de computador exposto.

– Ei, você – disse ele, pairando sobre ela.

Ao abrir as pálpebras da garota, viu que seu olhar estava escuro e vazio. Thorne se agachou e encostou uma orelha no peito dela, mas, se havia batimentos, estavam abafados pelo rugido do motor.

– Vamos lá – resmungou ele, pegando a mão dela e tirando-a do compartimento. O painel mais próximo ficou escuro.

– Sistema de controle automático desconectado – disse uma voz robótica acima, dando um susto em Thorne. – Iniciando

procedimentos de sistema padrão.

– Bom plano – murmurou ele, segurando os tornozelos dela. Thorne arrastou-a lentamente até o corredor e a apoiou na parede. Fosse lá qual fosse o material de que as partes ciborgue eram feitas, era bem mais pesado do que carne e osso.

Encostou de novo a orelha no peito dela. Desta vez, ouviu um leve batimento.

– Acorde – disse, sacudindo-a. A cabeça de Cinder tombou para a frente.

Thorne se agachou e apertou os lábios. A garota estava horrivelmente pálida e imunda da caminhada pelos esgotos, mas na claridade do corredor ele conseguia ver que estava respirando, mesmo que fracamente.

– E aí, você tem um botão de ligar ou algo do tipo?

Ele voltou a atenção para a mão de metal com o fio e o plugue ainda pendurados na junta do dedo. Segurou a mão e observou-a de vários ângulos. Ele se lembrava de uma lanterna, uma chave de fenda e uma faca em três dos dedos, mas não sabia o que o indicador escondia. Se era um botão de força, ele não conseguia ver como usá-lo.

Mas o cabo de ligação...

– Certo! – Thorne deu um salto e quase bateu na parede. Apertou a tela que abria a porta para a plataforma de lançamento. Luzes brancas se acenderam quando ele entrou.

Ele segurou os pulsos de Cinder e a puxou para a plataforma, largando-a entre as duas pequenas naves-satélite, que pareciam cogumelos com uma confusão de cabos e ferramentas no meio.

Ofegante, tirou o fio carregador da nave da parede e ficou paralisado, olhando para o cabo da garota, para o cabo da nave, para a garota... Falou outro palavrão e soltou os dois. Ambos machos. Até ele conseguia ver que não seria possível ligá-los.

Thorne bateu os nós dos dedos na têmpora e se forçou a pensar, pensar, pensar.

Outra ideia surgiu, e ele apertou os olhos para ver a garota. Ela parecia estar ficando ainda mais pálida, mas talvez fosse efeito da luz.

– Ah... – disse, outra ideia surgindo em sua mente. – Ah, rapaz. Será que... Ah, isso é nojento.

Deixando de lado a frescura, ele delicadamente puxou a garota até que ela caísse por cima de um dos braços dele. Com a mão livre, procurou em meio ao cabelo embaraçado até descobrir o pequeno fecho logo acima da nuca.

Afastou o olhar ao abrir, antes de ousar espiar com o canto do olho.

Uma confusão de fios e chips de computador e botões que não faziam o menor sentido para Thorne preenchia um compartimento raso na parte de trás do crânio dela. Ele expirou, feliz que o painel de controle escondia completamente qualquer tecido cerebral. Na base, viu o que parecia ser uma pequena tomada, do mesmo tamanho dos plugues.

– Ai – murmurou Thorne, procurando o cabo das naves-satélite de novo e torcendo para não estar prestes a cometer um grande erro.

Enfiou o plugue do fio de recarga no painel de controle dela. O encaixe foi perfeito.

Ele engoliu em seco.

Nada aconteceu.

Recostando-se, Thorne segurou Cinder com o braço esticado. Tirou o cabelo do rosto dela e esperou.

Doze batimentos depois, alguma coisa zumbiu dentro do crânio dela. Foi ficando mais alto e depois caiu em silêncio completo.

Thorne prendeu a respiração.

O ombro esquerdo da garota tremeu e se soltou da mão de Thorne. Ele a deixou cair no chão, com a cabeça pendendo para o lado. A perna dela se debateu e quase acertou a virilha de Thorne; que se afastou rapidamente, encostando no trem de pouso da

nave-satélite.

A garota inspirou rapidamente, segurou o ar por alguns segundos e soltou um gemido.

– Cinder? Você está viva?

Uma série de espasmos mais fracos percorreu os membros robóticos, e ela franziu o rosto todo como se estivesse chupando um limão. Com as pálpebras tremendo, ela conseguiu olhar com algum esforço para ele.

– Cinder?

Ela se sentou devagar. O maxilar e a língua trabalharam silenciosamente por um momento, e quando ela falou, as palavras saíram muito arrastadas.

– O sistema padrão de controle automático... quase acabou com meu sistema de força.

– Acho que acabou com ele todo.

Ela franziu a testa e pareceu momentaneamente insegura antes de esticar a mão até o fio ainda ligado no cérebro. Ao arrancá-lo, ela fechou o painel.

– Você abriu meu painel de controle? – perguntou ela, as palavras um pouco mais claras com a raiva.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Eu não *queria*.

A expressão dela estava azeda quando olhou para ele; nem completamente zangada, tampouco agradecida. Eles se olharam por um longo momento, enquanto o motor zumbia do outro lado do corredor e uma luz no canto começou a se apagar, piscando em intervalos aleatórios.

– Bem – resmungou Cinder por fim. – Acho que foi um raciocínio bem rápido.

Um sorriso aliviado se abriu no rosto de Thorne.

– Estamos tendo outro momento, não é?

– Se por momento você quer dizer que eu não tenho vontade de estrangular você pela primeira vez desde que nos conhecemos,

então acho que sim. – Cinder se deitou de novo. – Mas, talvez esteja exausta demais pra estrangular qualquer um agora.

– Por mim, tudo bem – disse Thorne, se deitando no chão ao lado dela, apreciando o piso duro e frio da plataforma, as luzes horrivelmente intensas no teto, o fedor de esgoto nas roupas deles, e a perfeita sensação de liberdade.



LIVRO

Dois

*Chapeuzinho era carne jovem e macia, e o lobo sabia que ela seria
ainda mais saborosa do que a velha.*



CAPÍTULO

Onze

O OVO SIBILOU AO DESLIZAR NA MANTEIGA DERRETIDA, COM A gema de um amarelo vívido estalando em meio ao branco. Scarlet tirou uma pena do ovo seguinte antes de quebrá-lo com a mão, simultaneamente passando a espátula pelo fundo da frigideira. A clara aguada ficou opaca, afofou e criou uma película crocante nas beiradas da frigideira.

Fora isso, a casa estava em silêncio. Tinha dado uma olhada no pai ao chegar em casa depois da luta e o encontrado desmaiado na cama da avó, uma garrafa de uísque roubada da cozinha aberta em cima da cômoda.

Ela derramou o resto do uísque no jardim, junto com todas as outras garrafas de bebida alcoólica que conseguiu encontrar, e passou quatro horas se revirando na cama. A noite anterior girava em sua cabeça: as marcas de queimadura nos braços do pai, o terror no seu rosto, o desespero para encontrar seja lá o que fosse que a avó tinha escondido.

E Lobo, com a tatuagem, a expressão intensa e o tom quase convincente: *Não era eu.*

Deixando a espátula equilibrada na beira da frigideira, Scarlet tirou um prato do armário e cortou uma fatia gorda do pão dormido na bancada. O horizonte estava iluminado, e o céu claro prometia outro dia de sol, mas um vento surgira durante a noite, varrendo o milharal e assoviando pela chaminé. Um galo cacarejou no quintal.

Suspirando, ela colocou os ovos no prato e se sentou à mesa de jantar. Devorou a comida, a fome mais intensa do que o nervosismo. Com a mão livre, pegou o tablet na mesa e conectou à

rede.

– Busca – murmurou ela, com a boca cheia. – Tatuagem S-L-O-M.

INCAPAZ DE IDENTIFICAR COMANDO.

Resmungando, ela digitou os termos e engoliu o resto dos ovos, quando uma série de links surgiu: tatuagens extremas. Desenhos de tatuagens. Modelos virtuais de tatuagem. A ciência por trás da remoção de tatuagens. O mais moderno em tecnologia de tatuagens, praticamente indolor!

Ela tentou: TATUAGEM SLOM962.

Nenhuma correspondência encontrada.

Ela pegou o pão e arrancou um pedaço com os dentes.

TATUAGEM DE NÚMEROS NO ANTEBRAÇO

Uma coleção de imagens ocupou a tela, mostrando braços finos e fortes, claros e escuros, cobertos de desenhos ou exibindo pequenos símbolos nos pulsos. Trezes e algarismos romanos, datas de aniversário e coordenadas geográficas. O primeiro ano de paz, “1 T.E.”, era popular.

Com o maxilar começando a doer, Scarlet largou o resto do pão no prato e esfregou as palmas das mãos nos olhos. *Tatuagens de lutadores de rua? Tatuagens de sequestradores? Tatuagens da máfia?*

Quem eram essas pessoas?

Levantou e começou a preparar um café.

– Lobo – sussurrou para si mesma quando a água começou a passar pelo coador. Ela deixou a palavra se prolongar, sentindo-a nos lábios. Para alguns, uma fera selvagem, um predador, um problema. Para outros, um animal tímido, malcompreendido pela humanidade.

Um desconforto ainda resistia na boca do estômago. Não conseguia a memória dele, quase matando o oponente em meio a

tantos espectadores, antes de correr para os campos como se estivesse possuído. Na hora, ela acreditou que o uivo ouvido minutos depois havia sido de um lobo de verdade andando pelas fazendas (a presença deles não era incomum, não depois do ato de proteção de espécies estipulado séculos antes), mas sua certeza estava se esvaindo.

Me chamam de Lobo nas lutas.

Ela colocou o prato e a frigideira vazia na pia, abriu a torneira e observou pela janela as sombras nos campos que balançavam com o vento. Em pouco tempo, a fazenda estaria tomada de vida: andróides e trabalhadores e abelhas geneticamente aperfeiçoadas.

Scarlet serviu o café antes de a água terminar de passar pelo filtro, colocou um pouco de leite na caneca e voltou para a mesa.

LOBOS

Uma imagem de um lobo-cinzento preencheu a tela, dentes à mostra, orelhas para trás. Flocos de neve presos no pelo denso.

Scarlet deslizou o dedo na tela para mandar a imagem embora. As imagens que surgiram em seguida eram mais pacíficas: lobos rolando com outros lobos, filhotes dormindo empilhados uns nos outros, lobos magníficos de pelagem branca e cinzenta se esgueirando por bosques de outono. Ela escolheu um link de uma das sociedades de preservação da espécie e passou os olhos pelo texto, fazendo uma pausa quando chegou à parte sobre uivos.

LOBOS UIVAM PARA OBTER A ATENÇÃO DA MATILHA OU DAR AVISOS TERRITORIAIS. LOBOS SOLITÁRIOS QUE SE SEPARARAM DA MATILHA UIVAM PARA ENCONTRAR OS COMPANHEIROS. EM GERAL, O MACHO ALFA É O UIVADOR MAIS AGRESSIVO DA MATILHA. SUA

AGRESSIVIDADE PODE SER DETECTADA PELOS UIVOS GRAVES E ROUCOS QUANDO SE APROXIMA DE UM ESTRANHO.

Um arrepio fez Scarlet tremer tanto que derramou café da caneca. Xingando, ficou de pé para pegar um pano e limpar o café derramado, irritada por se deixar assustar por um artigo idiota. Pensava mesmo que o lutador de rua maluco estava tentando se comunicar com sua *matilha*?

Ela jogou o pano na pia e pegou o tablet para passar os olhos pelo resto do artigo, parou e abriu outro link, sobre hierarquia da matilha.

LOBOS VIAJAM EM GRUPOS DE SEIS A QUINZE MEMBROS E TÊM UMA HIERARQUIA BEM DEFINIDA. NO TOPO DA ESTRUTURA SOCIAL ESTÃO O MACHO ALFA E A FÊMEA ALFA, UM CASAL. APESAR DE COSTUMAREM SER OS ÚNICOS LOBOS DA MATILHA A PROCRIAR E TER FILHOTES, TODOS OS OUTROS MEMBROS AJUDAM NA ALIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO.

MACHOS ESTABELECEM A HIERARQUIA POR UM COMBATE RITUAL: UM LOBO PODE DESAFIAR OUTRO, O QUE RESULTA EM UMA LUTA QUE DETERMINA QUAL LOBO É SUPERIOR. VITÓRIAS REPETIDAS CONQUISTAM RESPEITO PARA O LOBO E ACABAM LEVANDO À ESCOLHA DO LÍDER DA MATILHA.

A CLASSE SEGUINTE NA HIERARQUIA DA MATILHA SÃO OS LOBOS BETA, QUE COSTUMAM CAÇAR E PROTEGER OS FILHOTES.

O LOBO ÔMEGA É O DE POSIÇÃO MAIS BAIXA NA MATILHA. TRATADO COM FREQUÊNCIA COMO BODE EXPIATÓRIO, OS ÔMEGAS SOFREM DISCRIMINAÇÃO OCASIONAL DO RESTO DA MATILHA. ISSO PODE LEVAR AO DESLOCAMENTO DO ÔMEGA PARA OS LIMITES DO TERRITÓRIO DO GRUPO E, DE VEZ EM QUANDO, A ABANDONAR COMPLETAMENTE A MATILHA.

Uma sinfonia de cacarejos assustou Scarlet.

Pousando o tablet na bancada, olhou pela janela. Seu estômago se revirou.

A sombra de um homem se esticava pelo quintal, e as galinhas reunidas corriam para longe dele, na direção do galinheiro.

Como se sentisse sua presença, Lobo levantou o olhar e viu Scarlet na janela.

Ela saiu correndo. Engolindo o pânico crescente, correu para o saguão e pegou a espingarda da avó num canto, embaixo da escada.

Lobo não tinha se movido quando ela abriu a porta da frente. As galinhas já estavam se acostumando com o estranho e bicavam ao seu redor em busca de alimento.

Scarlet aninhou a arma nos braços e soltou a trava de segurança.

Se ele ficou surpreso, não demonstrou.

– O que você quer? – gritou ela, assustando as galinhas, que correram para longe. A luz da casa se espelhava ao redor dela pelo cascalho. Sua sombra se esticava na entrada da casa e quase tocava os pés de Lobo.

A loucura da luta tinha sumido e mal se viam os hematomas no seu rosto. Parecia calmo e despreocupado em relação à arma, mas não se deslocou em direção a ela.

Depois de um longo silêncio, ele levantou as duas mãos ao lado do corpo com as palmas abertas.

– Me desculpe. Assustei você de novo. – Como se para fazer as pazes, ele recuou: dois, três passos.

– Você tem o dom – retrucou Scarlet, sem se afetar. – Mantenha as mãos levantadas.

O dedos dele tremeram para indicar concordância.

Scarlet saiu da casa, mas parou quando sentiu o cascalho nos pés descalços. Seus sentidos se apuraram, esperando que Lobo fizesse algum movimento repentino, mas ele estava tão imóvel quanto a casa de pedra atrás dela.

– Já comuniquei à polícia – mentiu, pensando no tablet largado na bancada da cozinha.

A luz se refletiu nos olhos dele, e Scarlet de repente se lembrou do pai dormindo no andar de cima. Era demais ter esperanças de que sua voz erguida fosse despertá-lo do estado de estupor?

– Como você chegou aqui?

– Andando. Correndo, na verdade – disse, as mãos ainda erguidas, o vento deixando o cabelo dele desgrenhado. – Quer que eu vá embora?

A pergunta a pegou de surpresa.

– Quero que me diga o que está fazendo aqui. Se pensa que tenho medo de você...

– Não estou tentando deixar você com medo.

Com uma expressão de raiva, ela olhou ao longo do cano da arma para ter certeza de que ele ainda estava na mira.

– Eu queria falar sobre o que você disse na luta. Sobre a tatuagem... e o que aconteceu com sua avó. E com seu pai.

Scarlet trincou os dentes.

– Como você descobriu onde eu moro?

Ele franziu a testa, como se estivesse confuso.

– Sua nave tem o nome da fazenda na lateral, então pesquisei. Não quero te causar mal. Só me pareceu que você precisava de ajuda.

– *Ajuda?* – As bochechas dela ficaram quentes de raiva. – Do psicopata que torturou meu pai? Que sequestrou minha avó?

– Não fui eu – disse ele em tom firme. – Há outras tatuagens como a minha. Foi outra pessoa.

– Ah, é? Você faz parte de um culto ou alguma coisa assim? – Uma das galinhas se encostou em sua perna, ela levou um susto e quase perdeu a mira da arma.

– Alguma coisa assim – respondeu, dando de ombros. Um dos pés pisando no cascalho.

– Não se aproxime! – gritou Scarlet. A galinha cacarejou e saiu andando. – Vou atirar, sabe.

– Eu sei. – Um traço de gentileza passou pelo rosto dele, e ele apontou para a testa. – É melhor mirar na cabeça. Costuma ser um tiro fatal. Ou, se você estiver nervosa, no tronco. É um alvo maior.

– Sua cabeça parece bem grande daqui.

Ele riu, e a expressão mudou tudo nele. A postura relaxou, o rosto ficou mais caloroso.

Um rosnado enojado vibrou na garganta de Scarlet. Esse homem não tinha o direito de estar rindo, não com a avó dela ainda desaparecida.

Lobo baixou os braços e cruzou-os. Antes de Scarlet mandar que os levantasse de novo, ele estava falando.

– Eu esperava impressionar você ontem à noite, mas parece que o tiro saiu pela culatra.

– Não costumo me deixar impressionar por homens com problemas para controlar a raiva que sequestram minha avó e me seguem por aí...

– Eu não sequestrei sua avó. – Pela primeira vez, as palavras dele foram incisivas, o que calou Scarlet. Sua atenção voltou para o

cacarejo das galinhas que caminhavam ao redor da porta. – Mas, se foi mesmo alguém com uma tatuagem como a minha, posso ajudar a descobrir quem foi.

– Por que devo acreditar em você?

Ele levou a pergunta a sério e refletiu por bastante tempo.

– Não tenho prova nenhuma além do que falei para você ontem à noite. Estou em Rieux há quase duas semanas. As pessoas da taverna me conhecem, as pessoas das lutas me conhecem. Se seu pai me visse, não me reconheceria. Nem sua avó. – Ele se remexeu como se estivesse ficando ansioso por ficar tanto tempo em pé. – Eu quero ajudar.

Franzindo a testa, Scarlet olhou para o cano duplo da arma. Se ele estivesse mentindo, era um dos homens que tirou a avó dela. Era cruel. Era mau. Merecia uma bala no meio da testa.

Mas ele era a sua única pista.

– Você vai me contar tudo. *Tudo*. – Ela tirou o dedo do gatilho e baixou a arma, apontando para a coxa dele. Um alvo não fatal. – E vai deixar as mãos onde eu consiga ver o tempo todo. Só porque vou deixar você entrar, não quer dizer que confio em você.

– É claro. – Ele assentiu, todo obediente. – Eu também não confiaria em mim.

CAPÍTULO

SCARLET FEZ UM SINAL COM A ARMA PARA QUE LOBO ENTRASSE e abriu uma expressão de raiva conforme ele seguia até a escada. Ele pareceu se preparar observando as paredes de estuque e a escada manchada antes de entrar no corredor. Precisou baixar a cabeça para não bater no batente da porta.

Scarlet fechou a porta com um chute, se recusando a afastar o olhar de Lobo, parado com o corpo encolhido, tentando parecer menor. A atenção dele foi desviada para as fotografias digitais na parede que mostravam Scarlet quando criança comendo ervilhas cruas do jardim, campos dourados de outono, a avó quarenta anos mais nova, com o primeiro uniforme militar.

– Por aqui.

Lobo seguiu o gesto dela em direção à cozinha. Scarlet olhou para a foto na hora em que a avó desapareceu e seguiu atrás dele.

Ao ver o tablet na bancada, ainda exibindo a foto de um macho alfa com sua companheira, enfiou-o no bolso.

Sem dar as costas para o lutador de rua, ela apoiou a arma em um canto dos armários e pegou o moletom vermelho das costas de uma das cadeiras. Sentiu-se menos vulnerável ao vestir os braços nas mangas. Menos ainda quando pegou uma faca no cepo da bancada.

Os olhos de Lobo se dirigiram para a faca antes de observar o resto da cozinha. Eles pousaram na cesta de arame ao lado da pia, as pupilas dilatando de fome.

Seis tomates brilhosos enchiam a cesta.

Scarlet franziu a testa quando Lobo baixou o olhar.

– Você deve estar com fome – murmurou ela. – Depois de *correr* tanto.

– Estou bem.

– Sente-se – disse ela, indicando a mesa com a faca.

Lobo hesitou só por um momento antes de sentar em uma cadeira. E não a puxou para perto da mesa quando se sentou, como se quisesse ter espaço para pular e sair correndo caso precisasse.

– Mãos onde eu consiga ver.

Ele pareceu quase achar graça ao se inclinar para a frente e colocar as mãos abertas em cima da mesa.

– Não consigo imaginar o que você deve pensar de mim depois de ontem à noite.

Ela riu, debochando.

– É mesmo, não consegue imaginar? – Ela segurou a tábua de corte e a jogou na mesa, na frente de Lobo. – Quer que eu dê uma dica?

Ele baixou o olhar e passou o dedo por um corte antigo na madeira.

– Fazia muito tempo que não perdia o controle daquele jeito. Não sei o que aconteceu.

– Espero que não tenha vindo aqui em busca de compreensão. – Recusando-se a colocar a faca na mesa ou virar as costas para ele, ela teve que ir mais de duas vezes da bancada até a mesa, primeiro para pegar um pedaço de pão, depois para pegar dois tomates.

– Não. Já falei por que estou aqui. Mas passei a noite inteira tentando entender o que deu errado.

– Talvez você precise repensar no momento em que decidiu que lutas de rua seriam uma profissão promissora.

Um longo silêncio permaneceu intacto até que Scarlet, ainda de pé, cortou um pedaço de pão e jogou para Lobo, que pegou com facilidade.

– Você está certa – disse ele, arrancando pedaços da casca. – Deve ser onde começou. – Ele enfiou os dentes no pão, quase sem mastigar antes de engolir.

Perplexa por ele não ter argumento nem desculpa, Scarlet pegou um dos tomates e colocou na tábua, sentindo necessidade

de manter as mãos ocupadas. Enfiou brutalmente a faca no tomate, ignorando as sementes que escorreram para a tábua.

Depois de cortar o tomate em fatias, ela entregou-as para ele, sem se dar o trabalho de pegar um prato. Várias migalhas de pão em cima da mesa rapidamente ganharam a companhia de um líquido vermelho aguado.

O olhar dele estava distante quando pegou as fatias.

– Obrigado.

Scarlet jogou o cabo do tomate na pia e limpou as mãos na calça jeans. Do lado de fora, o sol estava nascendo rápido e as galinhas estavam ficando agitadas e cacarejando, querendo saber por que Scarlet não tinha dado o café da manhã delas quando saiu.

– É tão tranquilo aqui – disse Lobo.

– Não vou contratar você. – Pegando a caneca esquecida de café frio, Scarlet finalmente se sentou em frente a Lobo. A faca permaneceu na tábua de corte, perto dos dedos dela. Esperou até ele lambear os últimos restos de tomate dos dedos.

– E aí, qual é a história da tatuagem?

Lobo olhou para o antebraço. A luz da cozinha fazia com que seus olhos brilhassem como pedras preciosas, mas dessa vez Scarlet não ficou vermelha. No momento ela só se importava com as respostas que aqueles olhos escondiam.

Ele esticou o braço em cima da mesa para a tatuagem ficar sob a luz e esticou a pele, como se a estivesse vendo pela primeira vez. SLOM962.

– Soldado Leal da Ordem da Matilha – disse ele. – Membro 962. – Ele soltou a pele e encolheu os ombros, afundando na cadeira. – O maior erro que já cometi.

A pele de Scarlet formigou.

– E o que exatamente é a Ordem da Matilha?

– Uma gangue, mais comumente chamada de Os Lobos. Eles gostam de se intitular paramilitares, rebeldes e arautos da mudança, mas... não são muito melhores do que criminosos, na

verdade. Se algum dia eu tiver dinheiro, vou mandar remover essa coisa horrível.

Uma rajada de vento balançou o carvalho em frente à porta, e várias folhas bateram na janela.

– Então você não faz mais parte disso?

Ele fez que não com a cabeça.

Scarlet olhou para o outro lado, incapaz de decifrá-lo. Incapaz de decidir se estava falando a verdade.

– Os Lobos – murmurou ela, deixando o nome afundar em seu cérebro. – E eles costumam fazer coisas assim? Sequestrar pessoas inocentes por nenhum motivo?

– Eles têm um motivo.

Scarlet esticou o cordão do capuz até quase se estrangular, depois puxou de volta para afrouxar.

– Por quê? O que poderiam querer com a minha avó?

– Não sei.

– Não me diga isso. É dinheiro de resgate? O quê?

Os dedos dele se flexionaram em cima da mesa.

– Ela era militar – respondeu ele, apontando para o corredor. – Naquelas fotos, ela estava de uniforme.

– Ela foi piloto da Federação Europeia, mas isso foi anos atrás. Antes de eu nascer.

– Talvez ela saiba de alguma coisa. Ou talvez eles pensam que ela saiba.

– Saiba *o quê?*

– Segredos militares? Armas secretas?

Scarlet se inclinou para a frente até ficar com a barriga apertada na beirada da mesa.

– Pensei que você tivesse dito que eram criminosos comuns. Por que se importam com isso?

Lobo suspirou.

– Criminosos que se veem como...

– Arautos da mudança. – Scarlet mordeu o lábio. – Certo. Então,

o quê? Estão tentando derrubar o governo ou algo do tipo? Iniciar uma guerra?

Lobo olhou pela janela quando as luzes de uma pequena nave de passageiros percorreu o campo ao longe – os primeiros trabalhadores chegando.

– Não sei.

– Não, você *sabe*. Você é um deles!

Lobo deu um sorriso triste.

– Eu não era nada para eles, não passava de um garoto de recados. Não tinha permissão para ouvir os planos executivos.

Scarlet cruzou os braços.

– Então dê o seu melhor palpite.

– Sei que eles guardam muitas armas. Querem que as pessoas tenham medo deles. – Ele balançou a cabeça. – Talvez queiram colocar as mãos em armas militares.

– Minha avó não saberia nada sobre isso. E mesmo se soubesse antes, quando era piloto, não saberia agora.

Lobo abriu as mãos e mostrou as palmas para ela.

– Sinto muito. Não sei o que mais pode ser. A não ser que *você* consiga pensar em alguma coisa com a qual sua avó estivesse envolvida.

– Não, não paro de pensar nisso desde que ela desapareceu, mas não sei de nada. Ela só era... É minha avó. – Ela apontou para os campos lá fora. – É dona de uma fazenda. Fala o que pensa e não gosta que lhe digam o que pensar, mas não tem inimigos, não que eu saiba. Claro, as pessoas na cidade a acham meio excêntrica, mas não tem ninguém que não goste dela. E ela é só uma velhinha. – Ela juntou as mãos ao redor da caneca de café e suspirou. – Você deve saber ao menos como encontrá-los, não?

– Encontrá-los? Não... Seria suicídio.

Ela ficou tensa.

– Não é você quem decide.

Lobo coçou a nuca.

– Há quanto tempo eles a levaram?

– Dezoito dias. – A histeria subiu pela garganta dela. – Estão com ela há *dezoito dias*.

A atenção dele estava voltada para a mesa, com rugas de preocupação na testa.

– É perigoso demais.

A cadeira caiu com força no chão quando Scarlet levantou bruscamente.

– Pedi informação, não um sermão. Não ligo para o quanto eles são perigosos. É mais um motivo por que eu preciso encontrá-los! Sabe o que poderiam estar fazendo com ela agora, enquanto você desperdiça meu tempo? O que fizeram com meu pai?

Um baque soou em algum lugar na casa, e Scarlet levou um susto, quase perdendo o equilíbrio ao tropeçar na cadeira caída. Olhou para trás de Lobo, mas o corredor estava vazio. Seu coração ficou apertado.

– Pai? – Ela correu até o saguão e abriu a porta da frente. – Pai!

Mas, do lado de fora, o caminho já estava vazio.

CAPÍTULO

SCARLET SAIU CORRENDO PELO CAMINHO DE ENTRADA, COM O cascalho machucando os pés. O vento açoitou seus cachos, jogando-os no rosto dela.

– Para onde ele foi? – perguntou ela, prendendo o cabelo no capuz. O sol já estava alto no horizonte, tingindo as plantações de dourado e cobrindo o caminho de sombras trêmulas.

– Talvez alimentar as aves? – Lobo apontou para uma galinha que contornou a casa, seguindo no caminho da horta.

Ignorando o cascalho que machucava seus pés, Scarlet saiu correndo para a parte de trás da casa. Folhas de carvalho giravam no vento. O hangar, o celeiro e o galinheiro estavam todos silenciosos no amanhecer. Não havia sinal do pai dela.

– Ele devia estar procurando alguma coisa, ou... – O coração de Scarlet saltou. – Minha nave!

Ela correu, ignorando o caminho de pedras, o mato áspero. Quase se chocou na porta do hangar, mas conseguiu segurar a maçaneta e abrir, quando um estrondo fez a construção tremer.

– Pai!

Mas ele não estava dentro da nave, se preparando para decolar como ela temia. Estava de pé no alto dos armários que ocupavam toda a parede oposta, enfiando a mão na parte de cima e jogando no chão o que se encontrava ali. Latas de tinta, fios de extensões, peças de furadeira.

Uma caixa de ferramentas inteira tinha sido revirada, cobrindo o concreto com pregos e parafusos, e dois armários de metal no fundo estavam escancarados, deixando à mostra uma variedade de uniformes militares de piloto, macacões e um único chapéu de palha de jardinagem enfiado em um canto.

– O que você está fazendo? – Scarlet andou na direção dele, mas

se abaixou e ficou imóvel quando uma chave inglesa voou por cima de sua cabeça. Como não houve estrondo depois, ela olhou para trás e viu Lobo segurando a ferramenta a trinta centímetros do rosto, piscando de surpresa. Scarlet virou. – Pai, o quê...?

– Tem alguma coisa aqui! – disse ele, enquanto abria outro armário. Ele virou uma lata de cabeça para baixo, e pareceu surpreso quando centenas de pregos enferrujados caíram estalando no chão.

– Pai, para! Não tem nada aqui! – Ela andou pela confusão, sentindo mais as peças enferrujadas doerem nos pés do que tinha sentido as pedras lá fora. – Para!

– Tem alguma coisa aqui, Scar. – Enfiando uma lata de metal debaixo de um braço, desceu da bancada e se agachou para abrir a tampa. Apesar de também estar descalço, os pregos e parafusos não pareciam incomodá-lo. – Ela tem alguma coisa aqui que eles querem. Tem que estar aqui. Em algum lugar... mas onde...

O ar se encheu dos vapores pungentes de lubrificante de motor quando o pai inclinou uma lata, fazendo com que a graxa amarelada se derramasse por cima da confusão.

– Pai, larga isso! – Ela pegou um martelo no chão e segurou acima da cabeça. – Vou bater em você, eu juro!

O pai a olhou, finalmente, com aquela mesma loucura assombrada. Aquele não era seu pai. Este homem não era vaidoso, encantador e hedonista, todas as coisas que ela admirara quando criança e desprezara quando adolescente. Esse homem estava destruído.

O fluxo de óleo virou um gotejar.

– Pai. Larga a lata. Agora.

Os lábios dele tremeram e sua atenção se desviou, concentrando-se na pequena nave de entregas a menos de dois metros dele.

– Ela amava voar – murmurou ele. – Amava as naves dela.

– Pai. *Pai...*!

De pé, o pai bateu com a lata no vidro traseiro da nave. Uma rachadura se espalhou como uma teia de aranha.

– A minha nave não! – Scarlet largou o martelo e correu para cima dele, tropeçando em ferramentas e destroços.

O vidro quebrou com o segundo golpe, e seu pai já estava se jogando por entre os estilhaços.

– *Para!* – Scarlet o segurou pela cintura e o arrastou para fora da nave. – Deixa ela em paz!

Ele se debateu, golpeou a lateral do corpo de Scarlet com os joelhos, e os dois caíram no chão. Uma lata afundou na coxa de Scarlet, mas só pensava em segurar melhor o pai, em tentar prender seus braços que se debatiam para todos os lados. Havia sangue nas mãos dele por ter segurado o vidro quebrado, e um corte no tronco já estava ficando vermelho.

– Me solta, Scar. Vou encontrar. Vou...

Ele gritou ao ser puxado para longe dela. Instintivamente, Scarlet apertou mais, ainda tentando dominá-lo, até perceber que Lobo estava ali, colocando seu pai de pé. Ela soltou, ofegante. Uma das mãos foi esfregar seu quadril, que latejava.

– Me solta! – Virando a cabeça, o pai mordeu o ar.

Lobo ignorou a luta, prendeu os pulsos dele com uma das mãos e ofereceu a outra para Scarlet.

Assim que a palma da mão dela tocou a dele, os gritos do pai reiniciaram.

– Ele é um deles! Um *deles*!

Lobo puxou Scarlet para que ficasse de pé e a soltou, passando a usar os dois braços para segurar o pai dela, que se debatia. Scarlet quase esperava ver espuma sair dos cantos da boca do pai.

– A tatuagem, Scar! São eles! São eles!

Ela tirou o cabelo do rosto.

– Eu sei, pai. Acalme-se! Posso explicar...

– Você não pode me levar de volta! Ainda estou procurando! Preciso de mais tempo! Por favor, chega. Chega... – E caiu no choro.

Lobo franziu as sobrancelhas e olhou para a parte de trás da cabeça caída do pai, pegou uma corrente fina ao redor do pescoço dele e puxou, quebrando-a.

O pai se encolheu e, quando Lobo o soltou, caiu, pesado, no chão.

Confusa, Scarlet olhou para o colar pendurado na mão de Lobo, com um pingente pequeno e desconhecido. Não conseguia se lembrar de o pai usar acessórios além da aliança de monogamia, que tirou dias depois de sua mãe descobrir que não tinha cumprido seu propósito, e deixá-lo.

– Transmissor – disse Lobo, erguendo o pingente para que o brilho prateado fosse visto na luz. Era do tamanho da unha do dedo mínimo de Scarlet. – Eles o estão rastreando e ouvindo tudo também, eu diria.

O pai de Scarlet abraçou os joelhos e se balançou para a frente e para trás.

– Você acha que estão ouvindo agora? – perguntou Scarlet.

– Provavelmente.

Ela sentiu uma explosão no peito, disparou para a frente e agarrou o punho de Lobo com as duas mãos.

– Não tem nada aqui! – gritou para o pingente. – Não estamos escondendo nada e vocês estão com a mulher errada! É melhor trazerem minha avó de volta, se não, juro pela casa em que nasci que, se tiverem machucado um fio de cabelo, uma ruga, *uma sarda do corpo dela*, vou caçar cada um de vocês e quebrar seus pescoços como os frangotes que são, estão entendendo? TRAGAM MINHA AVÓ DE VOLTA!

Com a garganta ardendo, ela recuou e soltou a mão de Lobo.

– Terminou?

Tremendo de raiva, Scarlet assentiu.

Lobo deixou o transmissor cair no chão, pegou o martelo e o destruiu com um único golpe. Scarlet deu um pulo quando o metal foi esmagado no concreto.

– Você acha que eles sabiam que ele viria aqui? – perguntou Lobo,

ficando de pé.

– Eles o deixaram no nosso milharal.

A voz do pai dela surgiu entre eles, seca e vazia.

– Eles me mandaram encontrar.

– Encontrar o quê? – perguntou Scarlet.

– Não sei. Eles não disseram. Só... que ela está escondendo alguma coisa. Alguma coisa valiosa e secreta que eles querem.

– Espere... você sabia? – perguntou Scarlet. – Você sabia o tempo todo que tinha um transmissor no pescoço e não me disse nada? Pai, e se eu tivesse dito ou feito alguma coisa que fizesse com que desconfiassem de mim? E se *vierem* atrás de mim agora?

– Eu não tinha escolha – respondeu ele. – Era a única forma de me soltarem. Eles disseram que eu só poderia ter minha liberdade se descobrisse o que sua avó estava escondendo. Se eu encontrasse alguma pista que ajudasse... Eu tinha que sair de lá, Scar, você não sabe como era...

– Sei que ainda estão com ela! E sei que você é covarde o suficiente para salvar a própria pele e não ligar pro que acontece com ela e nem pro que poderia acontecer comigo.

Scarlet prendeu a respiração, esperando que ele negasse. Que desse alguma desculpa distorcida como sempre fizera, mas ele ficou completamente imóvel, completamente calado.

A pele dela ardeu de raiva.

– Você é uma desgraça para ela, para tudo que ela sempre defendeu. Ela arriscaria a vida pra proteger nós dois! Arriscaria a vida por um estranho se fosse a coisa certa a fazer. Mas você só se importa consigo mesmo. Não posso acreditar que seja filho dela. Não consigo acreditar que seja meu *pai*.

Ele ergueu os olhos para a filha, assombrado.

– Você está enganada, Scarlet. Ela os viu me torturar. *A mim*. E ainda assim não contou os segredos. – Um brilho desafiador surgiu em seu rosto. – Tem alguma coisa que sua avó nunca contou pra nós, Scar, e nos colocou em perigo. Ela é que é egoísta.

– Você não sabe nada sobre ela!

– Não, *voce* não sabe! Você a idolatra desde que tinha quatro anos, e isso cegou você para a verdade! Ela nos traiu, Scarlet.

Com as veias pulsando na testa, Scarlet apontou para a porta.

– Saia. Saia da minha fazenda e não volte nunca mais. Não quero nunca voltar a ver você.

Ele ficou pálido, e as olheiras pareciam hematomas sob os olhos. Lentamente, ele se levantou do chão.

– Você vai me abandonar também? Minha própria filha e minha própria mãe, as duas se virando contra mim?

– Você nos abandonou primeiro.

Scarlet se deu conta de que, nos cinco anos desde que o viu pela última vez, tinha alcançado a altura do pai. Eles se olharam nos olhos, ela queimando por dentro, ele franzindo a testa como se quisesse se desculpar, mas não conseguisse entender o sentimento.

– Adeus, Luc.

Ele trincou os dentes.

– Eles virão atrás de mim de novo, Scarlet. E a culpa será sua.

– Não ouse. Foi você quem estava usando o transmissor, foi você quem estava disposto a *me* vender.

Ele sustentou o olhar dela por um longo momento, como se estivesse esperando que a filha mudasse de ideia. Esperando que ela o convidasse de volta para casa, para sua vida. Porém, tudo que Scarlet conseguia ouvir era o barulho do metal esmagando o transmissor. Ela pensou nas marcas de queimadura no braço dele e soube que seu pai a entregaria para ser torturada se isso salvasse a pele dele.

Por fim, ele baixou o olhar e, sem levantar a cabeça, sem olhar para Lobo, foi andando pelos destroços e saiu do hangar.

Os punhos de Scarlet se apertaram. Ela teria que esperar. Ele entraria em casa para pegar os sapatos. Ela o imaginou revirando a cozinha em busca de comida antes de ir embora, ou tentando encontrar uma garrafa de bebida. Ela não ousaria correr o risco de

cruzar com ele de novo antes que fosse embora de vez.

O covarde. O traidor.

– Eu ajudo você.

Ela cruzou os braços para proteger a raiva da voz gentil de Lobo. Observou o caos ao redor, a bagunça que levaria semanas para arrumar.

– Não preciso da sua ajuda.

– Quero dizer que vou ajudar a trazer sua avó de volta. – Lobo se abaixou, como se estivesse surpreso por ter feito a proposta.

Demorou um tempo patético para seu pensamento mudar de curso, indo do xingamento interno contra o pai traidor para a enormidade das palavras de Lobo. Olhou para ele e prendeu a respiração, imaginando as palavras presas em uma bolha que poderia estourar.

– Vai mesmo?

A cabeça dele tremeu no que poderia ser um aceno de concordância.

– Os Lobos têm um quartel-general em Paris. Deve ser onde ela está.

Paris. A palavra preencheu a mente dela. Uma pista. Uma promessa.

Ela olhou para a nave e para a janela quebrada. Uma nova onda de ódio pelo pai surgiu, mas murchou rapidamente. Não havia tempo. Não agora. Não com o primeiro sinal de esperança que ela conseguia em duas intermináveis semanas.

– Paris – murmurou ela. – Podemos pegar o trem em Toulouse... Leva o quê, umas oito horas? – Odiava a ideia de estar sem a nave, mas até um trem de levitação magnética irritantemente lento seria mais rápido do que mandar trocar o vidro. – Alguém vai ter que cuidar da fazenda enquanto eu estiver fora. Talvez Émilie, depois do trabalho. Vou mandar uma mensagem pra ela, e preciso pegar umas roupas e...

– Scarlet, espere. Não podemos sair correndo para lá.

Precisamos planejar.

– Sair correndo? Não podemos *sair correndo*? Eles estão com ela há mais de duas semanas! Isso não é correr!

O olhar de Lobo ficou mais sombrio e Scarlet parou, reconhecendo o desconforto dele pela primeira vez.

– Olha – disse ela, umedecendo os lábios –, vamos ter oito horas no trem para pensar em alguma coisa. Mas não posso ficar aqui nem mais um segundo.

– Mas e se seu pai estiver certo? – Os ombros dele continuaram rígidos. – E se ela escondeu alguma coisa aqui? E se eles vierem procurar?

Ela balançou a cabeça.

– Podem procurar o quanto quiserem, mas não vão encontrar nada. Meu pai está errado. Grand-mère e eu não temos segredos.

CAPÍTULO

– VOSSA MAJESTADE.

Kai se afastou da janela onde ficara olhando durante metade da manhã, ouvindo o tagarelar dos âncoras do noticiário e dos oficiais militares relatando a fuga da presidiária mais procurada da Comunidade das Nações Orientais. O Chefe Huy estava na porta, com Torin ao lado. Os dois pareciam incrivelmente infelizes.

Ele engoliu em seco.

– E aí?

Huy deu um passo à frente.

– Eles escaparam.

O coração de Kai deu um salto. Ele deu um passo hesitante em direção à mesa do pai e segurou o encosto da cadeira.

– Dei a ordem de convocar nossas frotas de reserva imediatamente. Estou confiante de que encontraremos os fugitivos e os prenderemos antes do pôr do sol.

– Com todo o respeito, chefe, você *não parece* particularmente confiante.

Embora Huy estivesse com o peito estufado, seu rosto ficou ligeiramente rosado.

– Estou, majestade. Podemos encontrá-los. É só que... é complicado por ser uma nave roubada. Todo o equipamento de rastreo foi retirado.

Torin deu um suspiro irritado.

– A garota se provou mais inteligente do que eu imaginava.

Kai passou a mão pelo cabelo, escondendo um brilho inesperado de orgulho.

– Tem também a questão de ela ser lunar – acrescentou Huy.

– Quem a capturar tem que estar alerta – disse Kai. – Todos precisam saber que ela vai tentar manipulá-los.

– Com certeza, mas não era a isso que eu estava me referindo.

No passado, tivemos dificuldade para rastrear naves lunares. Parece que eles aprenderam a desarmar nossos sistemas de radar. Infelizmente, não sabemos direito como eles fazem isso.

– Desarmar nossos sistemas de radar? – Kai olhou para Torin. – Você sabia disso?

– Ouvi boatos – disse Torin. – Seu pai e eu preferimos acreditar que eram apenas isso.

– Nem todos os meus colegas concordam comigo nessa questão – disse Huy. – Mas estou convencido de que são os lunares que desarmam nossos equipamentos. Se é pelas habilidades mentais ou por algum outro talento, não sei. Independentemente disso, Linh Cinder não irá muito longe. Vamos mobilizar todos os recursos para capturá-la.

Sufocando a tormenta interior, Kai forçou o rosto a ficar imóvel como uma pedra.

– Me mantenham informado.

– Claro, Vossa Majestade. Tem mais uma coisa que achei que o senhor poderia querer ver. Terminamos de examinar as filmagens da prisão. – Huy apontou para a tela embutida na mesa de Kai.

Kai contornou a cadeira, repuxou as mangas compridas por sentir um calor repentino e se sentou. Uma mensagem do conselho de segurança nacional girava no canto.

– Aceitar mensagem.

A tela se iluminou com a filmagem da prisão, as paredes brancas e reluzentes. Via-se um longo corredor com portas acolchoadas e escâneres de identificação. Um guarda de prisão apareceu e apontou para uma porta. Foi seguido por um senhor baixo usando um boné cinza.

Kai deu um pulo. Era o dr. Erland.

– Aumentar volume.

A voz familiar do dr. Erland surgiu na tela.

– Sou o cientista responsável pela equipe real de pesquisa da letumose, e essa garota é minha cobaia principal. Preciso de

amostras de sangue dela antes que saia do planeta. – Com uma expressão mal-humorada, ele enfiou a mão em uma bolsa e tirou uma coisa; uma seringa, mas a bolsa ainda estava cheia. Ainda havia outros objetos lá dentro.

– Tenho minhas ordens, senhor – disse o guarda. – Precisa de uma ordem oficial do imperador para poder entrar.

Kai franziu a testa quando o doutor colocou a seringa de volta na bolsa, sabendo que o dr. Erland não tinha feito esse pedido.

– Tudo bem. Se é o protocolo, eu entendo – disse o dr. Erland. E ficou ali de pé, sereno e paciente. Depois de alguns segundos, Kai viu o doutor sorrindo. – Pronto, está vendo? Consegui a autorização necessária do imperador. Pode abrir a porta.

O queixo de Kai caiu quando, incrivelmente, o guarda virou para a porta da cela, passou o pulso pelo escâner e digitou uma senha. Uma luz verde piscou e a porta se abriu.

– Muito obrigado – disse o dr. Erland e passou pelo guarda. – Peço que nos dê um pouco de privacidade. Só vou demorar um minuto.

O guarda concordou sem discutir, fechou a porta e seguiu na direção de onde veio, deixando a tela vazia.

Kai ergueu o olhar para Huy.

– Esse guarda foi interrogado?

– Foi, senhor, e tudo o que ele declarou foi que se lembra de negar acesso à garota, e depois o doutor foi embora. Ele ficou confuso quando mostramos a filmagem. Alega não se lembrar de nada.

– Como isso é possível?

Huy ocupou as mãos abotoando o paletó.

– Parece, Vossa Majestade, que o dr. Dmitri Erland usou glamour no guarda para que ele permitisse o acesso à cela da prisioneira.

Com os pelos se eriçando debaixo do colarinho, Kai se recostou na cadeira.

– Usou glamour? Você acha que ele é lunar?

– Essa é nossa teoria.

Kai olhou para o teto. Cinder, lunar. O dr. Erland, lunar.

– É uma *conspiração*?

Torin limpou a garganta, como fazia sempre que Kai mencionava alguma teoria louca, embora para Kai parecesse ser uma pergunta perfeitamente legítima.

– Estamos investigando todas as possibilidades – disse Torin. – Pelo menos agora sabemos como ela fugiu.

– Temos outro vídeo que mostra a prisioneira usando glamour no guarda do turno seguinte – disse Huy – e sendo levada para outra cela. Nessa filmagem, ela está com dois pés e com uma mão esquerda diferente da que tinha quando entrou na prisão.

Kai se levantou da cadeira.

– A bolsa – disse, andando na direção da janela.

– Sim. O dr. Erland levou essas ferramentas para ela, e temos que supor que foi com a intenção de ajudar na fuga.

– Por isso que ele foi embora. – Kai balançou a cabeça, se perguntando como Cinder conhecera o dr. Erland, o que eles estavam realmente fazendo todas as vezes que ela foi vê-lo no hospital. Planejando, tramando, conspirando? – Pensei que ela estivesse só consertando um medidroide – murmurou ele. – Nem questioneiei... Pelas estrelas, fui tão burro.

– Vossa Majestade – disse Huy –, os poucos recursos que não estão concentrados na busca de Linh Cinder estão se dedicando a encontrar Dmitri Erland. Ele será preso como traidor da coroa.

– Por favor, desculpem a interrupção – disse Nainsi, o androide que deu aulas para Kai quando ele era criança, mas que agora tinha um papel mais significativo de assistente pessoal. O androide que tivera problemas (menos de quatro semanas antes, não?) e o levou ao primeiro encontro com Linh Cinder, quando ela não passava de uma renomada mecânica. – Sua Majestade, a rainha lunar Levana pediu uma reunião imediat...

– Não serei anunciada por um androide!

Huy e Torin viraram quando a rainha Levana entrou e deu um tapa em Nainsi no sensor azul, o olhar flamejante. O androide sem dúvida teria caído de costas se o equipamento hidráulico estabilizador não tivesse entrado em ação bem na hora.

O grupo que costumava acompanhar a rainha entrou atrás: primeiro, Sybil Mira, taumaturga-chefe, cujo papel na corte lunar parecia ser um cruzamento entre cachorrinho fiel e criada satisfeita que tinha prazer em atender aos pedidos mais cruéis de Levana. Kai uma vez a viu atacar e quase cegar um criado inocente a pedido da rainha, sem um sinal de hesitação.

Atrás dela entrou outro taumaturgo, uma graduação abaixo de Sybil, que tinha pele escura, olhos penetrantes e propósito nenhum, pareceu a Kai, a não ser ficar de pé atrás da rainha com uma expressão arrogante.

O guarda pessoal de Sybil entrou atrás, um homem louro que segurou Cinder no baile, quando Levana ameaçou a vida dela pela primeira vez. Mesmo depois de um mês como hóspede em seu palácio, Kai não sabia o nome dele. O segundo guarda, com os cabelos ruivos flamejantes, foi quem pulou entre uma bala e Levana no baile, recebendo um tiro diretamente no ombro. Ao que parecia, ferimentos não eram o bastante para tirar alguém da guarda real, embora se visse apenas o calombo do curativo por debaixo do uniforme.

– Vossa Majestade – disse Kai, se dirigindo à rainha com o que pensou ser uma admirável falta de desprezo. – Que surpresa agradável.

– Mais um comentário condescendente e vou mandar arrancar sua língua e prender no portão do palácio.

Kai empalideceu. A voz de Levana, normalmente tão melodiosa e doce, estava dura como aço, e apesar de tê-la visto com raiva muitas vezes antes, nunca o bastante para que deixasse de lado a leve aparência de diplomacia.

– Vossa Majestade...

– Você a deixou fugir! *Minha* prisioneira!

– Garanto que estamos fazendo tudo que podemos...

– Aimery, silencie-o.

A língua de Kai ficou flácida. Com olhos arregalados, ele levou a mão aos lábios e percebeu que não era apenas a língua, mas a garganta, o maxilar. Os músculos tinham ficado inúteis. O que talvez fosse melhor do que prenderem sua língua ao portão do palácio, mas ainda assim...

Seu olhar se desviou para o taumaturgo com a jaqueta vermelha impecável, que abriu um sorriso perverso em resposta. A ira cresceu dentro dele.

– Você está fazendo tudo que pode? – Levana apoiou as mãos na mesa de Kai. Os olhares se confrontaram por cima da tela que ainda mostrava o corredor vazio da prisão, congelado no tempo. – Está me dizendo, jovem imperador, que não ajudou na fuga dela? Que sua intenção desde o começo não foi de me humilhar em seu território?

Kai sentiu que a rainha queria que ele caísse de joelhos e silenciosamente pedisse perdão, promettesse mover os céus e a terra para satisfazê-la... mas sua raiva suplantou o medo. Com a capacidade de falar sufocada, ele cruzou os braços nas costas da cadeira e esperou.

Com o canto do olho, ele conseguia ver Torin e Huy, ainda imóveis como duas estátuas, mas com expressões sombrias de desprezo. Sybil Mira, com as mãos inocentemente enfiadas nas mangas marfim, devia estar segurando-os com a magia mental lunar.

Nainsi, o único ser que os lunares não conseguiam controlar com os truques mentais, estava sendo fisicamente segurada pelo guarda louro, virada de forma que o sensor com câmera embutida não pudesse capturar os acontecimentos.

As pontas dos dedos da rainha ficaram brancas em cima da mesa.

– Espera que eu acredite que você não encorajou essa fuga? Que não teve nada a ver com ela? – A expressão dela ficou mais tensa. – Você não parece muito *aborrecido* com isso, Vossa Majestade.

A perplexidade cresceu nas entranhas de Kai, mas seu rosto permaneceu neutro. Anos de boatos e superstições circularam em seus pensamentos, boatos de que Levana sempre sabia quando alguém falava dela, em qualquer lugar de Luna e até mesmo na Terra, mas ele desconfiava de uma razão muito mais plausível para sua habilidade incrível de saber o que não devia.

Ela o espionava, e também ao pai dele antes. Sabia que era verdade, só não sabia como.

Ao perceber que ela estava esperando resposta, Kai ergueu uma sobrancelha e gesticulou na direção da boca.

Levana ferveu de raiva e se afastou da mesa. Esticou o pescoço até estar olhando para ele de cima.

– Fale.

Kai voltou a sentir sua língua e deu um sorriso mal-agradecido para Aimery. Em seguida, fez a coisa mais desrespeitosa em que conseguiu pensar: puxou a cadeira e se sentou. Em seguida, se inclinou para trás e cruzou as mãos sobre a barriga.

A raiva ferveu por trás dos olhos cor de carvão de Levana até ela ficar quase feia, por um segundo.

– Não – disse Kai. – Eu não encorajei a fugitiva a escapar *nem* a ajudei de maneira nenhuma.

– Que motivo tenho para acreditar nisso depois de ver você tão *encantado* com ela no baile?

A sobrancelha dele tremeu.

– Se vai se recusar a aceitar minha palavra, por que não força uma confissão minha e acaba logo com isso?

– Ah, eu poderia, Majestade. Poderia colocar quaisquer palavras que quisesse nessa sua boca. Mas infelizmente não somos *leitores* de mentes, e estou preocupada apenas com a verdade.

– Então me permita dizê-la. – Kai esperava parecer mais

complacente do que irritado. – Nossa investigação preliminar revelou que ela usou tanto suas habilidades lunares quanto as de ciborgue para fugir da cela, e apesar de poder ter tido assistência interna, foi sem meu conhecimento. Infelizmente, não estávamos equipados para ter uma prisioneira que é ao mesmo tempo ciborgue e lunar. É certo que vamos trabalhar para fortalecer nosso sistema de encarceramento para o futuro. Enquanto isso, estamos fazendo tudo que podemos para encontrar a fugitiva e capturá-la. Fiz um acordo com você, Majestade, e pretendo cumprir minha parte.

– Você já falhou em cumprir a sua parte do acordo – disse ela com desprezo, mas sua expressão se suavizou. – Jovem imperador, espero que não tenha imaginado estar apaixonado por essa garota.

Kai apertou as mãos até os nós dos dedos gritarem de dor.

– Qualquer sentimento que eu possa ter imaginado por Linh Cinder obviamente não passou de um truque lunar.

– Obviamente. Fico feliz por você reconhecer isso. – Levana cruzou as mãos discretamente na frente do corpo. – Cansei dessa palhaçada e voltarei de imediato para Luna. Você tem três dias para encontrar a garota e entregá-la a mim. Se falhar, vou mandar o meu exército encontrá-la, e eles vão revirar todas as naves, todas as estações de lançamento e todas as casas deste planeta patético até que ela seja encontrada.

Pontos brancos piscaram na visão de Kai ao ficar de pé rápido demais.

– Por que não diz o que quer dizer? Você estava esperando um motivo para invadir a Terra há dez anos, e agora vai usar essa lunar fugitiva, essa *ninguém*, para fazer o que quer.

Os cantos dos lábios de Levana se ergueram.

– Você parece entender mal meus motivos, então vou falar precisamente o que quero dizer. Algum dia, vou governar a Comunidade das Nações Orientais, e a decisão é sua se farei isso por guerra ou por uma união pacífica ou diplomática de

casamento. Mas *isso* não tem nada a ver com guerra e política. Quero essa garota ou o cadáver dela. Vou queimar seu país até não sobrar nada em busca dela se for preciso.

Levana se afastou da mesa e saiu do escritório, seu grupo a seguindo um passo atrás sem expressão ou comentário.

Quando todos foram embora, Huy e Torin despencaram na frente de Kai, como se não tivessem respirado desde a entrada da rainha. E talvez não tivessem respirado mesmo. Kai não sabia o que Sybil havia feito com eles, mas podia imaginar que não fora nada confortável.

Nainsi girou sobre as rodinhas.

– Sinto muito, Vossa Majestade. Eu jamais a teria deixado entrar, mas a porta já estava aberta.

Kai silenciou-o com um gesto.

– Sim, e que coincidência que ela tenha escolhido a hora em que a porta não estava fechada e trancada por código para invadir a sala, não é?

O processador de Nainsi chiou, sem dúvida calculando as probabilidades.

Kai passou a mão pelo rosto.

– Não importa. Saiam todos. Por favor.

Nainsi sumiu pela porta, mas Huy e Torin ficaram.

– Vossa Majestade – disse Huy. – Com todo respeito, preciso de sua permissão...

– Sim, tudo bem, o que você precisar. Preciso de um momento. Por favor.

Huy bateu os calcanhares.

– É claro, Vossa Majestade. – Apesar de Torin estar com cara de quem queria discutir, não o fez, e logo a porta chiou e se fechou atrás dos dois.

Com o estalo da tranca, Kai se permitiu desmoronar na cadeira. Seu corpo todo tremia.

Ficou claro, de repente, que não estava pronto para isso. Não era

forte o bastante nem inteligente o bastante para ocupar o lugar do pai. Não conseguia nem manter Levana fora de seu escritório. Como ia proteger um país inteiro dela, um planeta inteiro?

Ele girou a cadeira e passou as mãos pelo cabelo. Dirigiu a atenção para a cidade abaixo, mas logo olhou para o céu azul-intenso, sem nuvens. Em algum lugar lá em cima estavam a lua, as estrelas e dezenas de milhares de naves de carga, naves de passageiros, naves militares, naves de entrega, competindo por espaço além do ozônio. E Cinder estava em uma delas.

Ele não conseguia evitar, mas uma parte dele, talvez uma parte bem grande, torcia para que Cinder desaparecesse como a cauda de um cometa. Só para contrariar a rainha, para impedi-la de ter aquilo que queria tão desesperadamente. Afinal, tinha sido apenas sua vaidade que causara essa loucura. Porque Cinder fez um comentário tolo no baile, dando a entender que Levana, no fim das contas, não era bonita.

Kai massageou a testa, sabendo que tinha que parar de pensar essas coisas. Cinder tinha que ser encontrada, e logo, antes que milhões fossem assassinados em seu lugar.

Era tudo uma questão de política agora. Prós e contras, toma lá dá cá, trocas e acordos. Cinder tinha que ser encontrada; Levana, apaziguada; e Kai precisava parar de agir como traído e indignado e começar a agir como um imperador.

O que sentira por Cinder, ou pensara ter sentido, tinha acabado.

CAPÍTULO

CINDER DESLIGOU O CHUVEIRO E SE APOIOU NA DIVISÓRIA DE fibra de vidro enquanto o bocal pingava na cabeça dela. Gostaria de ficar mais, porém estava com medo de acabar com o suprimento de água, e a julgar pelo banho de meia hora que Thorne tinha tomado, ficou claro que não podia contar com ele para economizar.

De qualquer modo, estava limpa. O cheiro de esgoto tinha sido removido, junto com o suor salgado. Ao sair do chuveiro comunitário, passou uma toalha áspera no cabelo e gastou um momento secando todos os cantinhos e juntas das próteses para protegê-las da ferrugem. Era um hábito, apesar de os novos membros já terem uma camada protetora. Parecia que o dr. Erland não tinha economizado em nada.

Seu imundo uniforme de prisão estava enrolado em um canto do piso de azulejos. Tinha encontrado um uniforme militar no alojamento da tripulação: uma calça cinza-carvão grande demais, que tinha que ser presa com cinto, e uma camiseta branca lisa, não muito diferente das calças cargo e camisetas que costumava usar antes de virar uma fugitiva da lei. Tudo que faltava eram as luvas sempre presentes. Ela se sentia nua sem elas.

Cinder jogou a toalha e o uniforme da prisão no buraco da lavanderia e abriu a porta do banheiro. Após um corredor estreito havia uma passagem aberta à direita, e o compartimento de carga cheio de caixas de plástico à esquerda.

– Lar, doce lar – murmurou ela, sacudindo a água do cabelo enquanto andava até o compartimento de carga.

Não havia sinal do suposto capitão. Só as luzes fracas de emergência estavam acesas. E a escuridão, o silêncio e a certeza de tanto espaço vazio ao redor da nave, seguindo até a eternidade, deram a Cinder a sensação peculiar de ser um fantasma

assombrando um navio abandonado. Passou pelo caminho cheio de obstáculos compostos de caixas e afundou no assento do piloto no cockpit.

Pela janela, via a Terra: os limites da República da América e a maior parte da União Africana estavam visíveis por baixo da cobertura de nuvens. E além, estrelas, muitas estrelas piscando e se misturando a incontáveis galáxias. Eram tão lindas quanto apavorantes, a bilhões de anos-luz de distância, mas ao mesmo tempo tão iluminadas e próximas que era quase sufocante.

Tudo que Cinder sempre quis foi liberdade. Liberdade da madrasta e de suas regras dominadoras. Liberdade de uma vida de trabalho constante sem nenhum reconhecimento. Liberdade dos olhares de desprezo e palavras de ódio de estranhos que não confiavam na garota ciborgue – que era forte demais e inteligente demais e boa demais com máquinas para ser considerada *normal*.

Agora, conquistara a liberdade, mas não era nem um pouco como tinha imaginado.

Suspirando, Cinder puxou o pé esquerdo até o joelho, levantou a calça e abriu o compartimento oco na panturrilha. Tinha sido revistado e esvaziado quando chegara na prisão, apenas mais uma invasão de privacidade, mas os conteúdos mais valiosos haviam sido ignorados. Sem dúvida o guarda que fez a busca pensou que os chips em meio à fiação eram parte da programação de Cinder.

Três chips. Ela os puxou um a um e os colocou no braço da cadeira.

Havia o reluzente chip branco D-COMM. Um chip lunar, feito de algum material que Cinder nunca tinha visto antes. Levana ordenara que fosse instalado em Nainsi, o androide de Kai, e usado para obter informações confidenciais. A garota que programou o chip, supostamente programadora pessoal da rainha, usou-o depois para fazer contato com Cinder e revelar que Levana estava planejando se casar com Kai... e, depois, matá-lo e usar o poder da Confederação das Nações Orientais para invadir o resto da União

Terráquea. Foi essa informação que fez Cinder sair correndo para o baile poucos dias antes, tempo que mais parecia uma vida.

Ela não se arrependia. Sabia que faria tudo de novo, apesar da confusão que sua vida tinha virado desde que tomara aquela decisão apressada.

Havia também o chip de personalidade de Iko. Era o maior e mais gasto dos três. Um lado tinha uma distinta marca de polegar sujo de graxa, provavelmente de Cinder, e um canto tinha uma rachadura fina. Ainda assim, estava confiante de que funcionaria. Iko, um androide servo que pertencera à madrastra de Cinder, era uma de suas melhores amigas fazia tempo. Mas, em um ataque de raiva e desespero, Adri havia desmontado Iko e vendido as partes dela, deixando só as peças mais inúteis para trás. Incluindo o chip de personalidade.

Ao pegar o terceiro chip, o coração de Cinder se apertou.

O chip de identificação de Peony.

Sua meia-irmã mais nova tinha morrido quase duas semanas antes. A peste a tinha matado porque Cinder não conseguira o antídoto para ela a tempo. Porque Cinder demorou demais.

O que Peony pensaria agora? Agora que Cinder era lunar. Que Cinder era a princesa Selene. Que Cinder tinha dançado com Kai, beijado Kai...

– Eca, isso é um chip de identificação?

Ela deu um pulo e escondeu o chip na mão quando Thorne se sentou na outra cadeira.

– Não me dê um susto assim.

– Por que você está com um chip de identificação? – perguntou ele, olhando com desconfiança para os outros dois no braço da cadeira. – É melhor não ser o seu, depois de você me obrigar a tirar o meu.

Ela fez que não com a cabeça.

– É da minha irmã. – Engolindo em seco, ela abriu a mão. Um pouco de sangue seco tinha se espalhado na palma.

– Não me diga que ela é condenada fugitiva também. Ela não precisa dele?

Cinder prendeu a respiração, esperou que a dor no peito diminuísse e lançou um olhar raivoso.

Ao ver o olhar dela, a percepção se espalhou pouco a pouco pelo rosto de Thorne.

– Ah. Sinto muito.

Ela remexeu o chip, passando-o de um dedo de metal ao outro.

– Há quanto tempo?

– Duas semanas. – Cinder fechou a mão sobre o chip. – Ela só tinha catorze anos.

– Foi a peste?

Cinder assentiu.

– Os androides que cuidam das quarentenas tiram os chips de identificação dos mortos. Acho que os levam para condenados e lunares fugitivos... Pessoas que querem uma nova identidade. – Ela colocou o chip ao lado dos outros. – Não pude deixar que levassem o dela.

Thorne se acomodou na cadeira. Tinha se limpadado bem: o cabelo estava bem aparado; a barba, feita; e ele cheirava a sabonete caro. Usava uma jaqueta de couro gasta com um único escudo preso à gola: a patente de capitão.

– Os androides que trabalham nas quarentenas não são propriedade do governo? – perguntou ele, olhando para a Terra pela janela.

– É, acho que são. – Cinder franziu a testa. Nunca tinha pensado no assunto antes, mas falar em voz alta despertou uma onda de desconfiança.

Thorne expressou o pensamento primeiro.

– Por que o governo programaria androides para pegarem chips de identificação?

– Talvez não seja para serem vendidos no mercado negro – disse Cinder, apertando o chip de Peony no braço da cadeira. – Talvez os

apaguem e os reutilizem.

Mas não acreditava nisso. Chips de identificação eram baratos de produzir, e se o público descobrisse que as identidades de seus entes queridos estavam sendo apagadas, haveria um alvoroço.

Ela mordeu o lábio. Então havia outro motivo? Outra coisa para a qual o governo estaria usando os chips? Ou será que alguém tinha conseguido reprogramar os androides das quarentenas sem o governo saber?

Sentiu um nó no estômago. Como queria poder falar com Kai...

– O que são os outros dois?

Ela baixou os olhos.

– Um chip de comunicação direta e um chip de personalidade que era de uma androide amiga minha.

– Você é colecionadora de chips, por acaso?

Ela amarrou a cara.

– Só estou guardando até descobrir o que fazer com eles. Vou precisar encontrar um corpo novo para Iko, alguma coisa que ela possa... – Ela parou de falar e sufocou um gritinho. – Isso!

Enfiou rapidamente os dois outros chips na panturrilha. Segurando o chip de personalidade de Iko, saiu correndo para o compartimento de carga. Thorne a seguiu, pelo corredor, pela escotilha para o nível inferior, até a sala de máquinas, e ficou na porta enquanto Cinder se arrastava por baixo dos fios até aparecer ao lado do computador central.

– Precisamos de um novo sistema de controle automático – disse ela, abrindo um painel e passando o dedo pelas etiquetas. – Iko é um sistema de controle automático. Todos androides são! É verdade que ela está acostumada a lidar com um corpo bem menor, mas... o quão diferente pode ser?

– Vou supor que muito?

Ela balançou a cabeça e enfiou o chip no computador central.

– Não, não, isso vai dar certo. Só preciso de um adaptador. – Ela trabalhava enquanto falava, soltando fios, rearrumando, religando.

– E temos um adaptador?

– Vamos ter.

Virando, ela analisou o painel de controle atrás de si.

– Nunca vamos usar o módulo de aspirador de pó, vamos?

– Aspirador de quê?

Ela soltou o cabo do painel e enfiou uma ponta no computador principal, a outra na entrada do sistema de controle automático, o mesmo que quase fez o circuito dela fritar.

– Agora vai! – disse ela, se sentando nos calcanhares.

O sistema se iluminou, e Cinder ouviu o som familiar da verificação diagnóstica interna. Seu coração estava acelerado só de pensar que não estaria mais sozinha, que poderia salvar ao menos uma pessoa que importava para ela...

O computador principal ficou em silêncio de novo.

Thorne olhou para o teto da nave, como se esperasse que fosse desmoronar na sua cabeça.

– Iko? – chamou Cinder, olhando para o computador. Os alto-falantes estavam ligados? As configurações de entrada de som e dados estavam corretas? Tinha conseguido se comunicar com Thorne direitinho quando eles estavam no depósito, mas...

– Cinder?

Quase caiu pra trás e suspirou, aliviada.

– Iko! Sou eu, Cinder! – Ela segurou um duto de resfriamento acima, parte do motor, parte da nave.

E Iko era parte de tudo.

– Cinder. Tem alguma coisa errada com meu sensor de visão. Não consigo te ver e me sinto meio estranha.

Com a língua para fora, Cinder se inclinou para analisar o orifício em que o chip de personalidade de Iko encontrara um novo lar. Parecia se encaixar perfeitamente, estar protegido e funcionando direito. Não havia sinal de qualquer problema de compatibilidade. O sorriso dela se abriu de orelha a orelha.

– Eu sei, Iko. As coisas vão ficar um pouco diferentes por um

tempo. Tive que instalar você como o sistema de controle automático de uma nave. Uma Rampion 214, classe 11.3. Você tem conexão de rede? Deve poder baixar as especificações.

– Uma Rampion? Uma *nave*?

Cinder se abaixou. Embora só houvesse um alto-falante na casa de máquinas, a voz de Iko ecoou em todos os cantos.

– O que estamos fazendo em uma nave?

– É uma história muito longa, mas foi o que consegui pensar em fazer com seu...

– Ah, Cinder! *Cinder!* – A voz de Iko saiu como um choro, que provocou um arrepio na coluna de Cinder. – Onde você esteve o dia todo? Adri está furiosa, e Peony... *Peony*.

As palavras de Cinder ficaram secas.

– Ela morreu, Cinder. Adri recebeu um comunicado da quarentena.

Cinder olhou cegamente para a parede.

– Eu sei, Iko. Isso foi duas semanas atrás. Tem duas semanas que Adri desativou você. Este é o primeiro... corpo... que consegui encontrar.

Iko ficou em silêncio. Cinder olhou ao redor, sentindo Iko em todo lugar. O motor girou mais rápido por um momento, depois se reduziu à velocidade normal. A temperatura nem caiu muito. Uma luz piscou no corredor atrás de Thorne, que estava rígido e desconfortável na porta, com cara de quem achava que um poltergeist tinha possuído sua amada Rampion.

– Cinder – disse Iko após alguns minutos silenciosos de exploração. – Eu sou *enorme*. – Havia um choramingo distinto na voz metálica.

– Você é uma nave, Iko.

– Mas eu... como posso... sem mãos, sem sensor de visão, com um trem de pouso gigantesco... Isso é pra ser meus pés?

– Bem, não. É pra ser um trem de pouso.

– Ah, o que aconteceu comigo? Estou horrenda!

– Iko, é apenas temporár...

– Pera lá, senhorita voz incorpórea. – Thorne entrou na casa de máquinas e cruzou os braços sobre o peito. – O que você quer dizer com “horrenda”?

Então, a temperatura foi lá no alto.

– Quem é esse? Quem está falando?

– Sou o capitão Carswell Thorne, o dono desta bela nave, e não vou deixar que você a insulte na minha presença!

Cinder revirou os olhos.

– Capitão Carswell Thorne?

– Isso mesmo.

Um breve silêncio.

– Minha rede só encontra um cadete Carswell Thorne, da República da América, detido na prisão de Nova Pequim em...

– É ele mesmo – disse Cinder, ignorando a expressão de raiva de Thorne.

Mais silêncio enquanto o calor da sala de máquinas crescia a um ponto que passava ligeiramente do confortável. E então: – Você é... bem bonito, capitão Thorne.

Cinder gemeu.

– E você, minha bela dama, é a nave mais bonita dos céus, e não deixe que ninguém diga o contrário.

A temperatura subiu ainda mais, até que Cinder deixou os braços penderem e suspirou.

– Iko, você está corando *intencionalmente*?

A temperatura voltou a ficar agradável.

– Não – disse Iko. – Mas sou mesmo bonita? Mesmo sendo uma nave?

– A mais bonita – disse Thorne.

– Você tem uma moça nua pintada na sua lateral esquerda – acrescentou Cinder.

– Eu mesmo desenhei.

Uma série de pequenas luzes de teto piscou e emitiu um brilho

suave.

– Olha, Iko, isso é apenas temporário. Vamos conseguir um novo sistema de controle automático e vamos arrumar um corpo novo pra você. Em algum momento. Mas preciso que você cuide da nave, verifique os relatórios, talvez faça um diagnóstico...

– A bateria está quase acabando.

Cinder assentiu.

– Certo. Eu já sabia dessa parte. Mais alguma coisa?

O motor zumbiu ao redor dela.

– Bom, acho que eu poderia fazer uma verificação completa do sistema...

Abrindo um grande sorriso, Cinder rastejou em direção à porta e, ao ficar de pé, encontrou Thorne muito satisfeito.

– Obrigada, Iko.

As luzes piscaram de novo quando Iko desviou a energia.

– Mas por que estamos mesmo nesta nave? E com um criminoso condenado? Sem querer ofender, capitão Thorne.

Cinder deu um leve sorriso, exausta demais para contar a história, mas sabendo que não podia escondê-la de seus companheiros para sempre.

– Ok – disse ela, passando por Thorne e entrando no corredor. – Vamos voltar para o cockpit. É melhor estarmos bem instalados.

CAPÍTULO

SCARLET CHAMOU UM AERODESLIZADOR PARA LEVÁ-LOS A TOULOUSE e quase esvaziou a conta com o último depósito de Gilles. Sentou-se em frente a Lobo durante a viagem, com a pistola apertando suas costas enquanto o observava. De perto assim, sabia que a pistola era inútil para ela. Afinal, tinha testemunhado a velocidade de Lobo mais de uma vez. Ele conseguiria segurá-la e quase sufocá-la antes que ela pudesse tirar a pistola da cintura.

Mas era impossível se sentir ameaçada por esse quase estranho sentado à sua frente. Lobo estava hipnotizado pelas fazendas passando pela janela, olhando boquiaberto para tratores e gado e celeiros decrépitos, desmoronando. Suas pernas se mexiam sem parar, embora ela duvidasse que ele percebesse.

Essa fascinação quase infantil parecia estranha nele, de todas as maneiras. O olho roxo, as cicatrizes pálidas, os ombros largos, a compostura calma que ele demonstrara ao quase estrangular Roland, a brutalidade selvagem no olhar quando quase matara o oponente na luta.

Scarlet mordeu a língua, se perguntando qual parte dele era apenas um ato, e qual parte era real.

– De onde você é? – perguntou ela.

Lobo desviou o olhar para observá-la, e a curiosidade sumiu. Como se tivesse esquecido de que ela estava lá.

– Daqui. Da França.

Os lábios dela tremeram.

– Interessante. Você parece nunca ter visto uma vaca na vida.

– Ah... Não, não daqui. Não de Rieux. Sou da cidade.

– Paris?

Ele assentiu, e o movimento das pernas adquiriu um ritmo novo, alternando uma com a outra. Incapaz de suportar aquilo, Scarlet

esticou a mão e apertou um joelho, forçando a perna dele a parar. Lobo ficou surpreso com o toque.

– Você está me deixando louca – disse ela, recolhendo a mão. As pernas ficaram paradas, ao menos um tempo, mas a surpresa permaneceu. – Então, como foi parar logo em Rieux?

Ele voltou a atenção para a janela.

– A princípio, eu só queria ir pra longe. Peguei um trem de levitação magnética até Lyon e comecei a seguir as lutas a partir de lá. Rieux é pequena, mas tem uma plateia boa.

– Eu reparei. – Scarlet recostou a cabeça na poltrona. – Morei em Paris por um tempo quando era criança. Antes de vir morar com grand-mère. – Ela deu de ombros. – Nunca senti saudade de lá.

Eles passaram por fazendas e olivedos, vinhedos e subúrbios, e estavam entrando no coração de Toulouse quando ela ouviu Lobo responder.

– Eu também não.



O NÍVEL INFERIOR DA ESTAÇÃO DO TREM DE LEVITAÇÃO MAGNÉTICA estava tão ridiculamente iluminado que chegava a irritar os olhos quando eles desceram a escada rolante, as luzes fluorescentes compensando até demais a falta de sol. Dois andróides e um detector de armas estavam esperando lá embaixo, e um apitou no momento em que os pés de Scarlet tocaram a plataforma.

– Pistola de uso pessoal modelo Leo 1272 TCP 380 detectada. Por favor, exiba seu chip de identificação e aguarde liberação.

– Tenho autorização – disse Scarlet, esticando o pulso.

Um brilho vermelho.

– Arma autorizada. Obrigado por usar o Trem de Levitação Magnética da Federação Europeia – disse o andróide, voltando ao seu posto.

Scarlet passou pelos andróides e encontrou um banco vazio perto dos trilhos. Apesar de haver meia dúzia de pequenas câmeras periféricas orbitando perto do teto, as paredes estavam pichadas com anos de rabiscos elaborados e imagens fantasmas de pôsteres de shows rasgados.

Lobo se sentou ao lado dela, e em poucos minutos sua energia frenética recomeçou. Embora ele tivesse deixado espaço entre os dois, Scarlet se viu sintonizada aos dedos agitados, joelhos sacolejantes, ombros que giravam. A energia dele era quase tangível.

Scarlet ficou exausta só de olhar.

Ela pegou o tablet no bolso, tentando ignorá-lo, e verificou a chegada de mensagens, embora só houvesse recebido spam e anúncios.

Três trens chegaram e foram embora. Lisboa. Roma. Munique

Oeste.

Scarlet ficou ansiosa e não percebeu que o próprio pé começou a batucar no mesmo ritmo até Lobo apoiar a ponta do dedo em seu joelho.

Ela gelou, e Lobo imediatamente afastou a mão.

– Desculpe – sussurrou ele, juntando as mãos no colo.

Scarlet ficou sem resposta, não sabendo bem pelo que ele estava se desculpando. Sem saber se as orelhas dele tinham ficado vermelhas ou se tinha sido as luzes piscantes de um anúncio ali perto.

Ela o viu dar um suspiro calculado e, sem aviso, enrijecer e virar a cabeça na direção da escada rolante.

Instantaneamente tensa, Scarlet esticou o pescoço para ver o que era. Um homem de terno estava passando pelos detectores na base da escada rolante. Seguido por outro homem, de calça jeans rasgada e suéter. Depois veio uma mãe empurrando um carrinho flutuante com uma das mãos enquanto verificava o tablet com a outra.

– Qual é o problema? – perguntou, mas as palavras sumiram sob o som dos alto-falantes anunciando o trem para Paris via Montpellier.

A tensão nos músculos de Lobo diminuiu, e ele ficou de pé. Os ímãs dos trilhos começaram a zumbir, e ele foi se juntar aos outros passageiros seguindo em direção à beirada da plataforma. O desconforto já tinha desaparecido de seu rosto.

Puxando a bolsa pesada nos ombros, Scarlet olhou para trás apenas uma vez antes de se juntar a ele.

O nariz do trem-bala deslizou pela plataforma, uma mancha no começo, antes de parar lentamente. Em um movimento fluido, os vagões pararam no trilho com um estalo, e as portas do trem se abriram com um chiado. Androides saíram de cada vagão, suas vozes monótonas falando em uníssono.

– Bem-vindos a bordo do Trem de Levitação Magnética da

Federação Europeia. Por favor, exibam a identificação para a verificação da passagem. Bem-vindos a bordo do Trem...

Um peso saiu dos ombros de Scarlet quando o escâner passou por seu pulso, e ela entrou no trem. Finalmente, *finalmente*, ela estava a caminho. Chega de ficar parada. Chega de não fazer nada.

Encontrou uma cabine particular vazia, com beliches, uma mesa e uma tela na parede. O vagão tinha o aroma bolorento de um aposento em que foram borrifados, em demasia, sprays aromatizantes.

– Vai ser uma longa viagem – disse, colocando a bolsa na mesa. – Podemos ver a rede um tempo. Você tem algum canal favorito?

De pé dentro da cabine, Lobo olhou do chão para a tela e para as paredes, tentando encontrar novos lugares onde pousar o olhar. Em qualquer lugar, menos nela.

– Na verdade, não – disse ele, indo até a janela.

Scarlet se sentou na beirada da cama e viu o brilho das telas no vidro, que acentuava uma coleção de marcas de dedos.

– Nem eu. Quem tem tempo de ver essas coisas, né?

Como ele não respondeu, ela se apoiou nas palmas das mãos e fingiu não notar o constrangimento repentino.

– Ligar tela.

Havia um grupo de repórteres de fofoca sentados ao redor de uma mesa. As palavras vazias e traiçoeiras entravam e saíam dos ouvidos de Scarlet, que estava distraída com seus pensamentos, até que percebeu que estavam criticando a garota lunar no baile de Nova Pequim: o cabelo horroroso, o estado vergonhoso do vestido, e aquilo eram manchas de *graxa* na luva dela? Trágico.

Uma das mulheres riu.

– Pena que não tem lojas de departamento no espaço, porque aquela garota precisava muito de uma transformação!

Os outros repórteres riram.

Scarlet balançou a cabeça.

– Aquela pobre garota vai ser executada e todo mundo está

fazendo piada dela.

Lobo olhou de novo para a tela.

– É a segunda vez que ouço você defendê-la.

– É, bem, eu tento pensar por mim mesma de vez em quando, em vez de acreditar nas ideias ridículas em que a imprensa quer que a gente acredite. – Ela franziu a testa ao perceber que tinha falado exatamente como a avó. Temperou a irritação com um suspiro. – As pessoas são tão rápidas para acusar e criticar, mas não sabem o que ela passou, nem o que a levou a fazer as coisas que fez. Por acaso temos certeza de que ela *fez* alguma coisa?

Uma voz automatizada avisou que as portas do trem estavam se fechando, e ela ouviu o chiado segundos depois. O trem se ergueu nos trilhos e deslizou para fora da estação, mergulhando-os em uma escuridão só quebrada pelo corredor iluminado e pela tela azul. Ganhou velocidade rapidamente, como uma bala deslizando nos trilhos, e saiu do subsolo, a luz do sol se espalhando pelas janelas.

– Tiros foram disparados no baile – disse Lobo enquanto as cabeças falantes na tela tagarelavam. – Algumas pessoas acreditam que a garota pretendia iniciar um massacre e que é um milagre ninguém ter se ferido.

– Algumas pessoas também disseram que ela estava lá para assassinar a rainha Levana, e isso não a tornaria uma heroína? – Scarlet mudava os canais sem prestar atenção. – Só acho que não devíamos julgá-la, e nem ninguém, sem tentar entender primeiro. Que talvez devêssemos ouvir a história toda antes de tirar conclusões. Uma ideia louca, eu sei.

Ela bufou, irritada ao perceber que estava ficando corada. Os canais foram passando. Anúncios. Anúncios. Notícias. Fofoca de celebridades. Um reality show sobre um grupo de crianças tentando governar um pequeno país. Mais anúncios.

– Além do mais – murmurou ela, meio para si mesma –, a garota só tem dezesseis anos. Me parece que todo mundo está

exagerando.

Lobo coçou atrás da orelha e afundou na cama, o mais longe possível de Scarlet.

– Houve casos de lunares jovens, até com sete anos, que foram julgados culpados de assassinato.

Ela fez uma expressão de desprezo.

– Até onde eu sei, *aquela* garota não assassinou ninguém.

– Eu não assassinei Caçador ontem à noite. Mas isso não me torna inofensivo.

Scarlet hesitou.

– Não. Acho que não.

Depois de um silêncio pesado, ela mudou o canal da tela de volta para o reality show e fingiu estar interessada.

– Comecei a lutar quando tinha doze anos.

Ela voltou a atenção para ele. Lobo estava olhando para a parede, para o nada.

– Por dinheiro?

– Não. Por status. Entrara na matilha havia poucas semanas, mas logo ficou claro que, se você não luta, se não consegue se defender, não é nada. Você é atormentado e ridicularizado... praticamente se torna um escravo, e não tem nada que possa fazer quanto a isso. A única forma de não se tornar um ômega é lutar. E ganhar. É por isso que eu luto. É por isso que sou bom.

A testa dela estava tão franzida que começava a doer, mas Scarlet não conseguia relaxar enquanto ouvia.

– Ômega – disse ela. – Como em uma matilha de lobos de verdade.

Ele assentiu e cutucou nervosamente as unhas curtas.

– Vi o quanto você ficou com medo de mim. Não só com medo, mas... com nojo. E você tinha razão. Mas disse que gosta de saber a história toda antes de julgar, tentar entender primeiro. Então essa é minha história. Foi assim que aprendi a lutar. Sem misericórdia.

– Mas você não faz mais parte da gangue. Não precisa mais lutar.

– O que mais eu faria? – perguntou ele, com uma risada fria. – É o que sei fazer, é nisso que sou bom. Até ontem, eu nem sabia o que era um tomate.

Scarlet sufocou um princípio de sorriso. A frustração dele era quase adorável.

– Agora você sabe – disse ela. – Quem sabe? Amanhã você talvez aprenda sobre brócolis. Na semana que vem, pode até saber a diferença entre abóbora e abobrinha.

Lobo a fuzilou com os olhos.

– Estou falando sério. Você não é um cachorro que não consegue aprender truques novos. Pode aprender a fazer outra coisa sem ser lutar. Vamos encontrar algo.

Lobo bagunçou o cabelo com o punho, deixando-o mais desgrenhado do que o habitual.

– Não é por isso que estou contando tudo – disse, num tom mais calmo agora, mas ainda desanimado. – Não vai nem fazer diferença quando chegarmos a Paris, mas achei importante que você soubesse que não gosto. Odeio perder o controle daquele jeito. Sempre odiei.

A luta surgiu nas lembranças de Scarlet. A forma como Lobo soltou o outro lutador tão rapidamente. Como se lançou para fora do palco, como se tentasse correr mais rápido do que si mesmo.

Ela engoliu em seco.

– Você já foi o... o ômega?

Lobo pareceu insultado.

– É claro que não.

Scarlet ergueu uma sobrancelha, e Lobo pareceu reconhecer sua arrogância. Evidentemente, o desejo por status ainda não o tinha abandonado.

– Não – repetiu ele, com mais gentileza. – Tomei cuidado para nunca ser o ômega. – Ficou de pé e andou até a janela, para observar as colinas de vinhedos.

Scarlet apertou os lábios, sentindo alguma coisa similar a culpa.

Era fácil esquecer o risco em que Lobo estava se colocando, pois ela só conseguia pensar em ter a avó de volta. Claro, Lobo podia ter saído da gangue, mas agora estava voltando diretamente para ela.

– Obrigada por me ajudar – disse depois de um longo silêncio. – Não tinha muita gente nessa fila.

Ele deu de ombros sem jeito, e quando ficou claro que não ia responder, Scarlet suspirou e começou a mudar de canal de novo. Parou em um noticiário.

BUSCA POR LUNAR FUGITIVA LINH CINDER
CONTINUA.

Ela deu um salto.

– Fugitiva?

Lobo virou e leu a notícia antes de franzir a testa para ela.

– Você não sabia?

– Não. Quando?

– Uns dois dias atrás.

Scarlet apoiou o queixo na mão, hipnotizada pela notícia.

– Eu não fazia ideia. Como isso é possível?

A tela começou a repetir a filmagem do baile.

– Dizem que alguém a ajudou. Um funcionário do governo. – Lobo apoiou a mão na janela. – Faz a gente se perguntar o que faríamos em uma situação dessas. Se um lunar precisasse de ajuda e você pudesse ajudar, apesar de colocar você e sua família em risco, você ajudaria?

Scarlet franziu a testa sem prestar muita atenção.

– Eu não colocaria minha família em risco por ninguém.

Lobo baixou o olhar para o tapete barato.

– Sua família? Ou sua avó?

A ira surgiu dentro dela como um gêiser a toda assim que se lembrou do pai. E como ele foi até a fazenda usando aquele transmissor. Como destruiu o hangar dela.

– Grand-mère é a única família que me sobrou. – Scarlet passou as palmas das mãos suadas na calça e ficou de pé. – Um *espresso* cairia bem.

Ela hesitou, sem saber qual resposta queria que ele desse quando perguntou: – Quer ir até o vagão-restaurante comigo?

O olhar dele passou por trás do ombro dela, até a porta, com uma expressão dividida.

Scarlet encarou a indecisão dele com um sorriso, ao mesmo tempo provocador e simpático. Talvez um pouco paquerador.

– Tem quase duas horas desde que você comeu pela última vez. Deve estar morrendo de fome.

Algo surgiu no rosto de Lobo, algo que beirava o pânico.

– Não, obrigado – disse rapidamente. – Vou ficar aqui.

– Ah. – A pulsação disparada se acalmou. – Tudo bem. Volto logo.

Enquanto fechava a porta atrás de si, viu Lobo passar a mão pelo cabelo com um suspiro aliviado, como se tivesse acabado de escapar de uma armadilha.

CAPÍTULO

Dezessete

O CORREDOR DO TREM ESTAVA AGITADO COM TANTA ATIVIDADE. Ao seguir para o vagão-restaurante, Scarlet passou por androides servos entregando marmitas de almoço, uma mulher em um terno engomado falando com seriedade com o tablet, uma criança pequena abrindo com curiosidade todas as portas pelas quais passava.

Scarlet desviou de todos, atravessou uns seis vagões idênticos, passou pela miríade de passageiros a caminho de empregos normais, férias normais, idas às compras normais, talvez até voltando para suas casas normais. Suas emoções começaram a se distanciar gradualmente; a irritação com a imprensa por demonizar uma garota de dezesseis anos e a surpresa de descobrir que ela tinha fugido da prisão e ainda estava por aí. A solidariedade para com a infância violenta de Lobo, seguida de uma rejeição inesperada quando ele preferiu não vir com ela. O pavor incontrolável pela avó e o que poderia estar acontecendo com ela agora, enquanto o trem seguia lento demais pelo campo, tranquila apenas com a certeza de que pelo menos estava a caminho. Pelo menos chegando mais perto.

Com a mente ainda girando como um caleidoscópio, ficou feliz ao encontrar o vagão-restaurante relativamente vazio. Um atendente entediado estava atrás de um balcão de bar circular, vendo um talk show do qual Scarlet nunca gostou na tela. Duas mulheres estavam tomando *mimosas* em uma mesinha. Um jovem estava sentado com as pernas apoiadas em um banco, digitando furiosamente no tablet. Quatro androides esperavam junto à parede para fazer entregas em vagões particulares.

Scarlet se sentou em frente ao bar e colocou o tablet ao lado de um pote de azeitonas verdes.

– O que deseja? – perguntou o barman, ainda prestando atenção na entrevista do apresentador com um antigo astro de filmes de ação.

– *Espresso*, um cubo de açúcar, por favor.

Ela apoiou o queixo na palma da mão enquanto ele digitava o pedido. Depois de passar o dedo na tela do tablet, ela digitou:

A ORDEM DA MATILHA

Uma lista de bandas de música e grupos surgiu na página, todos com nomes de matilhas de lobos e sociedades secretas.

SOLDADO LEAL À ORDEM DA MATILHA

Nenhum resultado.

OS LOBOS

Assim que digitou, ela soube que o termo era amplo demais. Modificou rapidamente para **A GANGUE DOS LOBOS**.

Quando surgiram 20.400 respostas, ela acrescentou **PARIS**.

Apareceu uma banda de música que tinha feito turnê em Paris dois anos antes.

**GANGUE DE LOBOS DE RUA. LOBOS
PARAMILITARES. SEQUESTRADORES
SÁDICOS SE APRESENTANDO COMO
VIRTUOSOS ASPIRANTES A LUPINOS.**

Nada. Nada. Nada.

Frustrada, ela enfiou o cabelo para dentro do capuz. O *espresso* tinha aparecido na sua frente sem que reparasse, e ela levou a

pequena xícara à boca, soprando o vapor antes de tomar um gole.

Se essa Ordem da Matilha existia havia tempo suficiente para recrutar 962 membros, devia existir algum registro dela. Crimes, julgamentos, assassinatos, alguma confusão com a sociedade. Ela se esforçou para pensar em outro termo de busca, desejando ter feito mais perguntas a Lobo.

– Que busca específica.

Ela virou a cabeça na direção do homem sentado a dois bancos de distância, que não tinha percebido antes. Ele estava dando um sorriso provocador com olhos caídos, que sugeria uma covinha na bochecha. Parecia ligeiramente familiar, o que a assustou até se dar conta de que o tinha visto uma hora antes na plataforma da estação de Toulouse.

– Estou procurando uma coisa bem específica – respondeu.

– Deu pra perceber. “Virtuosos aspirantes a lupinos.” Não consigo nem imaginar o que isso quer dizer.

O barman franziu a testa para eles.

– O que você deseja?

O estranho desviou o olhar.

– Leite achocolatado, por favor.

Scarlet sufocou uma risadinha quando o barman, sem se impressionar, pegou um copo vazio.

– Não teria sido meu primeiro palpite.

– Não? O que você teria chutado?

Ela o observou. Não podia ser muito mais velho do que ela, e apesar de não ser bonito de uma forma clássica, com toda aquela autoconfiança, ele sem dúvida nenhuma não tinha problemas com as mulheres. Era corpulento e musculoso, o cabelo bem penteado para trás. Havia uma ousadia na postura dele, uma certeza que beirava a arrogância.

– Conhaque – disse ela. – Sempre foi o preferido do meu pai.

– Infelizmente, nunca experimentei. – A covinha ficou mais funda quando um copo alto de leite achocolatado cheio de espuma

foi colocado na frente dele.

Scarlet desligou o tablet e pegou o *espresso*. O aroma de repente pareceu forte demais, amargo demais.

– Parece bem gostoso.

– É surpreendentemente repleto de proteínas – disse ele, tomando um gole.

Scarlet tomou outro gole da xícara e descobriu que suas papilas gustativas não aceitaram bem. Ela recolocou a xícara no pires.

– Se você fosse um cavalheiro, me ofereceria um também.

– Se você fosse uma dama, teria esperado que eu oferecesse.

Scarlet deu um sorrisinho debochado, mas o homem já estava chamando o barman e pedindo outro leite achocolatado.

– Sou Ran, a propósito.

– Scarlet.

– Por causa do cabelo ruivo?

– Ah, uau, nunca ouvi essa antes.

O barman colocou a bebida no bar e se afastou para aumentar o volume de sua tela.

– E para onde você está viajando, mademoiselle Scarlet?

Paris.

A palavra ressoou na cabeça dela e encheu o pensamento com seu peso. A atenção dela foi desviada para a tela na parede para verificar a hora, calcular a distância, a chegada.

– Paris. – Ela tomou um grande gole. Não era o leite fresco que estava acostumada a tomar, mas sua doçura densa foi uma alegria rara. – Vou visitar minha avó.

– É mesmo? Também estou indo para Paris.

Scarlet assentiu vagamente, de repente com vontade de encerrar a conversa. Ao bebericar o líquido denso, ocorreu a ela que estava tomando aquilo por um tipo de manipulação, por mais subconsciente que tivesse sido. Não estava interessada naquele homem, não tinha curiosidade nenhuma sobre o que o levava a Paris e nem se voltaria a vê-lo depois daquele momento. Só

precisou provar que conseguia atrair o interesse *dele*, e agora estava irritada por ter conseguido fazer isso tão facilmente.

Era o tipo de coisa que seu pai faria, e esse pensamento fez seu estômago se revirar. Fez com que ela tivesse vontade de jogar o leite achocolatado para longe.

– Está viajando sozinha?

Ela inclinou a cabeça e deu um sorriso como quem pede desculpas.

– Não. Na verdade, preciso voltar para ele. – Ela enfatizou a palavra *ele* mais do que o necessário, mas o homem não reagiu.

– É claro.

Os dois terminaram as bebidas ao mesmo tempo, e Scarlet passou o pulso pelo escâner do bar antes que o estranho pudesse protestar e pagou pelo dela.

– Barman – disse ela, se levantando. – Posso pedir algo para viagem? Um sanduíche, talvez?

O barman apontou com o polegar para as telas embutidas no bar.

– Cardápios.

Scarlet franziu a testa.

– Deixa pra lá, vou pedir alguma coisa da cabine.

O barman não deu sinal de ter ouvido.

– Foi um prazer conhecer você, Ran.

Ele apoiou o cotovelo no balcão e girou o banco na direção dela.

– Talvez nossos caminhos voltem a se cruzar. Em Paris.

Os pelos de sua nuca se eriçaram quando ele apoiou o queixo na palma da mão. Reparou, com uma onda de nojo, que cada uma das unhas tinha sido lixada até formar uma ponta afiada e perfeita.

– Talvez – disse ela, com a voz muito bem-educada.

O alarme instintivo permaneceu disparado por dois vagões inteiros enquanto ela voltava pelo trem, como um aviso vibrando no ar. Tentou afastar a sensação. Eram os nervos pregando peças, a paranoia se apresentando depois do que aconteceu com a avó e

com o pai. Era incrível ela conseguir sustentar uma conversa com todo o pânico que residia sob a superfície da pele.

Ele tinha sido educado. Um cavalheiro. Talvez as unhas bem-feitas fossem moda na cidade.

Quando determinou que nada em Ran merecia uma desconfiança repentina e ardente, ela se lembrou.

Tinha-o visto na plataforma de Toulouse, descendo da escada rolante com calça jeans rasgada e sem bagagem, quando Lobo ficou tão tenso. Quando pareceu que Lobo tinha ouvido alguma coisa ou reconhecido alguém.

Coincidência?

O alto-falante estalou. Scarlet mal ouviu a mensagem em meio ao barulho do corredor, até que as palavras repetidas gradualmente silenciaram a conversa ao redor.

– ... passando por um atraso temporário. Todos os passageiros devem voltar para as cabines particulares imediatamente e ficar fora dos corredores até o próximo aviso. Isto não é um teste. Estamos passando por um atraso temporário...

CAPÍTULO

SCARLET FECHOU A PORTA, ALIVIADA POR LOBO AINDA ESTAR ALI, andando de um lado para outro. Ele se virou para ela.

– Acabei de ouvir o aviso – disse ela. – Você sabe o que está acontecendo?

– Não. Estava me perguntando se você sabia.

Ela enlaçou os dedos em volta de seu tablet, dentro do bolso.

– Algum tipo de atraso. Mas me parece estranho esvaziar os corredores.

Ele não respondeu. Sua expressão de desprezo tornou-se de fúria, quase de ira.

– Você está fedendo...

Como ele não continuou, uma risada ofendida saiu pelos lábios dela.

– *Eu estou fedendo?*

Lobo balançou a cabeça, desajeitado, fazendo o cabelo voar na testa franzida.

– Não é isso. Com quem você conversou lá fora?

Ela franziu a testa e se encostou na porta. Se Ran estava usando perfume, era leve demais para ela sentir.

– Por quê? – respondeu, irritada tanto pela acusação como pela inesperada pontada de culpa. – É da sua conta, por acaso?

Ele trincou os dentes.

– Não, não foi isso que eu... – Ele fez uma pausa, olhando para além dela.

Uma batida na porta deu-lhe um tal susto que Scarlet se afastou da parede. Virou e abriu a porta.

Um androide entrou na cabine, com um escâner na extremidade do braço fino.

– Estamos fazendo uma verificação de identidade para a

segurança de todos os passageiros. Por favor, mostrem suas identificações para verificação.

Scarlet levantou a mão por instinto. Não pensou em questionar a ordem até uma luz vermelha passar por sua pele, apitar e o androide virar para Lobo.

– O que está acontecendo? – exclamou. – Nossas passagens foram escaneadas quando embarcamos.

Outro bipe.

– Vocês não devem sair desta cabine até novas instruções serem dadas.

– Você não respondeu a minha pergunta – disse Scarlet.

Um painel se abriu no tronco do androide e um terceiro membro surgiu de lá, com uma seringa fina na ponta.

– Agora preciso executar um exame obrigatório de sangue. Estique o braço direito.

Scarlet olhou para a agulha reluzente.

– Estão fazendo exames de sangue? Isso é ridículo. Só estamos indo para Paris.

– Estique o braço direito – repetiu o androide –, senão vou ser obrigado a denunciá-la por não cumprir com os regulamentos de segurança dos trens de levitação magnética. Suas passagens serão consideradas inválidas e vocês serão retirados do trem na próxima estação.

Scarlet se enfureceu e olhou para Lobo, mas ele só tinha olhos para a seringa. Por um momento, Scarlet pensou que ele fosse destruir o sensor do robô, mas esticou o braço com relutância. A expressão de Lobo ficou distante quando a agulha perfurou sua pele.

Assim que o androide retirou uma amostra de sangue e recolheu o membro extra, Lobo recuou e dobrou o braço junto ao peito.

Tem medo de agulha? Scarlet apertou os olhos para observá-lo enquanto segurava o cotovelo e o androide surgia com outra seringa. Ela pensou que não devia doer mais do que a tatuagem.

Com uma expressão irritada, ela viu a seringa ser enchida com seu sangue.

– O que exatamente vocês estão procurando? – perguntou ela quando o androide terminou e as seringas desapareceram dentro do corpo dele.

– Iniciando avaliação do sangue – disse o androide, emitindo em seguida uma série de zumbidos e bipes. Lobo tinha acabado de baixar os braços para as laterais do corpo quando o androide declarou: – Avaliação completa. Por favor, fechem a porta e permaneçam nesta cabine até receberem novas instruções.

– Você já disse isso – falou Scarlet para o androide, que já tinha virado de costas e estava seguindo para o corredor.

Ela apertou o ponto de perfuração com o polegar e fechou a porta com o pé.

– O que foi isso? Estou considerando mandar uma mensagem para o serviço de atendimento ao cliente dos trens de levitação magnética e fazer uma reclamação.

Ao virar, viu Lobo já na janela. Seus passos tinham sido completamente silenciosos.

– Estamos desacelerando.

Um momento silencioso e agonizante se passou até Scarlet também sentir isso.

Pela janela, via-se uma cobertura densa de floresta bloqueando o sol do meio-dia. Não havia estradas nem prédios. Eles não estavam parando em uma estação.

Ela abriu a boca, mas a expressão de Lobo interrompeu sua pergunta antes que ela pudesse se formar.

– Está ouvindo isso?

Scarlet abriu o zíper do moletom para deixar o ar entrar e prestou atenção. O zumbido dos ímãs. O assobio de ar passando por uma janela aberta na cabine ao lado. O movimento de bagagem.

Um choro agudo. Tão distante que parecia um pesadelo desaparecendo.

Um arrepio gelado passou por seus braços.

– O que está acontecendo lá fora?

O alto-falante da parede estalou.

– Passageiros, quem fala é o condutor. Houve uma emergência médica no trem. Teremos um atraso enquanto aguardamos as autoridades médicas. Pedimos que todos os passageiros permaneçam em suas cabines particulares e obedeçam a qualquer pedido dos andróides tripulantes. Agradecemos pela paciência.

O alto-falante caiu em silêncio, e Scarlet e Lobo se entreolharam.

A garganta de Scarlet se apertou.

Exame de sangue. Choro. Atraso.

– A peste.

Lobo não disse nada.

– Vão isolar o trem todo – disse ela. – Vamos ficar de quarentena.

No corredor, portas batiam, pessoas gritavam perguntas e especulações e ignoravam o pedido do condutor para ficarem em suas cabines. O andróide devia ter seguido para o vagão seguinte.

Scarlet ouviu as palavras *epidemia de letumose* sussurradas, ditas como uma pergunta, um medo.

– Não. – Ela cuspiu a palavra como o disparo de uma bala. – Eles não podem nos manter aqui. Minha avó...! – Sua voz tremeu, com uma onda de pânico a envolvendo completamente.

Alguém no corredor bateu erráticamente em uma porta. O choro distante ficou mais alto.

– Pegue suas coisas – disse Lobo.

Os dois se moveram ao mesmo tempo. Ela jogou o tablet na mala enquanto Lobo foi abrir a janela. O chão passava disparado abaixo deles. Para além dos trilhos, uma floresta densa se perdia no escuro.

Scarlet verificou a arma na cintura.

– Vamos pular?

– Vamos. Mas eles podem estar esperando por isso, então temos

que pular antes de o trem ficar devagar demais. Devem estar preparando androides policiais agora mesmo para pegar fugitivos.

Scarlet assentiu.

– Se for letumose, provavelmente já estamos em quarentena.

Lobo colocou a cabeça para fora da janela e olhou para os dois lados.

– Agora é nossa melhor chance.

Ele trouxe a cabeça para dentro e colocou a bolsa no ombro. Scarlet olhou para o chão correndo abaixo, tonta por um momento. Era impossível se concentrar em um ponto com o sol penetrando por entre as árvores.

– Ai. Isso parece perigoso.

– Vamos ficar bem.

Ela olhou para ele, esperando ver, por um momento, aquele louco ensandecido de novo, mas sua expressão estava fria e clínica. Lobo estava concentrado na paisagem que passava em disparada.

– Estão freando – disse. – Vamos parar em pouco tempo. – Mais uma vez, demorou alguns segundos para que Scarlet também sentisse a mudança sutil na velocidade, a forma como estavam desacelerando, rapidamente.

Lobo inclinou a cabeça.

– Suba nas minhas costas.

– Consigo pular sozinha.

– *Scarlet.*

Ela olhou nos olhos dele. A curiosidade jovem de antes tinha sumido e sido substituída por uma firmeza que ela não esperava.

– O quê? Vai ser como pular do celeiro em um monte de feno. Já fiz umas cem vezes.

– Monte de feno? Sinceramente, Scarlet, não vai ser nada assim.

Antes que ela pudesse argumentar, antes que pudesse firmar a postura de desafio, ele se inclinou e a tomou nos braços.

Ela levou um susto e teve tempo apenas para abrir a boca, pronta para mandar que a colocasse no chão, mas Lobo já estava na

janela, e o vento fazia os cachos de Scarlet baterem no pescoço.

Lobo pulou. Scarlet soltou um grito e se agarrou a ele, seu estômago dando voltas, e, então, o choque do impacto acertou sua coluna inteira.

Ela enfiou os dedos nos ombros dele. Todos os membros tremendo.

Lobo tinha caído em uma clareira dez passos além dos trilhos. Cambaleou até as árvores e se agachou nas sombras.

– Tudo bem? – perguntou ele.

– Igualzinho – disse ela enquanto recuperava o fôlego – a um monte de feno.

Uma gargalhada reverberou pelo peito dele, chegou a ela, e antes que estivesse pronta, Lobo colocou os pés dela em uma área de musgo úmido. Ela se soltou das mãos, se equilibrou e deu um soco no braço dele.

– Nunca mais faça isso.

Ele pareceu quase satisfeito consigo mesmo e depois inclinou a cabeça na direção da floresta.

– Temos que nos afastar, caso alguém tenha nos visto.

Ela ouviu o trem passando. Sua pulsação estava errática e pesada, e ela seguiu Lobo entre as árvores. Não tinham dado nem dez passos quando a vibração do trem desapareceu, se afastando nos trilhos.

Scarlet tirou o tablet da bolsa e verificou a localização deles.

– Que ótimo. A cidade mais próxima fica trinta quilômetros a leste daqui. É fora do nosso caminho, mas talvez alguém possa nos dar carona até a próxima estação de trem.

– Porque temos uma aparência superconfiável?

Scarlet reparou nas cicatrizes de Lobo, pálidas e espalhadas, e no olho roxo quase bom.

– Qual é sua ideia?

– Devemos seguir os trilhos. Outro trem vai acabar passando.

– E *por acaso* vai nos dar carona?

– Claro.

Desta vez, ela captou a malícia nos olhos dele quando começou a andar em direção aos trilhos. Mas não tinham andado quase nada quando ele parou de repente.

– O quê...?

Lobo virou para ela e colocou uma das mãos com firmeza atrás da cabeça e a outra na boca dela.

Tensa, Scarlet fez um movimento para empurrá-lo, mas alguma coisa a fez parar. Ele estava olhando para a floresta com a testa franzida. Ergueu o nariz e farejou o ar.

Quando teve certeza de que ela não faria ruído nenhum, ele afastou as mãos, como se alguma coisa o tivesse picado. Scarlet cambaleou para trás, surpresa com o gesto repentino.

Os dois ficaram parados em silêncio, Scarlet tentando ouvir o que tinha deixado Lobo tenso. Levou lentamente a mão às costas e tirou a arma da cintura. O clique quando ela soltou a trava ecoou pelas árvores.

Na floresta, um lobo uivou. O grito solitário provocou um arrepio na coluna de Scarlet.

Lobo não pareceu surpreso.

Então, atrás deles, outro uivo, mais distante. E outro ao norte.

O silêncio se espalhou ao redor deles quando os uivos desapareceram no ar.

– Amigos seus? – perguntou Scarlet.

A lucidez voltou à expressão de Lobo e ele analisou-a junto de sua arma. Scarlet achou estranho que ele pudesse se assustar com ela quando os uivos não geraram reação nenhuma.

– Não vão nos incomodar – respondeu por fim, virando e seguindo os trilhos.

Com uma risada debochada, Scarlet saiu atrás dele.

– Ah, não é um alívio? Estamos presos em um território de lobos selvagens, mas como você diz que não vão nos incomodar... – Ela travou a arma de novo e estava enfiando na cintura da calça

quando um gesto de Lobo a fez parar.

– Eles não vão nos incomodar – repetiu ele, quase sorrindo. –
Mas você pode ficar com isso na mão, só por garantia.

CAPÍTULO

– O QUE É ESSE LIXO TODO? – CINDER MORDEU O LÁBIO E SE ESFORÇOU para empurrar uma caixa de plástico que era quase do tamanho dela.

Thorne resmungou ao seu lado.

– Não... é... lixo. – Os tendões do pescoço dele pulsaram quando a caixa bateu na parede do compartimento de carga.

Thorne apoiou os braços em cima da caixa com um gemido, e Cinder despencou encostada na lateral. Os ombros dela doíam, estavam tão duros quanto o metal da sua perna esquerda, e os braços pareciam prestes a cair. Mas, quando se permitiu olhar para o compartimento de carga, uma sensação de orgulho tomou conta dela.

Todas as caixas tinham sido empurradas para as paredes, abrindo caminho do cockpit até o alojamento. As menores e mais leves tinham sido empilhadas, e algumas ficaram como mobília improvisada na frente da tela principal.

Estava quase aconchegante.

O próximo trabalho seria tirar as coisas das caixas (as que valiam a pena), mas isso ficaria para outro dia.

– Não, sério – perguntou, recuperando o fôlego. – O que é isso tudo?

Thorne se sentou ao lado dela e limpou a testa com a manga.

– Não sei – respondeu, olhando para as etiquetas carimbadas na lateral da caixa mais próxima, um código que não representava nada para ele. – Suprimentos. Comida. Acho que tem armas em algumas delas. E sei que tinha umas esculturas de um artista importante da segunda era. Eu ia ganhar uma fortuna com elas, mas fui preso antes de ter uma oportunidade de vender. – Ele suspirou.

Cinder franziu a testa. Certa de que as esculturas eram roubadas,

teve dificuldade em expressar solidariedade.

– Que pena – murmurou ela, batendo com a cabeça na caixa.

Thorne apontou para alguma coisa na parede oposta e seu braço passou por baixo do nariz de Cinder.

– O que é aquilo?

Ela acompanhou o gesto, franziu a testa e, com um gemido mal-humorado, ficou de pé. O canto de uma moldura de metal podia ser visto por trás de uma pilha alta de caixas que eles deixaram encostada na parede.

– Uma porta. – Ela baixou a planta da nave na tela da retina. – A enfermaria?

Uma lembrança surgiu no rosto de Thorne.

– Ah, claro. Esta nave tem isso.

Cinder apoiou os punhos nos quadris.

– Você escondeu *a enfermaria*?

Thorne se empertigou.

– Nunca precisei dela.

– Você não acha que poderia ser bom ter acesso a ela, só por garantia?

Thorne deu de ombros.

– Vamos ver.

Revirando os olhos, Cinder esticou a mão para a caixa mais alta e a empurrou para o chão, já atrapalhando o caminho recém-liberado.

– Como podemos ter certeza de que nada nessas caixas pode ser rastreado?

– O que você pensa que sou, amador? Nada entrou nesta nave sem ser cuidadosamente inspecionado. Senão a República a teria recuperado tempos atrás, em vez de tê-la deixado no depósito.

– Pode não haver nada rastreável – disse Iko, dando um susto em Cinder e Thorne. Ainda não estavam acostumados com a companhia invisível e onipresente. – Mas ainda podemos ser detectados por radar. Estou fazendo tudo para nos manter longe de

satélites e naves, mas está surpreendentemente cheio aqui em cima.

Thorne desenrolou as mangas.

– E é quase impossível entrar na atmosfera da Terra sem ser detectado. Foi assim que me pegaram da última vez.

– Pensei que houvesse um jeito – disse Cinder. – Tenho certeza de que ouvi falar uma vez sobre como as pessoas podem entrar sorrateiramente na atmosfera da Terra, sem serem percebidas. Onde ouvi isso?

– É novidade para mim. Sou bom em jogar minha lábia nos hangares públicos, mas não sei se vai dar certo com uma presidiária fugitiva de tanto destaque.

Cinder tirou do bolso um elástico que tinha encontrado na cozinha e fez rabo de cavalo. Seu cérebro escaneou sua memória e ela lembrou: o dr. Erland tinha dito a ela que havia mais lunares na Terra do que as pessoas desconfiavam e que eles tinham um jeito de entrar no planeta sem o governo perceber.

– Lunares sabem disfarçar as naves.

– Hã?

Ela saiu do transe e piscou para Thorne.

– Lunares conseguem disfarçar suas naves. Para impedir que os radares da Terra os vejam. É assim que tantos conseguem entrar, quando conseguem sair de Luna.

– Isso é apavorante – disse Iko, que reconheceu a verdade sobre a raça de Cinder da mesma forma que reconhecia o status de condenado de Thorne: com lealdade e aceitação, mas sem mudar a opinião de que lunares e presidiários não eram confiáveis e eram irremediáveis em geral.

Cinder ainda não tinha descoberto como contar a ela que, por acaso, também era a desaparecida princesa Selene.

– Eu sei – disse Cinder –, mas seria incrivelmente conveniente se eu soubesse como fazem.

– Você acha que tem a ver – Thorne girou o pulso na direção

dela – com aquela coisa mágica lunar maluca?

– Bioeletricidade – disse ela, citando o dr. Erland. – Chamar de magia só dá poder a eles.

– Tanto faz.

– Não sei. Pode ser alguma tecnologia especial que instalam nas naves.

– Torcendo para que seja magia, será que você não deveria começar a treinar?

Cinder mordeu a parte interior da bochecha. Começar a treinar *o quê?*

– Acho que posso tentar. – Ela desviou a atenção para a caixa, puxou a tampa e deu de cara com um monte de pedaços de isopor. Enfiou a mão de metal lá dentro e tirou uma boneca magrela de madeira enfeitada com penas e com seis olhos pintados. – O que é *isso?*

– Boneca venezuelana dos sonhos.

– É horrenda.

– Vale uns doze mil univs.

Com o coração disparado, ela colocou a boneca de volta na embalagem.

– Você não acha que pode haver alguma coisa útil em uma dessas? Como, sei lá, uma bateria carregada?

– Duvido – disse Thorne. – Quanto tempo mais a nossa vai aguentar?

Iko respondeu:

– Aproximadamente 37 horas.

Thorne ergueu o polegar para Cinder.

– Tempo suficiente pra aprender um novo truque lunar, certo?

Cinder fechou a tampa da caixa e a empurrou de volta para perto das outras, tentando não demonstrar pânico por ter que usar o novo dom para *qualquer coisa*, ainda mais algo tão grande quanto disfarçar uma nave de carga.

– Enquanto isso, vou fazer um pouco de pesquisa para tentar

escolher o melhor lugar para pousarmos. Não na Comunidade das Nações Orientais, obviamente. Ouvi falar que Fiji é muito agradável nessa época do ano.

– Ou Los Angeles! – Iko cantarolou. – Lá tem um outlet enorme para andróides-acompanhantes. Eu não me importaria de ter um corpo de andróide-acompanhante. Alguns dos novos modelos têm cabelo de fibra ótica que muda de cor.

Cinder se sentou no chão de novo e coçou o pulso, uma mania que estava ficando estranha, agora que não usava mais luvas.

– Não vamos pousar com uma nave americana roubada na República da América – disse, fixando a atenção na tela onde pairava no canto a foto de prisão dela. Estava tão cansada daquela foto.

– Você tem alguma sugestão? – perguntou Thorne.

África.

Ela se ouviu dizendo isso, mas nada saiu.

Era para onde tinha que ir. Para se encontrar com o dr. Erland, para que ele pudesse lhe dizer o que fazer depois. Ele tinha planos. Planos de torná-la uma heroína, uma salvadora, uma princesa. Planos de destronar Levana e declarar Cinder a verdadeira rainha.

A mão direita dela começou a tremer. O dr. Erland tinha elaborado o recrutamento de ciborgues e tinha tratado dezenas, talvez centenas de ciborgues como chamarizes, tudo para *encontrá-la*. E então, quando a encontrou, manteve o segredo de sua identidade até não ter mais escolha, o tempo todo planejando o resto da vida dela. Sua necessidade de vingança virara sua mais alta prioridade.

Mas o que o médico não levou em consideração era que Cinder não tinha qualquer desejo de ser rainha. Não queria ser princesa nem herdeira de nada. Durante toda a vida, pelo menos a vida da qual ela conseguia se lembrar, tudo o que quis foi liberdade. E agora, pela primeira vez, havia conseguido, por mais tênue que fosse. Não havia ninguém dizendo a ela o que fazer. Ninguém para julgar nem

criticar.

Mas, se fosse até o dr. Erland, ela perderia isso tudo. Ele esperaria que ela tomasse sua posição de rainha de Luna, e, aos olhos dela, isso parecia a pior algema de todas.

Cinder segurou a mão trêmula com a mão ciborgue, mais firme. Estava cansada de todo mundo decidir o que ela devia fazer com sua vida. Estava pronta para descobrir quem era de verdade, não o que as outras pessoas mandavam que fosse.

– Hã... Cinder?

– Europa. – Ela pressionou as costas na caixa, se forçando a sentar ereta, a fingir certeza. – Vamos pra Europa.

Um breve silêncio.

– Algum motivo especial?

Ela olhou nos olhos dele e pensou por um momento antes de escolher as palavras.

– Você acredita na herdeira lunar?

Thorne apoiou o queixo nas palmas das duas mãos.

– É claro.

– Não, o que quero dizer é se você acredita que ela ainda está viva.

Ele olhou para ela como se ela estivesse fazendo gracinha.

– É, você se expressou de forma tão vaga antes. Sim, é claro que acho que ela está viva.

Cinder recuou.

– Acha?

– Claro. Sei que algumas pessoas pensam que são teorias da conspiração, mas ouvi que a rainha Levana ficou paranoica durante meses depois daquele incêndio, quando deveria estar eufórica porque finalmente tinha virado rainha, certo? Parecia que ela sabia que a princesa tinha fugido.

– É, mas... podiam ser só histórias – disse Cinder, sem saber por que estava tentando dissuadi-lo. Talvez porque ela mesma nunca tivesse acreditado, até saber a verdade.

Ele deu de ombros.

– O que isso tem a ver com a Europa?

Cinder virou de frente para ele e cruzou as pernas.

– Tem uma mulher que mora lá, ou pelo menos morava. Era militar. O nome dela é Michelle Benoit, e acho que pode estar ligada à princesa desaparecida. – Ela inspirou lentamente, torcendo para não ter dito nada que pudesse revelar seu segredo.

– Quando você ouviu isso?

– Um androide me contou. Um androide real.

– Ah! O androide de Kai? – disse Iko, mudando com euforia a tela para uma das páginas de fãs de Kai.

Cinder suspirou.

– Sim, o androide de *Sua Majestade*.

Sem que ela soubesse na época, seu cérebro ciborgue tinha gravado todas as palavras que o androide, Nainsi, falou, como se soubesse que um dia essas informações lhe seriam úteis.

De acordo com a pesquisa de Nainsi, um médico lunar chamado Logan Tanner tinha levado Cinder para a Terra quando ainda era criança, depois que a tentativa de assassinato de Levana falhou. Ele acabou sendo internado em um hospital psiquiátrico e cometeu suicídio, mas não sem antes entregá-la a outra pessoa. Nainsi achava que essa pessoa era um ex-piloto militar da Federação Europeia.

A tenente-coronel Michelle Benoit.

– Um androide real – disse Thorne, dando o primeiro sinal de especulação. – E como ele obteve essa informação?

– Não faça a menor ideia. Mas quero encontrar essa Michelle Benoit e ver se o androide estava certo.

Tinha esperanças de que Michelle Benoit tivesse algumas das respostas que o dr. Erland não pôde lhe dar. Talvez pudesse contar a Cinder sobre sua história, sobre os onze longos anos perdidos em sua memória, sobre a cirurgia e os cirurgões, e a invenção de Linh Garan que impediu que Cinder usasse seu dom até o dr. Erland

libertá-lo.

Talvez ela tivesse outras ideias sobre o que Cinder devia fazer em seguida. Outras escolhas do que fazer com o resto de sua vida.

– Eu topo.

Ela levou um susto.

– Topa?

– Claro. É o maior mistério não resolvido da terceira era. Deve ter alguém por aí oferecendo uma recompensa para quem encontrar essa princesa, certo?

– É, a rainha Levana.

Thorne se inclinou na direção dela e a cutucou com o cotovelo.

– Nesse caso, já temos uma coisa em comum com a princesa, não é mesmo? – Ele piscou, o que deixou os nervos de Cinder em alerta. – Só espero que ela seja bonita.

– Você poderia ao menos tentar se concentrar nas coisas importantes?

– Isso é importante. – Thorne se levantou com um resmungo, ainda dolorido de todo o trabalho que tiveram com a reorganização. – Está com fome? Acho que tem uma lata de feijão por aí com o meu nome nela.

– Não, estou bem. Obrigada.

Quando ele saiu, Cinder se sentou em cima da caixa mais próxima e relaxou os ombros. A notícia ainda estava sendo transmitida na tela, sem som. Uma legenda dizia: *A busca pela fugitiva lunar Linh Cinder e o traidor da coroa Dmitri Erland continua.*

Sua garganta se apertou. Traidor da coroa?

Não deveria ter ficado surpresa. Afinal, quanto tempo achava que demorariam para descobrir quem a ajudou a fugir?

Cinder se deitou de costas, com as pernas penduradas na beirada da caixa, e olhou para o labirinto de canos e fios que lotavam o teto da nave. Será que cometeria um erro ao ir para a Europa? Era um impulso ao qual ela não conseguiria resistir. Não só por causa do que Nainsi dissera, mas por suas próprias lembranças,

confusas. Sempre soubera que tinha sido adotada na Europa e tinha uma vaga lembrança disso. Apenas memórias meio estranhas que sempre pensou serem parcialmente sonhos. Um celeiro. Um campo coberto de neve. Um céu cinza que nunca acabava. E uma longa viagem de trem levando-a para Nova Pequim e para sua nova família.

Agora se sentia compelida a ir até lá. Para descobrir onde tinha estado durante todos esses anos perdidos e quem tinha cuidado dela, quem mais conhecia seu maior segredo.

Mas e se ela estivesse apenas evitando o inevitável? E se ir a Europa fosse só uma distração que a impediria de ir até o dr. Erland e aceitar seu destino? Pelo menos o médico podia ensiná-la a ser lunar. A se proteger da rainha Levana.

Ela nem sabia usar o glamour. Ao menos, não da maneira certa.

Apertou os lábios e levou a mão ciborgue até o rosto. A cobertura de metal brilhava quase como um espelho sob as luzes fracas da nave. Era tão impecável, tão bem-feita, que não parecia a mão *dela*. Ainda não.

Inclinando a cabeça, Cinder levantou a outra mão, a humana, posicionou-a ao lado da ciborgue e tentou imaginar como seria ser completamente humana. Com dois membros feitos de pele e tecido e ossos. Com sangue correndo levemente em veias azuis por baixo da superfície. Com dez unhas.

Uma corrente elétrica desceu pelos nervos, e a mão ciborgue começou a se modificar na frente de seus olhos. Pequenas rugas apareceram nos nós dos dedos. Tendões se esticaram por baixo da pele. As extremidades se arredondaram. Aqueceram. Viraram carne.

Ela estava olhando para duas mãos, duas mãos humanas. Pequenas e delicadas com dedos perfeitamente esculpidos e unhas arredondadas. Flexionou os dedos da mão esquerda, formou um punho e os esticou de novo.

Uma risada quase eufórica saiu de seus lábios. Ela estava

conseguindo. Estava usando o glamour.

Não precisaria mais de luvas. Poderia convencer todo mundo de que *aquilo* era real.

Ninguém jamais saberia que ela era ciborgue.

Uma ideia simples, repentina e avassaladora.

E então, rápido demais, uma luz laranja piscou no canto de seus olhos, o cérebro avisando que o que ela estava vendo era mentira. Que não era real, nunca seria real.

Ela se sentiu um pouco sem ar e fechou bem os olhos antes que o escâner de retina pudesse começar a captar todas as pequenas imprecisões e falsidades, como tinha feito com o glamour de Levana quando Cinder começou a ver através dele. Estava irritada consigo mesma, enojada pela facilidade com que seu desejo tinha se realizado.

Era assim que Levana fazia. Ela controlava as pessoas enganando seus olhos e seus corações. Governava pelo medo, sim, mas também pela adoração. Era fácil explorar uma pessoa quando ela não percebia que estava sendo explorada.

Não era muito diferente de quando ela usou o glamour com Thorne. Ela dominou a mente dele sem nem tentar, e ele fez de bom grado tudo que ela queria.

Ficou tremendo por um tempo, ouvindo Thorne fazendo barulhos na cozinha e cantarolando.

Se essa era a chance de decidir quem ela era, quem queria ser, então a primeira decisão seria fácil.

Ela jamais seria como a rainha Levana.

CAPÍTULO

OS ÍMÃS DOS TRILHOS FICARAM EM SILÊNCIO, E ELES SÓ OUVIAM os sons dos próprios passos na vegetação, e os gritos dos pássaros migratórios. Apenas uma sugestão de luz penetrava pela cobertura formada pelas árvores, e a floresta tinha cheiro de seiva de árvore e do outono que se aproximava.

O tempo se arrastava, embora o tablet de Scarlet indicasse que nem uma hora havia se passado desde que o trem tinha parado. Scarlet reparou primeiro nos sons que não pertenciam à floresta: rodinhas esmagando terra e cascalho – dezenas de androides circulavam pela área.

Lobo se afastou dos trilhos e caminhou pela vegetação até a segurança do bosque. Scarlet guardou o tablet a fim de poder usar as duas mãos para subir em troncos caídos e tirar galhos e teias de aranha do cabelo. Depois de um tempo, colocou o capuz na cabeça, o que limitava sua visão, mas se sentia mais protegida contra as coisas que roçavam e a cutucavam.

Eles subiram uma encosta pelas raízes de um pinheiro que parecia prestes a cair por cima dos trilhos. Do alto, Scarlet podia ver o brilho do sol reluzindo no teto metálico do trem. De vez em quando, a sombra de um passageiro surgia nas janelas. Scarlet não conseguia imaginar estar entre eles. Sem dúvida todo mundo sabia o que era a “emergência médica” àquela altura. Quanto tempo demoraria para exames serem feitos em todos os passageiros em busca da peste e determinar quem poderia sair? Por quanto tempo eles manteriam pessoas saudáveis em quarentena?

Isto é, se as deixarem sair?

Para impedir fugas, um pequeno exército de androides fiscalizava os arredores do trem, com sensores amarelos piscando em janelas e portas e se dirigindo ocasionalmente para a floresta.

Apesar de achar que não conseguiam vê-la tão acima dos trilhos, ela desceu e tirou o moletom muito lentamente. Lobo a viu tirar os braços das mangas, feliz por ela estar usando por baixo uma camiseta preta, bem melhor para se camuflarem. Ela amarrou o moletom na cintura.

Melhor?, disse ela com movimentos labiais, mas Lobo só afastou o olhar.

– Vão perceber que desaparecemos – sussurrou ele.

O androide mais próximo se virou na direção deles e Scarlet se abaixou, com medo de que até seu cabelo pudesse chamar atenção.

Quando o androide se afastou, Lobo seguiu em frente e levantou um galho de árvore para Scarlet passar por baixo.

Eles seguiram em ritmo lento, agachados para não serem vistos. Parecia que cada passo que Scarlet dava fazia outra criatura ir correndo se esconder (um esquilo, uma pequena andorinha), e ela estava com medo de os andróides conseguirem encontrá-los pela mera perturbação da vida selvagem, mas não houve nenhum alarme de aviso vindo dos trilhos.

Eles só pararam uma vez, quando um raio de luz azul dançou nos troncos acima de suas cabeças. Scarlet imitou Lobo e se deitou no chão, ouvindo o coração disparado, o fluxo de adrenalina nos ouvidos.

Com um susto, sentiu os dedos quentes de Lobo em suas costas. Firmes e tranquilizadores, se mantiveram lá enquanto ela observava a luz do androide passar de um lado para outro pela floresta. Ela arriscou um leve inclinar de cabeça até conseguir ver Lobo ao seu lado, imóvel, com todos os músculos contraídos, exceto os dedos da outra mão, que estavam batendo sem parar em um pedregulho, botando para fora a energia nervosa que não tinha para onde ir.

Ela observou os dedos, meio hipnotizada, e não se deu conta de que a luz tinha se afastado até a pressão do toque de Lobo sumir de

suas costas.

Eles seguiram em frente.

Em pouco tempo, o trem ficou para trás, e o barulho da civilização perdida se abafou pelo barulho de grilos e sapos. Quando Lobo pareceu seguro de que não estavam sendo seguidos, ele os guiou para fora da floresta e de volta aos trilhos.

Apesar da crescente distância entre eles e o trem, nenhum dos dois falou.

Assim que o sol beijou o horizonte, quase ofuscante em um daqueles raros momentos em que podia ser visto por entre as árvores, Lobo parou e virou para trás. Scarlet parou poucos passos à frente e seguiu o olhar dele, mas não viu nada além de arbustos densos e longas sombras sem fim.

Com os ouvidos em alerta, procurando outro uivo, Scarlet não conseguiu ouvir nada além de pios de pássaros e, acima, os gritos dos morcegos.

– Mais lobos? – perguntou ela.

Um longo silêncio, seguido de um aceno positivo curto.

– Mais lobos.

Scarlet prendeu a respiração até quando ele recomeçou a andar. Estavam caminhando havia horas sem sinal de outro trem, de cruzamento de trilhos ou de civilização. Por um lado, era um lugar bonito, com ar fresco, flores selvagens, criaturas que se aproximavam para ver Scarlet e Lobo antes de voltarem correndo para seus abrigos.

Mas, por outro lado, seus pés e costas estavam doendo, a barriga estava roncando, e agora Lobo estava dizendo que criaturas da floresta menos amáveis estavam por perto.

Um tremor subiu pelos braços dela. Ela desamarrou o moletom da cintura, vestiu e fechou o zíper até o pescoço. Ao pegar o tablet, ficou desanimada ao ver que só tinham percorrido vinte e oito quilômetros; tinham mais cinquenta a percorrer até chegarem à estação seguinte.

– Tem um cruzamento daqui a oitocentos metros.

– Que bom – disse Lobo. – Os trens que estavam marcados para passar por esses trilhos não vão passar tão cedo. Devemos começar a ver alguns trens depois do cruzamento.

– E quando o trem vier – disse ela –, como você planeja nos colocar nele?

– Da mesma maneira que saímos do último. – disse, abrindo um sorriso malicioso. – Foi como pular de um celeiro, não foi?

Ela olhou com raiva.

– A comparação não funciona tão bem para pular *de volta* para um trem.

A resposta dele foi o mesmo sorriso malicioso, e Scarlet virou o rosto, pensando que talvez não quisesse saber qual era o plano dele, desde que tivesse um. Um arbusto de florescimento tardio tremeu na lateral do caminho, e o coração de Scarlet pulou até uma marta-do-pinheiro-europeia aparecer e depois sumir em meio às árvores.

Ela suspirou, irritada com sua inquietação.

– E então – perguntou a Lobo, virando para trás. – Quem ganharia em uma luta: você ou uma matilha de lobos?

Ele franziu a testa, bem sério.

– Depende – respondeu lentamente, como se estivesse tentando entender o motivo da pergunta. – De que tamanho é a matilha?

– Sei lá, qual é o normal? Seis?

– Eu poderia ganhar de seis – disse ele. – Mais do que isso seria difícil.

Scarlet deu um sorriso debochado.

– Você não corre perigo de baixa autoestima, pelo menos.

– O que quer dizer?

– Nada. – Ela chutou uma pedra no caminho. – E você contra... um leão?

– Um gato? Não me insulte.

Ela riu, um som agudo e surpreendente.

– E um urso?

– Por quê, você viu um aqui?

– Ainda não, mas quero estar preparada caso precise salvar você.

O sorriso pelo qual estava esperando iluminou o rosto dele, mostrando seus dentes brancos.

– Não sei. Nunca precisei lutar contra um urso. – Ele inclinou a cabeça para o leste. – Tem um lago naquela direção, a uns cem metros. Seria bom pegar água.

– Espere.

Lobo fez uma pausa e olhou para ela.

A testa de Scarlet estava franzida quando ela virou para ele.

– Faça isso de novo.

Ele deu meio passo para trás, com os olhos tensos de nervosismo.

– Fazer o quê?

– Sorrir.

A ordem foi recebida com a reação oposta. Lobo se encolheu, com o maxilar tenso como se quisesse garantir que os lábios ficassem fechados.

Scarlet hesitou apenas por um momento antes de esticar a mão para ele. Lobo fez uma careta, mas não se moveu quando ela aninhou o queixo dele na mão e delicadamente abriu os lábios com o polegar. Ele inspirou e encostou a língua na ponta de um dente da direita.

Mas eles não eram normais. Eram quase como presas, com caninos afiados e longos.

Ela se deu conta, tarde demais, de que pareciam dentes de lobo.

Lobo afastou o rosto e trincou os dentes de novo. Seu corpo todo permaneceu tenso, desconfortável. Ela o viu engolir em seco.

– Implantes?

Ele coçou a nuca, incapaz de olhar para ela.

– Aquela Ordem da Matilha leva essa coisa de lobo a sério mesmo, não é? – Ao ver que suas mãos ainda estavam no ar, com os dedos perigosamente próximos de virar o rosto de Lobo de volta,

ela as baixou e enfiou nos bolsos da frente. De repente seu coração estava disparado. – Tem mais alguma coisa estranha da qual eu deva saber? Uma cauda, talvez?

Ele finalmente olhou para ela, corado por se sentir insultado até ver que ela estava sorrindo.

– Estou brincando – disse, dando um sorriso de desculpas. – São só dentes. Pelo menos, não estão implantados na sua cabeça, como aquele cara da luta.

Demorou um pouco, mas logo seu constrangimento começou a sumir e a expressão de raiva se suavizou. Os lábios se curvaram de novo, mas não era outro sorriso verdadeiro.

Ela cutucou o pé dele com o dela.

– Tudo bem, aceito esse sorriso por enquanto. Você disse que ouviu um rio aqui perto?

Parecendo agradecido por mudar de assunto, Lobo se afastou dela.

– Um lago – respondeu. – Estou sentindo o cheiro.

Scarlet apertou os olhos na direção que ele apontou, mas não viu nada além de árvores, as mesmas árvores.

– É claro que está – disse ela, seguindo-o em meio à vegetação baixa.

E ele estava certo, embora fosse um laguinho bem pequeno, mantido fresco por um riacho que chegava de um lado e seguia pelo outro. A margem mudava de grama para pedras antes de desaparecer sob a superfície, e os galhos de um amontoado de faias pendiam até perto da água.

Scarlet puxou as mangas, jogou água no rosto e tomou muitos goles. Não tinha percebido o quanto estava com sede até ver que não conseguia parar de beber. Lobo se ocupou molhando as mãos e passando os dedos molhados pelo cabelo, deixando-o de pé para todos os lados, como se tivesse ficado arrumadinho demais durante a caminhada.

Refrescada, Scarlet ficou de cócoras e olhou para Lobo.

– Não acredito.

Ele olhou nos olhos dela.

– Suas mãos não estão agitadas – continuou, indicando a palma da mão apoiada no joelho, que imediatamente se flexionou e formou um punho desconfortável sob o escrutínio dela. – Talvez a floresta esteja tendo um bom efeito em você.

Lobo pareceu pensar nisso, com as sobrancelhas franzidas enquanto enchia a garrafa de água e a guardava na bolsa.

– Pode ser – disse ele. – Ainda temos comida?

– Não. Eu não sabia que precisaríamos de suprimentos. – Scarlet riu. – Agora que você falou, aqui estou eu achando que o ar fresco deve estar fazendo milagres, quando na verdade você deve estar com hipoglicemia. Vamos, talvez a gente encontre frutas selvagens ou alguma coisa parecida.

Ela ficou de pé, mas ouviu um grasnido do outro lado do lago. Seis patos estavam entrando na água, nadando e mergulhando a cabeça na superfície.

Scarlet mordeu o lábio.

– Ou... você acha que consegue pegar um desses?

Ao ver os patos, um sorriso ousado se abriu em seu rosto.

Ele fez parecer fácil, se aproximando dos pássaros desatentos como um verdadeiro predador. Mas, se Scarlet estava impressionada, e talvez estivesse, não era nada comparado ao espanto dele ao vê-la depenar uma ave como uma especialista, fazendo buracos na pele para permitir que a camada externa de gordura escorresse enquanto assava.

A parte mais difícil foi acender o fogo, mas com uma busca rápida no tablet e o uso inteligente da pólvora de uma das balas da arma, Scarlet ficou logo hipnotizada pela fumaça cinza de uma pequena fogueira subindo para a copa das árvores.

A atenção de Lobo estava voltada para a floresta enquanto esticava as longas pernas à frente do corpo.

– Há quanto tempo você mora na fazenda? – perguntou,

afundando o calcanhar na terra.

Scarlet apoiou os cotovelos nos joelhos e olhou com impaciência para o pato.

– Desde que eu tinha sete anos.

– Por que você foi embora de Paris?

Ela olhou para Lobo, mas a atenção dele estava voltada para a água tranquila.

– Eu estava infeliz lá. Depois que minha mãe foi embora, meu pai preferia passar o tempo no bar, e não comigo. Então fui morar com grand-mère.

– E você era mais feliz lá?

Ela deu de ombros.

– Demorei para me acostumar. Deixei de ser uma criança mimada da cidade e passei a acordar ao amanhecer e cumprir tarefas. Tive meus momentos de rebeldia. Mas não era a mesma coisa... Quando morava com meu pai, eu tinha ataques de birra, quebrava coisas, inventava histórias e fazia qualquer coisa para chamar a atenção dele. Para fazer com que ele *se importasse*. Mas nunca fiz nada disso com grand-mère. Nós nos sentávamos no jardim nas noites quentes e conversávamos, e ela ouvia o que eu tinha a dizer. Tratava minhas opiniões como se fossem válidas, como se eu tivesse algo importante a dizer. – Seus olhos embaçaram quando repousaram sobre as cinzas abaixo das chamas. – Metade do tempo, acabávamos brigando, porque nós duas temos opiniões fortes e somos teimosas demais para admitir que estamos erradas sobre alguma coisa, mas sempre chegávamos a um ponto, todas as vezes, em que uma de nós gritava tão alto ou quase saía de cara amarrada batendo a porta, e aí de repente minha avó começava a rir. E é claro que eu começava a rir também. Ela dizia que eu era igual a ela. – Scarlet engoliu em seco e abraçou os joelhos. – Dizia que eu ia acabar tendo uma vida difícil, porque era igualzinha a ela. – Scarlet passou as palmas das mãos pelos olhos, secando as lágrimas antes que escorressem.

Lobo esperou que a respiração dela ficasse regular e perguntou:
– Sempre foram só vocês duas?

Ela assentiu, e quando teve certeza de que não haveria mais lágrimas, afastou as mãos. Fungou e esticou a mão para virar a ave, que já estava ficando no ponto.

– É, só nós duas. Grand-mère nunca se casou. Quem quer que tenha sido meu avô, já tinha sido jogado pra escanteio muito tempo antes. Ela nunca falou sobre ele.

– E você não tem irmãos? Nem... irmãos adotivos? Dependentes?

– Dependentes? – Scarlet passou a manga pelo nariz e olhou para ele. – Não, só eu. – Ela colocou um galho a mais na fogueira. – E você? Tem irmãos?

Lobo fechou os dedos sobre as pedras.

– Um. Um irmão mais novo.

Scarlet mal conseguiu ouvir acima do estalo das chamas. Mas sentiu o peso dessas quatro palavras. *Um irmão mais novo*. A expressão de Lobo não demonstrava afeição nem frieza. Parecia uma pessoa que seria protetora com um irmão mais novo, mas sua expressão endureceu.

– Onde ele está agora? – perguntou ela. – Ainda mora com seus pais?

Lobo se inclinou para a frente e ajeitou a asa do pato mais próxima dele.

– Não. Nenhum de nós fala com nossos pais há muito tempo.

Scarlet olhou para a ave.

– Não se dar bem com os pais. Acho que é uma coisa que temos em comum, então.

Lobo segurou a coxa do pato, e foi só quando uma fagulha voou para cima dele, que ele recolheu o braço.

– Eu amava meus pais – disse ele com um carinho que havia faltado quando falou do irmão.

– Ah – disse ela sem jeito. – Eles morreram?

Ela fez uma careta por causa do jeito rude de falar, desejando

apenas uma vez saber quando segurar a língua. Mas Lobo pareceu mais resignado do que magoado quando mexeu nas pedras ao lado.

– Não sei. Virar integrante da matilha envolve regras. Uma delas é cortar laços com todas as pessoas do seu passado, inclusive a família. Principalmente a família.

Ela balançou a cabeça, confusa.

– Mas, se você tinha um lar bom, por que foi se juntar à matilha?

– Não tive escolha. – Ele coçou atrás da orelha. – Meu irmão também não teve quando foram buscá-lo alguns anos depois, mas isso nunca pareceu incomodá-lo como me incomodou... – Ele parou de falar e jogou uma pedra na água. – É complicado. E não importa mais.

Ela franziu a testa. Era inconcebível que uma pessoa pudesse escolher esse estilo de vida, deixar para trás lar e família para se juntar a uma gangue violenta. Mas, antes que pudesse insistir, a atenção de Lobo se dirigiu para os trilhos de trem e ele deu um pulo.

Scarlet virou e seu coração foi até a garganta.

O homem do vagão-restaurante saiu das sombras, silencioso como um gato. Ainda estava sorrindo, mas não era nada como aquele sorriso provocativo e paquerador que ela tinha visto.

Ela demorou para se lembrar do nome dele. *Ran*.

Inclinando a cabeça para trás, Ran farejou o ar com desejo.

– Ótimo – disse ele. – Parece que cheguei na hora do jantar.

CAPÍTULO

– **DESCULPEM A INTERRUPÇÃO – DISSE RAN, AINDA SOB A PROTEÇÃO** da floresta.

– O aroma estava delicioso demais para deixar passar. – Olhava para Lobo quando falou isso, e o brilho por trás de seus olhos fez Scarlet encolher os dedos dos pés. Ela segurou o cabo da arma e puxou até o quadril.

– Claro – disse Lobo depois de um longo silêncio, com a voz grave tensa. – Temos bastante.

– Obrigado, amigo.

O homem contornou a fogueira e passou tão perto de Scarlet que ela precisou se encolher para impedir que o cotovelo encostasse na perna dele. Os pelos de seus braços se arrepiaram.

Ran se sentou do outro lado da fogueira, em frente a ela, relaxado como se a margem fosse sua praia particular. Depois de um momento, Lobo se sentou entre eles. Nada relaxado.

– Lobo, este é Ran – disse Scarlet, corando de constrangimento. – Eu o conheci no trem.

Desejando poder reestruturar suas emoções até virarem indiferença, ela ocupou as mãos virando pedaços de pato. Lobo chegou mais perto dela, se mantendo como obstáculo entre ela e o outro, mesmo que seu rosto ficasse vermelho por estar tão perto das chamas.

– Tivemos uma ótima conversa no vagão-restaurante – disse Ran. – Sobre... o que mesmo? Virtuosos aspirantes a lupinos?

Scarlet olhou para ele com ódio.

– Um tópico que nunca deixa de me fascinar – continuou, com o tom firme enquanto arrancava asas e coxas do pato. – Estas partes estão prontas.

Ela pegou uma coxa e entregou a outra para Lobo. Ran não reclamou das duas asas ossudas, e Scarlet fez uma careta quando

ele arrancou um pedaço da primeira e a cartilagem estalou alto nas juntas.

– *Bon appétit* – disse Ran, puxando a carne com as estranhas unhas afiadas, com os sumos escorrendo pelos braços.

Scarlet mordiscou a carne enquanto os outros dois atacavam seus pedaços como animais, olhando um para o outro com cautela. Ela se inclinou para a frente.

– E então, Ran. Como escapou do trem?

Ran jogou os ossos limpos de uma asa no lago.

– Posso lhe fazer a mesma pergunta.

Ela fingiu que o coração não estava batendo erráticamente.

– Nós pulamos.

– Arriscado – disse Ran com um sorrisinho.

Lobo se enfureceu. O relaxamento que tinha deixado suas feições graciosas antes tinha sumido e sido substituído pelo temperamento efervescente que Scarlet tinha visto na luta. Os dedos agitados, os pés em movimento.

– Ainda estamos muito longe de Paris – disse Ran, ignorando a pergunta de Scarlet. – Que situação infeliz. Para a vítima da peste, é claro.

Scarlet ajeitou a carne do peito.

– É horrível. Estou grata por Lobo estar comigo, senão eu provavelmente ainda estaria presa lá.

– Lobo – disse Ran, pronunciando a palavra lentamente. – Que nome incomum. Foram seus pais que escolheram?

– Importa? – indagou Lobo, jogando o osso longe.

– Só estou puxando conversa.

– Prefiro o silêncio – rosnou Lobo.

Depois de um momento no qual a desconfiança ficou palpável entre eles, Ran fingiu ofegar.

– Me desculpem – disse ele, arrancando o último pedaço de carne dos ossos. – Estou atrapalhando a lua de mel de vocês? Que homem de sorte você é. – Com uma expressão provocativa,

colocou a carne na boca.

Lobo enfiou os dedos na areia.

Scarlet forçou os olhos para observar o homem em meio à fumaça e ao calor e se inclinou para a frente.

– É impressão minha ou vocês se *conhecem*?

Nenhum dos dois negou. O olhar de Lobo estava fixado em Ran, quase a ponto de atacá-lo.

Uma desconfiança surgiu nos pensamentos de Scarlet e ela pegou a arma.

– Puxe sua manga.

– Perdão? – disse Ran, lambendo os sumos que escorriam pelo pulso.

Ela ficou de pé e apontou a arma para ele.

– Agora.

Ele hesitou apenas por um momento. Com expressão indecifrável, ele esticou a mão até o punho esquerdo e puxou a manga até o cotovelo. SLOM1126 estava tatuado no músculo do antebraço.

A raiva ferveu dentro de Scarlet, tão quente quanto o carvão na fogueira.

– Por que não me contou que ele era um deles? – sibilou ela, sem tirar o foco da arma e da tatuagem.

Pela primeira vez, Ran ficou tenso.

– Eu estava esperando determinar por que ele está aqui e por que a abordou no trem, mas sem querer alarmar você – respondeu Lobo. – Scarlet, este é Ran Kesley, um Soldado Leal da Ordem da Matilha. Não se preocupe, ele é só um ômega.

Ran franziu o nariz ao ouvir o que Scarlet percebeu ser um insulto baixo.

Ela dividiu a atenção entre os dois.

– Você conseguiu sentir o *cheiro* dele em mim – disse ela. – Quando voltei à cabine, você sabia, e sabia que ele estava nos seguindo o tempo todo! Como...? – Ela olhou boquiaberta para Lobo.

Os olhos nada naturais. Os sentidos apurados. Os dentes. Os uivos. O fato de que ele nunca tinha comido tomate antes. – Quem são vocês?

O sofrimento tomou conta do rosto de Lobo, mas foi Ran quem falou.

– O que exatamente contou a ela, irmão?

Lobo ficou de pé, forçando Ran a inclinar a cabeça para trás para continuar encarando-o.

– Ela sabe que não sou mais seu irmão – disse. – E sabe que ninguém com essa marca é de confiança.

Ran sorriu por causa da ironia.

– Isso é tudo?

– Sei que vocês estão com a minha avó! – gritou ela, assustando um bando de andorinhas que estava na árvore mais próxima.

Quando elas se afastaram, a floresta mergulhou de novo em um silêncio denso, as palavras de Scarlet ainda ecoando. Com a mão começando a tremer, ela a forçou a ficar parada, embora Ran permanecesse acomodado à vontade na margem do lago.

– Vocês estão com a minha avó – disse, mais lentamente. – Não estão?

– Bem. Ela não está aqui *comigo*...

Fagulhas brancas piscaram na visão de Scarlet, e usou de toda a sua força de vontade para não puxar o gatilho e acabar com a arrogância dele.

– Por que está nos seguindo? – perguntou ela, e a ira que pulsava diminuiu até um latejar controlável.

Conseguia vê-lo calculando a resposta. Ran apoiou a palma da mão na margem pedregosa, se levantou e limpou a terra das mãos.

– Fui enviado para buscar meu irmão – respondeu ele, tão casualmente quanto se tivesse sido mandado ao mercado para comprar leite e pão. – Talvez ele não tenha contado a você que nós somos parte de um grupo de elite com uma missão especial. A missão foi cancelada, e Mestre Jael quer que voltemos. *Todos* nós.

O estômago de Scarlet deu um nó ao ver o olhar cheio de significado de Ran, mas a expressão de Lobo se mostrava mais desconfiada e sombria do que nunca.

– Não vou voltar – disse ele. – Jael não me controla mais.

Ran fungou.

– Duvido. E você sabe tão bem quanto qualquer pessoa que não permitimos que irmãos nos abandonem. – Ele puxou a manga por cima da tatuagem. – Mas posso confessar que não senti falta de ter um alfa a menos por perto.

O vento mudou de direção, jogando fagulhas da fogueira no rosto de Scarlet, e ela cambaleou para trás, piscando para afastá-las.

– Você achou mesmo que seria uma boa ideia vir até aqui, sem Jael para proteger você? – perguntou Lobo.

– Não preciso da proteção de Jael.

– Isso é novidade.

Com um rosnado, Ran deu um pulo para a frente, mas Lobo desviou dele e retaliou com um golpe do punho na direção do maxilar do outro. Ran bloqueou o golpe, segurou o punho de Lobo e usou o impulso para girá-lo e passar o braço pelo pescoço dele. Lobo esticou o braço, segurou o ombro de Ran e virou-o de cabeça para baixo. Ran caiu com um gemido e seus pés bateram na água.

Ele se levantou em um piscar de olhos.

A mão de Scarlet vacilou, a arma dançando entre os dois e a pulsação disparada. Ran estava tremendo de ira sufocada, enquanto Lobo parecia feito de pedra, sagaz e calculista.

– Acho mesmo que está na hora de você voltar, irmão – disse Ran por entre dentes.

Lobo balançou a cabeça, com mechas úmidas de cabelo caindo na testa.

– Você nunca foi páreo pra mim.

– Acho que você vai ver que eu melhorei muito, *alfa*.

Lobo riu debochando, e Scarlet sentiu que ele não acreditava

que Ran pudesse ser um oponente à sua altura.

– Foi por isso que você nos seguiu? Viu sua chance de melhorar de posição, de me vencer longe da matilha?

– Já falei por que estou aqui. Jael me mandou atrás de você. A missão foi cancelada. Quando ele descobrir sobre essa sua rebeldia...

Lobo se lançou em cima de Ran e o derrubou no chão. A cabeça de Ran caiu na água, e Scarlet ouviu um estalo terrível quando bateu nas pedras duras debaixo da superfície. Ela gritou, correu na direção deles e enfiou as unhas no braço de Lobo.

– Não, pare! Talvez ele possa nos contar alguma coisa!

Os caninos afiados de Lobo estavam à mostra quando ele levantou o punho e deu um soco no rosto de Ran.

– LOBO! Pare! Minha avó! Ele sabe sobre... *Lobo, solta ele!*

Lobo não parou, e Scarlet deu um tiro de alerta para o alto. O eco se espalhou pela clareira, mas Lobo não se deixou afetar. Os braços de Ran pararam de se debater, escorregaram fracamente pelos antebraços de Lobo e caíram na água.

– Você vai matá-lo! – gritou ela. – Lobo! LOBO!

Quando uma última onda de bolhas surgiu da boca de Ran, Scarlet deu um passo para trás, soltou a respiração e puxou o gatilho de novo.

Lobo sibilou e caiu de lado. Ele colocou a mão no braço esquerdo, onde já havia sangue se espalhando pelo tecido da camisa. Mas o ferimento não era profundo. A bala mal o tinha atingido de raspão.

Ele olhou para Scarlet com surpresa.

– Você acabou de atirar em mim?

– Não tive muita escolha.

Com os ouvidos zumbindo, Scarlet caiu de joelhos e puxou Ran pelos ombros, colocando-o em um ângulo estranho na margem. Ele rolou para o lado, o olho esquerdo já inchando e fechando e o sangue misturado com água pingando do nariz e do maxilar. Com

uma tosse rouca, mais sangue e água saíram pela boca e fizeram uma poça no chão.

Scarlet voltou a respirar e olhou para Lobo. Ele não tinha se mexido, mas sua expressão não era mais de ira maníaca, tinha se transformado em algo parecido com admiração.

– Você me recebeu com uma arma na porta da sua casa – disse ele –, e é bom saber que era sério.

Scarlet olhou para ele com irritação.

– Sinceramente, Lobo. O que você está *pensando*? Ele pode nos contar alguma coisa. Pode ajudar a encontrar minha avó!

O meio sorriso dele diminuiu, e por um momento ele pareceu sentir pena. Dela.

– Ele não vai falar.

– Como você sabe?

– Eu sei.

– Não é uma resposta boa o suficiente!

– Cuidado com a arma.

– O qu...? – Ela baixou o olhar para a margem ao lado, a tempo de ver Ran envolver o cano com os dedos. Ela puxou a arma, arrancando-a das garras de Ran.

Uma risada exausta fez com que mais cuspe sangrento saísse pelos lábios de Ran.

– Vou te matar um dia, irmão. Se Jael não o fizer primeiro.

– Pare de provocá-lo! – gritou Scarlet. Ela ficou de pé longe de Ran, recolocou a trava da arma e a guardou de volta na cintura da calça jeans. – Você não está exatamente em condições de fazer ameaças agora, de qualquer modo.

Ran não disse nada. Os olhos fechados, os lábios entreabertos, uma mancha de sangue na bochecha, e ele respirava devagar e com dificuldade.

Enojada, ela se voltou para Lobo, que afastou a mão do ferimento, o sangue que cobria a palma de sua mão surpreendendo Scarlet. Ele se apoiou no cotovelo e mergulhou a mão na água para

tirar a mancha.

Com um suspiro, ela foi até a bolsa, esquecida, e tirou um pequeno kit de primeiros socorros. Lobo não discutiu quando ela abriu ainda mais o rasgo na manga provocado pela bala e assumiu o trabalho de limpar o ferimento e fazer um curativo. A bala tinha lhe atingido de raspão no bíceps.

– Desculpe ter atirado em você – disse –, mas você ia matá-lo.

– Talvez ainda o faça – disse Lobo, observando as mãos dela.

Ela balançou a cabeça e prendeu o curativo.

– Ele não é seu irmão de verdade, é? É coisa da gangue, não é?

Lobo deu um resmungo, mas não disse nada.

– Lobo?

– Falei que não nos dávamos bem.

Scarlet observou o desprezo louco que tomou conta do rosto de Lobo. Os olhos verdes queimavam ao olhar para o corpo prostrado de Ran atrás dela.

– Que bom.

A ferocidade na sua voz afastou um pouco do ódio, e Lobo voltou a atenção para ela.

– Você deve saber as fraquezas dele. Vai saber a melhor forma de interrogá-lo.

Aquele olhar solidário voltou.

– Somos treinados para suportar interrogatórios. Ele não vai nos ajudar.

– Mas ele já nos deu informações. – Depois de guardar o resto do kit, ela o jogou na bolsa. Errou a mira e o kit caiu no chão. – Ele obviamente sabia de alguma coisa quando perguntei da minha avó. E agora essa missão foi cancelada. Do que isso se trata? Tem alguma coisa a ver com ela?

Lobo balançou a cabeça, mas ela detectou uma nebulosidade nos olhos dele.

– Ele nos contou o que queria que nós, que eu soubesse. Ou acreditasse. Eu não apostaria em nada daquilo.

– Como pode ter tanta certeza?

Ele começou a mexer os dedos: fechar, abrir, fechar.

– Conheço Ran. Ele faria qualquer coisa para melhorar de posição. Ao me seguir e me obrigar a voltar, ou mesmo mostrar provas de que lutou comigo e venceu, esperava conseguir exatamente isso. Quanto à missão da qual eu fazia parte quando fui embora... Eles não cancelariam. Era importante demais.

– E minha avó?

Ele franziu a testa de perturbação.

– Certo. Temos que seguir em frente.

Ele testou a força do braço ferido antes de usá-lo de apoio para ficar de pé. A fogueira tinha se resumido a carvões fumegantes, onde rapidamente pisou para apagá-los, ignorando o peito de pato que tinha encolhido e quase virado um pedaço de carvão.

– Não foi isso que eu quis dizer – disse Scarlet, se mantendo firme. – Não devíamos pelo menos *tentar* interrogá-lo?

– Scarlet, me escute. Ele sabe de alguma coisa que ajudaria? Sim, provavelmente. Mas não vai nos dizer. A não ser que seu plano seja torturá-lo, e mesmo então não tem nada que você possa fazer que o assustaria mais do que o que a matilha vai fazer se ele falar. Já sabemos onde sua avó está. Lidar com ele é perda de tempo.

– E se o levássemos conosco e o oferecêssemos como troca? – sugeriu, observando Lobo rearrumar a bolsa.

Ele riu.

– Troca? Um ômega? – Lobo apontou para Ran. – Ele não vale *nada*. – Embora a raiva pudesse ser percebida sob aquelas palavras, Scarlet estava feliz que a insanidade temporária havia sumido dos olhos dele.

– Ele vai voltar para a matilha – argumentou – e contar que você está comigo.

– Não importa. – Colocando a bolsa no ombro, Lobo lançou um olhar final de raiva para o irmão. – Vamos chegar lá antes dele.

CAPÍTULO

Vinte e Dois

A NOITE CAIU RÁPIDO. A FLORESTA PARECIA SE INCLINAR EM CIMA deles, uma parede sólida de sombras sob a luz fraca da lua minguante. Passaram por um cruzamento e seguiram para o norte, sem falar nada. Ver outro trilho conjugado ao deles deu uma ponta de esperança a Scarlet; pelo menos, agora havia a chance de eles encontrarem outro trem. Mas os trilhos do trem de levitação magnética permaneceram em silêncio. A luz do tablet de Scarlet foi suficiente para eles enxergarem por um tempo, mas ela estava com medo de a bateria acabar e sabia que eles deveriam parar logo.

Lobo não ficava mais olhando para trás a cada minuto, e Scarlet desconfiava de que ele sabia que estavam sendo seguidos o tempo todo.

Ele parou de repente, e o coração de Scarlet deu um salto, pois teve a certeza momentânea de que ele tinha ouvido lobos mais uma vez.

– Aqui. Isso vai funcionar. – Ele olhou para cima, para um tronco caído que unia um lado da beirada dos trilhos à outra. – O que você acha?

Scarlet o seguiu pela vegetação que batia na sua cintura.

– Pensei que estivesse brincando antes. Você realmente acha que consegue pular em um trem em movimento daqui?

Ele assentiu.

– Sem quebrar a perna?

– Sem quebrar nada.

Ele observou o olhar especulativo dela com uma certa arrogância.

Scarlet deu de ombros.

– Qualquer coisa para sair desta floresta.

A plataforma ficava a alguns metros acima, mas ela subiu sem

dificuldades, se agarrando em raízes e pedras presas. Ouviu um sibilar abaixo, virou e viu uma expressão de dor no rosto de Lobo quando ele se ergueu atrás dela. Prendeu a respiração quando ele limpou as mãos, se sentindo culpada.

– Me deixa ver – falou, segurando o antebraço de Lobo, e posicionou o tablet para iluminar o curativo. Não havia vazado sangue ainda. – Sinto muito por ter atirado em você.

– Sente mesmo?

Suas mãos se demoraram no curativo para verificar se estava bem apertado.

– O que isso quer dizer?

– Desconfio de que você atiraria em mim de novo se achasse que isso ajudaria sua avó.

Ela olhou para ele, surpresa ao perceber o quanto estavam próximos.

– É verdade – disse. – Mas isso não quer dizer que eu não sentiria muito depois.

– Só estou feliz de você não ter aceitado meu conselho de atirar na cabeça – disse ele, mostrando os dentes na luz do tablet. Quando seus dedos roçaram o bolso do moletom dela, Scarlet deu um pulo.

Mas logo os dedos se afastaram, e Lobo apertou os olhos sob a luz intensa do tablet.

– Desculpe – gaguejou Scarlet, apontando-o para o chão.

Lobo se moveu ao redor dela e pressionou o tronco caído com o pé.

– Parece confiável.

Scarlet notou uma ironia estranha na escolha de palavras dele.

– Lobo – disse, testando a forma como sua voz ecoava no vazio da floresta. Ele ficou tenso, mas não virou. – Quando você me contou que tinha abandonado a matilha, achei que meses ou anos tinham se passado, mas Ran fez parecer que você acabou de sair.

Uma das mãos bagunçando o cabelo, ele se virou na direção dela.

– Lobo?

– Faz três semanas – sussurrou. E depois: – Menos de três semanas.

Ela inspirou, prendeu a respiração e soltou de uma vez.

– Mais ou menos na época que minha avó desapareceu.

Ele baixou a cabeça e não conseguiu olhar nos olhos dela.

Scarlet tremeu.

– Você me disse que era um ninguém, pouco mais do que um garoto de recados. Mas Ran chamou você de “alfa”. Essa não é uma posição bem alta?

Ela viu o peito dele subir e descer em uma respiração lenta e tensa.

– E agora, você me diz que deixou o bando na mesma época em que minha avó foi sequestrada.

Ele esfregou a tatuagem distraidamente, mas não disse nada. Scarlet esperou, com o sangue começando a ferver, até ele ousar olhar para ela. O tablet lançava uma luz branco-azulada nos seus pés, mas quase não o iluminava. No escuro, só se via um leve contorno do maxilar e das bochechas e o cabelo, que parecia um pinheiro se projetando da cabeça.

– Você me disse que não fazia ideia de por que levariam minha avó. Mas era mentira, não era?

– Scarlet...

– Então o que *era* verdade? Você os abandonou mesmo ou é tudo uma história pra me pegar... – Ofegando, ela cambaleou para trás. Sua cabeça girava, e uma cascata de dúvidas e perguntas disparou na mente dela. – Sou *eu* a missão sobre a qual Ran estava falando? A que supostamente foi cancelada?

– Não...

– E depois que meu pai me avisou sobre isso! Ele disse que um de vocês viria atrás de mim, e ali estava você, e eu até sabia que você era um deles. Sabia que não podia confiar em você, mas me deixei levar...

– Scarlet, *pare*.

Ela fechou a mão no cordão do casaco e apertou ao redor do pescoço. Seu coração estava disparado agora, com o sangue correndo quente sob a pele.

Ela ouviu Lobo inspirar, viu as mãos dele se abrirem sob a luz do tablet.

– Você está certa, eu menti sobre não saber por que levaram sua avó. Mas você *não é* a missão sobre a qual Ran falou.

Ela inclinou o tablet para cima e iluminou o rosto de Lobo, que se encolheu, mas não afastou o olhar.

– Mas tem alguma coisa a ver com a minha avó.

– Tem tudo a ver com a sua avó.

Ela mordeu o lábio inferior com força, ainda tentando sufocar a onda de raiva crescendo dentro de si.

– Me desculpe. Eu sabia que, se lhe contasse, você não confiaria em mim. Sei que devia ter contado mesmo assim, mas... não consegui.

A mão segurando o tablet começou a tremer.

– Me conte *tudo*.

Houve uma longa pausa.

Uma pausa longa e enlouquecedora.

– Você vai me desprezar – murmurou ele. Seu peito encolheu na tentativa de ficar menor de novo, como tinha feito no beco, sob as luzes da nave.

Scarlet apertou as mãos com tanta força nos quadris que os ossos começaram a doer.

– Ran e eu estávamos no grupo enviado para pegar sua avó.

O estômago de Scarlet deu um nó. *O grupo enviado para pegá-la.*

– Eu não estava com eles quando ela foi levada – acrescentou logo depois. – Assim que chegamos a Rieux, vi minha chance de fugir. Eu sabia que conseguiria desaparecer lá sem a rede da cidade me encontrar. Então, aproveitei a oportunidade. Na manhã em que ela foi capturada. – Cruzou os braços, como se estivesse se

protegendo do ódio de Scarlet. – Eu poderia tê-los impedido. Era mais forte do que todos eles. Poderia ter impedido. Podia ter avisado a ela, ou a você. Mas não fiz nada. Só fugi.

Os olhos de Scarlet começaram a arder. Ela inspirou com força, virou as costas para ele e inclinou a cabeça para o céu preto, para impedir que lágrimas repentinas caíssem. Esperou até ter certeza de que conseguiria falar e virou de novo para ele.

– Foi quando você começou a ir às lutas?

– E à taverna – disse ele, assentindo.

– E depois, o quê? Você sentiu culpa, então pensou em me seguir por um tempo, talvez ajudar na fazenda, como se isso fosse algum tipo de *compensação*?

Ele fechou a cara.

– É claro que não. Eu sabia que me meter com você seria suicídio, que eles acabariam me encontrando se eu não fosse embora de Rieux, mas eu... mas você... – Ele pareceu frustrado porque as palavras lhe fugiam. – Eu não podia ir embora.

Scarlet ouviu um estalo de plástico e se obrigou a afrouxar o aperto no tablet.

– Por que a levaram? O que querem com ela?

Ele abriu a boca, mas ficou em silêncio.

Scarlet ergueu as sobrancelhas. Sua pulsação parecia trovejar.

– Bem?

– Estão tentando encontrar a princesa Selene.

O eco nos ouvidos a fez pensar por um momento que ela não tinha ouvido direito.

– Estão tentando encontrar *quem*?

– A princesa lunar, Selene.

Ela recuou. Ocorreu-lhe que talvez Lobo estivesse fazendo alguma brincadeira cruel, mas a expressão dele era séria demais, horrorizada demais.

– *O quê?*

Ele começou a se mexer desconfortavelmente, o peso passando

de um pé para o outro.

– Estão procurando a princesa há anos e acreditam que sua avó tem informações sobre o paradeiro dela.

Scarlet semicerrou os olhos, perplexa, certa de que estava entendendo errado. Ele só podia estar enganado. Mas o olhar de Lobo, penetrante e seguro, a manteve alerta.

– Por que minha avó...? – Ela balançou a cabeça. – A princesa lunar está morta!

– Há evidências de que ela sobreviveu ao incêndio e de que alguém a salvou e trouxe para a Terra – disse Lobo. – E, Scarlet...

– O quê?

– Tem certeza de que sua avó não sabe de nada?

Ela ficou boquiaberta por tanto tempo que a língua ficou seca e grudada na boca.

– Ela é uma *fazendeira*! Morou na França a vida toda. Como saberia de alguma coisa?

– Ela era militar antes de ser fazendeira. Viajava bastante naquela época.

– Foi mais de vinte anos atrás. Há quanto tempo a princesa está desaparecida? Dez, quinze anos? Isso nem faz sentido.

– Você não pode desconsiderar a possibilidade.

– Claro que posso!

– E se ela souber de alguma coisa?

Ela franziu a testa, mas sua descrença sumiu ao ver o desespero crescente de Lobo.

– Scarlet – disse –, Ran falou que a missão tinha sido cancelada. Ele só podia estar falando da busca pela princesa. Não consigo imaginar por que, depois de tantos anos... Mas, se for verdade, isso pode significar que eles não têm mais utilidade para a sua avó.

Ela sentiu uma pontada no estômago.

– Então, a soltariam?

Rugas se formaram ao redor dos lábios de Lobo, e um peso começou a se instalar no peito de Scarlet. Ele não precisou falar

para ela entender a resposta.

Não. Não, eles não a soltariam.

Ela inspirou fundo, tonta, e desviou a atenção para os raios de luar que iluminavam os trilhos abaixo.

– Se eu soubesse... Se tivesse conhecido você antes... Quero ajudar, Scarlet. Quero tentar consertar isso, mas eles querem informações que não tenho. A melhor coisa para sua avó é ser útil. Mesmo se tiverem parado de procurar Selene, pode ainda haver alguma coisa que ela saiba, ou alguma coisa no passado dela, qualquer coisa que a tornasse valiosa. É por isso que, se houver qualquer coisa que *você* saiba, qualquer informação que tenha... É a melhor chance que você tem de salvá-la. Você pode negociar por ela. Dar a eles a informação que eles querem.

Ela foi envolvida por uma frustração enorme.

– Não sei o que eles querem.

– *Pense*. Já aconteceu alguma coisa estranha? Qualquer coisa que sua avó tenha dito ou feito que você achou peculiar?

– Ela faz coisas peculiares o tempo todo.

– Relacionadas aos lunares? Ou à princesa?

– Não, ela... – Scarlet fez uma pausa. – Ela sempre teve mais solidariedade para com eles do que a maior parte das pessoas. Ela não tira conclusões apressadas.

– O que mais?

– Nada. Mais nada. Ela não tem nada a ver com os lunares.

– Há evidências de que isso não é verdade.

– Que evidências? Do que você está falando?

Lobo coçou a cabeça.

– Ela deve ter contado a você que já esteve em Luna.

Scarlet pressionou os olhos e inspirou, trêmula.

– Você está louco. Por que minha avó teria ido a *Luna*?

– Ela fez parte da única missão diplomática enviada da Terra a Luna nos últimos cinquenta anos. Ela foi o piloto que levou os oficiais terráqueos. A visita durou quase duas semanas, então ela

deve ter interagido *de alguma forma* com os lunares... – Ele franziu a testa. – Ela nunca contou nada disso a você?

– *Não!* Não, ela nunca me contou nada disso! Quando foi?

Lobo afastou o olhar, e ela percebeu que hesitava.

– Lobo. Quando foi isso?

Ele engoliu em seco.

– Quarenta anos atrás – respondeu, a voz baixa novamente. – Nove meses antes do nascimento do seu pai.

CAPÍTULO

Vinte e Três

O MUNDO GIROU. SCARLET PROCUROU NO ROSTO DE LOBO O INDÍCIO de brincadeira que nunca surgiu.

– Meu pai.

– Sinto muito – murmurou ele. – Eu achava que ela teria lhe contado... *alguma coisa* sobre isso.

– Mas... como você sabe de tudo isso?

– Está tudo relacionado à princesa. As evidências sugerem que ela foi tirada de Luna por um homem chamado Logan Tanner, um médico lunar. – Procurou algum sinal de reconhecimento, mas o nome não significava nada para Scarlet. Lobo prosseguiu: – Os únicos terráqueos com quem o dr. Tanner teria tido contato antes de levar a princesa seriam os que estavam na mesma missão que a sua avó. As pessoas que o conheciam desconfiavam de que o dr. Tanner teve uma ligação com Michelle Benoit durante a estada delas. Essas teorias pareceram mais plausíveis quando descobrimos que Michelle deu à luz um filho sem pai registrado nove meses depois.

Incapaz de permanecer de pé, Scarlet desabou no chão. Se Lobo estivesse falando a verdade... se essas teorias estivessem corretas... o avô dela era *lunar*.

Uma série de pensamentos passou pela cabeça dela. Pistas que nunca soubera estar registrando começaram a fazer sentido. Por que a avó tinha tanta solidariedade por lunares. Por que nunca falava sobre o avô de Scarlet. Por que insistira para que nem Scarlet nem o pai nascessem em hospitais, pois os exames de sangue obrigatórios revelariam seus ancestrais.

Como conseguiu guardar esse segredo por tanto tempo?

De repente, ela percebeu com um susto que sempre foi intenção da avó manter segredo. Nunca pretendeu contar a verdade a Scarlet.

Uma coisa tão grande. Uma coisa tão importante. E sua avó escondera dela.

– Não temos segredos – sussurrou para si mesma, com a cabeça girando quando as lágrimas começaram a surgir em seus olhos de novo. – Não temos segredos uma com a outra.

– Sinto muito – disse Lobo, se ajoelhando na frente dela. – Pensei que você sabia disso tudo.

– Eu não sabia. – Esfregou os olhos para afastar as lágrimas. Por que a avó não teria contado sobre aquele Logan Tanner? Para protegê-la da desconfiança e do preconceito que acompanhariam o fato de ela ser parcialmente lunar ou será que havia mais alguma coisa? Um segredo ainda mais improvável que ela protegia...

Seu peito doeu quando se perguntou quantos outros segredos haviam sido escondidos dela.

A atenção de Lobo se desviou para o sul, uma orelha virada para o céu.

Imediatamente, os pensamentos de Scarlet se acalmaram. Ouviu com atenção, mas só havia uma brisa na floresta, um coral encantador de grilos.

Apesar de não ouvir nada, Lobo sussurrou:

– Um trem está chegando.

Fixou o olhar nela, de novo, a preocupação estampada na testa. Scarlet viu que ele pensava ter falado demais, mas estava louca para saber mais.

Com um aceno, apoiou a mão no chão e ficou de pé.

– E essas pessoas acham que minha avó sabe alguma coisa sobre a princesa porque...?

Lobo foi até a beirada do pequeno precipício e olhou para os trilhos.

– Acreditam que o dr. Tanner pediu ajuda para sua avó quando

trouxe a princesa para a Terra.

– Acreditam, mas não têm como ter certeza.

– Talvez não, mas foi por isso que a levaram – disse ele, testando o tronco caído com o pé de novo. – Para descobrir o que ela sabia.

– E já pensaram que talvez ela não soubesse de nada?

– Estão convencidos de que ela sabe. Ou pelo menos estavam quando saí de lá, apesar de não saber o que descobriram desde então...

– Bem, por que não encontram esse tal dr. Tanner e perguntam a ele?

Lobo trincou os dentes.

– Porque ele está morto. – Inclinando-se para a frente, ele pegou a bolsa caída e pendurou no braço. – Cometeu suicídio no começo deste ano. Em um hospício na Comunidade das Nações Orientais.

Um pouco da raiva de Scarlet desapareceu e foi substituída por pena por um homem que minutos antes nem sequer existia para ela.

– Hospício?

– Era paciente de lá. Ele mesmo se internou.

– Como? Ele era lunar. Por que não foi capturado e enviado de volta para Luna?

– Deve ter descoberto como se misturar na sociedade terráquea.

Lobo esticou a mão, e Scarlet segurou por instinto, mas levou um susto quando dedos quentes envolveram os seus. Um momento depois, ele afrouxou o aperto de mão e subiu no tronco caído.

Scarlet inclinou o tablet na direção do tronco traiçoeiro e lutou para organizar os pensamentos com o latejar nos ouvidos.

– Deve ter alguma outra pessoa com quem ele teve contato na Terra. As pistas não podem terminar na minha avó. De acordo com meu pai, ela não tinha contado nada depois de *semanas* de... de sabe-se lá o que andaram fazendo com ela. Devem ter percebido que pegaram a pessoa errada!

Lobo foi tomado de um controle peculiar quando respondeu.

– Tem certeza disso?

Ela olhou para ele com raiva. A herdeira lunar era um mito, uma conspiração, uma lenda... como sua avó trabalhadora e orgulhosa, que morava na pequena Rieux, poderia estar envolvida nisso?

Mas não podia ter certeza absoluta de mais nada. Não se a avó já tinha escondido dela uma coisa tão grande.

Um zumbido leve interrompeu o sussurro da floresta. Os ímãs despertando.

Um aperto nos dedos dela despertou um choque na coluna de Scarlet.

– Scarlet – disse Lobo –, é para o bem dela e para o seu dar alguma coisa a eles. Por favor, pense. Se souber de qualquer coisa, talvez possamos usar a nosso favor.

– Sobre a princesa Selene.

Ele assentiu.

– Não sei de nada. – Scarlet deu de ombros, impotente. – Não sei de nada.

Ela se sentiu presa sob o olhar dele até que, com a testa franzida, Lobo a soltou. Sua mão desceu lentamente até a lateral do corpo.

– Tudo bem. Vamos pensar em outra coisa.

Scarlet sabia que ele estava errado. Não estava tudo bem. Aqueles monstros estavam caçando um fantasma, e a avó dela estava no meio disso tudo por causa de um envolvimento amoroso que supostamente aconteceu quarenta anos atrás... e não havia nada que Scarlet pudesse fazer.

Ela olhou para baixo, e seu estômago deu um salto quando viu a altura em que estavam. Com a escuridão ao redor, parecia a beira de um abismo.

– Temos talvez trinta segundos – disse Lobo. – Quando o trem chegar, vamos ter que agir rápido. Sem hesitar. Você consegue?

Scarlet tentou umedecer a língua seca, que mais parecia o tronco debaixo dos seus pés. Tentou desacelerar o coração. Os

segundos se passavam em sua cabeça. Passavam rápido demais. O barulho dos ímãs ficando mais alto. Então, ouviu o assobio do ar nos trilhos.

– Vai me deixar pular por conta própria desta vez? – perguntou, vendo um brilho intenso na curva mais próxima. As luzes iluminaram as árvores e se refletiram nos troncos. Os ímãs abaixo deles estalaram.

– Você *quer* pular sozinha? – Ele colocou a bolsa entre os dois.

Scarlet observou os trilhos e imaginou um trem em disparada abaixo. Vibrações sutis fizeram seus pés tremerem. Os joelhos ficaram paralisados.

Ela jogou o tablet na bolsa e subiu em um nó protuberante no tronco.

– Vire de costas.

Lobo começou a sorrir, mas ainda havia uma ruga entre as sobrancelhas, uma distração que permanecia. Ele a deixou subir em suas costas e puxou as pernas mais para o alto até Scarlet conseguir se segurar nele com firmeza.

Ao passar os braços ao redor dos ombros de Lobo, ocorreu a Scarlet que tinha todo o direito de desprezá-lo. Ele teve a chance de salvar a avó dela, mas preferiu fugir. Mentiu para ela e guardou segredos enormes que tinha todo direito de saber...

Mas isso não mudava o fato de que ele ainda estava ali. Ainda estava arriscando a vida e encarando os próprios perseguidores para ajudá-la. Ainda a estava levando em busca da avó.

Ela mordeu o lábio e se inclinou para a frente.

– Estou feliz que você tenha me contado tudo.

O corpo dele pareceu murchar.

– Devia ter contado antes.

– Sim, devia. – Scarlet inclinou a cabeça e encostou a têmpora na dele. – Mas não desprezo você. – Ela deu um beijo na sua bochecha e sentiu o corpo de Lobo ficar tenso. Os batimentos dele dispararam sob seu pulso quando ela uniu as mãos em cima do

peito dele.

O trem fez a curva, suave como uma cobra. O corpo branco e reluzente vinha disparado na direção deles, e o vácuo criava uma rajada de vento que sacudia as árvores dos dois lados dos trilhos.

Scarlet afastou a cabeça do ombro de Lobo, olhou de lado para ele e reparou em outra cicatriz, no pescoço. Ao contrário das outras, era pequena e perfeitamente reta, parecendo mais o trabalho de um bisturi do que o resultado de uma briga.

Lobo se agachou e o coração dela deu um salto, voltando sua atenção para o trem. Lobo segurou a bolsa com firmeza. Seus músculos ainda estavam rígidos, a pulsação disparada, e ela não conseguiu evitar a comparação com a calma excepcional de quando eles pularam pela janela do trem.

O trem estava abaixo deles, fazendo o tronco e os dentes de Scarlet tremerem.

Lobo lançou a bolsa do tronco e pulou. Enfiando as unhas na camisa dele, Scarlet travou o maxilar para não gritar.

Caíram pesadamente no teto liso como vidro. O trem nem tremeu com o impacto, e Scarlet imediatamente teve a sensação de que havia algo errado. Lobo deslizou, seus ombros se inclinaram para a esquerda e o equilíbrio dele falseou sob o peso dela.

Scarlet gritou, e a queda a empurrou para longe, quase na beirada. Ela afundou os dedos nos ombros dele, mas a camisa rasgou e ela caiu, o mundo girando ao seu redor.

A mão de Lobo segurou o pulso dela, e sua queda foi impedida com um puxão no ombro. Ela gritou e bateu os pés enquanto o chão passava disparado embaixo. Cega pelo cabelo que voava no rosto, Scarlet levantou a mão livre na direção dele e segurou no antebraço, apertando o mais desesperadamente que conseguiu com dedos escorregadios.

Ela ouviu o gemido dele, quase um rugido, e foi puxada. Bateu com os pés nas laterais do trem em busca de um apoio qualquer, mas foi puxada para cima. Lobo rolou para longe da beirada e caiu

em cima dela. As mãos dele afastaram os cachos do rosto dela rapidamente, seguraram os ombros, esfregaram o pulso machucado, e toda a energia frenética dele pareceu dedicada a verificar que ela estava ali. Que ela estava bem.

– Sinto muito. Sinto muito mesmo. Perdi o foco. Eu escorreguei... Sinto muito. Scarlet. Você está bem?

Ela soltou a respiração trêmula. O mundo lentamente parou de girar, mas cada nervo zumbia com adrenalina, cada pedaço dela tremia até o osso. Olhou boquiaberta para Lobo e envolveu os dedos dele, fazendo-os parar.

– Estou bem – ofegou ela, tentando dar um sorriso cansado. Ele não retribuiu. Seus olhos estavam tomados de pavor. – Eu talvez tenha distendido alguma coisa no ombro, mas... – Ela parou de falar ao notar uma marca vermelha no curativo de Lobo. Ele a segurou com o braço ferido, o que fez o ferimento se abrir. – Você está sangrando.

Ela esticou o braço na direção do curativo, mas Lobo segurou sua mão e apertou com bastante força. Scarlet se sentiu presa sob o olhar dele, intenso e apavorado. Ele ainda estava respirando com força. Ela ainda estava tremendo, e não conseguia parar.

Sua mente ficou vazia de tudo, menos do vento e da aparência frágil de Lobo naquele momento, como se um movimento pudesse parti-lo ao meio.

– Estou bem – disse, tranquilizando-o, passando o braço livre pelas costas dele e puxando-o para perto de si até conseguir se encolher sob a proteção do corpo dele e apoiar a cabeça no pescoço. Ela o sentiu engolir em seco, e logo os braços dele a estavam envolvendo, esmagando-a contra o peito.

O trem se dirigia para o oeste, e a floresta parecia uma mancha dos dois lados. Séculos pareceram se passar até a adrenalina sumir dos membros de Scarlet, até conseguir respirar sem os pulmões soluçarem com o esforço. O abraço de Lobo não afrouxou. A sensação da respiração dele contra seu ouvido era a única prova de

que ele era um ser vivo, e não feito de pedra.

Quando finalmente parou de tremer, Scarlet se afastou. Os braços fortes a soltaram com relutância, e ela ousou olhar para o rosto dele de novo.

O horror chocado tinha sumido e foi substituído por calor, desejo e incerteza. E medo, tanto medo, mas ela achava que isso não tinha nada a ver com ela quase ter caído do trem.

Com os lábios formigando, ela inclinou o pescoço na direção dele.

Mas Lobo logo se afastou, e o espaço entre os dois se encheu com o vento intenso e frio.

– Precisamos descer antes de chegarmos a um túnel – disse, com a voz trêmula e rouca.

Scarlet se sentou e um calor subiu ao seu rosto quando foi tomada de uma vontade quase irresistível de engatinhar até ele, não para descer do teto do trem, mas para se aconchegar. Para se sentir quente, segura e feliz só por mais um momento.

Ela sufocou essa vontade. Lobo não estava olhando para ela, e Scarlet sabia que ele estava certo. Não estavam em segurança ali em cima.

Sem confiança para ficar de pé, ela meio deslizou, meio engatinhou em direção à frente do vagão, se ajustando aos movimentos sutis do trem. Lobo ficou ao seu lado, sem tocá-la, mas nunca longe demais, para conseguir agarrar seu ombro se ela chegasse perto demais da beirada.

Quando chegaram no final, Lobo desceu até a plataforma entre os vagões. Scarlet olhou para ele e viu a bolsa no chão. Tinha esquecido, mas agora uma gargalhada de surpresa saiu pelos seus lábios. A mira dele tinha sido perfeita.

E talvez, se ela não tivesse beijado a bochecha dele logo antes do pulo, o equilíbrio também tivesse sido.

Ela estremeceu com a ideia e se perguntou se tinha sido a causa da distração dele.

Scarlet se sentou com as pernas balançando na lateral do trem.

– Exibido – brincou, esticando os braços e permitindo que ele a segurasse quando pulou. As mãos delicadas e gentis a trouxeram até a plataforma e permaneceram um segundo a mais ali, depois que os pés dela estavam firmemente plantados. Ou talvez não por tempo suficiente.

A expressão dele estava assombrada e confusa, e a testa tensa. Sem olhar diretamente para ela, ele pegou a bolsa e entrou no vagão.

Scarlet ficou olhando para a porta, esperando que o vento baixasse sua temperatura, a lembrança quente das mãos dele na cintura, nos ombros, nos pulsos. Sua cabeça estava tomada pela lembrança, pela agonia recente demais de querer beijá-lo.

Se encostando no corrimão, enfiou o cabelo no capuz. Tentou dizer a si mesma que foi bom Lobo ter se afastado. Estava sempre fazendo coisas por impulso sem pensar direito e por isso acabava se metendo em confusão. Esse era só mais um exemplo de quando foi levada pelas emoções e ficou caída por um sujeito que só conhecia havia... Ela se esforçou para fazer a conta e percebeu com certa surpresa que só se conheciam havia um dia.

Só um dia. Seria isso mesmo? Aquela horrível luta podia ter acontecido na noite anterior? O ataque do pai dela ao hangar podia mesmo ter sido naquela manhã?

Mas, mesmo sabendo disso, seus sentimentos não mudaram. Sua pele não esfriou. A fantasia de se aconchegar nos braços dele não sumiu.

Quis que ele a beijasse. Ainda queria.

Scarlet suspirou e, quando os joelhos pararam de tremer de novo, entrou no vagão.

Era um vagão de carga, aberto e com pilhas de caixas plásticas. Um quadrado de luar entrava pela porta aberta. Lobo tinha subido em uma pilha de caixas e estava ocupado empurrando-as para abrir espaço.

Scarlet subiu e se juntou a ele. Apesar de o silêncio ser doloroso, qualquer coisa que ela conseguisse pensar em dizer parecia banal e artificial. Tirou um pente da bolsa e começou a desembaraçar os nós dos cabelos. Por fim, Lobo parou de empurrar caixas e se sentou ao lado dela. Com pernas dobradas. Mãos apertadas no colo. Ombros caídos. Sem tocar nela.

Scarlet o analisou com o canto do olho, tentada a diminuir a distância entre eles, nem que fosse só para apoiar a cabeça no ombro de Lobo. Mas o que fez foi esticar a mão e passar o dedo pela tatuagem que mal conseguia ver na luz fraca. Ele ficou rígido.

– Ran estava falando a verdade? Você acha que vão matar você por abandoná-los?

Um silêncio momentâneo fez a pulsação dela disparar até as pontas dos dedos que tocavam no braço dele.

– Não – respondeu. – Não precisa se preocupar comigo.

Ela acompanhou com o dedo uma longa cicatriz que já tinha sido um corte fundo do pulso até o cotovelo.

– Vou parar de me preocupar quando isso tudo acabar. Quando todos nós estivermos longe deles, em segurança.

Lobo olhou para ela, para a cicatriz e para os dedos apoiados no pulso dele.

– De onde veio essa cicatriz? – perguntou. – Uma das lutas?

Ele balançou a cabeça quase imperceptivelmente.

– De burrice.

Scarlet mordeu o lábio, chegou mais perto e passou o dedo de leve por uma cicatriz ainda mais clara na têmpora dele.

– E esta?

Ele se curvou para trás e foi forçado a levantar a cabeça para se afastar dela.

– Essa foi ruim – respondeu, e não disse mais nada.

Scarlet cantarolou pensativa, depois passou o nó do dedo em uma levíssima cicatriz no lábio dele.

– E essa...?

Ele agarrou a mão dela e a fez parar com as carícias. Não segurava forte demais, mas era firme mesmo assim.

– Por favor, pare – pediu, enquanto o olhar descia para os lábios dela.

Scarlet os umedeceu por instinto e viu os olhos dele ficarem febris.

– Qual é o problema?

Um segundo.

– Lobo?

Ele não a soltou.

Scarlet levou a outra mão até ele e passou o polegar nos dedos dobrados.

Ele inspirou rapidamente.

Os dedos subiram pelo braço dele, passaram pelo curativo e pelo ponto com sangue seco. Ele estava tão rígido quanto uma estátua, grudado na parede. Os dedos segurando a mão dela tremeram.

– São apenas... ao que estou acostumado – disse com a voz tensa.

– Como assim?

Ela o viu engolir em seco. Nenhuma explicação se seguiu.

Scarlet se inclinou para a frente e olhou o contorno do maxilar. As maçãs proeminentes. O cabelo, tão selvagem e suave ao toque quanto parecia. Por fim, ele inclinou a cabeça, tocando delicadamente nos dedos dela.

– Foi de uma luta – murmurou ele. – Só mais uma luta sem sentido. Todas elas. – Seus olhos se dirigiram para os lábios dela de novo.

Ela hesitou. Como Lobo continuou na mesma posição, Scarlet se inclinou para a frente e o beijou. De leve. Só uma vez.

Quase sem conseguir respirar, com o coração disparado, Scarlet se afastou o bastante para o ar morno correr entre eles, e Lobo se dissolveu à frente dela, com um suspiro resignado contra seus lábios.

Então, ele a puxou e a aninhou nos braços. Scarlet suspirou

quando Lobo afundou uma das mãos no seu emaranhado de cachos e a beijou.



LIVRO

Três

“Ah, vovó, que dentes enormes você tem!”



CAPÍTULO

Vinte e Quatro

– **ESCONDA-SE – FALOU CINDER LENTAMENTE. COM DELICADEZA.** Com um apelo suave no final da última sílaba. – Esconda-se. Rampion, esconda-se. Esconda-se, Rampion. Desapareça... Suma... Você não existe... Não pode ser vista...

Estava sentada de pernas cruzadas na cama, no escuro, visualizando a nave que a envolvia. As paredes de aço, o motor em movimento, os parafusos e soldas que mantinham tudo unido, o computador central, o vidro grosso das janelas do cockpit, a saída fechada do compartimento de carga, a plataforma sob seus pés.

E, então, ela imaginou a nave invisível.

Passando por radares, que permaneciam em silêncio.

Dissolvendo-se na escuridão sob o olho alerta das estações de satélite.

Dançando graciosamente entre todas as outras naves que lotavam o sistema solar. Sem chamar atenção. Sem existir.

As vértebras dela formigaram, começando na nuca e descendo até o cóccix. Um calor se irradiou, ocupando todos os músculos e todas as juntas, se espalhando pelos dedos e voltando para os joelhos. Circulando.

Ela respirou fundo, relaxou os músculos com a respiração e começou a recitar de novo.

– Esconda-se, Rampion. Rampion, esconda-se. *Esconda-se.*

– Está funcionando?

Cinder abriu os olhos. Na escuridão, só conseguia ver os pontinhos das estrelas pela janela. Estavam do lado da Terra oposto ao Sol, a nave oculta na sombra e na vastidão do espaço.

Oculta. Escondida. Invisível.

– Boa pergunta – respondeu ela, dirigindo a atenção para o teto como já tinha se tornado hábito, apesar de saber que era ridículo.

Iko não estava em um ponto do teto, não estava nem nos alto-falantes que projetavam a voz alegre. Ela estava em todos os fios do computador, em todos os chips, em todos os sistemas. Estava em tudo, menos no aço e nos parafusos que mantinham a nave de pé.

Era meio desconcertante.

– Não faço ideia do que estou fazendo – disse Cinder, olhando pela janela. Não havia naves visíveis no pequeno portal, só estrelas e mais estrelas. Ao longe, uma névoa roxa vaga, talvez um pouco de gás que sobrou da cauda de um cometa. – Você se *sente* diferente?

Alguma coisa tremeu debaixo de seus pés, delicada como o ronronar de um gatinho. Fez ela se lembrar da forma como a ventoinha de Iko girava rápido demais quando ela estava processando informações.

– Não – disse Iko depois de um minuto, e o tremor parou. – Ainda gigantesca.

Cinder esticou as pernas e permitiu que o sangue voltasse a circular no pé.

– É isso que me preocupa. Sinto que não deve ser fácil. As forças militares da Comunidade das Nações Orientais estão todas atrás de nós. Até onde sabemos, podem ter pedido ajuda a outras forças militares da União, sem mencionar lunares e caçadores de recompensas. Quantas naves você captou nos *nossos* radares?

– Setenta e uma.

– Certo. E nenhuma delas reparou em nós nem ficou desconfiada? Isso parece provável?

– Pode ser que o que você está fazendo esteja realmente funcionando. Talvez você tenha um talento natural para esse negócio lunar.

Cinder balançou a cabeça, esquecendo que Iko não conseguia vê-la. Queria acreditar que estava provocando alguma coisa, mas a sensação era errada. Lunares tinham controle sobre bioeletricidade, não ondas de rádio. Tinha uma desconfiança de que o cantarolar e a visualização que estava fazendo eram um

grande desperdício de tempo.

O que deixava a pergunta: por que eles ainda não tinham sido vistos?

– Cinder, quanto tempo vou ter que ficar assim?

A garota suspirou.

– Não sei. Até conseguirmos instalar outro sistema de controle automático.

– E até você encontrar um corpo novo para mim.

– Isso também. – Ela esfregou as mãos. O calor súbito que tinha preenchido os dedos da mão direita sumiu, e, pela primeira vez, eles estavam mais frios do que os de metal duro.

– Não gosto de ser uma nave. É horrível. – Havia um choramingo óbvio no tom de Iko. – Me dá a sensação de estar menos viva do que nunca.

Cinder se deitou no colchão e observou as sombras escuras. Sabia exatamente o que Iko estava sentindo; pelo breve momento em que funcionou como o controle automático, sentiu como se cérebro estivesse esticado em todas as direções. Como se ela tivesse perdido contato com o corpo físico, tivesse removido o cérebro e estivesse flutuando em um espaço inexistente entre o real e o digital. Ela ficou cheia de pena de Iko, que nunca quis nada além de se tornar mais humana.

– É temporário – disse ela, tirando o cabelo da testa. – Assim que for seguro voltar para a Terra, vamos...

– Ei, Cinder! Está assistindo à rede? – Thorne apareceu na porta, iluminado pelas luzes econômicas do corredor. – Está na hora do cochilo? Acenda as luzes.

Os músculos do ombro de Cinder se contraíram.

– Não consegue ver que estou ocupada?

Thorne observou o quartinho escuro.

– É, sim.

Cinder tirou os pés de cima da cama e se sentou ereta.

– Estou tentando me concentrar.

– Ah. Bom trabalho, colega. Mas você devia ver isso. Estão falando de nós em todos os canais. Estamos famosos.

– Não, obrigada. Prefiro não me ver agindo como louca no evento social mais importante do ano. – Só vira a filmagem do baile, de quando perdeu o pé e rolou pela escada até parar em uma pilha de seda amassada e luvas enlameadas, uma vez, mas foi suficiente.

Thorne balançou a mão.

– Já mostraram os vídeos. E agora, você realizou o sonho de todas as garotas ruivas com menos de vinte e cinco anos.

– Certo, minha vida é mesmo um sonho que virou realidade.

Thorne ergueu a sobrancelha algumas vezes.

– Talvez não, mas pelo menos o sonhador príncipe Kai sabe seu nome.

– *Imperador Kai* – corrigiu Cinder, franzindo a testa.

– Precisamente. – Thorne inclinou a cabeça para a frente da nave. – Estão iniciando uma coletiva de imprensa para falar sobre *você*. Achei que não ia querer perder – Thorne se abanou e fingiu que ia desmaiar – os maravilhosos olhos castanhos-chocolate e o cabelo perfeitamente descabelado, e...

Cinder pulou da cama e empurrou Thorne para o batente da porta ao passar.

– Ai – reclamou ele, esfregando o braço. – O que deu nos seus fios?

– Estou ajustando o canal agora. – A voz de Iko seguiu Cinder pelo compartimento de carga até o cockpit, onde a tela principal mostrava o imperador Kai em um pódio em frente a uma plateia de jornalistas. – A coletiva está só começando, e ele está tão *lindo* hoje!

– Obrigada, Iko – disse Cinder, sentando na cadeira do piloto.

– Ei, essa é minha...

Ela silenciou Thorne com um aceno e ajustou o volume da tela.

– ... que podemos para encontrar os fugitivos – disse Kai. As olheiras sugeriam que fazia tempo que ele não tinha uma boa noite de sono. Ainda assim, vê-lo deixou Cinder quente de saudade e

infeliz ao pensar nos últimos momentos em que o viu. Ela, depois de tropeçar na escada, caída no caminho de cascalho com os fios soltando fagulhas no tornozelo.

Ele... enojado, perplexo, desapontado.

Traído.

– Seleccionamos nossas naves mais velozes com a tecnologia de busca mais avançada e os melhores pilotos para encontrar os fugitivos. Eles tiveram sorte na fuga até agora, mas não esperamos que a sorte dure. A classe de nave que estão usando não foi feita para períodos longos em órbita. Vão acabar tendo que voltar à Terra, e estaremos prontos para encontrá-los.

– Em que tipo de nave eles estão? – perguntou uma moça na primeira fila.

Kai verificou as anotações.

– É uma nave de carga roubada da República da América, uma Rampion 214, Classe 11.3. Os mecanismos de rastreamento foram removidos, e esse é o fator responsável pelas dificuldades que tivemos para detê-los.

Thorne deu uma cutucada nas costas de Cinder com orgulho.

Na tela, Kai assentiu para outro jornalista nos fundos.

– O senhor disse que nossas forças militares estarão esperando quando eles voltarem à Terra. Quanto tempo o senhor acha que isso vai demorar, e o senhor vai interromper a busca espacial até lá?

– De jeito nenhum. Nosso objetivo principal é encontrá-los o mais rápido possível, e planejamos continuar a busca no espaço até que eles sejam encontrados. No entanto, meus especialistas calculam que a nave vai voltar à Terra a qualquer momento, entre dois dias e duas semanas, dependendo do combustível e das reservas de energia deles, e estaremos preparados para isso, se necessário. Sim?

– Minhas fontes me informaram que esse ciborgue, essa Linh Cinder...

– É você – sussurrou Thorne, dando outra cutucada. Ela deu um tapa para afastá-lo.

– ... ganhou um convite VIP para o baile anual e era, na verdade, convidada *sua*, Vossa Majestade. O senhor nega essa alegação?

– O quê? – perguntou Thorne.

– Convite VIP? – disse Iko.

Cinder deu de ombros e ignorou os dois.

Na tela, Kai se movimentou no pódio, com os braços completamente esticados, para dar a si mesmo espaço para respirar antes de limpar a garganta e se aproximar do microfone de novo.

– Não nego a alegação. Conheci Linh Cinder duas semanas antes do baile. Como muitos de vocês sabem, ela era uma mecânica famosa na cidade, e a contratei para consertar um androide com defeito. E, sim, a convidei para ir ao baile, como minha convidada pessoal.

– O quê?

Cinder se encolheu por causa do grito agudo que saiu dos alto-falantes do cockpit.

– Quando isso aconteceu? É melhor que tenha sido depois que Adri me desmontou, porque se ele convidasse você para o baile e você não me contasse...

– Iko, estou tentando ouvir! – Cinder se contorceu na cadeira. Kai *tinha* convidado-a para ir ao baile antes de o corpo de Iko ser desmontado e vendido. Cinder teve oportunidade de contar a ela, mas ao mesmo tempo estava tão determinada a não aceitar o convite que não havia lhe parecido importante.

Quando Kai chamou outro jornalista, Cinder percebeu que tinha perdido uma pergunta inteira.

– O senhor sabia que ela era ciborgue? – perguntou uma mulher, com um tom de nojo não disfarçado.

Kai a encarou, parecendo confuso, depois dirigiu o olhar para a multidão. Aproximou os pés do pódio e uma ruga se formou entre

as sobranceiras.

Cinder mordeu a parte interna da bochecha e se preparou para a repulsa certa. Quem convidaria um ciborgue para o baile?

Mas Kai respondeu simplesmente:

– Não vejo por que ela ser ciborgue seja relevante. Próxima pergunta?

Os dedos de metal de Cinder tremeram.

– Vossa Majestade, o senhor sabia que ela era *lunar* quando fez esse convite?

Parecendo prestes a desmaiar de exaustão, Kai balançou a cabeça.

– Não. É claro que não. Inocentemente, ao que parece, eu estava sob a impressão de que não havia lunares na Comunidade das Nações Orientais. Excetuando-se nossos convidados diplomáticos aqui no palácio, é claro. Agora que trouxeram à minha atenção a forma como conseguem se misturar com a população, vamos tomar medidas adicionais de segurança para impedir que lunares migrem para cá e também para encontrar e deportar qualquer um que possa estar vivendo dentro de nossas fronteiras. Tenho toda intenção de cumprir os estatutos do Acordo Interplanetário do ano 54 da Terceira Era em relação a esse assunto. Sim, segunda fila.

– Com relação a Sua Majestade, a rainha Levana, ela ou alguém da corte lunar falou alguma coisa sobre a fuga da prisioneira?

Kai trincou os dentes.

– Ah, ela falou uma ou duas coisas sobre o assunto.

Atrás de Kai, um oficial do governo limpou a garganta. A irritação evaporou rapidamente do rosto do imperador e foi substituída por uma expressão neutra, calculada.

– A rainha Levana quer que Linh Cinder seja encontrada – acrescentou ele – e que seja punida.

– Vossa Majestade, o senhor acha que esses eventos podem afetar os procedimentos diplomáticos entre a Terra e Luna?

– Acho que não ajudaram.

– Vossa Majestade. – Um homem ficou de pé três fileiras atrás. – Relatos de testemunhas do baile sugerem que a prisão de Linh Cinder foi parte de um acordo entre o senhor e a rainha, e que soltá-la poderia ser motivo para a deflagração de uma guerra. Há motivos para acreditar que a fuga da ciborgue poderia levar a uma ameaça maior à segurança nacional?

Kai ia coçar atrás da orelha, mas percebeu o tique nervoso e pousou a mão de volta no pódio.

– A palavra *guerra* vem sendo dita entre Terra e Luna há gerações. É minha prerrogativa, como fora a do meu pai, evitar isso a todo custo. Garanto que estou fazendo tudo em meu poder para não prejudicar nosso frágil relacionamento com Luna, começando por encontrar Linh Cinder. Isso é tudo, obrigado.

Ele saiu do palco com uma onda de perguntas não respondidas e foi puxado para uma conversa sussurrada entre integrantes do governo.

Fazendo beicinho, Thorne se encolheu no assento do copiloto.

– Ele não falou de mim. Nem uma vez.

– Nem de mim – disse Iko, sem pena.

– Você não é uma presidiária fugitiva.

– Verdade, mas Sua Majestade e eu nos conhecemos no mercado. Me pareceu que tínhamos uma forte ligação. Você não achou, Cinder?

As palavras foram absorvidas pela interface auditiva de Cinder sem fazer sentido algum. Não respondeu, incapaz de afastar o foco de Kai.

Ele estava sendo forçado a assumir a responsabilidade pelas ações dela. Estava tendo que encarar injustamente as repercussões das decisões dela. Depois da fuga, teve que lidar sozinho com a rainha Levana.

Cinder fechou os olhos para não vê-lo mais e esfregou a têmpora latejante.

– Mas eu sou um fugitivo procurado, como Cinder – prosseguiu

Thorne. – Eles perceberam que desapareci, não?

– Talvez estejam agradecidos – murmurou Cinder.

Thorne resmungou alguma coisa incoerente, e em seguida fez-se um longo silêncio, durante o qual Cinder massageou a testa e tentou se convencer de que tinha feito a coisa certa.

Thorne girou e apoiou os pés no braço da cadeira de Cinder, empurrando o cotovelo dela.

– Agora entendo por que você anda tão imune ao meu charme. Eu não fazia ideia de que estava competindo com um imperador. É um adversário difícil, mesmo para mim.

Ela riu com deboche.

– Não seja ridículo. Nem o conheço direito, e agora ele me despreza.

Thorne riu e prendeu os polegares nos passadores do cinto.

– Tenho grandes instintos quando o assunto é *amor*, e ele não despreza você. Além do mais, convidar um ciborgue para o baile? É preciso coragem. Costumo não gostar de realeza e oficiais do governo por princípio, mas tenho que dar crédito a ele por isso.

Cinder ficou de pé, empurrou os pés de Thorne da cadeira dela e liberou o caminho até a porta.

– Ele não sabia que eu era ciborgue.

Thorne inclinou a cabeça quando ela passou.

– Não sabia?

– É claro que não – disse ela, saindo do pequeno cockpit.

– Mas agora sabe que você é ciborgue e ainda gosta de você.

Ela girou na direção dele de novo e apontou para a tela.

– Você percebeu *isso* em uma coletiva de dez minutos na qual ele disse que está fazendo tudo que pode para me caçar e me entregar para execução?

Thorne deu um sorrisinho. Com uma voz horrível e arrogante que Cinder supôs ser imitação de Kai, ele disse: – Não vejo por que ela ser ciborgue seja relevante.

Revirando os olhos, Cinder deu as costas para ele.

- Ei, volte aqui! – As botas de Thorne bateram no chão atrás dela.
 - Tenho outra coisa para mostrar.
 - Estou ocupada.
 - Prometo não debochar mais do seu namorado.
 - Ele não é meu namorado!
 - É sobre Michelle Benoit.
- Cinder inspirou lentamente e virou.
- O quê?

Thorne hesitou, com medo de se mover caso ela se irritasse de novo, mas acabou inclinando a cabeça na direção do painel do cockpit atrás.

- Venha dar uma olhada nisso.

Suspirando, Cinder andou até ele e apoiou os cotovelos nas costas de sua cadeira.

Thorne desligou o canal de notícias.

- Você sabia que Michelle Benoit tem uma neta adolescente?
 - Não – respondeu Cinder, entediada.
 - Ah, tem. A srta. Scarlet Benoit. Supostamente, ela acabou de fazer dezoito anos, mas, ouça só isso, ela não tem nenhum registro hospitalar. Sacou? Minha nossa, sou um gênio.
- Cinder fez uma expressão de desprezo.

- Não entendi.

Thorne inclinou o pescoço para trás e olhou para ela de cabeça para baixo.

- Ela não tem nenhum *registro hospitalar*.
- E daí?

Ele girou a cadeira para olhar para Cinder.

- Você conhece uma única pessoa que não tenha nascido em hospital?

Cinder refletiu.

- Está sugerindo que ela poderia ser a princesa?
- É exatamente o que estou sugerindo.

A tela mostrou um perfil e uma foto de Scarlet Benoit. Era

bonita, com curvas pronunciadas e cachos ruivos de cor intensa.

Cinder apertou os olhos para a imagem. Uma adolescente sem registro de nascimento. Parente de Michelle Benoit.

Que conveniente.

– Que bom. Excelente trabalho de detetive, capitão.

CAPÍTULO

SCARLET SONHOU QUE UMA NEVASCA COBRIA TODA A EUROPA com uma camada de neve que ia até o pescoço. Era criança de novo, desceu a escada e encontrou a avó ajoelhada em frente ao fogão à lenha.

– Pensei que tinha encontrado uma pessoa para acolher você – disse a avó. – Mas ela não quer vir buscá-la, com toda essa neve. Acho que vou ter que esperar até a primavera para me livrar de você.

Ela cutucou o fogo. Fagulhas voaram nos olhos de Scarlet, fazendo-os arder, e ela acordou com as bochechas molhadas, os dedos parecendo gelo. Por muito tempo, não conseguiu distinguir o que era sonho e o que era lembrança. Neve, mas não tanta neve. A avó esperando para mandá-la para longe, mas não quando ela era criança. Quando era adolescente. Com treze anos.

Foi em janeiro ou um pouco mais adiante no inverno? Ela lutou para encaixar as lembranças vagas. Precisava tirar o leite da vaca, uma tarefa que odiava, e suas mãos ficavam tão dormientes que ela ficava com medo de apertar as tetas com força demais.

Por que não tinha ido à escola naquele dia? Era fim de semana? Férias?

Ah, sim. Ela tinha visitado o pai e voltara no dia anterior. Era para ter ficado com ele um mês inteiro, mas não conseguiu suportar. A bebedeira, a volta ao apartamento no meio da noite. Scarlet tomou o trem de volta para casa sem contar para ninguém, pegando a avó de surpresa com sua chegada. Em vez de ficar feliz em vê-la, a avó ficou zangada por Scarlet não ter mandado uma mensagem para avisar o que estava acontecendo. Elas brigaram. Scarlet ainda estava furiosa com ela quando tirava o leite da vaca, com os dedos congelando.

Foi a última vez que ela andou no trem de levitação magnética. A

última vez que viu o pai.

Ela se lembrava de fazer as tarefas apressadamente, desesperada para terminar e poder entrar e se aquecer. Só viu o aerodeslizador na frente quando voltava correndo. Tinha visto muitos aerodeslizadores enquanto morava na cidade, mas eram raros no campo, onde os fazendeiros preferiam naves maiores e mais rápidas.

Scarlet entrou sorrateiramente pela porta de trás e ouviu a avó na cozinha com um homem, conversando com vozes abafadas. Contornou lentamente a escadaria, com os pés silenciosos nos azulejos de terracota.

– Não consigo imaginar que peso ela tem sido para você todos esses anos – disse um homem com sotaque oriental.

Scarlet franziu a testa e sentiu o calor da cozinha nas bochechas quando espiou pela fresta na porta. Ele estava sentado à mesa, com uma caneca nas mãos. Tinha cabelo preto sedoso e um rosto longo. Scarlet nunca o tinha visto antes.

– Ela não tem dado o trabalho que pensei que daria – disse a avó, que estava fora do seu campo de visão. – Quase me afeiçoei a ela depois de todos esses anos. Mas devo dizer que vou ficar feliz quando for embora. Não vou mais entrar em pânico cada vez que uma nave desconhecida passar voando.

A garganta de Scarlet se apertou.

– Você disse que ela estaria pronta para partir em uma semana? É possível?

– Logan parece pensar que sim. Esse seu dispositivo é tudo que estávamos esperando. Se o procedimento correr bem, pode até ser antes. Mas você vai ter que ser paciente. Ela vai estar bem fraca e bastante desnorteada.

– É compreensível. Não consigo imaginar como deve ser para ela.

Scarlet colocou a mão tapando a boca para esconder a respiração.

– Você está com as acomodações preparadas?

– Sim, estamos preparados. Vai demorar um pouco para nos acostarmos também, mas tenho certeza de que vai dar certo depois que ela se acostumar. Tenho duas meninas mais ou menos da idade dela, de doze e nove anos. Tenho certeza de que vão se gostar, e vou tratá-la como se fosse minha.

– E quanto à madame Linh? Ela está preparada?

– Preparada? – O homem riu, mas o som foi rouco e desconfortável. – Ela não poderia ter ficado mais atônita quando sugeri a ideia de adotar uma terceira garota, mas é uma boa mãe. Lamento por ela não ter podido vir comigo, mas eu queria chamar o mínimo de atenção possível. É claro que ela não *sabe* sobre a garota. Não... tudo.

Scarlet deve ter emitido algum som, porque o homem de repente ergueu o olhar e a viu. Ele se enrijeceu.

A cadeira da avó foi arrastada no chão e a porta foi aberta. Ela estava furiosa. Scarlet também estava furiosa com a avó.

– Scarlet, você sabe que não deve xeretar. Vá para o seu quarto!

Ela queria gritar, bater os pés, dizer que não podia dispensá-la como se não fosse nada, não novamente. Mas as palavras não surgiram. Ficaram entaladas na base da garganta.

Assim, fez o que a avó mandou, batendo os pés na escada e entrando no quarto antes que a avó pudesse ver suas lágrimas.

O problema não foi só descobrir que não era desejada, nem que poderia ser entregue a qualquer estranho que fosse buscá-la. O problema era que, depois de seis longos anos, ela começara a se sentir parte dali. A achar que a avó a amava, mais do que a mãe a amara, mais do que o pai. Que talvez as duas formassem um time.

Depois daquela manhã, ela viveu com medo por uma semana. Duas semanas. Um mês.

Mas o homem nunca foi buscá-la, e ela e a avó nunca voltaram a falar do assunto.

– Scarlet?

O aperto do braço de Lobo na cintura levou Scarlet de volta para o presente, para o vagão de trem que estava desacelerando. Ela estava encolhida como uma criança de costas para ele, e apesar de estar com os olhos apertados, algumas lágrimas quentes escaparam, rolaram pelo nariz e escorreram até seu queixo. Ela as secou rapidamente.

Lobo se ergueu atrás dela.

– Scarlet? – A voz dele estava nervosa.

– Tive um sonho ruim – disse ela, não querendo que pensasse que as lágrimas tinham alguma coisa a ver com ele. O trem já estava parando, e ela se deitou de costas. Ainda devia ser noite, pela escuridão que dominava o vagão do trem, mas o brilho nada natural dos néons da cidade se refletia nas caixas perto da porta, espalhando tons de rosa e verde.

– Me lembrei de uma coisa – sussurrou ela. – Acho que pode ter relação com a princesa.

Ele ficou tenso.

– Eu agora me lembro de minha avó ter mencionado Logan, mas ela não queria que eu escutasse. Eu ouvi atrás da porta. E havia outro homem... – Ela contou a história da melhor forma que conseguiu, juntando as partes da lembrança de novo quando o cérebro ameaçou se confundir.

Quando acabou, ficou parada, ouvindo o assobio do vento do lado de fora dos vagões. A lateral do corpo estava toda doída por dormir em uma caixa dura.

Em vez de parecer aliviado ou esperançoso, Lobo olhou para ela apavorado.

– É o que estão procurando, não é? Só *pode* ser da princesa que eles estavam falando. Não sei onde ela estava, nem quem estava cuidando dela. Eu nunca a vi. O tempo todo, achava que ela estava planejando *me* mandar embora, mas agora... Depois do que você me contou sobre Logan Tanner e grand-mère e a princesa Selene...

Lobo se afastou dela, se sentou e puxou os joelhos para o peito.

Olhou sem ver as pilhas de caixas ao redor.

– Aquele homem tinha sotaque. Acho que era da Comunidade das Nações Orientais. – Scarlet se sentou ao lado dele e puxou o cabelo para um lado. – E tenho certeza de que vovó chamou a esposa dele de “madame Linh”. Não sei se é um nome comum, mas... Eu o reconheceria se o visse de novo. Tenho certeza de que sim.

– Não diga isso. – Lobo colocou as mãos nos ouvidos. – Eu não ouvi isso.

Scarlet piscou, perplexa pela cara dele.

– Lobo? – Ela esticou o braço e puxou as mãos dele. – Isso é bom, não é? Eles querem informações, e eu as tenho. Vamos negociar. Vamos trocar pela segurança da minha avó. Não é...?

– Não vá.

O olhar dele pareceu prendê-la na escuridão. Cabelo desgrenhado, cicatrizes leves, traços de sono nos olhos. Lobo enrolou um cacho do cabelo dela nos dedos.

– Não vá procurar sua avó.

Um raio de luz laranja brilhou pela porta e sumiu.

– Eu tenho que ir.

– Não, Scarlet, você não tem que ir – disse, segurando a mão dela. – Não tem nada que você possa fazer por ela. Se você for, só vai se colocar em perigo. Sua avó ia querer isso?

Scarlet afastou a mão.

– Podemos fugir – continuou ele, com os dedos procurando contato, procurando espaço nos bolsos dela. – Vamos desaparecer na floresta. Vamos para a África, ou para a Comunidade das Nações Orientais. Podemos sobreviver, e eles nunca vão nos encontrar. Posso manter você em segurança, Scarlet. Posso proteger você.

– Do que você está falando? Ontem à noite mesmo você disse que, se eu tivesse qualquer informação, isso poderia ajudar, poderia ser a única chance da minha avó, e agora eu tenho. Pensei que fosse o que você quisesse.

– Talvez – disse ele. – Talvez, se você tivesse nome completo, endereço, alguma coisa específica. Mas um sobrenome e um país, um país enorme, e uma descrição? Scarlet, se você contar isso para eles, só vão prender *você* na esperança de poder identificar o homem.

Ela puxou o zíper e o observou, viu a forma como os olhos dele ficavam mais enlouquecidos a cada inspiração.

– Que bom – retrucou. – Então vamos propor um troca: eu por minha avó.

Ele se encolheu, balançando a cabeça, mas Scarlet estava firme.

– Vamos juntos. Você pode dizer que tem informações, mas só vai dar a eles com a condição de deixarem você ir embora livremente com minha avó junto. E aí, podem ficar comigo.

Lobo tremeu.

– Lobo, você precisa me prometer que vai cuidar dela. Não sabemos em que tipo de condições ela vai estar. Se eles tiverem... se ela estiver ferida... você vai ter que cuidar dela. – Sua voz falhou, mas não houve mais lágrimas. Ela estava decidida.

Até...

– E se ela já estiver morta, Scarlet?

O medo tomou conta dela junto com as palavras que ela se recusava a enunciar por medo de tornar a situação real. O trem ainda estava diminuindo de velocidade, e Scarlet conseguia ouvir o som furioso da cidade: aerodeslizadores e telas e alarmes avisando às pessoas para se afastarem dos trilhos. Era tarde da noite, mas na cidade nunca havia silêncio.

– Você acha que ela está morta? – A voz dela tremeu. O coração latejou enquanto esperava uma resposta. – Acha que a mataram?

Cada momento se enrolava no pescoço de Scarlet, estrangulando-a, até que a única palavra possível de sair dos lábios de Lobo era *sim*. Sim, ela estava morta. Eles a tinham assassinado. Aqueles monstros a assassinaram.

Scarlet apertou as palmas das mãos na caixa, tentando empurrar

o plástico.

– Me responda.

– Não – murmurou ele, dando de ombros. – Não, acho que não a mataram. Ainda não.

Scarlet tremeu de alívio. Cobriu o rosto com as mãos, tonta pelo furacão de emoções.

– Graças às estrelas – sussurrou. – Obrigada.

O tom dele ficou mais duro.

– Não me agradeça por contar a verdade quando teria sido misericordioso mentir para você.

– Misericordioso? Me dizer que ela está morta? Partir meu coração?

– Fazer você acreditar que ela estava morta era a única chance que eu tinha de convencer você a não ir procurá-la. Nós dois sabemos disso. Eu devia ter mentido.

O zumbido dos trilhos aumentou quando o trem se aproximou da estação. Vozes gritaram. Máquinas estalaram e chiaram.

– Não é uma decisão sua – disse ela, pegando o tablet e verificando a localização deles. Tinham chegado em Paris. – Tenho que ir atrás dela. Mas você não precisa ir comigo.

– Scarlet...

– Não, escute. Agradeço sua ajuda. Me trouxe até aqui. Mas posso prosseguir sozinha. Só me diga para onde ir, e vou encontrar o caminho sozinha.

– Talvez eu não diga.

Scarlet enfiou o tablet no bolso, a raiva esquentando suas bochechas. Ao ver a expressão de Lobo, porém, viu não teimosia, mas pânico. Os dedos dele abriam e fechavam sem parar.

Deixou o ressentimento crescente de lado. Deslizou para perto de Lobo e segurou o rosto dele com as mãos. Ele se encolheu, mas não se afastou.

– Eles vão querer essa informação, não vão?

A expressão dele era de pedra.

– Vamos me oferecer para troca. Você e grand-mère podem ir para um lugar seguro, cuidar um do outro, e quando me soltarem, vou procurar vocês. Não podem ficar comigo para sempre.

Ela deu o melhor sorriso que conseguiu e esperou que ele retribuísse. Mas não o fez. Ela passou os polegares pelas bochechas dele e o beijou. Apesar de puxá-la imediatamente para perto de si, Lobo não permitiu que o beijo fosse demorado.

– Não há garantia de que vão soltar você. Quando terminarem, podem matar você. Você está sacrificando sua vida pela dela.

– É um risco que tenho que correr.

O trem parou e baixou sobre os trilhos.

Os olhos de Lobo adquiriram uma expressão de tristeza.

– Eu sei. Você vai fazer o que tiver que fazer. – Tirou as mãos dela de seus ombros e deu um beijo doce no punho, onde o sangue pulsava sob a pele. – E eu também.

CAPÍTULO

A PLATAFORMA SUBTERRÂNEA ESTAVA BEM-ILUMINADA E REPLETA de andróides e carrinhos flutuantes prontos para recolher a carga do trem. Scarlet seguiu Lobo até as sombras de outro trem de carga. Esperaram um andróide dar a volta antes de se esgueirarem até a plataforma.

Lobo segurou o pulso dela e a puxou, se escondendo atrás de um carrinho lotado de caixas. Um momento depois, Scarlet viu um andróide entrar no vagão do qual ela e Lobo tinham acabado de sair, a luz azul saindo pela porta.

– Esteja pronta para correr quando o trem partir – disse Lobo, ajustando a bolsa no ombro. Segundos depois, o trem se ergueu nos trilhos e começou a deslizar de volta para o túnel.

Scarlet correu na direção dos trilhos, mas foi puxada para trás pelo capuz. Soltou um grito estrangulado e se chocou no corpo de Lobo.

– O qu...?

Ele colocou um dedo na boca.

Scarlet olhou para ele com irritação e puxou o capuz, mas logo ouviu também. O zumbido de um trem que se aproximava.

Foi na terceira linha, e passou voando sem nenhuma indicação de parar, sumindo na escuridão de novo com a mesma rapidez que chegou.

Lobo sorriu.

– Agora podemos ir.

Chegaram à outra plataforma sem dar de cara com mais nada, vistos apenas por um homem de meia-idade que os observou com curiosidade por cima do tablet.

Scarlet olhou para o próprio aparelho quando eles chegaram à rua. A cidade estava silenciosa na madrugada. Haviam saído da

Gare de Lyon, cercados de avenidas cheias de lojas e escritórios. Embora Lobo tentasse esconder, Scarlet notou que ele estava farejando em busca de alguma coisa.

Ela só conseguia sentir o cheiro da cidade. De metal e asfalto, e pão sendo assado na padaria mais próxima, na esquina.

Lobo seguiu para o noroeste.

A rua estava ladeada de imponentes estruturas de belas artes da segunda era e floreiras penduradas em janelas envoltas em pedra. Havia uma torre de relógio decorada ao longe, com a face iluminada exibindo dois ponteiros largos e algarismos romanos; abaixo uma tela digital que dizia 04h26 ao lado de um anúncio do mais moderno modelo de androide doméstico.

– Estamos muito longe? – perguntou Scarlet.

– Não muito. Podemos ir andando.

Viraram à esquerda em uma rotatória, Lobo meio passo à frente, curvado como se estivesse se protegendo. O olhar de Scarlet seguiu pelo braço dele, pelo ferimento com curativo que não parecia mais incomodá-lo, até os dedos inquietos. Queria esticar a mão até a dele, mas achou impossível. Então, enfiou as duas nos bolsos do moletom.

Havia um abismo se abrindo entre eles, destroçando o que tinham compartilhado no trem. Estavam quase lá, perto da avó dela, perto da Ordem da Matilha.

Talvez ele a estivesse levando em direção à morte.

Talvez Lobo estivesse marchando em direção à própria morte.

Ela ergueu a cabeça, se recusando a provocar medo em si mesma com pensamentos soturnos. Tudo que importava agora era salvar sua avó, e estavam muito perto. Muito perto.

As residências antigas se apertavam, mais próximas à rua, conforme deixavam o cruzamento movimentado para trás. Só havia ocasionais sinais de vida: um gato se lambendo na janela de uma chapelaria, um homem de terno andando rapidamente de um hotel para um aerodeslizador. Passaram por uma tela que mostrava

um comercial de xampu que prometia mudar a cor do cabelo da pessoa de acordo com o humor.

Ela já desejava a solidão da fazenda de novo. Era a única realidade que conhecia. A fazenda e a avó e as entregas semanais. E agora, Lobo. Essa era a realidade que queria.

Lobo acelerou o passo, mas os ombros estavam encolhidos de novo. Scarlet trincou os dentes, esticou a mão e segurou o pulso dele.

– Não posso deixar você fazer isso – disse, com mais raiva do que pretendia. – Só me diga onde fica e vou sozinha. Só me diga o que fazer. Me dê alguma pista sobre o que vou encontrar, e vou pensar em alguma coisa, mas não posso deixar você ir comigo.

Ele a encarou por um longo tempo, e ela tentou ver delicadeza naqueles olhos verdes e austeros, mas o calor e o desespero que estavam tão evidentes no trem agora tinham sido substituídos por uma resolução fria. Ele afastou o braço.

– Está vendo o homem sentado em frente ao café fechado do outro lado da rua?

Ela virou o rosto e viu o homem sentado em uma das mesas na rua. Um dos tornozelos estava apoiado no joelho da outra perna e o cotovelo, nas costas da cadeira. Estava olhando para eles e não tentou disfarçar. Quando Scarlet olhou nos seus olhos, o homem deu uma piscadela.

Um arrepio percorreu sua pele.

– Integrante da matilha – disse Lobo. – Passamos por outro na estação, dois quarteirões atrás. E... – Inclinou a cabeça. – Se o fedor for algum sinal, estamos prestes a dar de cara com outro quando dobrarmos a próxima esquina.

O coração dela disparou de repente.

– Como eles sabiam que estávamos aqui?

– Desconfio que estavam esperando por nós. Deviam estar rastreando sua identificação.

Era o que as pessoas faziam quando fugiam e não queriam ser

encontradas: elas arrancavam os chips de identificação.

– Ou a sua – murmurou ela. – Se tiverem acesso a um rastreador de identificação, talvez estivessem seguindo você.

– Pode ser. – A voz dele soou indiferente, e ela percebeu que isso não era novidade para Lobo. Será que ele achava isso possível? Será que foi assim que Ran os encontrou?

– É melhor então irmos descobrir o que eles querem. – Lobo virou, e ela precisou correr para acompanhá-lo.

– Mas são só três. Você consegue lutar com eles, não consegue? Você disse que conseguia... – Scarlet hesitou. Ele tinha dito que conseguia vencer uma luta contra seis lobos. Quando esses animais selvagens tinham virado sinônimo daqueles homens, daquela Ordem da Matilha? – Você ainda pode fugir. Ainda há chance – concluiu.

– Eu disse que protegeria você, e é isso que vou fazer. Não tem sentido continuar essa discussão.

– Não preciso da sua proteção.

– Precisa. – A palavra se misturou ao barulho sintético de um vídeo de música em um outdoor próximo. – Precisa, *sim*.

Scarlet parou na frente dele e firmou os pés. Ele quase se chocou com ela.

– Não – disse ela. – O que preciso é saber que não sou responsável pelo que fizerem com você. Você precisa parar de ser burro e sair daqui. Pelo menos dê uma chance a si mesmo!

Lobo olhou por cima da cabeça dela para um local ao longe. Scarlet ficou tensa, se perguntando se ele tinha captado a presença de um quarto integrante da matilha, ou até mais. Engoliu em seco e olhou para o homem no café, que estava coçando a orelha e observando-os com divertimento óbvio no rosto.

– A burrice não é tentar proteger você – disse Lobo, voltando a atenção para ela. – A burrice é que quase acredito que vai fazer diferença.

Ele a contornou ignorando a mão que se levantara para impedi-

lo. Os pensamentos dela ficaram confusos com a ideia de que tinha escolha. Podia fugir com ele, sair da cidade e não voltar nunca. Podia escolher não ir em busca da avó, afinal, e talvez salvar a vida dele.

Mas não era uma escolha real. Mal o conhecia. Apesar da dor no coração, apesar de tudo. Jamais conseguiria viver consigo sabendo que tinha abandonado a avó quando estava tão perto.

Ela virou só uma vez, quando eles estavam dobrando uma esquina, e viu que o homem do café tinha sumido.

Um quarteirão depois, as lembranças da Quarta Guerra Mundial surgiram de repente. Havia as marcas de queimadura e fachadas desmoronando de uma cidade atingida pela guerra. Não havia sobrado belos prédios suficientes para atrair o interesse de quem lutava pela preservação, e a mera quantidade de destruição devia ter sido demais para possibilitar a reconstrução. Incapaz de demolir a história da cidade, o governo deixou aquele quarteirão como estava. Os bairros, apesar de separados por poucas ruas, pareciam estar a quilômetros um do outro.

Sufocando um gritinho, Scarlet reconheceu o enorme prédio que ocupava o outro lado da rua, com as janelas em arco quebradas e as estátuas de homens de roupas antiquadas, muitos com membros quebrados e algumas alcovas vazias. Le Musée du Louvre, uma das poucas atrações à qual o pai a tinha levado quando criança. O prédio, parcialmente desmoronado no lado oeste, estava instável demais para se entrar, mas ela e o pai ficaram de pé na calçada enquanto ele falava sobre as valiosas obras de arte que foram destruídas nos bombardeios, das poucas que tiveram a sorte de terem se tornado espólio de guerra.

Muitas ainda não tinham sido encontradas, mais de um século depois.

Era uma das poucas lembranças boas que tinha do pai, e havia se esquecido completamente.

– Scarlet.

Ela virou a cabeça de repente.

– Por aqui. – Lobo inclinou a cabeça na direção de outra rua.

Ela assentiu e o seguiu sem olhar para trás.

Apesar do estado destruído do bairro, estava claro que aquelas ruas antigas não estavam completamente abandonadas. Um pequeno motel anunciava na janela: “Venha passar a noite com fantasmas de civis mortos.” Uma loja de artigos de segunda mão exibia manequins sem cabeça vestidos em uma série de tecidos vibrantes.

No cruzamento, Lobo parou em uma praça de concreto com entrada coberta para o metrô e uma placa que indicava que a plataforma estava fechada, e que a mais próxima ficava no Boulevard des Italiens.

– Está pronta?

Ela seguiu o olhar decidido até um prédio enorme e belo à frente. Anjos e querubins montavam guarda nas gigantescas portas em arco.

– O que é isso?

Lobo seguiu o olhar dela.

– Já foi um teatro de ópera e uma maravilha arquitetônica. Mas a guerra chegou e foi convertido em depósito de artilharia e, depois de um tempo, de prisioneiros de guerra. Quando mais ninguém o queria, nós o pegamos.

Scarlet franziu a testa ao ouvir a palavra *nós*.

– Parece meio ostensivo para uma gangue de rua secreta, não acha?

– *Você* desconfiaria de que havia uma coisa horrível morando aí dentro?

Como ela não respondeu, ele virou para observá-la enquanto se aproximavam do teatro enorme. Mais uma vez, perguntou:

– Está pronta?

Ela prendeu a respiração e examinou os entalhes: rostos sombrios e belos, bustos de homens olhando para ela, uma enorme

sacada sem metade dos balaústres. Scarlet cerrou os dentes, atravessou a rua, subiu os degraus que ocupavam a largura do prédio e passou pelos anjos silenciosos e maltratados sob o pórtico de entrada.

– Estou pronta – respondeu, observando a confusão de pichações nas portas.

– Scarlet.

Ela virou de frente para ele, surpresa pela rouquidão que ouviu na voz dele.

– Me desculpe.

Ele teve o cuidado de não tocar nela ao passar.

Ela ficou com a boca seca quando avisos dispararam em sua cabeça e Lobo abriu a porta mais próxima e entrou nas sombras.

CAPÍTULO

Vinte e Sete

A PORTA SE FECHOU ATRÁS DELES. SCARLET SE VIU NO SAGUÃO imenso de uma casa de ópera, escuro como piche, exceto por calorosas e tremeluzentes chamas de velas além dos arcos. O saguão estava tomado por silêncio, poeira e pedaços de mármore quebrado no chão. A poeira entrou na garganta de Scarlet, e ela lutou para não tossir enquanto se deslocava na direção da luz. Os passos soaram absurdamente altos no prédio vazio e oco quando passou entre duas colunas gigantescas.

Scarlet ficou sem ar. A luz vinha de uma de duas estátuas que flanqueavam uma enorme escadaria dupla. Eram duas mulheres envoltas em tecidos leves no alto de um pedestal, cada uma segurando um buquê de tochas. Dezenas de velas de cera brilhavam e tremiam, projetando uma camada alaranjada e fantasmagórica no saguão. A escadaria, entalhada em mármore branco e vermelho, estava sem algumas balaustradas, e uma das estátuas similares à primeira estava sem cabeça e o braço que antes sustentara o candelabro.

Seu pé se afundou em uma poça e Scarlet pulou para trás, primeiro olhando para baixo, para o piso quebrado de mármore, depois para cima. Três andares de sacadas se erguiam acima e, no centro, aonde quase não chegava luz, havia um teto pintado com uma claraboia quadrada no centro. Parecia que a vidraça não estava lá havia tempo.

Abraçando o próprio corpo, Scarlet virou para Lobo. Ele tinha parado de pé entre as colunas.

– Talvez estejam dormindo – disse ela, tentando parecer indiferente.

Lobo saiu das sombras e andou até a escadaria. Seu corpo estava tão tenso quanto os das estátuas que os observavam.

O olhar de Scarlet se dirigiu para os corredores acima, mas ela não viu movimento, nenhum sinal de vida. Nenhum lixo. Nenhum cheiro de comida. Nenhum som de fala nem de telas. Até os sons da rua tinham desaparecido atrás das portas enormes.

Trincou os dentes e a raiva despertou dentro de si, com a sensação terrível de estar presa como um rato em uma ratoeira. Passando por Lobo, andou na direção da escada até os dedos dos pés tocarem o primeiro degrau.

– *Olá?* – gritou ela, olhando para cima. – Vocês têm visita!

As palavras ecoaram, hostis e desafiadoras.

Nenhum som. Nenhum alarme.

E então, no silêncio, um som leve de sino. Scarlet levou um susto ao ouvir o ruído que ecoava entre os pilares de mármore, apesar de vir, abafado, de seu bolso.

Com o coração disparado, pegou o tablet na hora em que a voz computadorizada começou a falar.

– *Mensagem para mademoiselle Scarlet Benoit de L'hôpital Joseph Ducuing em Toulouse.*

Scarlet piscou. Hospital?

Com as mãos tremendo, abriu a mensagem.

30 AGO 126 T.E.

O OBJETIVO DESTA MENSAGEM É INFORMAR A SCARLET BENOIT, DE RIEUX, FRANÇA, FEDERAÇÃO EUROPEIA, QUE ÀS 05H09 DE 30 AGO 126, LUC ARMAN BENOIT, DE PARIS, FRANÇA, FEDERAÇÃO EUROPEIA, FOI DECLARADO MORTO PELO MÉDICO DE PLANTÃO ID #58279. SUPOSTA CAUSA DA MORTE: INTOXICAÇÃO POR ÁLCOOL.

FAVOR RESPONDER DENTRO DE 24 HORAS CASO DESEJE UMA AUTÓPSIA

**FEITA AO CUSTO DE 4500 UNIVS.
COM NOSSOS SENTIMENTOS,
EQUIPE DO L'HÔPITAL JOSEPH DUCUING,
TOULOUSE**

Mergulhada em confusão, seu coração perdeu o ritmo. Não conseguia absorver a mensagem, o cérebro a ficava repassando, de novo e de novo. Visualizou o pai da última vez que o viu, perdido em devaneios, torturado e com medo. Como tinha gritado com ele. Dissera que jamais queria voltar a vê-lo.

Como ele podia estar morto, apenas vinte e quatro horas depois? E não devia ter recebido uma mensagem quando ele deu entrada no hospital? Não devia ter recebido um aviso?

Com o equilíbrio instável, olhou para Lobo.

– Meu pai está morto – disse, o sussurro mal se espalhando no espaço enorme. – Intoxicação por álcool.

Ele abriu a boca.

– Tem certeza?

A desconfiança dele demorou a ser percebida por causa da total apatia dela.

– Você acha que mandaram a mensagem por engano?

Um toque de pena brilhou nos olhos dele.

– Não, Scarlet. Mas acho que ele estava correndo um risco muito pior do que o prazer de beber.

Ela não entendeu. Seu pai tinha sido torturado, mas as marcas de queimadura não o teriam matado. A insanidade também não.

Em meio à névoa em seu cérebro, um instinto delicado e insinuante a mandou olhar para cima. Ela olhou.

Atrás de Lobo, ladeado por dois pilares que sustentavam castiçais apagados, havia um homem. Esguio e magro, com cabelo escuro e ondulado e olhos quase negros que ardiam à luz das chamas. Teria um sorriso agradável se Scarlet não tivesse levado um susto tão grande, tanto com a presença dele quanto pelo

silêncio, e também pelo fato de Lobo não parecer surpreso por ele estar ali, nem se dar ao trabalho de olhar apesar de certamente sentir sua presença.

Mais apavorante do que tudo eram as roupas. Usava um casaco vermelho carmim largo na cintura com mangas longas e largas. Runas bordadas em dourado brilhavam nas beiradas. Era quase como uma fantasia de criança, uma imitação da horrível corte lunar.

O medo vibrou no peito de Scarlet. Isso não era uma fantasia. Era um pesadelo, uma história de horror contada para fazer com que as crianças se comportassem.

Um taumaturgo. Um taumaturgo lunar.

– Oi – disse o homem, com uma voz doce e suave como caramelo derretido. – Você deve ser mademoiselle Benoit.

Ela cambaleou para trás no primeiro degrau e segurou o corrimão para se equilibrar. Em frente, Lobo baixou os olhos e virou. O homem o cumprimentou com um aceno educado.

– Alfa Kesley, fico feliz que tenha voltado em segurança. E, se entendi corretamente a mensagem que a moça acabou de receber, a tarefa de Beta Wynn em Toulouse também deve ter sido concluída. Parece que logo a matilha estará completa.

Lobo apertou o punho contra o peito e fez uma leve reverência.

– Fico feliz em saber, Mestre Jael.

Scarlet engoliu em seco e apoiou o quadril no corrimão.

– Não – disse, achando a voz na segunda tentativa. – Ele me trouxe aqui para encontrar minha avó. Não é mais parte do seu grupo.

O sorriso do homem foi caloroso e compreensivo.

– Entendo. Tenho certeza de que você deve estar ansiosa para ver sua avó. Espero poder reunir vocês duas em breve.

Scarlet fechou as mãos.

– Onde ela está? *Se você a machucou...*

– Ela está bem viva, eu garanto – disse o homem. Sem nenhuma

mudança de expressão, se voltou para Lobo. – Me conte, alfa, você conseguiu cumprir seus objetivos?

Lobo baixou a mão ao lado do corpo. A obediência emanava dele como um disfarce leve e absurdo.

Uma dor de cabeça latejou nas têmporas de Scarlet. Os nervos zumbiam enquanto ela esperava, torcendo e desejando que ele contasse ao homem que tinha abandonado a matilha ridícula e nunca ia voltar.

Mas a esperança não demorou muito. Foi descartada antes mesmo de Lobo abrir a boca.

Esse homem não era um criminoso rebelde, um integrante de uma gangue paramilitar. Se era mesmo um taumaturgo, um taumaturgo de verdade de pé à frente dela, ele trabalhava para a coroa lunar.

E Lobo... o que isso fazia de Lobo?

– Eu a interroguei da melhor forma que pude – respondeu Lobo.

– Ela só tem uma única lembrança vaga, mas duvido tanto da utilidade quanto da confiabilidade. O tempo e o estresse parecem ter afetado as lembranças, e a essa altura não tenho dúvidas de que criaria histórias falsas se acreditasse que poderiam ajudar a avó.

O taumaturgo ergueu a cabeça, refletindo. *Alfa Kesley.*

O coração de Scarlet martelou dentro do peito, pronto para sufocá-la.

Eu a interroguei da melhor forma que pude.

– Lobo.

Ele não olhou para ela. Não se moveu, nem suspirou, nem reagiu. Era uma estátua. Era um peão.

O taumaturgo emitiu um som triste.

– Não importa. – Em seguida, depois de um silêncio no qual Scarlet sentiu como se a escada estivesse desmoronando abaixo de si, acrescentou: – Ômega Kesley deveria ter informado a você que nossos objetivos mudaram. Vossa Majestade não está mais preocupada em identificar Selene.

Os dedos de Lobo tremeram.

– Ainda assim, está claro para mim que madame Benoit ainda não revelou todos os seus segredos. Talvez possamos encontrar outro uso para a mademoiselle.

Lobo levantou a cabeça ligeiramente.

– Se ela tivesse qualquer informação adicional, teria me contado. Tenho certeza de que a confiança dela era completa.

Scarlet meio que despencou no corrimão de mármore, segurando a base da estátua sem cabeça para não cair no chão.

– Tenho certeza de que você se saiu muito bem – disse o taumaturgo. – Não fique alarmado. Vou cuidar para que seus esforços recebam o reconhecimento apropriado.

– Quem é Beta Wynn? – perguntou Scarlet. – Qual era a missão dele em Toulouse? – A voz estava fraca, tomada de descrença enquanto ela tentava se equilibrar na escada. Lutou para acreditar que era um pesadelo. Em pouco tempo, acordaria no trem, nos braços de Lobo, e tudo aquilo aconteceria de maneira muito diferente. Mas não acordou, e o taumaturgo continuava olhando para ela com olhos escuros e solidários.

– A missão de Beta Wynn era matar seu pai de forma que não despertasse suspeitas – respondeu, sem problema nenhum, como se estivesse dizendo que horas eram. – Ofereci uma chance ao seu pai. Se ele tivesse encontrado alguma coisa útil na propriedade de madame Benoit, acho que eu realmente teria pensado em deixá-lo viver, talvez como escravo. Mas ele falhou após o prazo que demos, por isso fui obrigado a mandar silenciá-lo. Sabia muito sobre nós, entende, e tinha cumprido sua função. Infelizmente, temos pouca tolerância com terráqueos inúteis.

Ele sorriu, e a expressão pareceu fazer as entranhas de Scarlet se retorcerem, não por ser um sorriso cruel, mas por ser um sorriso gentil.

– Você parece estar se sentindo mal, mademoiselle. Talvez precise descansar um pouco antes de estar pronta para ver sua

avó. Rafe, Troya, podem levar a moça para o quarto que preparamos para ela?

Os dois surgiram das sombras, homens que não passavam de manchas na lembrança de Scarlet. Eles a levantaram pelos cotovelos, sem se darem o trabalho de amarrá-la ou algemá-la.

A mente dela apagou e, antes que percebesse, estava enfiando a mão na cintura da calça.

A mão de Lobo chegou lá primeiro, e seu braço tocou de leve na lateral do corpo dela. A respiração ficou presa na garganta e Scarlet ficou paralisada, observando o rosto dele com olhos arregalados. Os olhos cor de esmeralda estavam vazios quando ele levantou as costas do moletom e puxou a arma.

Ele ia matá-los.

Ele ia protegê-la.

Girando a arma de forma a segurá-la pelo cano, Lobo a entregou a um dos captores.

Quando a severidade dele sumiu e indicou a presença de alguma coisa parecida com remorso, Scarlet firmou o maxilar.

– Um Soldado Leal da Ordem da Matilha?

Ela percebeu a dor quando ele engoliu em seco.

– Não. Agente Especial Lunar.

O salão girou.

Lunar. Ele era lunar. Trabalhava para eles.

Trabalhava para a rainha.

Scarlet virou a cabeça e forçou as pernas a serem fortes, se recusando a ser carregada como uma criança quando a guiaram até outra escadaria, que levava aos andares subterrâneos do teatro. Mas se recusou a dar a eles o prazer de uma luta.

A voz do taumaturgo soou atrás dela, benevolente.

– Você tem minha permissão para descansar até o pôr do sol, Alfa Kesley. Posso ver que seu esforço o exauriu.

CAPÍTULO

KAI ANDOU POR TODO O ESCRITÓRIO, DA PORTA ATÉ A ESCRIVANINHA, da escrivaninha até a porta. Dois dias tinham se passado desde que Levana dera o ultimato: encontrar a garota ciborgue ou ela atacaria.

O prazo estava acabando, e cada hora fazia o medo de Kai aumentar. Não dormia havia mais de quarenta e oito horas. Com a exceção de cinco coletivas de imprensa nas quais ainda não tinha nada novo a relatar, também não saiu do escritório.

Ainda não havia sinal de Linh Cinder.

Nenhum sinal do dr. Erland.

Como se eles tivessem simplesmente desaparecido.

– Ah! – Ele passou as mãos pelo cabelo até o couro cabeludo doer. – *Lunares*.

O alto-falante em sua escrivaninha zumbiu.

– O androide real Nainsi pede permissão para entrar.

Kai soltou o cabelo com um gemido baixo. Nainsi estava sendo boa com ele nos últimos dias, levando quantidades absurdas de chá e não dizendo nada quando levava as xícaras ainda cheias e frias embora. Ela o encorajava a comer e lhe lembrava quando uma coletiva estava chegando, ou que tinha esquecido de retornar as mensagens do governador-geral da Austrália. Se não fosse pelo título, “androide real Nainsi,” ele quase esperaria que uma humana entrasse pelas portas todas as vezes que era anunciada.

Kai se perguntou se seu pai tinha sentido a mesma coisa em relação aos seus assistentes andróides. Ou talvez Kai só estivesse delirando.

Afastando os pensamentos inúteis, Foi para trás da escrivaninha.

– Sim, entre.

A porta se abriu, e as rodinhas de Nainsi rolaram sobre o tapete.

Não estava carregando a bandeja de comida que ele esperava.

– Vossa Majestade, uma mulher chamada Linh Adri e a filha, Linh Pearl, pediram uma reunião imediata. Linh-jië diz que tem informações importantes sobre a fugitiva lunar. Eu a encorajei a procurar o Chefe Huy, mas ela insistiu em falar com o senhor diretamente. Verifiquei a identificação dela, e parece ser quem diz ser. Não tive certeza se devia mandá-la embora.

– Tudo bem. Obrigado, Nainsi. Mande-a entrar.

Nainsi saiu do escritório. Kai olhou para a camisa e abotoou o colarinho, mas concluiu que não havia nada que pudesse fazer quanto ao tecido amassado.

Um momento depois, duas estranhas entraram no escritório. A primeira, uma mulher de meia-idade com cabelo começando a ficar grisalho, e a outra, uma adolescente com cabelos densos e lisos que caíam pelas costas. Kai franziu a testa quando as duas fizeram uma reverência exagerada na sua frente, e só quando a garota deu um sorriso tímido foi que ele se sentiu um idiota porque o cérebro embotado pela exaustão não percebeu os nomes delas quando Nainsi as anunciou. Linh Adri. Linh Pearl.

Não eram completamente estranhas. Tinha visto a garota duas vezes antes, uma na barraca de Cinder na feira, outra no baile. Ela era a meia-irmã de Cinder.

E a mulher.

A mulher.

Seu sangue gelou com a lembrança dela, piorada pelo olhar quase tímido que a adolescente lhe lançava agora. Ele também a tinha visto no baile. Quando ela estava prestes a bater em Cinder por ousar aparecer.

– Vossa Majestade – disse Nainsi, atrás delas. – Eu gostaria de apresentar Linh Adri-jië e a filha, Linh Pearl-mèi.

As duas fizeram reverências de novo.

– Sim, oi – disse Kai. – Vocês são...

– Eu *era* a guardiã legal de Linh Cinder – disse Adri. – Por favor,

perdoe a invasão, Vossa Majestade Imperial. Sei que o senhor é muito ocupado.

Ele limpou a garganta, desejando agora ter deixado o colarinho aberto. Já o estava estrangulando.

– Por favor, sentem – disse, apontando para os sofás ao redor da lareira holográfica. – Pode ir, Nainsi. Obrigado.

Kai andou na direção da poltrona, determinado a não se sentar ao lado de nenhuma das duas. Elas, por sua vez, se sentaram com as costas eretas no sofá, para não amassar os laços nas costas dos quimonos, e colocaram as mãos recatadamente no colo. A semelhança entre as duas era incrível, e, é claro, não se pareciam em nada com Cinder, cuja pele sempre foi queimada pelo sol, cujo cabelo era mais liso e mais fino, e que demonstrava uma confiança implícita mesmo quando estava tímida e gaguejando.

Kai se controlou para não sorrir com a lembrança de Cinder tímida e gaguejando.

– Infelizmente não fomos apresentados de maneira formal quando nossos caminhos se cruzaram no baile na semana passada, Linh-jiě.

– Ah, Vossa Alteza Imperial é muito gentil. Adri, por favor. Para falar a verdade, estou tentando me distanciar da tutelada que agora carrega o nome do meu marido. E tenho certeza de que o senhor se lembra da minha adorável filha.

Ele direcionou a atenção para Pearl.

– Sim, nos conhecemos na feira. Você estava com alguns pacotes que queria que Cinder guardasse.

Ele ficou feliz em ver que a garota ruborizou e torceu para que estivesse se lembrando do quanto foi rude naquele dia.

– Também nos encontramos no baile, Majestade – disse Pearl. – Falamos sobre minha pobre irmã, minha irmã verdadeira, que adoeceu e faleceu recentemente da mesma doença que levou seu ilustre pai.

– Sim, eu me lembro. Minhas condolências por sua perda.

Aguardou a esperada retribuição de condolências, mas ela não aconteceu. A mãe estava ocupada demais examinando o trabalho em madeira do escritório; a filha estava ocupada demais examinando Kai com falsa timidez.

Ele batucou no braço da poltrona.

– Meu androide me disse que vocês têm informações importantes para compartilhar, certo? Sobre Linh Cinder?

– Sim, Majestade. – Adri voltou a atenção para ele. – Obrigada por nos receber tão de repente, mas tenho informações que acho que poderiam ser úteis em sua busca por minha tutelada. Como cidadã preocupada, é claro que quero fazer o possível para ajudar e garantir que ela seja presa antes de causar mais danos.

– É claro. Mas perdoe-me, Linh-jiě, eu tinha a impressão de que você já tinha sido contatada e interrogada pelas autoridades como parte da investigação, não?

– Ah, sim, nós duas conversamos com homens muito gentis – disse Adri –, mas, depois disso, uma nova situação chegou à minha atenção.

Kai apoiou os cotovelos nos joelhos.

– Vossa Majestade, acredito que o senhor conheça a filmagem das quarentenas, de cerca de duas semanas atrás, na qual uma garota atacou dois medidroides, não?

Ele assentiu.

– Claro. A garota que falou com Chang Sunto, o garoto que se recuperou da peste.

– Bem, na época eu estava distraída demais por ter acabado de perder minha filha caçula, mas desde então pude ver melhor o vídeo e estou convencida de que a garota é Cinder.

Kai franziu a testa, já repassando o vídeo na mente. A garota não foi vista claramente, pois a gravação era granulada e trêmula e só mostrava vislumbres das costas dela.

– É mesmo? – refletiu, tentando não parecer muito interessado.

– O que faz você pensar isso?

– É difícil perceber pelo próprio vídeo, e eu não teria certeza do que digo se não fosse pelo fato de estar rastreando a identificação de Cinder naquele dia, pois ela vinha se comportando de maneira suspeita havia algum tempo. Sei que estava perto das quarentenas. Antes, pensei que só estivesse tentando fugir das tarefas domésticas, mas agora vejo que aquela aberraçãozinha tinha uma intenção muito mais sinistra em mente.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Aberração?

As bochechas de Adri ficaram vermelhas.

– Mesmo isso é muito gentil para ela, Vossa Majestade. O senhor sabe que ela nem é capaz de *chorar*?

Kai se encostou na poltrona. Depois de um momento ele percebeu que, em vez de ficar enojado como Adri claramente esperava, estava apenas curioso.

– É mesmo? Isso é normal em... em ciborgues?

– Não tenho como saber, Majestade. Ela foi o primeiro e espero que último ciborgue que terei a infelicidade de conhecer. Não consigo entender por que criamos ciborgues. São criaturas perigosas e orgulhosas, que andam por aí se achando melhores do que todo mundo. Como se merecessem tratamento especial por suas... excentricidades. Não passam de sugadores de nossa sociedade trabalhadora.

O colarinho começando a coçar, Kai limpou a garganta.

– Entendo. Você tinha dito alguma coisa sobre provas de que Cinder estava perto das quarentenas, não? E de que... fez alguma coisa sinistra?

– Sim, Vossa Majestade. Se o senhor puder fazer a gentileza de olhar minha página de identificação, verá que carreguei um vídeo que é bem incriminador.

Kai soltou o tablet do cinto, pensando nas filmagens da quarentena enquanto procurava a página de Adri. O vídeo estava no alto, uma imagem de baixa qualidade marcada com o símbolo

dos androides policiais da Comunidade das Nações Orientais.

– O que é?

– Quando Cinder não atendeu minhas mensagens naquele dia e tive certeza de que ela ia fugir do país, fiz, como era meu direito e mandei que ela fosse capturada. Essa é a filmagem de quando a encontraram.

Prendendo a respiração, Kai iniciou o vídeo. Era a filmagem de um aerodeslizador, direcionada para uma rua poeirenta cercada de armazéns abandonados. E ali estava Cinder, ofegante e furiosa. Ela levantou um punho fechado para um androide.

– Eu não roubei isto! Pertence à família dela, não a você nem a mais ninguém!

A câmera tremeu quando o aerodeslizador pousou e o androide se aproximou dela.

Com expressão de raiva, Cinder deu meio passo para trás.

– Não fiz nada de errado. Aquele medidroide estava me atacando. Foi legítima defesa.

Kai observou com ombros tensos o androide falar em sua voz monótona sobre os direitos da guardiã legal dela e o Ato de Proteção dos Ciborgues, até que Cinder acabou concordando em acompanhá-lo e o vídeo terminou.

Kai levou meros quatro segundos para achar a filmagem da garota atacando o medidroide das quarentenas e apertou mais o aparelho ao encaixar as peças do quebra-cabeça. Sentiu-se como um tolo pela centésima vez naquela semana.

Fazia sentido ser Cinder. É claro que era Cinder. Tinha dado o antídoto horas antes para o dr. Erland bem na frente dela. Erland deve ter passado para ela, e ela o deu para Chang Sunto. E, apesar de as câmeras não terem conseguido uma boa imagem, o rabo de cavalo agitado e a calça cargo eram os mesmos.

Engolindo em seco, desligou o vídeo e prendeu o tablet no cinto.

– Do que ela estava falando, o que ela não roubou? Que pertence à família dela?

Adri apertou a boca, e rugas profundas surgiram sobre o lábio superior.

– Uma coisa que realmente pertencia à família dela, àqueles que respeitariam apropriadamente os falecidos. E Cinder mutilou algo que já foi muito precioso a mim para conseguir.

– Ela o quê?

– Acredito que ela tenha roubado o chip de identificação da minha filha minutos depois da sua morte. – Adri colocou a mão na seda que cobria sua barriga. – Pensar nisso faz meu estômago revirar, mas sei que devia ter esperado. Cinder sempre teve inveja das minhas filhas, sempre teve mágoa. Apesar de não poder imaginá-la chegando a um nível tão baixo antes, agora que conheço a verdadeira natureza dela, não me surpreendo. Merece ser encontrada e punida pelo que fez.

Kai se afastou do veneno naquela voz, não conseguindo ligar as acusações às lembranças que tinha de Cinder. Pensou nos caminhos que se cruzaram no elevador, nos olhos dela cheios de tristeza enquanto falava da irmã doente. Na forma como perguntou se Kai dançaria com ela caso a garota milagrosamente sobrevivesse.

Ou será que todas as lembranças que tinha de Cinder não passavam de truque lunar? O que realmente sabia sobre ela?

– Tem certeza?

– Os relatos alegam que a arma usada contra os andróides foi um bisturi, e tudo aconteceu momentos depois que recebi a mensagem me informando que minha filha... minha filha... – Seu queixo tremeu, os nós dos dedos ficaram brancos entrelaçados no colo. – E consigo vê-la tentando pegar a identificação de Peony naquela cabeça *inumana* dela. – Ela fez uma cara de desgosto. – Me dá calafrios pensar nisso, mas é precisamente o tipo de coisa que ela faria.

– E você acha que ela ainda poderia estar com esse chip de identificação?

– Isso, Majestade, não tenho como dizer. Mas é uma possibilidade.

Com um movimento afirmativo de cabeça, Kai ficou de pé. Adri e Pearl olharam para ele, mudas, antes de ficarem rapidamente de pé também.

– Obrigado por me trazer essas informações, Linh-jiě. Vou preparar imediatamente um rastreio para a identificação dela. Se estiver com o chip, vamos encontrá-la.

Enquanto falava, se viu implorando às estrelas para Adri estar errada. Para Cinder não ter guardado o chip de identificação. Mas era um desejo burro, um desejo imaturo. Ele precisava encontrá-la, e só tinha mais um dia para isso. Não queria descobrir o que Levana faria se falhasse.

– Obrigada, Vossa Majestade – disse Adri. – Só quero saber que a memória da minha filha não será manchada só porque fui generosa o bastante e permiti que aquela garota horrível entrasse na minha família.

– Obrigado – respondeu, sem saber por que estava agradecendo. Só parecia a coisa certa a dizer. – Se tivermos mais perguntas, vou pedir que alguém entre em contato com você.

– Sim, é claro, Majestade – disse Adri com uma reverência. – Só desejo ajudar meu país e ver essa garota horrenda pagar pelo que fez.

Kai baixou a cabeça.

– Você sabe que, quando for encontrada, a rainha Levana pretende que seja executada, não sabe?

Adri cruzou as mãos delicadamente à frente do corpo.

– Tenho certeza de que a lei existe por um motivo, Vossa Majestade.

Apertando os lábios, Kai se afastou do sofá e as levou na direção da porta.

Depois de mais duas reverências, Pearl saiu da sala batendo os cílios para Kai até não conseguir inclinar mais o pescoço para trás,

mas Adri fez uma pausa na porta. Fez mais uma reverência.

– Foi uma grande honra, Majestade.

Ele sorriu rigidamente.

– Eu estava pensando... não que isso tenha a mínima importância, mas só a título de curiosidade... *se* isso levar a qualquer descoberta na investigação... devo esperar algum tipo de recompensa por minha ajuda?

CAPÍTULO

A CELA DE PRISÃO DE SCARLET TINHA COMEÇADO A VIDA COMO CAMARIM. Os contornos vagos de espelhos e penteadeiras estavam evidentes na parede, e as fileiras de lâmpadas que os cercavam estavam reduzidas a buracos vazios. O tapete tinha sido arrancado, deixando a pedra fria embaixo à mostra, e a porta sólida de carvalho tinha sido retirada das dobradiças e deixada abandonada em um canto, substituída por barras de ferro e uma fechadura com leitor de chip de identificação.

A fúria de Scarlet a manteve andando de um lado para o outro do aposento, chutando as paredes e rosnando por entre as barras durante toda a noite e a maior parte do dia. Pelo menos, parecia que quase um dia inteiro tinha se passado (pareciam meses, na verdade), mas ficar presa no subterrâneo do teatro significava que não tinha indicação nenhuma de tempo fora as duas refeições que lhe foram levadas. O “soldado” que fez a entrega não disse nada quando ela perguntou por quanto tempo a deixariam ali e exigiu ver a avó imediatamente. Só deu um sorrisinho irônico por entre as barras, de uma forma que fez a pele dela ficar arrepiada.

Ela acabou deitando no colchão sem cobertor, fisicamente exausta. Ficou olhando para o teto com raiva. Odiando-se. Odiando aqueles homens que a mantinham prisioneira. Odiando Lobo.

Ela trincou os dentes e afundou as unhas no colchão gasto e rasgado.

Alfa Kesley.

Se o visse de novo, lhe arrancaria os olhos. Ela o estrangularia até ele ficar com os lábios azuis. Ela...

– Acabou se cansando?

Cinder levantou com o susto. Um dos homens que a tinha levado para a cela estava de pé do outro lado; Rafe ou Troya, não sabia.

– Não estou com fome – falou.

O homem olhou para ela com desprezo. Cada um deles parecia carregar aquele mesmo sorriso sem humor, como se tivesse sido enfiado na cara deles.

– Não vim oferecer comida – retrucou, e passou o pulso pelo escâner. Segurou as barras e abriu a porta. – Vou levar você para ver sua preciosa grand-mère.

Scarlet se levantou do colchão e toda a sua exaustão se evaporou.

– De verdade?

– São as minhas ordens. Vou precisar amarrar você, ou pretende me acompanhar de boa vontade?

– Vou acompanhar você. Só me leve até ela.

Ele a examinou com o olhar. Depois de determinar que não era uma ameaça, deu um passo para trás e indicou o corredor longo e escuro.

– Você primeiro.

Assim que saíram para o corredor, ele segurou o seu pulso e baixou o rosto, de forma que ela sentiu a respiração quente no pescoço.

– Faça qualquer coisa estúpida e vou descontar meu desprazer na velha, entendeu?

Ela tremeu.

Sem esperar resposta, ele a soltou e a cutucou entre as omoplatas, empurrando-a pelo corredor.

O coração de Scarlet disparou. Estava quase delirante de tanto cansaço e da promessa de ver a avó, mas isso não a impediu de avaliar a prisão. Seis portas de barras de ferro se enfileiravam no corredor, todas às escuras. O homem a empurrou em uma esquina, e subiram uma escadaria estreita e entraram por uma porta.

Estavam nos bastidores. Objetos cênicos velhos e poeirentos ocupavam os cantos, e cortinas pretas estavam penduradas como fantasmas na escuridão. A única luz vinha da iluminação suave nos

corredores da plateia, e Scarlet teve que apertar os olhos enquanto o soldado a levava até o palco, depois descia os degraus até a plateia vazia. Uma seção inteira de assentos tinha sido removida, deixando buracos onde as cadeiras ficavam presas ao piso inclinado. Outro grupo de soldados estava ali, de pé, nas sombras, como se estivessem tendo uma conversa jovial antes de Scarlet e seu captor os interromperem. Scarlet manteve os olhos grudados firmemente no final do corredor. Achava que nenhum deles era Lobo, mas não queria descobrir caso estivesse errada.

Chegaram aos fundos do teatro e Scarlet abriu uma das enormes portas.

Estavam em um balcão com vista para o saguão e para a grande escadaria. Não entrava luz do sol nenhuma pelo buraco no teto. Obviamente, ela perdera o dia todo.

Seu captor segurou-a pelo cotovelo e a afastou da escada, passando por mais estátuas apavorantes de querubins e anjos. Ela soltou o braço preso e tentou guardar o caminho na memória, criar uma planta do teatro na mente, mas era difícil se concentrar sabendo que veria a avó. Finalmente.

O pensamento de ser mantida presa por esses monstros durante quase três longas semanas lhe embrulhou o estômago.

Subiram ainda outra escada até o primeiro balcão e depois até o segundo. Portas fechadas levavam de volta ao teatro, aos assentos mais altos, mas o soldado passou por eles e seguiu para outro corredor. Finalmente, seu captor parou em frente a uma porta fechada, segurou a maçaneta e abriu.

Tinham chegado a um dos camarotes particulares que davam vista para o palco, com apenas quatro cadeiras de veludo vermelho em duas fileiras.

Sua avó estava sentada sozinha na fileira da frente, a trança grossa e grisalha pendurada no encosto da cadeira. As lágrimas contra as quais Scarlet vinha lutando havia tanto tempo surgiram de repente.

– Grand-mère!

A avó levou um susto, mas Scarlet já estava correndo de encontro a ela. Caiu de joelhos no espaço entre as cadeiras e a frente do camarote e se deitou no colo da avó, chorando em cima da calça jeans. A mesma calça jeans suja que ela sempre usava para cuidar do jardim. O aroma familiar de terra e feno saía do tecido, fazendo Scarlet chorar ainda mais.

– Scarlet! O que você está fazendo aqui? – perguntou a avó, colocando as mãos nas costas da neta. Ela falou com severidade e irritação, mas também com gentileza. – Pare com isso. Você está fazendo papel de boba. – Afastou Scarlet do colo. – Pronto, pronto, se acalme. O que está fazendo aqui?

Scarlet se sentou nos calcanhares e olhou para o rosto da avó com olhos aguados. Olhos vermelhos revelavam a exaustão de sua avó, por mais firme que seu maxilar estivesse. Ela também estava à beira das lágrimas, mas ainda não tinha sucumbido ao choro. Scarlet segurou as mãos dela e apertou-as. Estavam macias, como se três semanas longe da fazenda tivessem acabado com anos de calosidades.

– Vim buscar você – disse. – Depois que papai me contou o que aconteceu, o que estavam fazendo com você, tive que vir procurá-la. Você está bem? Está ferida?

– Estou bem, estou bem. – disse, passando os polegares pelos nós dos dedos de Scarlet. – Mas não gosto de ver você aqui. Não devia ter vindo. Esses homens... eles... Você não devia estar aqui. É perigoso.

– Vou tirar nós duas daqui. Prometo. Pelas estrelas, senti tanto sua falta. – Soluçando, ela apoiou a testa nos dedos entrelaçados das duas, ignorando as lágrimas quentes que escorriam. – Encontrei você, grand-mère. Encontrei você.

A avó soltou uma das mãos e afastou uma mecha embaraçada da testa de Scarlet.

– Eu sabia que você me encontraria. Sabia que viria. Venha, sente

ao meu lado.

Sufocando as lágrimas, Scarlet saiu do colo da avó. Havia uma bandeja ao lado com uma xícara de chá, meia baguete e uma tigela pequena de uvas-rubi que pareciam intocadas. A avó pegou a bandeja e entregou-a para o soldado na porta. Ele deu um sorriso amarelo, mas recebeu a bandeja e saiu, fechando a porta. O coração de Scarlet se expandiu – ela não ouvira a porta sendo trancada. Estavam sozinhas.

– Sente-se aqui, Scarlet. Senti tanto a sua falta, mas estou muito zangada. Você não devia ter vindo. É perigoso demais... mas agora você está aqui. Ah, querida, você está exausta.

– Grand-mère, eles não monitoram você? Não têm medo de você fugir?

O rosto da mulher idosa se anuviou e ela deu tapinhas na cadeira vazia.

– É claro que me monitoram. Nunca fico realmente sozinha aqui.

Scarlet examinou a parede que as separava do camarote particular ao lado, coberta de papel de parede vermelho descascado. Talvez houvesse alguém ali agora, escutando a conversa delas. Ou o grupo de soldados que ela viu na plateia do térreo... Se os sentidos deles eram tão intensos quanto os de Lobo, eles provavelmente conseguiam ouvi-las mesmo lá de baixo. Ignorando a vontade de gritar obscenidades, ela se sentou na cadeira e segurou as mãos da avó com força. Por mais macias que tivessem se tornado, também estavam mortalmente geladas.

– Tem certeza de que está bem? Eles não machucaram você?

A avó sorriu com cansaço.

– Eles não me machucaram. Ainda não. Mas não sei o que planejaram, e não confio neles nem um pouco, não depois do que fizeram com Luc. E falaram de você. Fiquei morrendo de medo de terem ido atrás de você também, querida. Eu queria que você não tivesse vindo. Eu devia ter me preparado melhor para isso. Devia

saber que isso ia acontecer.

– Mas o que eles querem?

A avó olhou para o palco escuro.

– Eles querem informações que não posso dar, que teria dado na mesma hora se pudesse. Teria dado semanas atrás. Qualquer coisa para voltar para casa, para você. Qualquer coisa para mantê-la em segurança.

– Informações sobre o quê?

A avó respirou lentamente.

– Querem saber sobre a princesa Selene.

A pulsação de Scarlet se acelerou.

– Então é verdade? Você sabe mesmo alguma coisa sobre ela?

A avó levantou as sobrancelhas.

– Então eles contaram para você? Por que desconfiam de mim?

Ela assentiu, sentindo culpa por saber o segredo que a avó guardou por tanto tempo.

– Me contaram sobre Logan Tanner. Que acham que ele trouxe Selene para a Terra e que ele pode ter pedido sua ajuda. Eles me disseram que acham que ele é meu... meu avô.

As rugas na testa da avó ficaram mais profundas, e ela lançou um olhar preocupado para a parede atrás de Scarlet, na direção do outro camarote, antes de voltar a atenção para a neta.

– Scarlet. Meu amor. – Sua expressão era gentil, mas ela não prosseguiu.

A garota engoliu em seco, se perguntando se, depois de todos aqueles anos, a avó não conseguia suportar revirar o passado. Um romance tão curto, mas que a afetava havia tanto tempo.

Será que ela sabia que Logan Tanner estava morto?

– Grand-mère, eu me lembro do homem que foi lá em casa. O homem da Comunidade das Nações Orientais.

A avó inclinou a cabeça para cima com paciência.

– Pensei que ele tivesse ido lá para *me* levar, mas não foi isso, foi? Vocês dois estavam falando da princesa.

– Muito bom, querida Scarlet.

– Por que você simplesmente não diz o nome dele? Você deve se lembrar, e aí poderiam ir atrás dele. Ele não vai saber onde a princesa está?

– Não querem mais saber da princesa.

Ela mordeu o lábio. A frustração cresceu dentro de si. Estava tremendo.

– Então, por que não nos soltam?

A avó apertou os dedos de Scarlet. Anos arrancando ervas daninhas e cortando legumes os tinham deixado fortes, apesar da idade.

– Eles não conseguem me controlar, Scarlet.

Ela observou o rosto marcado da avó.

– O que você quer dizer?

– Eles são lunares. O taumaturgo, ele tem o dom lunar. Mas não funciona em mim. É por isso que estão me mantendo aqui. Querem saber por quê.

Scarlet procurou possibilidades na mente. Dentre todas as coisinhas que aprendera sobre lunares, era impossível saber quais eram verdade e quais eram histórias inventadas. Acreditava-se que a rainha reinava por controle mental e que os seus taumaturgos eram quase tão fortes quanto ela. Que conseguiam manipular os pensamentos e as emoções das pessoas. Que conseguiam até controlar os corpos das pessoas se quisessem, como marionetes.

Scarlet engoliu em seco.

– Há muitas pessoas que não podem ser... controladas?

– Muito poucas. Alguns lunares nascem assim. São chamados de cascudos. Mas nunca viram um terráqueo que fosse capaz de resistir. Sou a primeira.

– Como? É genético? – Ela hesitou. – *Eu* posso ser controlada?

– Ah, sim, querida. O que me faz assim é uma coisa que você não tem. Vão usar contra nós, pode anotar. Imagino que vão querer experimentar em nós duas para tentar descobrir de onde vem a

anormalidade. Se precisam ou não temer que outros terráqueos também sejam capazes de resistir. – Na escuridão, a avó trincou os dentes. – Não deve ser hereditário. Seu pai também era fraco.

Scarlet estava perdida nos olhos castanhos e calorosos que sempre foram tranquilizadores, mas agora pareciam rígidos na escuridão do teatro. Alguma coisa a incomodava no fundo dos pensamentos. Uma leve desconfiança.

Seu pai *era* fraco. Fraco por mulheres. Fraco por bebida. Um pai fraco, um homem fraco.

Mas a avó nunca deu sinais de pensar a mesma coisa de Scarlet. *Você vai ficar bem*, ela sempre dizia depois de um joelho ralado, depois de um braço quebrado, depois do primeiro coração partido da juventude. *Você vai ficar bem, porque é forte como eu.*

Com o coração disparado, Scarlet baixou o olhar para os dedos entrelaçados das duas. Para as mãos muito enrugadas, muito frágeis, muito macias da avó.

O coração dela se apertou.

Lunares conseguiam manipular os pensamentos e as emoções das pessoas. Manipular a forma como vivenciavam o mundo ao redor.

Engolindo em seco, Scarlet se afastou. Os dedos da avó se apertaram em um breve esforço para segurá-la, mas acabaram soltando.

Scarlet cambaleou da cadeira até se encostar na amurada, olhando para a avó. O cabelo desgrehado familiar na trança sempre torta. Os olhos familiares, ficando cada vez mais frios enquanto olhavam para ela. Ficando maiores.

Piscou rapidamente para se livrar da alucinação, e as mãos da avó ficaram maiores.

A repulsa tomou conta de Scarlet. Ela se agarrou na amurada para se manter firme.

– Quem é você?

A porta na parte de trás do camarote se abriu, mas, em vez do

guarda, Scarlet viu a silhueta do taumaturgo no corredor.

– Muito bem, ômega. Descobrimos o máximo que pudemos com ela.

Scarlet olhou para a avó de novo. Um grito sufocado se arrancou de sua garganta.

A avó tinha sumido e sido substituída pelo irmão de Lobo. O Ômega Ran Kesley estava olhando para ela, perfeitamente à vontade. Usava a mesma camisa de quando o tinha visto da última vez, amassada e manchada de lama seca.

– Oi, querida. Que bom ver você de novo.

Scarlet olhou com ódio para o taumaturgo. Conseguia ver a parte branca dos olhos dele, as dobras da túnica elegante.

– Onde ela está?

– Ela está viva por enquanto. E infelizmente continua um mistério. – Ele apertou os olhos para Scarlet. – A mente dela continua impenetrável, mas seja lá qual for o segredo, ela não passou para o filho nem para a neta. Imagino que, se estivesse usando algum truque mental, teria pelo menos tentado ensinar a *você*, se não para aquele bêbado patético. Mas, se for genético, seria um traço aleatório? Ou será que há um cascudo em seus ancestrais? – Ele levou um dedo aos lábios e analisou Scarlet como se ela fosse um sapo que ia dissecar. – Mas talvez você não seja completamente inútil. Eu gostaria de saber o quanto a língua da coroa ficaria lubrificada se ela visse você martelar pregos na própria pele.

A fúria subindo pela garganta, Scarlet se lançou em cima dele e, com um grito rouco, arranhou seu rosto.

Ficou paralisada com as pontas dos dedos a milímetros dos olhos dele. A fúria desapareceu na mesma hora e ela despencou, chorando incontrolavelmente no chão, se perguntando o que havia de errado com ela. Procurou o ódio novamente, mas ele sempre fugia de sua mente, como se tentasse segurar uma enguia. Quanto mais tentava, com mais força e velocidade as lágrimas vinham. Engasgando-a. Cegando-a. Toda a raiva se dissolvendo em

desesperança e infelicidade.

A cabeça dela se encheu de autodesprezo. Era inútil. Fraca, burra e insignificante.

Scarlet se encolheu, e seu choro quase encobriu a risada nada impressionada do taumaturgo acima dela.

– Que infelicidade sua avó não ser tão fácil de manipular. Tornaria tudo tão mais simples.

A mente dela acelerou e as palavras destrutivas escorregaram para um canto distante e silencioso dos pensamentos. As lágrimas sumiram junto. Foi como abrir e fechar uma torneira.

Como brincar com uma marionete.

Scarlet ficou caída no chão, ofegante. Limpou o muco do rosto.

Afundando as mãos no tapete, forçou o corpo a parar de tremer e se impulsionou para cima, usando o batente da porta como apoio. O rosto do taumaturgo se contorceu daquele jeito doentio.

– Vou mandar que a levem de volta aos seus aposentos – disse, com um tom de gentileza adocicada. – Agradeço humildemente por sua cooperação.

CAPÍTULO

AS BOTAS DE SOLADO DURO DO ALFA ZE'EV KESLEY ESTALARAM com força no piso de mármore quando marchou pelo saguão, ignorando alguns soldados que assentiram para ele com respeito ou talvez medo. Ou até mesmo curiosidade pelo oficial que passou semanas em meio a humanos, fingindo ser um deles.

Ele tentou não pensar no assunto. Estar de volta ao quartel-general dava a sensação de ter despertado de um sonho. Um sonho que primeiro parecia um pesadelo, mas não mais. Tinha acordado em uma realidade muito mais sombria. Tinha lembrado quem realmente era. *O que* realmente era.

Chegou à Rotunda Lunar, um nome irônico que agradava muito ao Mestre Jael. Passou por um espelho manchado e escurecido pelo tempo e quase não reconheceu seu reflexo com o uniforme limpo e o cabelo bem-penteado para trás. Desviou o olhar.

Sentiu o cheiro do irmão assim que pisou na biblioteca, e os pelos da nuca se arrepiaram. Hesitou brevemente ao seguir pela galeria com revestimento de madeira até entrar no escritório particular do taumaturgo. Tinha sido feito para a realeza, um aposento para terráqueos importantes da alta sociedade refletirem sobre os trabalhos filosóficos de seus ancestrais. Os suportes antes exibiam obras de arte valiosíssimas, e as estantes alcançavam dois andares acima da cabeça dele. Mas os livros não estavam mais lá – tinham sido resgatados quando o teatro fora ocupado pelos militares –, e um aroma mofado e úmido tomara conta da madeira ao redor.

Jael estava sentado a uma escrivaninha larga. Feita de plástico e metal, causava uma impressão sem graça em comparação à decoração extravagante. Ran também estava lá, apoiado na parede de prateleiras vazias.

Seu irmão sorriu. Quase.

Jael ficou de pé.

– Alfa Kesley, obrigado por vir tão rapidamente. Queria que você fosse o primeiro a saber que seu irmão voltou em segurança.

– Fico feliz em ver – respondeu. – Oi, Ran. Você não estava com a aparência muito boa na última vez que te vi.

– A recíproca é verdadeira, Ze'ev. Seu cheiro melhorou muito, agora que você tirou o aroma daquela humana.

Todos os músculos dele se contraíram.

– Espero que não haja ressentimentos quanto ao que aconteceu na floresta.

– Nenhum. Você estava executando um papel. Entendo que fez o que tinha que fazer. Eu não devia ter interferido.

– Não. Não devia.

Ran prendeu os polegares na cintura larga da calça.

– Eu estava preocupado com você, irmão. Você pareceu quase... *confuso*.

– Como você disse – falou Ze'ev, erguendo o queixo –, eu estava desempenhando um papel.

– Sim. Nunca devia ter duvidado de você. Ainda assim, é bom ver que voltou ao normal e que o ferimento da bala não foi profundo. Quando ouvi o disparo, tive medo que ela tivesse atingido seu coração. – Ran sorriu e virou para Jael. – Se terminamos aqui, gostaria de pedir permissão para me reportar ao comando.

– Permissão concedida – disse Jael, assentindo, e Ran o cumprimentou com a saudação de um punho no peito.

Ze'ev captou um traço do aroma de Scarlet em Ran, e seu estômago se apertou. Mandou o corpo relaxar e afastou o instinto animal de arrancar o pescoço do irmão se descobrisse que encostou um dedo nela.

Ran inclinou a cabeça e sua expressão se turvou com um segredo guardado.

– Bem-vindo ao lar, irmão.

Ze'ev permaneceu impassível enquanto Ran prosseguiu e esperou até ouvir a porta se fechar do outro lado da galeria. Ele fez uma saudação para o taumaturgo.

– Se não houver mais nada...

– Na verdade, há mais uma coisa. Algumas coisas, na verdade, que desejo discutir com você. – Jael se sentou na cadeira. – Recebi uma mensagem de Sua Majestade esta manhã. Ela pediu que todas as matilhas localizadas na Terra se preparassem para atacar amanhã.

Ele trincou os dentes.

– Amanhã?

– As negociações dela com a Comunidade das Nações Orientais não seguiram conforme desejava, e decidiu parar de oferecer acordos que se recusam a aceitar. A rainha ofereceu uma prorrogação temporária de paz se uma garota ciborgue, Linh Cinder, fosse capturada e entregue a ela, mas isso não aconteceu. O ataque vai ser centrado em Nova Pequim, começando à meia-noite do horário local. Vamos atacar às 18h. – Enfiou as mãos nas enormes mangas carmesim, e as runas bordadas refletiram a luz das lâmpadas penduradas acima. – Estou feliz de você ter voltado a tempo de liderar seus homens. Quero você posicionado no coração de nosso ataque de Paris. Você aceita essa posição?

Ze'ev juntou as mãos atrás das costas, apertando os pulsos até doerem.

– Não desejo questionar os motivos de Sua Majestade, mas não consigo entender por que ela está nos afastando de nosso objetivo inicial de encontrar a princesa para dar uma liçãozinha na Comunidade das Nações Orientais. Por que a mudança de prioridades?

Jael se recostou e o observou.

– Não cabe a você questionar as prioridades de Sua Majestade. No entanto, odiaria que sua mente estivesse turva quando seguirmos para essa importante primeira batalha. – Deu de

ombros. – Ela está enfurecida com a fuga dessa Linh Cinder. Apesar de ser uma mera civil, ela conseguiu ver além do glamour de Sua Majestade. No entanto, não é uma cascuda.

Ze'ev não conseguiu esconder a expressão de surpresa.

– Não sabemos ainda se essa capacidade incomum é devido a alguma coisa na programação ciborgue ou se o dom lunar dela é excepcionalmente forte.

– Mais forte que o de Sua Majestade?

– Não sabemos. – Jael suspirou. – O estranho é que essa capacidade dela de resistir à nossa rainha não é diferente da capacidade de madame Benoit de resistir a *mim*. Encontrar duas não cascudas com a mesma capacidade em um intervalo tão curto é bem impressionante. Infelizmente, continuo não conseguindo determinar o motivo da capacidade de Michelle Benoit. Testei a neta dela uma hora atrás. Ela é maleável como argila, então não herdou a característica.

Nas costas, os punhos de Alfa Kesley se apertaram. Ainda não conseguia deixar de sentir o cheiro dela no aposento, um leve aroma dançando abaixo de suas narinas. Então Jael a tinha interrogado, e Ran também devia ter estado presente. O que eles fizeram? Será que ela se machucou?

– Alfa?

– Sim – disse rapidamente. – Peço desculpas. Pensei ter sentido o cheiro da garota.

Jael começou a rir. Foi uma risada clara e divertida. Era a afabilidade de Jael que sempre provocava mais desconfiança em Ze'ev. Pelo menos, os outros taumaturgos não tentavam disfarçar sua falta de piedade, o controle desdenhoso dos cidadãos lunares inferiores... e de seus soldados.

– Seus sentidos são incríveis, alfa. Sem dúvida, um dos nossos melhores. – Ele bateu na cadeira antes de se levantar. – E a força de sua personalidade é inigualável. Sua lealdade. Sua disposição para sacrifícios. Tenho certeza de que nenhum dos meus outros

homens teria feito o que você fez para obter informações da mademoiselle Benoit, teria ido tão além do dever. Foi precisamente por isso que o escolhi para liderar o ataque de amanhã.

Jael andou pelo aposento cheio de estantes e passou o dedo pelas prateleiras, recolhendo a poeira pálida e cinza na pele. Ze'ev manteve a expressão neutra, tentando não pensar nos sacrifícios que Jael imaginava ter feito, bem acima do que o dever pedia.

Mas ela estava lá, na sua mente. A parte macia do polegar roçando suas cicatrizes. Os braços ao redor de seu pescoço.

Ele engoliu em seco. Cada músculo se contraiu em um esforço de bloquear a lembrança.

– Agora é só uma questão do que fazer com a garota. Como é frustrante finalmente termos encontrado uma pessoa que poderia nos levar para mais perto da princesa Selene bem na hora em que a informação não é mais útil.

As unhas de Ze'ev afundaram nas palmas das mãos. *Frustrante* parecia piada. Se Sua Majestade tivesse tirado o foco da princesa três semanas antes, Scarlet e a avó nunca teriam sido envolvidas em nada daquilo.

E não saberia a diferença.

Sentiu um aperto no peito.

– Mas estou otimista – prosseguiu Jael, falando distraidamente. – Ainda podemos encontrar um uso para a garota se ela conseguir persuadir a avó a falar. A madame tenta fingir ignorância, mas sabe por que consegue resistir ao controle. Tenho certeza. – Ele mexeu com a manga. – O que você acha que vai ser mais importante para a velha senhora? A vida da neta ou seus próprios segredos?

Ze'ev não tinha resposta.

– Acho que vamos descobrir – disse Jael, voltando à escrivania. – Pelo menos agora vou ter algum poder sobre ela. – Abriu os lábios e exibiu dentes brancos perfeitos em um sorriso agradável. – Você ainda não respondeu a minha pergunta, alfa. Vai

aceitar a posição de liderar nossa batalha mais importante na Federação Europeia?

Ze'ev sentiu uma queimação nos pulmões. Queria perguntar mais, saber mais; sobre Scarlet, sobre a avó dela, sobre o que Jael faria com ela.

Mas as perguntas não seriam aceitáveis. Sua missão estava completa. Não tinha mais nenhuma ligação com mademoiselle Benoit.

Bateu com o punho no peito.

– Certamente, Mestre Jael. Será uma honra.

– Que bom. – Jael abriu uma gaveta, tirou uma caixa branca simples e deslizou-a pela mesa. – Acabamos de receber esse carregamento de chips de identificação das quarentenas de Paris. Espero que não seja trabalho demais levar para limpeza e reprogramação. Quero que estejam prontos para os novos recrutas que, espero, chegam amanhã de manhã. – Inclinou a cadeira para trás. – Queremos a maior quantidade possível de soldados disponíveis. É imperativo que as pessoas da Terra fiquem tão apavoradas a ponto de nem pensar em resistir.

CAPÍTULO

CINDER OBSERVOU UM CULTIVO DE PLANTAS FOLHOSAS PELA JANELA do cockpit. O campo se estendia em todas as direções, e a visão do horizonte reto era interrompida apenas por uma casa de fazenda de pedra, a mais de um quilômetro de distância.

Uma casa. Muitos legumes e verduras. E uma espaçonave gigantesca.

– Isso não é nada chamativo.

– Pelo menos, estamos no meio do nada – disse Thorne, saindo da cadeira do piloto e colocando a jaqueta de couro. – Se alguém chamar a polícia, vai demorar um tempo para chegarem aqui.

– A não ser que já estejam a caminho – murmurou Cinder.

O coração dela disparou durante a descida sem fim para a Terra, com o cérebro avaliando mil destinos diferentes em que podiam estar esperando por eles. Embora tivesse mantido o cantarolar ridículo pelo máximo de tempo que conseguiu, ainda não tinham como saber se ela estava sendo eficiente, e Cinder tinha a sensação horrível de que suas tentativas de disfarçar a nave usando magia lunar eram pateticamente inúteis. Não conseguia entender como conseguiria manipular radares e ondas de rádio com nada além de pensamentos confusos.

Ainda assim, o fato era que ninguém os descobrira no espaço, e até o momento a sorte perdurava. A Benoit Fazendas e Jardins parecia completamente deserta.

A rampa começou a baixar no compartimento de carga, e Iko disse:

– Vocês dois, saiam e se divirtam. Vou ficar aqui sozinha, verificando interferências no radar e fazendo diagnósticos. Vai ser *fantástico*.

– Seu sarcasmo está ficando bem afiado – falou Cinder, se

juntando a Thorne no alto da rampa, cujo metal esmagou uma fileira bem bonita de folhagem viçosa.

Thorne forçou os olhos para ter o brilho em seu tablet.

– Bingo – disse, apontando para a casa de dois andares que devia ser velha o bastante para ter sobrevivido à Quarta Guerra Mundial.

– Ela está aqui.

– Me traga uma lembrancinha! – gritou Iko quando Thorne pisou no campo. O chão estava úmido por ter sido irrigado recentemente, e a lama grudou na barra de sua calça enquanto andava em meio à plantação, seguindo em linha reta para a casa.

Cinder foi atrás, absorvendo o terreno aberto da fazenda e o ar fresco, tão doce depois de ficar trancada dentro do ambiente de oxigênio reciclado da Rampion. Mesmo em comparação com a interface de áudio desligada, era o silêncio mais profundo que ela já tinha testemunhado.

– Está tão silencioso aqui.

– Assustador, né? Não sei como as pessoas aguentam.

– Acho até legal.

– É, da mesma forma que um necrotério é legal.

Um amontoado de construções menores se espalhava pelos campos: um celeiro, um galinheiro, um depósito, um hangar grande o bastante para alguns aerodeslizadores ou até mesmo uma espaçonave, embora não grande o suficiente para a Rampion.

Cinder parou de repente tinha visto alguma coisa. Ela franziu a testa e procurou a memória vaga que parecia reconhecer o hangar.

– Espere.

Thorne virou para ela.

– Viu alguém?

Sem responder, ela mudou de direção e saiu andando em meio à lama. Thorne foi atrás dela em silêncio enquanto Cinder abria a porta do hangar.

– Não sei se invadir os arredores da casa de Michelle Benoit é a melhor maneira de nos apresentarmos.

Cinder olhou para trás e observou as janelas vazias da casa.

– Preciso ver uma coisa – disse ao entrar. – Luzes, acendam.

As luzes se acenderam e seu queixo caiu com o que se deparou. Ferramentas e peças, parafusos e porcas, roupas e trapos sujos, tudo estava jogado para todos os lados. Todos os armários estavam abertos, todos os engradados de armazenamento e caixas de ferramentas tinham sido virados. O chão branco brilhoso mal podia ser visto embaixo da bagunça.

Do outro lado do hangar, uma pequena nave de entregas estava com a janela de trás quebrada. Cacos de vidro brilhavam sob as luzes intensas. O hangar tinha cheiro de combustível derramado e vapores tóxicos, e fedia um pouco como a barraca de Cinder na feira.

– Que chiqueiro – disse Thorne, enojado. – Não sei se consigo confiar em um piloto com tão pouco respeito pela sua nave.

Cinder o ignorou e se ocupou virando o escâner para as prateleiras e paredes. Apesar da distração do caos, a interface do cérebro de máquina estava captando alguma coisa. Uma impressão geral de familiaridade, matizes de uma lembrança há muito perdida. O ângulo pelo qual o sol entrava pela porta. Os aromas combinados de maquinário e esterco. O padrão cruzado das vigas expostas.

Ela andou pelo concreto esmagando detritos com os pés. Caminhou lentamente, com medo de o fantasma da familiaridade sumir.

– Hã, Cinder – chamou Thorne, olhando para trás, para a fazenda. – O que estamos fazendo aqui?

– Procurando uma coisa.

– Nessa confusão? Boa sorte aí.

Ela encontrou uma área vazia de concreto e parou ali, pensando. Examinando. Sabendo que já tinha estado ali antes. Em um sonho, em um torpor.

Reparou em um armário estreito de metal pintado de marrom

pútrido, em que havia três jaquetas penduradas. Todas tinham insígnias das forças militares da Federação Europeia bordadas nas mangas. Ajeitando a postura, Cinder seguiu na direção delas e empurrou as jaquetas para o lado.

– Sério, Cinder? – disse Thorne, aparecendo ao lado dela. – Não é hora de se preocupar com roupas.

Cinder mal o ouviu acima do tique-taque na cabeça. Aquela confusão não era coincidência. Alguém tinha estado ali, e a pessoa estava procurando alguma coisa.

Estava procurando por *ela*.

Desejou não ter tido essa percepção, mas agora não havia como voltar atrás.

Ela se agachou na frente do armário e deslizou a mão no canto de trás até tocar na maçaneta que sabia que estaria lá. Pintada do mesmo tom de marrom, ficava invisível nas sombras. Jamais seria percebida a não ser que a pessoa soubesse onde procurar. E ela sabia, porque já tinha estado ali. Cinco anos atrás, em um estado de delírio drogado que sempre confundiu com sonho, ela surgiu naquele lugar. Cada junta e músculo doía das cirurgias recentes. Rastejou lentamente para fora da escuridão sem fim, piscando, como se pela primeira vez, saindo em um mundo muito iluminado.

Cinder se apoiou no armário e girou a maçaneta.

A porta secreta era mais pesada do que ela esperava, feita de alguma coisa bem mais forte do que metal. Girou em dobradiças escondidas e deixou que batesse no chão de concreto. Uma nuvem de poeira subiu por todos os lados.

Um buraco quadrado esperava por eles. Uma escada com degraus de plástico tinha sido acoplada à base, levando a um compartimento subterrâneo secreto.

Thorne se inclinou e apoiou as mãos nos joelhos.

– Como você sabia que isso estava aí?

Cinder não conseguia desviar o olhar da passagem secreta.

Incapaz de dizer a verdade, respondeu simplesmente:

– Visão ciborgue.

Ela desceu primeiro e acendeu a lanterna ao sentir o ar denso e parado. O fecho de luz iluminou um aposento tão grande quanto o hangar acima, sem portas nem janelas. Quase com medo de saber o que tinha encontrado, ela disse com hesitação:

– Luzes. Acender.

Ouviu o som de um gerador independente estalando primeiro, antes de as três longas lâmpadas fluorescentes gradualmente se acenderem, uma após a outra. Os sapatos de Thorne bateram no chão duro quando pulou os quatro últimos degraus da escada. Ele virou e ficou paralisado.

– O que... o que é isso?

Cinder não conseguiu responder. Mal conseguia respirar.

Havia um tanque no meio do aposento, com dois metros de comprimento e uma tampa de vidro abaulada. Uma variedade de máquinas complexas o cercava: monitores cardíacos, indicadores de temperatura, escâneres de bioeletricidade. Máquinas com mostradores e tubos, agulhas e telas, plugues e controles.

Uma longa mesa de cirurgia encostada à parede mais distante continha uma quantidade de luzes móveis surgindo de cada extremidade como os tentáculos de um polvo de metal, e ao lado havia uma pequena mesa de rodinhas com uma jarra quase vazia de desinfetante e uma variedade de instrumentos cirúrgicos: bisturis, seringas, ataduras, máscaras, toalhas. Na parede, havia duas telas desligadas.

Enquanto aquele lado do aposento secreto imitava uma sala de cirurgia, o outro parecia mais a oficina de Cinder no porão do prédio de Adri, cheio de chaves de fenda, extrator de fusíveis e um ferro de soldar. Partes de androides descartadas e chips de computadores. A mão incompleta e com três dedos de um ciborgue.

Cinder tremeu ao sentir o ar com cheiro misturado de hospital estéril e de caverna úmida subterrânea.

Thorne se aproximou do tanque. Estava vazio, mas a forma vaga de uma criança podia ser vista no forro gosmento sob a tampa de vidro.

– O que é isso?

Cinder tentou mexer na luva, mas lembrou que não a possuía mais.

– Um tanque de animação suspensa – respondeu, sussurrando como se os fantasmas de cirurgias desconhecidos pudessem estar ouvindo. – Projetado para manter uma pessoa viva, porém inconsciente, por longos períodos de tempo.

– Isso não é ilegal? Por causa da lei da superpopulação, ou algo assim?

Cinder assentiu. Aproximou-se do tanque e apertou o vidro com os dedos, tentando se lembrar de acordar ali dentro, mas não conseguiu. Só lembranças confusas do hangar e da fazenda voltaram à sua mente, mas nada desse calabouço. Só ficou completamente consciente quando estava a caminho de Nova Pequim, pronta para começar a nova vida como uma órfã assustada, confusa e ciborgue.

O contorno da garota na gosma parecia pequeno demais para ser dela, mas ela sabia que era. A perna esquerda parecia significativamente mais pesada do que a direita. Ela se perguntou por quanto tempo ficou deitada ali sem perna.

– O que você acha que isso está fazendo aqui embaixo?

Cinder umedeceu os lábios.

– Acho que estava escondendo uma princesa.

CAPÍTULO

OS PÉS DE CINDER ESTAVAM PRESOS AO CHÃO ENQUANTO ELA OBSERVAVA O aposento subterrâneo. Não conseguia afastar a visão de si mesma aos onze anos deitada naquela mesa de cirurgia enquanto cirurgiões desconhecidos cortavam e costuravam pedaços de seu corpo a estranhos membros de aço. Fios no cérebro. Optobiônica atrás da retina. Tecido sintético no coração, vértebras novas, pele enxertada para cobrir cicatrizes.

Quanto tempo demorou? Por quanto tempo ela ficou inconsciente, dormindo naquele porão escuro?

Levana tentou matá-la quando Cinder tinha apenas três anos.

A operação foi concluída quando tinha onze.

Oito anos. Em um tanque, dormindo, sonhando e crescendo.

Não morta, mas também não viva.

Ela olhou para a marca da cabeça sob o vidro do tanque. Centenas de pequenos fios com transmissores neurais estavam presos às paredes, e uma pequena tela estava implantada na lateral. Não, não era uma tela, percebeu Cinder. Nenhum acesso à rede podia se infiltrar neste aposento. Nada que pudesse chegar à rainha Levana.

– Não entendi – disse Thorne, examinando os instrumentos cirúrgicos do outro lado do aposento. – O que você acha que fizeram com ela aqui?

Ela viu que não havia desconfiança no rosto dele, só curiosidade.

– Bem – começou –, programaram e implantaram o chip de identificação dela, pra começar.

Thorne balançou um bisturi para ela.

– Bem pensado. É claro que ela não teria o dela quando voltou pra Terra. – Ele indicou o tanque. – E aquilo tudo?

Cinder segurou as beiradas do tanque para firmar as mãos.

– As queimaduras deviam ser graves, talvez até quase fatais. A prioridade seria mantê-la viva, mas também deixá-la escondida. A animação suspensa resolveria os dois problemas. – Bateu com um dedo no vidro. – Esses transmissores devem ter sido usados para estimular o cérebro enquanto ela dormia. Ela não podia ter uma vida nem aprender como uma criança normal, então tiveram que compensar com aprendizado falso. Experiências falsas.

Ela mordeu o lábio e ficou em silêncio antes de mencionar o sistema de rede implantado no cérebro da princesa, que era uma maneira eficiente de saber quando finalmente fosse despertada, sem que soubesse de nada daquilo.

Era fácil falar sobre a princesa como se fosse outra pessoa. Cinder não conseguia parar de pensar que *era* outra pessoa. A garota que dormiu naquele tanque era uma pessoa diferente do ciborgue que acordou nele.

Ocorreu a Cinder com um tremor que era por isso que não tinha lembranças. Não porque os cirurgiões danificaram o cérebro dela quando foram inserir o painel de controle, mas porque ela nunca esteve acordada para criá-las.

Se pensasse no passado, será que conseguiria se lembrar de alguma coisa de antes do coma? De alguma coisa da primeira infância? Então, ela se lembrou do sonho recorrente. A cama de carvão, o fogo queimando em sua pele, e se deu conta de que devia ser mais lembrança do que pesadelo.

– Tela, ligar.

As duas telas acima da mesa de cirurgia se acenderam à ordem de Thorne. A da esquerda mostrou uma holografia de um tórax dos ombros, girando e piscando no ar. O coração de Cinder deu um salto, achando que era *ela*, até observar a segunda tela.

PACIENTE: MICHELLE BENOIT

CIRURGIA: MEDULA E SISTEMA NERVOSO

BLOQUEIO DE SEGURANÇA DE BIOELETRICIDADE.

Cinder se aproximou da holografia. Os ombros eram delicados e femininos, mas nada podia ser visto acima da linha do maxilar.

– O que é bloqueio de segurança de bioeletricidade?

Cinder apontou para a holografia quando estava girando para longe, e um ponto escuro e quadrado apareceu na medula, bem abaixo do crânio.

– Isso. Eu também tinha um, para não usar meu dom lunar por acidente quando era pequena. Em um terráqueo, faz com que você não possa sofrer lavagem cerebral pelos lunares. Se Michelle Benoit tinha mesmo informações sobre a princesa Selene, teria que se proteger, para o caso de cair em mãos lunares.

– Se temos tecnologia para anular a magia lunar, por que todo mundo não tem um desses?

Uma onda de tristeza tomou conta dela. O padrasto dela, Linh Garan, tinha inventado o bloqueio bioelétrico, mas morreu de peste antes de vê-lo passar do estágio de protótipo. Embora mal o tivesse conhecido, não conseguia deixar de sentir que a vida dele tinha sido interrompida cedo demais. Como as coisas poderiam ter sido diferentes se ele tivesse sobrevivido... E não só para Pearl e Peony, mas também para Cinder.

Ela suspirou, cansada de pensar, e disse simplesmente: – Não sei.

Thorne resmungou:

– Bem, isso é uma prova, não é? A princesa esteve mesmo aqui.

Cinder observou o aposento de novo, prestando atenção nas mesas de maquinário. Nas ferramentas que a transformaram em ciborgue. Thorne não tinha reparado nelas ou ainda não tinha entendido para que foram usadas. A confissão estava na ponta da língua. Talvez ele devesse saber. Ele merecia saber com quem estava viajando. O verdadeiro perigo em que ela o colocava.

Mas, antes que pudesse falar, Thorne disse:

– Tela, mostre a princesa Selene.

Cinder girou, com a pulsação disparada, mas não foi uma versão dela com onze anos que estava em exibição. O que ela viu mal era reconhecível como humano.

Thorne cambaleou para trás, com a mão na boca.

– O quê...

O estômago de Cinder revirou antes de ela fechar os olhos, controlando a repulsa. Engolindo em seco, ousou olhar para a tela de novo.

Era a foto de uma criança.

O que havia sobrado de uma criança.

Estava enrolada em ataduras do pescoço até o cotoco da perna esquerda. O braço e o ombro direitos estavam descobertos e mostravam pele vermelha e ferida em certas partes, rosada e brilhosa em outras. Não tinha cabelo, e as marcas de queimadura subiam pelo pescoço até a bochecha. O lado esquerdo do rosto estava inchado e desfigurado, e só a abertura do olho podia ser vista. Uma linha de pontos ia do lóbulo da orelha até os lábios.

Cinder levou dedos, trêmulos, à boca, alisando a pele. Não havia cicatriz, não havia sinal daqueles ferimentos. Só algumas marcas ao redor da coxa e no pulso, onde as próteses foram presas.

Como a consertaram? Como conseguiram consertar aquilo?

Mas foi Thorne quem fez a verdadeira pergunta.

– Quem faria uma coisa dessas a uma criança?

A pele de Cinder se cobriu de arrepios. Não havia lembrança do sofrimento que aquelas queimaduras deviam ter causado nela. Não conseguia conectar a criança consigo mesma.

Mas a pergunta de Thorne ficou no ar, assombrando o aposento frio.

A rainha Levana tinha feito isso.

Com uma criança, pouco mais do que um bebê.

Com a própria sobrinha.

E tudo para governar. Para reivindicar o trono. Para ser rainha.

Cinder fechou os punhos nas laterais do corpo com o sangue fervendo. Thorne a estava observando com uma expressão igualmente sombria.

– Devíamos falar com Michelle Benoit – disse Thorne, colocando o bisturi na mesa.

Cinder soprou uma mecha de cabelo fora do rosto. O fantasma de seu eu criança pairava no ar, uma vítima lutando para permanecer viva. Quantas pessoas ajudaram a resgatá-la e protegê-la, guardaram seus segredos? Quantas arriscaram a vida porque acreditavam que a sua valia mais? Porque acreditavam que ela poderia crescer e virar uma pessoa poderosa o bastante para deter Levana.

Com os nervos arranhando o estômago, ela saiu com Thorne pelo armário, se certificando de fechar a porta escondida quando passou.

Quando saíram à luz do dia, a casa ainda estava estranhamente imóvel e silenciosa atrás de um pequeno jardim. A Rampion parecia enorme e deslocada no campo.

Thorne verificou o tablet, e sua voz estava tensa quando disse: – Ela não se mexeu desde que chegamos aqui.

Ele não tentou disfarçar os passos no cascalho. Bateu na porta da frente, e cada batida ecoou no pátio. Esperaram o som de passos lá dentro, mas só o som das galinhas no quintal os recebeu.

Thorne verificou a maçaneta e a porta destrancada se abriu.

Ele entrou no saguão e olhou para a escada de madeira. À direita havia uma sala de estar cheia de mobília gasta. À esquerda, uma cozinha com pratos sujos na mesa. Todas as luzes estavam apagadas.

– Olá? – gritou. – Srta. Benoit?

Cinder ligou a rede e rastreou o sinal até o chip de identificação de Michelle Benoit.

– O sinal vem lá de cima – sussurrou. A escada gemeu sob o peso da perna de metal. Pequenas telas ocupavam a parede, revezando

fotos de uma mulher de meia-idade de uniforme de piloto e uma garota de cabelos ruivos. Embora fosse gorducha e coberta de sardas quando criança, as fotos dela mais velha mostravam-na lindíssima, e Thorne falou baixinho quando passou: – *Olá*, Scarlet.

– Srta. Benoit? – repetiu Cinder. Ou a mulher dormia muito profundamente ou eles estavam prestes a dar de cara com alguma coisa que Cinder tinha certeza de que não queria ver. A mão dela tremeu quando empurrou a primeira porta depois da escada, se preparando para não gritar se visse um corpo em decomposição caído na cama.

Mas não havia corpo.

O quarto estava tão bagunçado quanto o hangar. Havia sapatos e roupas, enfeites e cobertores, mas nenhum ser humano. Nenhum cadáver.

– Olá?

Cinder olhou ao redor e viu a penteadeira ao lado da janela. Seu coração se apertou. Andou até lá, pegou o pequeno chip e segurou para Thorne ver.

– O que é isso? – perguntou ele.

– Michelle Benoit – respondeu ela. Suspirando, desligou a rede.

– Quer dizer... que ela não está aqui?

– Tente acompanhar os acontecimentos, cara – resmungou Cinder e passou por ele em direção ao corredor. Colocou os punhos nos quadris e observou a outra porta fechada; sem dúvida, outro quarto.

A casa estava abandonada. Michelle Benoit não estava ali, nem sua neta. Ninguém podia dar respostas.

– Como rastreamos uma pessoa sem chip de identificação?

– Não rastreamos – respondeu. – É por isso que as pessoas tiram.

– Devíamos falar com os vizinhos. Talvez eles saibam de alguma coisa.

Cinder gemeu.

– Não vamos falar com ninguém. Ainda somos fugitivos, caso

você tenha se esquecido. – Ela olhou para as fotos em sequência. Michelle Benoit e uma jovem Scarlet ajoelhada toda orgulhosa ao lado de um canteiro recémplantado.

– Venha – disse, limpando as mãos como se tivesse sido ela a cavar na terra. – Vamos sair daqui antes que a Rampion atraia atenção. – As tábuas do piso estalavam sob seus pés conforme Cinder descia a escada e dobrava o primeiro patamar.

A porta da frente se abriu.

Cinder ficou paralisada.

Uma menina bonita de cachos cor de mel estava congelada na frente dela.

Os olhos da menina se arregalaram, primeiro de surpresa, depois de reconhecimento. Eles desceram até a mão ciborgue de Cinder, e a cor sumiu do seu rosto.

– *Bonjour*, mademoiselle – cumprimentou Thorne.

A menina olhou para Thorne. Em seguida, os olhos se reviraram e ela caiu no chão.

CAPÍTULO

Trinta e Três

CINDER SOLTOU UM PALAVRÃO E OLHOU PARA THORNE, MAS ELE só deu de ombros. Ela virou para a garota desmaiada. A cabeça estava inclinada em um ângulo estranho, apoiada na mesa do saguão, e os pés estavam perto da porta.

– É a neta? – perguntou Cinder enquanto seu escâner comparava as medidas do rosto da menina aos dados em seu cérebro, o que não levou a nenhum resultado. Ele teria reconhecido Scarlet Benoit. – Deixa pra lá – falou e se aproximou do corpo prostrado da garota. Tirou a mesa do caminho, e a cabeça da menina bateu no piso.

Cinder se aproximou sorrateiramente e espiou pela porta. Um aerodeslizador velho estava no pátio.

– O que você está fazendo? – perguntou Thorne.

– Olhando. – Cinder virou e viu Thorne entrando no saguão e olhando para a menina com uma leve curiosidade. – Ela parece estar sozinha.

Um sorriso malicioso se abriu no rosto dele.

– Devíamos levá-la conosco.

Cinder olhou com irritação.

– Você está louco?

– Loucamente apaixonado. Ela é linda.

– Você é um idiota. Me ajude a carregá-la para a sala.

Ele não discutiu, e um momento depois a menina estava nos braços dele, sem que a ajuda de Cinder fosse necessária.

– Aqui, no sofá. – Cinder seguiu na frente e rearrumou algumas almofadas desbotadas.

– Estou bem, assim. – Thorne mexeu os braços de forma que a

cabeça da menina caiu contra o peito dele, com os cachos louros tocando o zíper da jaqueta de couro.

– Thorne. Coloque-a no sofá. Agora.

Murmurando alguma coisa baixinho, ele colocou a menina no sofá e ajustou meticulosamente a blusa de forma a cobrir a barriga exposta, depois arrumou as pernas para ficar em posição mais confortável. Cinder o agarrou pela parte de trás da gola e o puxou para cima.

– Vamos sair daqui. Ela nos reconheceu. Assim que acordar, vai mandar uma mensagem para a polícia.

Thorne tirou um tablet do bolso da jaqueta e entregou para Cinder.

– O que é isso?

– O tablet dela. Peguei enquanto você estava ocupada demais entrando em pânico.

Cinder tirou o tablet da mão dele e enfiou no bolso lateral da calça cargo militar.

– Ainda assim, não vai demorar até ela contar para *alguém*. Virão investigar e vão descobrir que estávamos procurando Michelle Benoit, e aí vão começar a procurar Michelle Benoit e... Talvez eu devesse incapacitar o aerodeslizador dela antes de irmos.

– Acho que devíamos ficar e conversar com ela. Talvez ela saiba onde encontrar Michelle.

– Ficar e *conversar* com ela? E dar mais pistas sobre como nos encontrar? É a coisa mais idiota que já ouvi.

– Ei, sugeri que a levemos junto, mas você já vetou a ideia, então agora estou recorrendo ao plano B, que é interrogá-la. E estou muito ansioso para isso. Eu brincava de um jogo chamado interrogatório com uma das minhas antigas namoradas e nós...

– Já chega. – Cinder levantou a mão e o silenciou. – É uma péssima ideia. Vou embora agora. Pode ficar com a sua namorada, se quiser. – E passou andando por ele.

Thorne foi logo atrás.

– Isso que acabei de ouvir sem dúvida foi ciúme.

Um choramingo fez os dois pararem no caminho da porta, e, ao virarem, viram as pálpebras da menina se abrirem.

Soltando um palavrão, Cinder puxou Thorne para a porta, mas ele não se mexeu. Depois de um momento, soltou a mão dela e voltou para a sala. O pavor surgiu no rosto da menina e ela sentou, se apoiando no braço do sofá.

– Não tenha medo – disse Thorne. – Não vamos machucar você.

– Vocês são aquelas pessoas das telas. Os fugitivos – disse com um adorável sotaque europeu. Olhou para Cinder boquiaberta. – Você é a... a...

– Fugitiva lunar ciborgue? – sugeriu Thorne.

O pouco de cor que havia no rosto da garota sumiu. Cinder rezou para ter paciência.

– V-Vocês vão me matar?

– Não! Não, não, não, é claro que não. – Thorne se sentou na outra ponta do sofá. – Só queremos fazer algumas perguntas.

A menina engoliu em seco.

– Qual é seu nome, querida?

Ela mordeu o lábio inferior e olhou para Thorne com uma mistura de desconfiança e esperança.

– Émilie – sussurrou ela, quase sem som.

– Émilie. Um nome bonito para uma garota bonita.

Lutando com a vontade de vomitar, Cinder bateu com a cabeça no batente da porta. Isso fez a menina olhar para ela, e Émilie se encolheu de medo.

– Me desculpe – disse Cinder, esticando as duas mãos. – Hã, é um prazer conhecer...

Émilie começou a chorar, histérica, com o olhar grudado na mão de metal de Cinder.

– Por favor, não me mate. Não vou contar para ninguém que vi vocês! Eu prometo, só não me mate, por favor.

Com o queixo caído, Cinder olhou para o membro por um

segundo até perceber que não era a parte ciborgue dela que provocava medo na garota. Era a lunar. Ela olhou para Thorne, que olhava para ela de um jeito acusador, e levantou os braços no ar.

– Tudo bem, você cuida disso – disse ela e saiu da sala.

Ela se sentou na escada, de onde conseguia ouvir Thorne tentando acalmar a menina enquanto ficava de olho na estrada pela janela da frente. Cruzou os braços em cima dos joelhos e ficou a escutar Thorne acalmando o choro de Émilie, enquanto massageava a cabeça para afastar uma dor de cabeça incipiente.

Antigamente, as pessoas olhavam para ela com repulsa. Agora, as pessoas morriam de medo dela.

Não sabia o que era pior.

Tinha vontade de gritar para o mundo que não era culpa dela ser assim. Que ela não tinha nada a ver com isso.

Não teria sido a escolha dela, se tivesse tido a oportunidade de escolher.

Lunar.

Ciborgue.

Fugitiva.

Fora da lei.

Pária.

Cinder escondeu o rosto nos braços e desejou que as injustiças desaparecessem. Não se deixaria levar pela autodepreciação. Tinha muitas outras coisas com as quais se preocupar.

Na sala ao lado, conseguia ouvir Thorne falando sobre Michelle Benoit, pedindo que a menina contasse alguma coisa a ele, qualquer coisa útil, mas tudo que ouviu foram pedidos de desculpas exagerados.

Cinder suspirou, desejando haver alguma maneira de conseguir convencê-la de que não pretendiam fazer mal a ela, que na verdade eram os mocinhos.

O corpo dela ficou tenso.

Ela *era capaz* de convencer a garota disso. Com facilidade.

A culpa jorrou por suas veias um momento depois, mas não fez a tentação desaparecer. Ela observou o horizonte e não viu sinal de civilização além dos campos.

Cruzou os dedos e refletiu.

– Você conhece Michelle Benoit, não conhece? – perguntou Thorne, com um tom quase de súplica. – Afinal, você está na casa dela. Esta casa é dela, não é?

Cinder massageou as têmporas com os polegares.

Ela não era como a rainha Levana e seus taumaturgos, e todos os outros lunares que abusavam do dom faziam lavagem cerebral, enganavam e controlavam os outros para benefício próprio e egoísta.

Mas se controlar alguém fosse para o bem maior... E só por um curto período...

– Émilie, por favor, pare de chorar. É só uma pergunta simples.

– Tudo bem – murmurou Cinder, se levantando da escada. – É para o bem dela, afinal.

Depois de respirar fundo para afastar a culpa, voltou para a sala.

O olhar da menina se dirigiu para ela. Estava com o rosto inchado. Ela se encolheu.

Cinder se obrigou a relaxar e deixar o formigar delicado percorrer seus nervos enquanto pensava em coisas gentis, simpáticas, calorosas.

– Somos seus amigos – disse. – Viemos ajudar você.

Os olhos de Émilie se iluminaram.

– Émilie, pode nos contar onde está Michelle Benoit?

Uma última lágrima desceu despercebida pela bochecha de Émilie.

– Não sei onde ela está. Ela desapareceu três semanas atrás. A polícia não encontrou nada.

– Você sabe alguma coisa sobre o desaparecimento dela?

– Aconteceu no meio do dia, quando Scarlinda estava fazendo as entregas. Não levou o aerodeslizador nem a nave. Não pareceu ter

levado nenhum pertence. O chip de identificação foi retirado e deixado para trás, junto com o tablet.

Foi preciso toda a concentração de Cinder para manter a aura de simpatia e confiança quando a decepção começou a surgir.

– Mas acho que Scarlet talvez soubesse de alguma coisa.

Cinder se animou.

– Ela ia procurar a avó. Partiu faz uns dois dias e me pediu para cuidar da fazenda. Parecia ter uma pista, mas não me contou qual era. Sinto muito.

– Você teve notícias de Scarlet depois disso? – perguntou Thorne, se inclinando para a frente.

Émilie balançou a cabeça.

– Nada. Estou preocupada, mas ela é forte. Vai ficar bem. – A expressão dela se iluminou como a de uma criança. – Eu ajudei? Quero ajudar.

Cinder se encolheu ao ouvir a ansiedade da garota.

– Sim, ajudou. Obrigada. Se você pensar em mais alguma coisa...

– Mais uma pergunta – disse Thorne, erguendo o dedo. – Nossa nave precisa de alguns consertos. Tem alguma boa loja de peças por aqui?

CAPÍTULO

Trinta e Quatro

O SONO DE SCARLET FOI AGITADO, CHEIO DE TAUMATURGOS E lobos rondando. Quando conseguiu sair do estado de torpor, viu que duas bandejas de comida tinham sido deixadas para ela. Seu estômago roncou quando ela as viu, mas ignorou a sensação, rolou para o lado e se encolheu no colchão imundo. Muitos anos atrás, alguém tinha entalhado as iniciais na parede do camarim, e Scarlet passou os dedos por elas. Seriam trabalho de uma estrela da ópera em ascensão na segunda era ou de um prisioneiro de guerra?

Será que a pessoa morreu neste aposento?

Apoiou a testa na parede fria.

O escâner apitou no corredor e a porta se abriu.

Scarlet se deitou de costas e ficou paralisada.

Lobo estava de pé na porta e precisou baixar a cabeça para não bater no batente. Seus olhos perfuraram a escuridão, mas eram a única coisa nele que não tinha mudado. O cabelo antes bagunçado e espetado tinha sido penteado para trás, deixando as feições bonitas angulosas demais, cruéis demais. Ele tinha lavado a sujeira do rosto e agora usava o mesmo uniforme que tinha visto nos outros soldados: uma camisa marrom com decorações de runas nos ombros e antebraços. Uma série de cintos e faixas sustentava coldres vazios. Ela se perguntou se Lobo preferia lutar sem armas ou se simplesmente não tinha permissão de levar armas para a cela dela.

Ela pulou da cama, mas se arrependeu imediatamente, pois o mundo se inclinou e precisou se apoiar na parede. Lobo permaneceu em silêncio, observando, até que os olhares dos dois se encontraram no meio do quarto; o dele, escuro e sem expressão, o dela ficando cada vez mais cheio de ódio, mais cheio de raiva a cada segundo.

– Scarlet. – Um traço de esforço cruzou seu rosto.

A repulsa tomou conta dela, e ela gritou. Não tinha lembrança de atravessar o aposento, mas o impacto dos punhos no maxilar, na orelha e no peito dele fez seus braços doerem.

Ele permitiu que ela batesse cinco vezes, sem nem fazer cara de dor, antes de forçá-la a parar. Segurou os pulsos dela no meio do movimento e os prendeu com força perto da barriga.

Scarlet recuou e mirou o calcanhar na patela dele, mas ele a virou tão rápido que ela perdeu o equilíbrio e se viu de costas, com os braços presos.

– Me solte! – gritou, batendo com o pé nos dedos do pé dele, pisando e gritando e se debatendo, mas, se o machucou, ele não deu sinal. Ela virou o pescoço e mordeu, mas não tinha possibilidade de alcançá-lo. Então, com uma dolorosa virada de cabeça, conseguiu cuspir no maxilar dele.

Ele se encolheu de novo, mas não a soltou. Nem olhou para ela.

– Seu traidor! Seu filho da mãe! Me solte!

Levantou um joelho para dar outro chute para trás quando ele obedeceu e a soltou. Ela caiu para a frente com um gritinho.

Scarlet correu para longe, trincando os dentes. Seus joelhos latejavam e ela teve que usar a parede para conseguir ficar de pé. Virou para olhar para ele. Seu estômago se revirou, e teve certeza de que vomitaria de ódio, nojo e fúria.

– O quê? – gritou ela. – O que você quer?

Lobo limpou o cuspe do queixo com o pulso.

– Eu tinha que te ver.

– Por quê? Pra poder se gabar do quanto me fez de boba? De como foi *fácil* me convencer de que você... – Um tremor percorreu o corpo dela. – Não consigo acreditar que deixei você *tocar em mim*.

– Ela se contorceu e passou as mãos pelos braços para afastar a lembrança. – Vá embora! Me deixe em paz!

Lobo não se moveu nem falou por um longo tempo. Scarlet virou, cruzou os braços sobre o peito e olhou com raiva para a

parede, tremendo.

– Menti pra você sobre muitas coisas – disse ele por fim.

Ela deu uma gargalhada debochada.

– Mas falei sério cada vez que pedi desculpas.

Ela fez uma expressão de raiva e viu pontos brilhantes na parede.

– Eu nunca quis mentir para você, nem assustar você, nem... E tentei, no trem...

– Não ouse. – Ela o encarou de novo e afundou as unhas nos braços para se impedir de partir para cima dele e fazer papel de boba de novo. – Nem *pense* em tocar nesse assunto, nem em tentar justificar o que fez comigo. O que seu povo fez com minha avó!

– Scarlet... – Ele deu um passo na direção dela, mas ela levantou as mãos e recuou até suas pernas baterem no colchão.

– Não chegue perto de mim. Não quero ver você. Não quero ouvir você. Prefiro morrer a ser tocada por você de novo.

Viu a garganta dele se movendo quando engoliu em seco. Seu rosto demonstrou dor, mas isso só serviu para deixá-la com mais raiva.

Lobo lançou um olhar para a porta e Scarlet o acompanhou. Ela reparou que o guarda de sempre estava esperando do lado de fora, assistindo aos dois como se fossem uma novela popular sendo transmitida nas telas. O estômago dela deu um nó.

– Lamento ouvir isso, Scarlet – disse Lobo, virando para ela. A voz tinha perdido o tom de arrependimento e era pura praticidade e crueldade de novo. – Porque não vim pedir desculpas. Vim por outro motivo.

Ela se empertigou.

– Não ligo pro que você...

Ele a alcançou com um único passo, afundou as mãos em seu cabelo e pressionou-a na parede. A boca de Lobo sufocou o grito surpreso dela, depois um grito de raiva. Ela tentou empurrá-lo, mas teve tão pouco sucesso quanto teria com as barras de ferro da porta.

Seus olhos se arregalaram quando sentiu a língua dele, e, em um vislumbre de rebeldia, pensou em mordê-lo, mas havia outra coisa. Uma coisa pequena, achatada e dura sendo pressionada para sua boca. Todos os músculos ficaram contraídos.

Lobo se afastou. Seu toque ficou mais leve, aninhando a cabeça dela. As cicatrizes eram um borrão na visão dela. Scarlet não conseguia respirar.

Então ele murmurou, tão baixo que ela mal conseguiu entender as palavras quando saíram dos lábios quentes.

– Espere até de manhã – disse. – O mundo não vai estar seguro esta noite.

Lobo se concentrou nos próprios dedos quando segurou um cacho. Fechou a cara, como se o toque provocasse dor.

A indignação voltando, Scarlet o empurrou e passou por baixo do braço dele. Correu para o canto do aposento e se agachou na cama. Depois de cobrir a boca com uma das mãos, colocou a outra na parede para se equilibrar.

Esperou, com o corpo todo em chamas, até Lobo sair do aposento. As barras se abriram e fecharam.

Do lado de fora, o guarda riu, debochando.

– Acho que todo mundo tem seus fetiches – disse ele, e os passos seguiram pelo corredor.

Caída na parede, Scarlet cuspiu o objeto estranho na palma da mão.

Um pequeno chip de identificação brilhou para ela.



LIVRO

Quatro

“Pra te comer melhor, minha querida.”



CAPÍTULO

Trinta e Cinco

– ELA VAI FICAR BEM, SABE.

Cinder deu um pulo de susto e foi arrancada do devaneio. Thorne estava pilotando uma pequena nave de passeio em Rieux, na França, e Cinder estava um tanto surpresa de ainda não terem batido e morrido.

– Quem vai ficar bem?

– Aquela Émilie. Você não devia se sentir tão mal por fazê-la dormir com seu truque lunar. Provavelmente ela vai até se sentir mais descansada quando acordar.

Cinder fez uma careta. Seus pensamentos estavam tão direcionados a encontrar uma bateria e voltar para Iko antes que alguém aparecesse na fazenda que nem tinha pensado na louca que deixaram para trás. Estranhamente, depois de tomar a decisão de usar o glamour na garota para que confiasse neles, toda a dúvida e a culpa que sentira desapareceram. Pareceu tão natural, tão fácil, tão óbvio que era a coisa certa a fazer.

A facilidade a assustou mais do que a falta de culpa. Se era tão natural para *ela* depois de apenas alguns dias praticando o novo dom, como poderia sobreviver enfrentando um taumaturgo? Ou a própria rainha?

– Só espero estar bem longe quando ela acordar – murmurou.

Voltando a atenção para a janela, Cinder refez o rabo de cavalo usando o reflexo fantasma. Conseguia distinguir vagamente os olhos castanhos e as feições comuns. Inclinou a cabeça, se perguntando como era sua aparência com o glamour. Ela jamais saberia, é claro. Os espelhos não podiam ser enganados pelo glamour. Mas Thorne pareceu impressionado, e Kai...

É ainda mais doloroso olhar para você do que para ela.

As palavras fizeram o corpo dela parecer pesado.

A cidade surgiu abaixo e Thorne fez uma descida rápida demais.

Cinder segurou o cinto ao redor da cintura.

Thorne acertou a nave e tossiu.

– Houve uma rajada de vento.

– Claro que sim. – Ela encostou a cabeça no apoio do banco.

– Você está muito para baixo hoje – disse Thorne, beliscando de leve o queixo dela. – Alegre-se. Podemos não ter encontrado Michelle Benoit, mas agora temos certeza de que ela abrigou a princesa. Isso é bom. É um progresso.

– Encontramos uma casa revirada e fomos identificados pela primeira civil que nos viu.

– É, porque somos *famosos*. – Cantorolou a palavra com uma dose de orgulho. Quando Cinder revirou os olhos, ele a cutucou no braço. – Ah, pare com isso, podia ser pior.

Ela ergueu a sobancelha para Thorne, e o sorriso dele se alargou.

– Pelo menos temos um ao outro. – Ele esticou o braço, como se fosse dar um grande abraço nela se não estivessem presos pelo cinto de segurança, cada um em seu assento. O bico da nave virou para a direita, e Thorne rapidamente segurou os controles de novo, ajustando a direção a tempo de desviar de um bando de pombos.

Cinder cobriu uma gargalhada com a mão de metal.

Só começou a perceber que aquela ideia era ruim quando Thorne pousou meio torto em uma rua de pedras secundária. Mas não tinham escolha. Precisavam de uma bateria nova se quisessem levar a Rampion para o espaço de novo.

– As pessoas vão nos ver – disse, olhando ao redor ao sair da nave. A rua estava vazia, serenamente protegida nas sombras de prédios de pedra com séculos de idade e bordos de folhas prateadas. Mas a tranquilidade não ajudou em nada a acalmar os nervos dela.

– E você vai usar sua utilíssima magia de lavagem cerebral em todas elas, e nenhuma vai saber que está nos vendo. Bem, quero dizer, acho que vão nos ver de qualquer jeito, só não vão nos

reconhecer. Ou... ei, você *consegue* nos deixar invisíveis? Isso seria muito útil.

Cinder enfiou as mãos nos bolsos.

– Não sei se estou pronta para enganar uma cidade inteira. Além do mais, eu não gosto de fazer isso. Faz com que eu me sinta... má.

Sabia que, se seu detector de mentiras interno pudesse vê-la, teria reconhecido a mentira. A sensação era certa *demais*, e talvez fosse isso que parecia mais horivelmente errado em fazer aquilo.

Os olhos azuis piscando, Thorne prendeu os polegares no cinto. Estava meio ridículo de jaqueta de couro elegante nessa cidadezinha simples e rural, mas tinha o balanço de um homem que fazia parte do local. Que fazia parte de qualquer lugar que quisesse.

– Você pode ser uma lunar maluca, mas não é *má*. Desde que esteja usando o glamour para ajudar as pessoas e, mais importante, para *me* ajudar, não tem motivo para se sentir culpada. – Ele parou para olhar o cabelo na vitrine suja de uma loja de sapatos enquanto Cinder o observava sem acreditar.

– Espero que essa não seja sua ideia de conversa animadora.

Ele deu um sorrisinho debochado e indicou a loja seguinte com um movimento de cabeça.

– Aqui estamos – disse, abrindo uma porta de madeira barulhenta.

O som oco de sinos digitais os recebeu, misturado com o cheiro de óleo de motor e borracha queimada. Cinder aspirou o aroma tão familiar. Mecânica. Maquinário. Aquele era o lugar *dela*.

Apesar de a loja parecer encantadora pelo lado de fora, com a fachada de pedra e janelas de madeira antiga, ela agora conseguia ver que era enorme, do comprimento do quarteirão. Perto da frente, prateleiras altas de metal exibiam peças de andróides e tablets. Mais para os fundos, Cinder conseguia ver partes de máquinas maiores: aerodeslizadores, tratores e naves.

– Perfeito – murmurou, seguindo em direção à parede dos

fundos.

Passaram por um funcionário jovem com acne no rosto sentado atrás de uma bancada, e embora Cinder tenha imediatamente acionado o glamour para disfarçar a si mesma e a Thorne com a primeira coisa que lhe veio à mente (os fez parecer trabalhadores de fazenda, sujos e desgrehados), duvidou que a medida fosse necessária. O garoto nem se deu o trabalho de cumprimentá-los, pois estava com a atenção grudada em um tablet que emanava a melodia animada de um aplicativo de jogo.

Cinder contornou o corredor de conversores de força e viu um homem gigantesco, o único outro freguês da loja, encostado em um elevador de motor. Estava concentrado em limpar as unhas em vez de olhar as prateleiras, e quando encarou o olhar de Cinder, foi com um sorrisinho zombeteiro.

Cinder enfiou a mão de metal no bolso, encontrou a vibração do pensamento dele no ar e o dirigiu para longe. *Você não está interessado em nós.*

Mas o sorriso dele só se alargou, o que provocou um arrepio na espinha dela.

Quando ele virou de costas um momento depois, Cinder saiu sorrateiramente do corredor, com a atenção dividida entre manter o glamour e observar as peças variadas até encontrar a bateria de que eles precisavam. Ela a pegou na prateleira, ofegou com o peso e voltou rapidamente para a frente da loja.

Thorne suspirou assim que saíram do campo de visão do estranho.

– Ele me deu medo.

Cinder concordou.

– Você devia deixar a nave ligada para o caso de precisarmos fazer uma fuga rápida. – Ela colocou a bateria na bancada do funcionário com um baque.

O garoto nem sequer ergueu o olhar, continuou jogando com o polegar de uma das mãos enquanto com a outra esticava o escâner

para Cinder. O laser vermelho piscou na bancada.

O medo se espalhou no estômago de Cinder.

– Hum.

O garoto conseguiu desviar a atenção do jogo e olhou para ela com irritação.

Cinder engoliu em seco. Nenhum dos dois tinha chip de identificação nem como pagar. Será que o glamour a ajudaria a escapar disso? Imaginou que Levana provavelmente não teria dificuldade...

Antes que conseguisse falar, uma coisa brilhosa apareceu no seu canto de visão.

– Isso cobre? – disse Thorne, esticando um relógio digital banhado a ouro. Cinder reconheceu como sendo o que Alak estava usando, o dono do hangar de espaçonaves em Nova Pequim.

– Thorne! – sibilou ela.

– Aqui não é casa de penhores – disse o garoto, largando o escâner na bancada. – Vocês podem pagar ou não?

Cinder olhou com raiva para Thorne, mas viu o homem estranho saindo do corredor perto dos fundos da loja. Vinha andando na direção deles, assobiando uma melodia alegre, e tirou um par de luvas grossas de trabalho de um dos bolsos e colocou uma na mão esquerda com grande exagero de movimentos.

Com o coração disparado, Cinder virou para o garoto.

– Você quer o relógio – disse. – É uma boa troca por essa bateria, e você não vai nos denunciar por levá-la.

Os olhos do garoto ficaram vidrados. Tinha começado a assentir quando Thorne colocou o relógio na palma da mão dele e Cinder pegou a bateria na bancada. Saíram pela porta e deixaram o soar dos sinos falsos para trás.

– Chega de roubar! – disse ela quando Thorne chegou ao seu lado.

– Ei, aquele relógio nos salvou lá dentro.

– Não, *eu* nos salvei lá dentro, e caso você já tenha esquecido,

esse é exatamente o tipo de truque mental que *não* quero fazer nas pessoas.

– Mesmo se salvar sua pele?

– Sim!

Uma luz piscou no olho de Cinder, indicando a chegada de uma mensagem. Um momento depois, palavras começaram a surgir em seu campo de visão.

**FOMOS DETECTADOS – POLÍCIA. VOU
MANTÊ-LOS LONGE O MÁXIMO DE
TEMPO POSSÍVEL.**

Ela cambaleou no meio da rua.

– O quê? – disse Thorne.

– É lko. A polícia encontrou a nave.

Thorne ficou pálido.

– Então não dá tempo de comprar umas roupas novas.

– Nem um corpo de androide. Vamos.

Ela saiu correndo com Thorne nos seus calcanhares até que dobraram a esquina e pararam de repente.

Dois policiais estavam entre eles e a nave, um comparando o modelo da nave com alguma informação no tablet que segurava.

Alguma coisa apitou no cinto do outro policial. Quando ele esticou a mão para pegar, Cinder e Thorne recuaram e se esconderam atrás do prédio.

Com a pulsação disparada, Cinder olhou para Thorne, mas ele estava avaliando a vitrine mais próxima. TAVERNA RIEUX estava pintado no centro da vidraça.

– Aqui – indicou, puxando-a para contornar duas mesas de ferro forjado e atravessar a porta.

A taverna fedia a bebida e fritura e vibrava com esportes nas telas e gargalhadas exageradas.

Cinder deu dois passos para a frente, prendeu a respiração e

virou para ir embora. Thorne bloqueou o caminho com o braço esticado.

– Aonde você vai?

– Tem gente demais. Vamos ter mais sorte com a polícia. – Ela o empurrou, mas parou quando viu um aerodeslizador verde pousando nas pedras lá fora, com o emblema das forças militares da Comunidade das Nações Europeias pintado na lateral. – *Thorne*.

O braço dele ficou rígido e a taverna pareceu ficar em silêncio. Cinder encarou lentamente a multidão. Dezenas de estranhos olhavam boquiabertos para ela.

Um ciborgue.

– Pelas estrelas – sussurrou. – Preciso de um novo par de luvas.

– Não, você precisa se acalmar e começar a usar sua bruxaria cerebral.

Cinder chegou perto de Thorne e engoliu o pânico crescente.

– Nós somos daqui – murmurou ela. Cinder estava com a nuca coberta de suor, que escorria pela coluna. – Não somos estranhos. Vocês nos reconhecem. Não têm interesse, nem curiosidade, nem... – Parou de falar quando a atenção das pessoas no salão começou a voltar para as comidas e bebidas e telas atrás do bar. Cinder continuou a repetição mecânica em pensamento, *Nós somos daqui, não somos estranhos*, até as frases se misturarem em uma sensação de invisibilidade.

Eles não eram estranhos. Eram dali.

Ela se forçou a acreditar.

Ao observar as pessoas, viu que apenas um par de olhos permanecia nela, azuis vibrantes e tomados de humor. Era um homem musculoso sentado a uma mesa perto dos fundos, com um sorriso brincando nos lábios. Quando o olhar de Cinder sustentou o dele, ele se recostou e voltou a atenção para as telas.

– Venha – disse Thorne, guiando-a para uma mesa livre.

O som da porta gemendo atrás deles fez o estômago de Cinder se contrair como um motor morrendo. Eles se sentaram à mesa do

canto.

– Foi uma ideia ruim – sussurrou ela, colocando a bateria ao seu lado no banco. Thorne não disse nada, e os dois curvaram os pescoços por cima da mesa quando três pessoas de uniforme vermelho passaram. Um escâner apitou, o que fez a pulsação de Cinder latejar nas têmporas, e o último oficial parou.

Com a mão ciborgue por baixo da mesa, Cinder abriu o tambor da arma tranquilizante embutida do dedo pela primeira vez desde que o dr. Erland lhe deu a mão.

O oficial ficou ao lado da mesa deles, e Cinder se forçou a virar para ele, pensando *inocente, normal, indistinguível de qualquer outra pessoa*.

O oficial estava segurando um tablet com um escâner de identificação embutido. Cinder engoliu em seco e olhou para cima. Era jovem, tinha talvez vinte e poucos anos, e seu rosto estava contorcido pela confusão.

– Algum problema, monsieur? – perguntou, repugnada por ouvir a própria voz sair adocicada como uma vez tinha ouvido a da rainha Levana.

Os olhos dele piscaram rapidamente. A atenção dos outros oficiais, um homem e uma mulher, também tinha sido atraída, e Cinder conseguia percebê-los por perto.

Um calor se espalhou da base de seu pescoço e desceu desconfortavelmente pelos membros. Ela apertou os punhos. A onda de energia no salão era pulsante, quase visível. Seu dispositivo óptico biônico estava começando a entrar em pânico e a enviar avisos preocupados sobre hormônios e desequilíbrios químicos para o campo de visão dela, e o tempo todo procurou controlar desesperadamente o dom lunar. *Sou invisível. Não sou importante. Vocês não me reconhecem. Por favor, não me reconheçam.*

– Oficial?

– Você é... hum. – Dirigiu os olhos para o tablet e para o rosto dela, depois balançou a cabeça como se quisesse afastar teias de

aranha em sua mente. – Estamos procurando uma pessoa, e aqui diz... Você por acaso não...

Todos estavam olhando agora. As garçonetes, os fregueses, o cara estranho com olhos inquietos. Nenhuma quantidade de súplica interior poderia torná-la invisível com um oficial militar de outro país falando com ela. Estava ficando tonta com o esforço. Seu corpo estava se aquecendo e havia suor em sua testa.

Ela engoliu em seco.

– Está tudo bem, oficial?

Ele franziu a testa.

– Estamos procurando uma garota... uma adolescente da Comunidade das Nações Orientais. Você por acaso não seria... Linh...

Cinder ergueu as sobrancelhas, fingindo ignorância.

– Peony?

CAPÍTULO

O SORRISO DE CINDER FICOU CONGELADO NO ROSTO. O NOME DE Peony era como uma pedra em seu peito que tirava o ar dos pulmões enquanto lembranças povoavam sua visão. Peony assustada e sozinha nas quarentenas. Peony morrendo, com o antídoto ainda na mão de Cinder.

A dor foi imediata, como fogo estraçalhando seus músculos. Cinder gritou, apertou a mesa e quase caiu.

O oficial cambaleou para trás, e a colega dele gritou:

– É ela!

Cinder sentiu a mesa ser empurrada contra si quando Thorne deu um pulo. Levou um momento para a queimação diminuir. O gosto de sal permaneceu em sua língua, alguém gritou e, em meio à confusão no cérebro, ela ouviu pernas de cadeiras e de mesas arranhando o chão. A voz da mulher continuou:

– Linh Cinder, vamos levá-la conosco.

Um texto em vermelho brilhou em sua retina.

**TEMPERATURA INTERNA ACIMA DA
TEMPERATURA DE CONTROLE
RECOMENDADA. SE O PROCEDIMENTO
DE RESFRIAMENTO NÃO FOR INICIADO, O
DESLIGAMENTO AUTOMÁTICO
OCORRERÁ EM UM MINUTO.**

– Linh Cinder, coloque lentamente as mãos acima da cabeça. Não faça movimentos bruscos.

Ela piscou tentando afastar a névoa intensa em sua visão, quase não percebendo a oficial com a arma apontada para sua testa. Atrás dela, Thorne estava dando um soco no nariz do jovem com o tablet, que se abaixou e reagiu. O terceiro oficial estava com a arma

apontada para os dois homens, que, na briga, caíram em cima de uma mesa ali perto.

Cinder respirou fundo, feliz de só um resíduo da dor permanecer sob sua pele.

**CINQUENTA SEGUNDOS ATÉ O
DESLIGAMENTO AUTOMÁTICO...**

Ela soltou a respiração lentamente.

**DESLIGAMENTO AUTOMÁTICO PAUSADO.
TEMPERATURAS CAINDO.
PROCEDIMENTO DE RESFRIAMENTO
ACIONADO.**

– Linh Cinder – repetiu a mulher. – Coloque as mãos no alto da cabeça. Tenho autorização para atirar, se necessário.

Ao passar as mãos em frente ao rosto, ela percebeu que tinha esquecido que a ponta de um dos dedos estava aberta, armada com um dardo.

– Saia de trás da mesa lentamente e dê a volta. – A mulher deu um passo para trás para dar espaço para Cinder se mover. Atrás dela, Thorne gemeu quando um soco acertou seu estômago e ele se encolheu.

Cinder também se encolheu ao ouvir aquele som, mas fez o que mandaram, esperando que o estômago parasse de se revirar, que a fraqueza passasse. Tentou preparar o cérebro para a tentativa, sabendo que só teria uma chance.

Ficou de pé na hora em que estavam colocando algemas nos pulsos de Thorne. Cinder virou. Com o canto do olho, viu a oficial esticar a mão para o cinto.

– Você não quer fazer isso – disse, mais uma vez se encolhendo por causa da adorável serenidade da própria voz. – Você quer nos soltar.

A oficial fez uma pausa e olhou para ela com uma expressão vazia.

– Vocês querem nos soltar. – A ordem foi dirigida a todos os oficiais, a todo mundo na taverna, mesmo os fregueses assustados que estavam encostados na parede dos fundos. A cabeça de Cinder zumbia com a volta da força, do controle e do poder. – Vocês querem nos soltar.

A oficial baixou os braços para a lateral do corpo.

– Nós queremos soltar...

Um grito gutural ecoou pela taverna. Atrás da oficial, o homem de olhos azuis ficou de pé, mas caiu em cima da mesa. As pernas da mesa quebraram com o peso, e ele caiu no chão. Os outros fregueses se afastaram, e a atenção de todo mundo foi desviada. Cinder olhou para Thorne, que estava assistindo ao espetáculo com as mãos presas às costas.

O estranho rosnou. Estava agachado, de quatro, com saliva pingando da boca. Por baixo das sobancelhas escuras, seus olhos tinham adquirido uma estranha luminescência e uma expressão louca e sedenta por sangue que fez as entranhas de Cinder se contorcerem. Ele curvou os dedos, arranhou o chão com as unhas e olhou para os rostos apavorados ao redor.

Um rosnado subiu de sua garganta e seus lábios se abriram, revelando dentes pontudos, mais lupinos do que humanos.

Cinder recuou até o banco, certa de que o surto momentâneo tinha estragado alguma coisa, que seu dispositivo óptico biônico estava enviando mensagens cruzadas ao cérebro. Mas sua visão não mudou.

Ao mesmo tempo, os oficiais militares apontaram as armas para o homem, mas ele não demonstrou preocupação. Pareceu satisfeito com os gritos horrorizados, com a forma como a multidão se afastou dele.

Ele pulou no oficial mais próximo antes que conseguisse puxar o gatilho. Suas mãos envolveram a cabeça do homem. Houve um

estalo alto, e ele caiu no chão sem vida. Aconteceu tão rápido, cada movimento não mais que um borrão.

Gritos se espalharam pela taverna. Houve correria em direção à porta, clientes pulando por cima de mesas e cadeiras caídas.

Ignorando as pessoas, o homem deu um sorrisinho debochado para Cinder. Ela cambaleou até cair sentada no banco, tremendo.

– Oi, garotinha – disse ele, com voz humana demais, controlada demais. – Acho que minha rainha anda procurando você.

Pulou para cima dela. Cinder recuou, incapaz de gritar.

A oficial se jogou entre os dois, de frente para Cinder, com os braços bem abertos de forma protetora. Seu rosto estava completamente sem expressão. Seus olhos sem vida observavam Cinder na hora em que o homem uivou de raiva e agarrou-a por trás. Passou um braço ao redor da cabeça dela, puxou para trás e afundou as presas na garganta.

Ela não gritou. Não lutou.

Um gorgolejar sangrento saiu de sua boca.

Uma arma disparou.

O homem enlouquecido rosnou, pegou a oficial e jogou para o lado como um cachorro faria com um brinquedo, lançando-a do outro lado da taverna. Ela caiu no chão quando outro tiro soou e acertou o homem no ombro. Com um grito, ele pulou para a frente e arrancou com uma das mãos a arma do oficial que tinha sobrado. Atacou-o com a outra, os dedos curvados como garras, que deixaram quatro cortes no rosto do oficial.

Com o coração disparado, Cinder olhou para a mulher quando a vida se esvaía dos olhos. Sua respiração ofegante ficou presa na garganta. O coração estava batendo com tanta força que sem dúvida pularia para fora do peito. Pontos brancos manchavam sua visão. Não conseguia respirar.

– *Cinder!*

Atordoada, procurou pelo salão e encontrou Thorne saindo de trás de uma mesa derrubada com as mãos ainda presas nas costas.

Ele caiu de joelhos ao lado do banco.

– Vamos, as algemas!

Os pulmões dela queimavam. Os olhos ardiam. Estava hiperventilando.

– Eu... eu a matei... – gaguejou.

– *O quê?*

– Eu matei... Ela estava...

– Não é a hora de surtar, Cinder!

– Você não entende. Fui eu. Eu...

Thorne se jogou e bateu sua testa na dela com tanta força que Cinder gritou e caiu no banco.

– Componha-se e me ajude a abrir esse troço!

Ela se segurou na mesa e se pôs de pé. Com a cabeça doendo, olhou para Thorne, depois para a oficial caída na parede, com o pescoço inclinado em um ângulo estranho.

Com o cérebro lutando para se prender à realidade, ela deu um salto para a frente e foi arrastando Thorne por entre cadeiras derrubadas. Depois de se agachar ao lado do primeiro oficial caído, segurou o braço dele e ergueu o pulso. Thorne girou as mãos na direção dela, e as algemas piscaram e se abriram.

Cinder soltou a mão inerte e ficou de pé. Saiu correndo para a porta, mas alguma coisa segurou seu rabo de cavalo e puxou-a para trás. Ela gritou e caiu em uma mesa. Garrafas se estilhaçaram embaixo dela, e água e álcool encharcaram as costas de sua blusa.

O homem louco estava em cima dela, com uma expressão de desprezo. Sangue pingava de seus lábios e dos ferimentos a bala, que mal parecia reparar.

Cinder tentou se afastar, mas escorregou e um caco de vidro cortou a palma da mão. Sufocou um grito.

– Eu perguntaria o que trouxe você à pequena Rieux, na França, mas acho que já sei. – Ele sorriu, mas era inquietante e nada natural, com os caninos proeminentes manchados de sangue. – Pena que encontramos a velhota primeiro, e agora minha matilha tem vocês

duas. Fico pensando qual será minha recompensa quando eu levar o que sobrar de você para minha rainha em uma caixa de plástico.

Thorne gritou, levantou uma cadeira e quebrou-a nas costas do homem.

O homem virou, e Cinder aproveitou a distração para rolar por cima da mesa. Ela desabou no chão e ergueu o olhar na hora em que o homem afundou os dentes no braço de Thorne. O capitão deu um grito.

– *Thorne!*

O homem recuou, com o queixo pingando sangue, e deixou Thorne, que caiu de joelhos.

Os olhos do assassino brilhavam.

– Sua vez.

Ele deu dois passos lentos na direção dela. Cinder virou a mesa e criou um obstáculo entre eles, mas o homem a chutou para longe com uma gargalhada.

Cinder ficou de pé, ergueu a mão e disparou um dardo tranquilizante no peito dele.

Rosnando, arrancou o dardo como um incômodo insignificante.

Cinder recuou. Ao tropeçar em uma cadeira caída, gemeu e caiu de costas no corpo quente e imóvel do oficial, e conseguiu disparar duas balas, mas inutilmente.

O homem sorriu de uma maneira repugnante, mas fez uma pausa, empalidecendo. Seu sorriso cruel sumiu e, com mais um passo, caiu de cara no chão.

Cinder ficou olhando com o estômago embrulhado para a forma inerte em meio à confusão.

Quando viu que ele não se mexia, ousou olhar para o oficial morto cujo sangue escorria pela clavícula. Rolou de cima do policial, pegou a arma que tinha caído no chão e ficou de pé.

Cinder segurou o cotovelo de Thorne e enfiou a arma na mão dele. Ele gemeu de dor, mas não lutou quando ela o colocou de pé e o empurrou até a porta. Cinder voltou correndo até a mesa, pegou

a bateria e enfiou debaixo do braço antes de sair correndo atrás dele.

A rua estava um caos, com pessoas correndo e saindo dos prédios, chorando histericamente.

Cinder viu os dois policiais que estavam inspecionando a nave agora tentando orientar a multidão. Uma janela se estilhaçou quando um homem passou pelo vidro (o homem apavorante da loja de peças) e agarrou um dos policiais no caminho. Seus dentes se enfiaram no pescoço do policial.

Uma onda de náusea cresceu dentro dela quando o louco soltou o policial e virou o rosto manchado de sangue para o céu.

E uivou.

Foi um uivo longo, orgulhoso e agourento.

O dardo de Cinder acertou-o no pescoço, silenciando-o. Ele teve tempo de virar e olhá-la com raiva antes de cair de lado.

Não pareceu importar. Enquanto Cinder e Thorne corriam para a nave abandonada, o uivo do homem foi repetido por outro e mais outro, meia dúzia de gritos alienígenas sendo repetidos em todas as direções para receber a lua que surgia no céu.

CAPÍTULO

– **O QUE FOI AQUILO? – GRITOU THORNE ENQUANTO FAZIA A** nave decolar. Voando mais baixo e muito mais rápido do que as leis permitiam, seguiram sobre a colcha de retalhos de plantações que cercava a cidade de Rieux.

Cinder balançou a cabeça, ainda ofegante.

– Eram lunares. O cara mencionou a rainha.

Thorne bateu com a palma da mão no painel de controle da pequena nave, falando vários palavrões.

– Sei que é de se esperar que lunares tenham uns parafusos soltos, sem querer ofender, mas aqueles homens eram psicóticos. Ele praticamente mastigou meu braço! E essa é minha jaqueta favorita!

Cinder olhou para Thorne, mas o ombro ferido estava do outro lado. No entanto, ela conseguia ver um galo vermelho no ponto em que tinha batido com a cabeça na dela para arrancá-la do delírio.

Ela apertou os dedos de metal frio na testa, que estava começando a latejar, e reparou em um fluxo de texto no campo de visão que antes estava apavorada e distraída demais para reparar.

ONDE VOCÊS ESTÃO???

– Iko está em pânico.

Thorne desviou de um trator abandonado.

– Eu esqueci a polícia! Minha nave está bem?

– Espere.

Ficando enjoada com as curvas que ele estava fazendo, Cinder se segurou no apoio lateral e enviou uma nova mensagem.

A CAMINHO. A POLÍCIA AINDA ESTÁ AÍ?

A resposta de Iko foi quase instantânea.

NÃO, ELES PRENDERAM UM MECANISMO DE RASTREAMENTO NA NAVE E FORAM EMBORA. HOVE ALGUMA CONFUSÃO EM RIEUX. ESTOU ASSISTINDO ÀS TELAS AGORA... CINDER, VOCÊ ESTÁ VENDO ISSO?

Ela engoliu em seco, mas não respondeu.

– A polícia foi embora. Deixou um rastreador.

– Ah, isso é previsível. – Thorne desceu e o trem de pouso esbarrou na ponta de um moinho. Cinder viu a Rampion a poucos quilômetros, uma mancha enorme no meio da plantação, mas quase imperceptível à noite.

IKO, ABRA A PLATAFORMA DE NAVES DE PASSEIO.

Quando a nave alcançou a Rampion, a plataforma estava aberta. Cinder apertou os olhos e se ajeitou no assento quando Thorne mergulhou rápido demais na direção da abertura. Mas ele acionou os propulsores bem na hora, e em pouco tempo a nave parou repentina e agitadamente. Ela tremeu e morreu. Cinder já tinha saído pela porta lateral antes mesmo que as luzes se apagassem.

– Iko! Onde está o rastreador?

– Pelas estrelas, Cinder! Onde você esteve? O que está acontecendo lá fora?

– Não temos tempo. O rastreador!

– Está debaixo do trem de pouso, a boreste.

– Eu tiro – disse Thorne, caminhando em direção às portas abertas. – Iko, lacre a plataforma assim que eu sair, depois abra a escotilha principal. Cinder, instale a bateria! – Thorne pulou da plataforma, e Cinder ouviu um *splash* de lama quando ele caiu. Um

momento depois, as portas de encaixe começaram a deslizar e fechar.

– Espere!

As portas pararam, deixando um espaço do tamanho da cabeça de Cinder.

– O quê? – gritou Iko. – Pensei que ele tivesse saído! Por acaso o esmaguei?

– Não, não. Ele está bem. Só preciso fazer uma coisa.

Mordendo o lábio, ela se abaixou em um joelho. Puxou a calça para cima, abriu o compartimento na prótese da perna e encontrou os dois pequenos chips em meio a vários fios emaranhados: o chip de comunicação direta, brilhando com sua iridescência peculiar, e o chip de identificação de Peony, ainda coberto de sangue seco.

Aqueles oficiais a haviam rastreado pelo chip de Peony, e ela não ficaria surpresa se os assecas de Levana a tivessem encontrado da mesma forma.

– Sou tão burra – murmurou, soltando o chip. Seu coração se apertou de repente, mas fez o melhor que pôde para ignorar o sentimento, deu um beijo rápido no chip de identificação e o jogou no campo. Ele brilhou uma vez sob o luar e desapareceu no escuro.

– Tudo bem. Pode fechar as portas agora.

Quando as portas se fecharam com um estalo, ela foi até a nave e pegou a bateria no chão.

As luzes vermelhas de emergência da sala de máquinas estavam piscando. Seu display de retina já estava exibindo as plantas enquanto rastejava para o canto externo da nave, e desconectou a bateria velha.

Quando soltou os fios, a nave inteira ficou às escuras.

Ela falou um palavrão.

– *Cinder!* – gritou Thorne, perturbado, em algum lugar acima dela.

Cinder acendeu a lanterna e tirou a proteção da bateria nova,

sua respiração rápida e assustada. Não demorou para a casa de máquinas ficar sufocante sem o sistema de refrigeração.

Enfiou um cabo na entrada da bateria, depois o prendeu ao motor. Já estava esquecendo como conseguia sobreviver sem a chave de fenda na nova mão enquanto prendia a bateria à parede. A planta sobreposta à sua visão se aproximou enquanto ligava os fios delicados.

Engolindo em seco, ela digitou o código de reinicialização no computador central. O motor zumbiu, o barulho ficou mais alto e logo se tornou um ronronar como o de um gato feliz. As luzes vermelhas se acenderam e foram rapidamente substituídas por luzes brancas e intensas.

– lko?

A resposta foi quase imediata.

– O que acabou de acontecer? Por que ninguém me conta o que está acontecendo?

Com um suspiro, Cinder se deitou e se contorceu em direção à porta. Se segurou nos degraus da escada que levava ao nível principal da nave e gritou: – Prontos para a decolagem!

Assim que terminou de falar, os combustores se acenderam embaixo dela e a nave começou a flutuar. Cinder gritou e agarrou a escada, se segurando com força enquanto a Rampion flutuava momentaneamente antes de subir ao céu, para longe da destruição que acontecia na bela cidade de Michelle Benoit.

Quando entraram em órbita de novo, Cinder encontrou Thorne no cockpit e afundou na cadeira com os dois braços pendendo na direção do chão.

– Temos que limpar as feridas – disse ao ver o ponto escuro de sangue no ombro dele.

Thorne assentiu sem olhar para ela.

– É, eu não quero pegar qualquer coisa que aquele cara pudesse ter.

Com a perna direita tremendo com o próprio peso, Cinder

seguir desajeitada até a enfermaria, feliz por ter tido a ideia de afastar as caixas da porta, e encontrou uma variedade de ataduras e pomadas.

– Bela decolagem lá embaixo – elogiou ao se juntar a Thorne no cockpit. – Capitão.

Ele resmungou e fez uma cara mal-humorada quando Cinder usou a faca embutida para cortar a manga grudada da jaqueta.

– Como está? – perguntou, examinando as marcas de mordida no braço.

– Parece que fui mordido por um cachorro selvagem.

– Você está tonto? Desnortado? Perdeu bastante sangue.

– Estou bem – respondeu, sem paciência. – Mas fiquei muito chateado por causa da jaqueta.

– Podia ter sido bem pior. – Ela cortou um pedaço comprido de atadura. – Eu poderia ter usado você como escudo humano, como fiz com aquela oficial. – A voz dela tremeu na última palavra. Uma dor de cabeça estava surgindo, começando nos olhos secos como o deserto, enquanto ela enrolava uma atadura no braço de Thorne e prendia o curativo com esparadrapo.

– O que aconteceu?

Ela balançou a cabeça e olhou para o corte na palma da mão.

– Não sei – respondeu Cinder, enrolando sem jeito o esparadrapo ali também.

– Cinder.

– Não era minha intenção. – Ela afundou na cadeira. Estava enojada, se lembrando do olhar morto e vazio da mulher ao se colocar entre Cinder e aquele homem. – Entrei em pânico e, quando percebi, ela estava lá, na minha frente. Eu nem pensei, nem tentei, simplesmente aconteceu. – Ela se levantou da cadeira e andou até o compartimento de carga, precisando de espaço. Respirar, se mover, pensar. – É exatamente disso que eu estava falando! De ter esse dom. Está me transformando em um monstro! Como aqueles homens. Como Levana.

Esfregou a cabeça e engoliu a confissão seguinte.

Talvez não fosse só por ela ser lunar. Talvez estivesse no sangue. Talvez ela fosse como a tia... ou como a mãe, que não era nem um pouco melhor.

– Ou talvez – sugeriu Thorne – tenha sido um acidente, e você ainda esteja aprendendo.

– Um acidente! – Ela virou. – Eu matei uma mulher!

Thorne ergueu um dedo.

– Não. Aquele homem lobo uivador e sugador de sangue foi quem a matou. Cinder, você estava com medo. Não sabia o que estava fazendo.

– Ele estava vindo para cima de *mim*, e eu a usei.

– E você acha que ele teria deixado o resto de nós em paz depois que pegasse você?

Cinder trincou os dentes, com o estômago ainda embrulhado.

– Entendo você achar que foi sua culpa, mas vamos tentar colocar um pouco da culpa no lugar certo.

Cinder franziu a testa para Thorne, mas estava vendo aquele homem de novo, com os olhos azuis sinistros e o sorriso doentio.

– Eles estão com Michelle Benoit. – Ela tremeu. – E isso é minha culpa também. Estão *me* procurando.

– Do que você está falando agora?

– Ele sabia que foi por isso que fomos a Rieux, mas disse que eles já a tinham encontrado. A “velhota”, ele disse. Mas só foram atrás dela porque estavam tentando me encontrar!

Thorne colocou a palma da mão no rosto.

– Cinder, você está iludida. Michelle Benoit abrigou a princesa Selene. Se a procuraram, foi por *isso*. Não tem nada a ver com você.

Cinder engoliu em seco, com o corpo todo tremendo.

– Ela ainda pode estar viva. Temos que tentar encontrá-la.

– Como nenhum de vocês me conta nada – interrompeu Iko, com voz firme –, vou ter que adivinhar. Vocês por acaso foram atacados por homens que lutavam como animais selvagens

famintos?

Thorne e Cinder trocaram olhares. Cinder reparou que o compartimento de carga tinha ficado anormalmente quente durante a falação dela.

– Bom palpite – concordou Thorne.

– Estão falando sobre isso em todos os noticiários – disse Iko. – Não é só na França. Está acontecendo no mundo todo, em todos os países da União. A Terra está sob ataque!

CAPÍTULO

Trinta e Oito

UIVOS PREENCHERAM O PORÃO DO TEATRO. NO CANTO DA cama, na penumbra da cela, Scarlet prendeu a respiração e escutou. Os gritos solitários estavam abafados e distantes, em algum lugar nas ruas. Mas deviam ser bem altos, para chegarem até a masmorra dela.

E parecia haver dezenas. Animais procurando uns aos outros na noite, assustadores e apavorantes.

Não devia haver animais selvagens na cidade.

Scarlet se levantou da cama e andou lentamente até as barras. Uma luz se espalhava pelo corredor, vinda da escada que levava ao palco, tão suave que mal conseguia enxergar as barras de ferro na porta. Olhou pelo corredor. Nenhum movimento. Nenhum som. Só um letreiro de SAÍDA que provavelmente não era aceso havia cem anos.

Olhou para o outro lado. Só escuridão.

Teve a sensação horrível de estar presa sozinha. De ter sido deixada para morrer naquela prisão subterrânea.

Outro uivo ecoou, mais alto desta vez, embora ainda abafado. Talvez na rua em frente ao teatro.

Scarlet passou a língua pelos lábios.

– Olá? – disse, hesitante. Como não houve resposta, nem mesmo um uivo distante, ela tentou de novo, mais alto. – Tem alguém aqui?

Fechou os olhos para ouvir. Nada de passos.

– Estou com fome.

Nenhum movimento.

– Preciso ir ao banheiro.

Nada de vozes.

– Vou fugir agora.

Mas ninguém se importava. Ela estava sozinha.

Scarlet apertou a barra, se perguntando se era uma armadilha. Talvez eles a estivessem enganando com um falso senso de segurança, para ver o que faria. Talvez quisessem que tentasse fugir para poderem usar isso contra ela.

Ou talvez, só talvez, Lobo realmente tivesse tido a intenção de ajudá-la.

Ela resmungou. Se não fosse por ele, não estaria naquela encrenca. Se Lobo tivesse falado a verdade e explicado o que estava acontecendo, teria elaborado outro plano para salvar a avó, em vez de ser levada como uma ovelha para o banquete.

As juntas dos dedos dela começaram a doer de tanto apertar as barras.

Então, do vazio do porão, Scarlet ouviu o próprio nome.

Foi um som fraco e inseguro, pronunciado como uma pergunta delirante.

– *Scarlet?*

Com um nó no estômago, Scarlet apertou o rosto nas barras, sentindo o ferro frio nas bochechas.

– Olá?

Ela começou a tremer enquanto esperava.

– *Scar... Scarlet?*

– *Grand-mère? Grand-mère?*

A voz ficou em silêncio, como se aquela palavra a tivesse esgotado.

Scarlet se afastou da porta com barras e correu de volta até a cama, para pegar o pequeno chip que tinha enfiado debaixo do colchão.

Voltou para a porta, desesperada, implorando, esperançosa. Se Lobo a tivesse enganado quanto a isso...

Enfiou a mão pelas barras e passou o chip pelo escâner. Ele apitou com o mesmo tom alegre e doentio de quando os guardas levavam comida, um som que desprezara até o momento.

A porta se abriu sem resistência.

Scarlet ficou na passagem aberta, com o coração disparado. Mais uma vez, se viu lutando para ouvir algum som dos guardas, mas o teatro parecia abandonado.

Seguiu para o lado oposto da escada, para a escuridão do corredor. As mãos nas paredes de cada lado eram seu único guia. Quando chegou à outra porta com barras, ela fez uma pausa e se inclinou na abertura.

– Grand-mère?

A cela estava vazia.

Três, quatro, cinco celas, todas vazias.

– Grand-mère? – sussurrou.

Na sexta porta, um choramingo.

– Scarlet?

– Grand-mère! – Ela soltou o chip ao ser tomada pela emoção, mas imediatamente ficou de quatro para procurá-lo. – Grand-mère, está tudo bem, estou aqui. Vou salvar você... – Seus dedos encontraram o chip e o passou na frente do escâner. Uma onda de alívio tomou conta dela quando ele apitou, embora um som doloroso e apavorado tenha saído da avó no mesmo momento.

Scarlet abriu as barras e entrou na cela, sem se dar ao trabalho de ficar de pé para não tropeçar acidentalmente na avó na escuridão. A cela estava fedendo a urina, suor e ar estagnado.

– Grand-mère?

E encontrou-a encolhida no chão sujo perto da parede dos fundos da cela.

– Grand-mère?

– Scar? Como...?

– Sou eu. Estou aqui. Vou tirar você daqui. – As palavras se dissolveram em soluços, e ela segurou os braços frágeis da avó, puxando-a para um abraço.

A avó deu um grito, um som horrível e lastimável que feriu os ouvidos de Scarlet. Ela ofegou e a soltou.

– Não – choramingou a avó, com o corpo inerte no chão. – Ah,

Scar... você não devia estar aqui. Não devia estar aqui. Não consigo suportar você estar aqui. Scarlet... – Ela começou a chorar, com soluços úmidos e engasgados saindo em gorgolejos pela boca.

Scarlet ficou de pé ao lado da avó, com o medo dominando todos os músculos. Não conseguia se lembrar de ter ouvido a avó chorar.

– O que fizeram com você? – sussurrou, passando as mãos pelos ombros da avó. Por baixo de uma camisa fina e surrada, havia amontoados de curativos e algo úmido e grudento.

Scarlet sufocou as próprias lágrimas e passou os dedos pelo peito e pelas costelas da avó. Havia ataduras em todas as partes. Acariciou os braços e as mãos, que pareciam mais duas clavas de tão cobertas que estavam de ataduras.

– Não, não toque nisso. – A avó tentou se afastar, mas estava tremendo incontrolavelmente.

Com o máximo de delicadeza que conseguiu, Scarlet passou o polegar pelas mãos da avó. Lágrimas quentes escorriam por suas bochechas.

– O que fizeram com você?

– Scar, você precisa sair daqui. – Cada palavra era uma luta, ela mal conseguia falar, mal conseguia respirar.

Scarlet ficou ajoelhada acima dela, com a cabeça apoiada no seio da avó e acariciando o cabelo grudento para longe da testa.

– Vai ficar tudo bem. Vou tirar você daqui e vamos para o hospital, e você vai ficar bem. Você vai ficar bem. – Ela se obrigou a sentar. – Você consegue andar? Fizeram alguma coisa com as suas pernas?

– Não consigo andar. Não consigo me mexer. Você tem que me deixar aqui, Scarlet. Tem que ir embora.

– Não vou deixar você. Todos foram embora, grand-mère. Temos tempo. Só precisamos pensar em uma maneira. Posso carregar você. – Lágrimas pingaram do queixo de Scarlet.

– Venha cá, meu amor. Chegue mais perto. – Scarlet limpou o

nariz e afundou o rosto no pescoço da avó. Braços tentaram envolvê-la, mas só serviram para bater fracamente na lateral do corpo dela. – Eu não queria envolver você nisso. Me desculpe.

– Grand-mère.

– Shh. Escute. Preciso que você faça uma coisa para mim. Uma coisa importante.

Ela balançou a cabeça.

– Pare. Você vai ficar bem.

– Me escute, Scarlet. – O sussurro da avó pareceu ficar ainda mais baixo. – A princesa Selene está viva.

Scarlet apertou bem os olhos.

– Pare de falar, por favor. Poupe suas energias.

– Ela foi morar na Comunidade das Nações Orientais com a família Linh. Com um homem chamado Linh Garan.

Scarlet deu um suspiro triste e frustrado.

– Eu sei, grand-mère. Sei que você a abrigou e sei que a entregou para um homem da Comunidade das Nações Orientais. Mas não importa mais. Não é mais problema seu. Vou tirar você daqui e mantê-la em segurança.

– Não, querida, você precisa encontrá-la. Ela deve ser adolescente agora... e é ciborgue.

Scarlet piscou, desejando conseguir ver a avó na escuridão.

– Ciborgue?

– A não ser que tenha mudado o nome, chama-se Cinder agora.

O nome despertou um quê de familiaridade no fundo da mente de Scarlet, mas o cérebro estava ocupado demais para identificar quem era naquele momento.

– Grand-mère, por favor, pare de falar. Preciso...

– Você precisa encontrá-la. Logan e Garan são os únicos que sabem, e se a rainha me encontrou, pode encontrá-los. Alguém precisa contar à garota quem ela é. Alguém precisa encontrá-la. *Você* precisa encontrá-la.

Scarlet balançou a cabeça.

– Não ligo para a princesa idiota. Ligo para você. Vou proteger você.

– Não posso ir com você. – As mãos machucadas tocaram os braços de Scarlet. – Por favor, Scarlet. Ela pode fazer toda a diferença.

Scarlet se encolheu.

– É apenas uma adolescente – conseguiu dizer em meio a novos soluços. – O que ela pode fazer?

Nesse momento, se lembrou do nome. O noticiário surgiu em seu pensamento, uma garota correndo pela escada de um palácio, caindo, indo parar em um caminho de cascalho.

Linh Cinder.

Uma adolescente. Ciborgue. Lunar.

Engoliu em seco. Então Levana já tinha encontrado a garota. Encontrou, mas perdeu novamente.

– Não importa – murmurou, apoiando a cabeça no peito da avó. – Não é problema nosso. Vou tirar você daqui. Vamos para bem longe.

Sua mente buscou desesperadamente uma forma de fugirem juntas. Alguma coisa que pudesse usar como maca ou cadeira de rodas ou...

Mas não havia nada.

Nada que pudesse subir a escada. Nada que ela conseguisse carregar. Nada que a avó pudesse aguentar.

Seu coração se partiu, e a dor arrancou uma lamúria de sua garganta.

Scarlet não podia deixá-la assim. Não podia deixar que a ferissem mais.

– Minha doce garota.

Ela fechou bem os olhos e deixou cair mais duas lágrimas quentes.

– Grand-mère, quem é Logan Tanner?

A avó deu um beijo leve na testa de Scarlet.

– Ele é um bom homem, Scarlet. Teria amado você. Espero que você o conheça um dia. Diga oi para ele por mim. Diga adeus.

Um soluço cortou o coração de Scarlet. A camisa da avó estava encharcada por suas lágrimas.

Scarlet não conseguiu contar para ela que Logan Tanner estava morto. Que tinha enlouquecido. Que tinha se matado.

Seu avô.

– Eu te amo, grand-mère. Você é tudo pra mim.

Os braços cobertos de curativos acariciaram seus joelhos.

– Eu também te amo. Minha garota tão corajosa e teimosa.

Ela fungou e prometeu a si mesma que ficaria até de manhã. Ficaria para sempre. Não a abandonaria. Se os captores voltassem, as encontrariam juntas e matariam as duas juntas, se quisessem.

Jamais abandonaria a avó de novo.

A jura já estava feita, a promessa já estava determinada, quando passos ecoaram no corredor.

CAPÍTULO

ENCOLHIDA POR CIMA DA AVÓ, SCARLET VIROU NA DIREÇÃO DO corredor. Fios velhos zumbiram acima e uma luz pálida inundou a cela. A porta ainda estava aberta, e as barras lançavam sombras finas no chão.

Seus olhos se ajustaram lentamente. Ela prendeu a respiração para ouvir melhor, mas os passos pararam. Ainda assim, havia alguém ali. Alguém estava se aproximando.

A mão da avó, enrolada em ataduras, alcançou a dela, e ela virou. Seu estômago se contraiu. Linhas de sangue seco cobriam o rosto maltratado, o cabelo estava embaraçado e sujo. Era pouco mais do que um esqueleto agora, embora os olhos castanhos ainda estivessem fortes e vibrantes. Ainda cheios de mais amor do que existia em todo o resto do mundo.

– Corra – sussurrou ela.

Scarlet balançou a cabeça.

– Não vou abandonar você.

– Essa luta não é sua. Corra, Scarlet. *Agora.*

Passos de novo, chegando mais perto.

Scarlet trincou os dentes e ficou de pé, as pernas trêmulas, de frente para a porta. Seu coração estava disparado, esperando os passos se aproximarem.

Talvez fosse Lobo.

Vindo ajudá-la, vindo ajudá-las.

Estava tonta pela velocidade de sua pulsação, incapaz de acreditar que *queria* vê-lo de novo, depois de tudo que havia feito com ela.

Mas tinha lhe dado o chip. E era forte o bastante para carregar sua avó. Se fosse Lobo voltando para ela, as duas estariam salvas...

Viu a sombra no chão antes que o homem pisasse na entrada da cela.

Era Ran, e estava sorrindo.

Scarlet engoliu em seco e firmou os joelhos, determinada a não demonstrar o medo. Mas havia alguma coisa de diferente em Ran agora. Os olhos não estavam apenas cruéis; agora estavam famintos, olhando para Scarlet como se ela fosse um alimento que desejava havia muito tempo.

– Ah, raposinha. E como foi que você saiu da sua cela?

Um tremor percorreu o corpo dela.

– Deixe minha neta em paz. – A voz rouca da avó tinha recuperado um traço de força. Ela se mexeu, tentando se erguer.

Scarlet se sentou ao lado dela e apertou a mão da avó.

– Grand-mère... não.

– Eu me lembro de você. – Michelle encarou Ran. – Você estava com os que foram me buscar.

– Grand-mère...

Ran riu.

– Uma memória afiada para uma coisa tão antiga.

– Não se preocupe com ele, Scarlet. Ele é só o ômega. Deve ter sido deixado para trás, porque é fraco demais para entrar na batalha.

Ran rosnou, deixando os caninos protuberantes à mostra, e Scarlet se encolheu.

– Eu fiquei para trás – rosnou – porque tenho negócios a concluir aqui. – Os olhos dele brilharam. Não havia nada além de ódio neles, incandescente e descontrolado.

Scarlet se moveu de forma a esconder melhor a avó com o corpo.

– Você não é nada – disse Michelle, com as pálpebras se fechando de exaustão. O pavor tomou conta do coração de Scarlet. – Nada além de uma marionete daquele taumaturgo. Tiraram seu dom e transformaram vocês todos em monstros, mas, mesmo com toda a força, com os sentidos apurados, toda a sede de sangue, você é o mais baixo de seu grupo, e sempre será.

A mente de Scarlet era um turbilhão. Queria encerrar a conversa, queria que a avó parasse de provocá-lo, mas sabia que não fazia diferença. Havia morte no rosto de Ran.

Uma gargalhada rouca explodiu de dentro dele. As mãos seguraram o batente da porta, seu corpo bloqueando totalmente a passagem.

– Você está errada, sua velha. Já que sabe tanto, deve saber o que acontece com um integrante da matilha que mata seu alfa, não? – Não esperou resposta. – Ele toma o lugar do alfa. – Covinhas surgiram em suas bochechas. – E descobri que meu irmão, meu *alfa*, tem uma fraqueza. – As palavras foram emitidas na mesma hora em que seu olhar pousou em Scarlet de novo.

– Você é um jovem ingênuo. – A avó tossiu. – Você é fraco. Nunca vai ser mais do que um ômega desprezível. Até *eu* consigo ver isso.

Scarlet sibilou. Conseguia ver a fúria crescendo dentro de Ran, conseguia sentir a raiva emanando dele.

– Grand-mère!

Então, ficou claro o que a avó estava tentando fazer.

– Não! Ela não está falando sério. – Teve ódio de si mesma por implorar, mas não ligava. – Ela está velha, está delirando! Apenas deixe-a...

Ran entrou espumando na cela, agarrou Scarlet pelo cabelo e a afastou da avó.

Gritando, enfiou as unhas no antebraço dele, mas foi jogada no canto.

– *Não!*

A avó gritou de dor quando Ran a levantou pelo pescoço. Em um piscar de olhos, ela estava presa na parede, fraca demais para se debater, para lutar, para oferecer alguma resistência.

– DEIXE-A EM PAZ! – Scarlet ficou de pé e pulou nas costas de Ran, prendendo os cotovelos ao redor do pescoço dele, apertando com toda força. Quando percebeu que Ran nem tremeu, ela enfiou as unhas nele, pretendendo acertar os olhos.

Ran uivou e largou a avó de qualquer jeito no chão, depois jogou Scarlet para longe. Ela bateu na parede, mas quase não sentiu o impacto, pois estava prestando atenção na forma inerte e enfaixada da avó.

– Grand-mère!

Seus olhares se encontraram e ela conseguiu ver, em um instante, que a avó não voltaria a se mexer. Seus lábios conseguiram formular:

– Cor...

Mas não houve mais nada. Os olhos permaneceram abertos, assustadoramente vazios.

Scarlet se lançou para a parede, mas Ran chegou lá primeiro, o corpo enorme esmagando o da avó, passando a mão pela lombar dela de forma que a cabeça caiu pesadamente no chão.

Como um animal faminto ao derrubar sua primeira presa, Ran se inclinou e enfiou os dentes no pescoço de Michelle.

Scarlet gritou e caiu para trás. O mundo girou com a visão do sangue e de Ran agachado, de quatro.

A acusação da avó ecoou na mente dela. *Transformaram vocês todos em monstros.*

Ainda em estado de choque, ela se forçou a virar o rosto para longe e rolou para ficar de lado. Seu estômago se revirou, mas não havia nada nele além de bile e saliva. Sentiu gosto de ferro, ácido e sangue e percebeu que tinha mordido a língua quando Ran a jogou na parede, mas não havia dor. Só vazio e horror, e uma nuvem preta se aproximando.

Ela não estava lá. Isso não estava acontecendo.

Com o estômago queimando por tentar expulsar a comida que não estava lá, rastejou até a parede mais distante, colocando o máximo de distância possível entre ela e Ran. Ran e a avó.

Sua mão caiu sob o raio de luz que entrava pelo corredor. Sua pele estava pálida e doentia. Scarlet estava tremendo.

Corra.

Ergueu a cabeça e pôde ver o início de uma escada no final do corredor. Ao lado, havia uma placa pintada e muito desgastada.

Para o palco.

Corra.

O cérebro dela lutava para encontrar o significado das palavras.

Para o palco. Palco. Palco.

As últimas palavras da avó.

Corra!

Ela se inclinou para a frente, envolveu as barras da cela com os dedos e usou-as como apoio. Lutou para se levantar. Para ficar de pé. Para seguir em frente, para o corredor, para a luz.

Suas pernas pareciam não existir a princípio, quando Scarlet mancou até o pé da escada, mas, enquanto subia, encontrou forças. Obrigou-se a seguir em frente. Correu.

Uma porta fechada surgiu no alto da escada, uma porta velha de madeira sem escâner de identificação. A porta gemeu quando se abriu.

Ouviu passos abaixo, vindo atrás dela.

Scarlet saiu nos bastidores. Pilares velhos se amontoavam à direita, e um labirinto de muros falsos de pedra e árvores pintadas preenchiam as sombras à esquerda. A porta bateu às suas costas, e Scarlet correu para a floresta de madeira, pegando um candelabro de ferro fundido no caminho.

Ela o levantou com as duas mãos e esperou, com os pés firmados no chão.

Ran explodiu pela porta, com o queixo coberto de sangue.

Scarlet bateu com o máximo de força que conseguiu. Um rugido saiu dos seus lábios quando a barra de ferro acertou o crânio de Ran.

Ele gritou e cambaleou para trás, até a cortina. Tropeçou no tecido e caiu de costas.

Scarlet jogou o candelabro nele, sem saber se tinha a força necessária para erguê-lo de novo. Ouviu um tecido se rasgando,

mas já estava correndo, desviando das peças de cenário, observando o piso de madeira rachado enquanto corria por entre fios enrolados e poeirentos e holofotes caídos. Cambaleou até o palco, passou pela área vazia de piso de madeira e alçapões, e meio pulou, meio caiu na orquestra fantasma. Ignorando uma pontada de dor que surgiu no joelho, empurrou os suportes de partitura e correu para o auditório.

Passos soaram no palco atrás dela. Tão rápidos que pareciam sobrenaturais.

As fileiras de cadeiras vazias pareciam voar, e tudo que ela conseguia ver era a porta à frente.

Ele pegou-a pelo capuz.

Scarlet deixou que a puxasse para trás, usando o impulso para virar e mirar o joelho na virilha dele.

Ele soltou um grito de dor e cambaleou.

Scarlet correu pelos arcos de mármore em ruínas, passou pelos querubins com braços quebrados, pelos candelabros destruídos e atravessou o piso quebrado. Voou pela escada de mármore, concentrada nas portas enormes que levariam à rua. Se ao menos conseguisse chegar lá fora. Num lugar público. No mundo real.

Quando chegou ao saguão, a silhueta de outro homem surgiu na saída.

Seus pés escorregaram até pararem no quadrado pálido de luz do sol que entrava pela claraboia no teto.

Scarlet girou e correu para a outra escadaria, a que levava para o interior do teatro da ópera.

Acima, uma porta bateu e ela ouviu passos, mas não conseguiu identificar se pertenciam a uma ou duas pessoas.

As costas da blusa estavam cobertas de suor. Suas pernas doíam e a explosão de adrenalina estava se desfazendo.

Dobrou uma esquina e foi parar em uma área tomada de escuridão. O aposento principal era usado no passado para convidados importantes do teatro da ópera, e uma série de portas

e corredores conduzia a cada canto do subsolo. Scarlet sabia que os corredores à direita levariam de volta às celas da prisão, então virou à esquerda. Um chafariz seco ocupava o espaço entre as duas escadarias que levavam ao andar de cima. A estátua de bronze de uma dama seminua ficava em uma alcova em cima de um pedestal, uma das poucas estátuas que pareciam ter sobrevivido a tantos anos de abandono.

Scarlet correu para a escadaria oposta, se perguntando se voltar para o saguão seria suicídio, mas sabendo que ficar presa ali embaixo não era uma alternativa.

Chegou ao começo da escada e seu pé bateu na beirada da base do chafariz. Ela tropeçou e deu um grito.

Ran estava em cima dela antes que caísse no chão.

Unhas afundaram em seu ombro, virando-a de costas para o chão nos azulejos quebrados do chafariz seco. Olhou nos olhos cintilantes dele, os olhos de um louco, de um assassino, e se lembrou de Lobo na luta.

O medo apertou sua garganta e ela estrangulou um grito.

Ele agarrou sua blusa e a ergueu do chão. Ela segurou os pulsos dele, mas estava apavorada demais para lutar quando ele aproximou o rosto do dela. Scarlet quase vomitou com o fedor do hálito, de carne podre e sangue, muito sangue, da avó...

– Se não fosse um pensamento tão repulsivo, eu poderia me aproveitar de você aqui, agora que estamos sozinhos – disse, e Scarlet tremeu. – Só para ver a expressão na cara do meu irmão quando eu lhe contasse. – Com um rugido, a jogou em cima da estátua.

As costas dela bateram no pedestal de bronze, e a dor explodiu na cabeça, deixando-a sem fôlego. Caiu no chão com a mão no peito, tentando encher os pulmões de ar novamente.

Ran se agachou à sua frente, pronto para atacar. Passou a língua pelos caninos e os cobriu com uma camada de saliva.

O estômago dela deu um nó. Scarlet moveu os pés em uma

tentativa de se impulsionar para o espaço estreito entre a estátua e a parede. Para desaparecer. Para se esconder.

Ele saltou.

Ela se encolheu na parede, mas o impacto não aconteceu.

Scarlet ouviu um grito de ataque seguido de um baque surdo. Rosnados.

Ela baixou os braços trêmulos. No meio do aposento, duas formas estavam entrelaçadas. Maxilares estalavam. O sangue pingava em músculos fortes.

Com a vista borrada, ela conseguiu respirar mais devagar, satisfeita ao sentir o peito se expandir. Esticou a mão, segurou a estátua e tentou se levantar, mas os músculos das costas protestaram.

Trincando os dentes, ela se forçou a encolher as pernas sob o corpo e lutou contra a dor até conseguir ficar de pé, ofegando e suando junto à deusa de bronze.

Se conseguisse fugir antes de a luta acabar...

Ran prendeu o outro homem em uma gravata. Os olhos cintilantes de esmeralda do oponente observaram Scarlet por um momento de parar o coração antes de ele girar Ran por cima da cabeça.

O chão vibrou com o impacto, mas Scarlet quase não sentiu.

Lobo.

Era Lobo.

CAPÍTULO

RAN FICOU DE PÉ, E ELE E LOBO SE SEPARARAM, CADA UM LUTANDO contra a energia acumulada. Scarlet quase conseguia vê-la fervendo e borbulhando sob a pele deles. Lobo estava coberto de cortes e sangue, mas não parecia se importar e permaneceu um pouco curvado, flexionando as mãos.

Ran mostrou os dentes.

– Volte ao seu posto, Ran – disse Lobo com um rosnado. – Essa é minha.

Ran riu com deboche e nojo.

– E deixar você me constranger... constranger nossa família... com toda a sua recém-descoberta solidariedade? Você é uma desgraça. – Ele cuspiu uma bola de sangue no concreto quebrado. – Nossa missão é matar. Agora afaste-se para eu poder matá-la, se não está disposto a fazer isso você mesmo.

Scarlet olhou para trás. A escada era baixa o bastante para ela conseguir subir por cima do corrimão, mas seu corpo doía só de pensar. Tentou afastar a inutilidade e lutou para rastejar até a beira do chafariz.

– Ela é minha – repetiu Lobo, com a voz vibrando em um rosnado baixo.

– Não quero lutar com você por causa de uma humana, irmão – disse Ran, embora o ódio em seu rosto fizesse o termo parecer uma piada.

– Então, deixe-a em paz.

– Ela foi deixada sob meus cuidados. Você não devia ter abandonado seu posto para vir atrás dela.

– Ela é *minha*! – A raiva de Lobo aumentou, e ele puxou o candelabro mais próximo, arrancando-o da parede. Scarlet se abaixou quando o metal caiu no chão, espalhando velas pela bacia

do chafariz.

Os dois permaneceram em posição de ataque. Ofegando. Olhando com raiva.

Por fim, Ran rosnou:

– Então você fez sua escolha.

Ele atacou.

Lobo o derrubou com a mão aberta, empurrando-o na lateral do chafariz.

Ran caiu com um gemido, mas logo rolou e ficou de pé. Lobo atacou e afundou os dentes no antebraço do irmão.

Com um grito de dor, Ran passou as unhas afiadas pelo peito de Lobo, deixando marcas vermelhas. Lobo abriu a boca e deu um tapa na sua cara, que o fez voar na estátua do chafariz.

Scarlet gritou e cambaleou para trás, até bater em uma coluna na base da escada.

Ran atacou de novo, e Lobo, já esperando o golpe, o segurou pelo pescoço e usou o impulso para jogá-lo por cima da cabeça. Ran rolou graciosamente e se levantou. Os dois estavam ofegantes, com sangue escorrendo pelas roupas rasgadas. Andaram de um lado para o outro, esperando, procurando fraquezas de seu oponente.

Mais uma vez, Ran atacou primeiro. Jogou todo o peso em Lobo, prendendo-o no chão. Seu maxilar foi na direção do pescoço, se fechando, mas Lobo o afastou, com as mãos ao redor do seu pescoço. Gemeu sob o peso de Ran, lutando para evitar as presas que se aproximavam, quando levou um soco no ombro, bem no ferimento de bala da arma de Scarlet.

Uivando, Lobo encolheu as pernas para pegar impulso e empurrou Ran para longe com um chute na barriga.

Ran rolou para o lado e os dois ficaram de pé. Scarlet conseguia ver a energia se dissolvendo quando se levantaram, cambaleantes, com olhares assassinos. Nenhum dos dois se moveu para proteger os ferimentos.

Ran passou o braço pela boca, manchando o queixo de sangue.

Lobo se agachou e pulou, empurrou Ran para trás e caiu em cima dele. Uma garra o atacou. Lobo desviou, e Ran acertou sua orelha.

Apertando o oponente no piso de mármore, Lobo ergueu o rosto para o teto e uivou.

Scarlet pressionou as costas à coluna, apavorada. O uivo ressoou pelas paredes, pelo crânio e pelas juntas dela, preenchendo cada espaço vazio em seu corpo.

Quando parou de uivar, Lobo se agachou e fechou os dentes na garganta de Ran.

Scarlet se escondeu atrás dos braços, mas não conseguiu deixar de olhar. O sangue borbulhou, cobrindo o queixo e o pescoço de Lobo, pingando no mosaico do chão.

Ran tremeu e se debateu, mas logo parou de lutar. Um momento depois, Lobo o soltou, deixando o corpo morto cair no chão.

Esticando a mão além da coluna, Scarlet segurou o corrimão e se levantou. Correu e mancou pelos degraus.

O saguão ainda estava deserto. Ela pisou na poça no meio do aposento ao correr em direção às portas. Portas que a levariam à rua. À liberdade.

Então, ouviu Lobo a caçando.

Scarlet empurrou a porta de saída. O ar fresco do anoitecer a envolveu quando desceu pelos degraus até a rua vazia, já procurando ajuda na praça.

Mas não havia ninguém.

Ninguém.

A porta se abriu atrás dela antes de ter tempo de a fechar, e ela cambaleou cegamente pela rua. Ao longe, viu uma mulher correndo para uma ruela ali perto. Scarlet se encheu de esperança e mandou os pés se moverem mais rápido, voarem. De repente, sentiu que poderia decolar e voar acima do concreto. Se ao menos conseguisse alcançar a mulher, usar o tablet dela para pedir ajuda...

Então, outra pessoa apareceu. Outro homem, com andar

sobrenaturalmente rápido. Ele correu para a ruela, e, um momento depois, o grito apavorado da mulher soou pela praça, mas logo foi interrompido.

Um uivo surgiu da mesma viela escura.

Ao longe, outro uivo soou em resposta, e outro, e mais outro, preenchendo o crepúsculo com gritos sedentos de sangue.

Pavor e desesperança dominaram Scarlet, que caiu imediatamente, areia e concreto marcando as palmas das mãos. Ofegante, coberta de suor, deitou de costas. Lobo tinha parado de correr, mas continuava seguindo na direção dela. Avançando com passos medidos, pacientes.

Estava quase tão ofegante quanto ela.

Em algum lugar da cidade, outro coral de uivos começou.

Lobo não se juntou a eles.

Sua atenção estava toda em Scarlet, fria, intensa e faminta. A dor dele era evidente. A fúria, mais ainda.

Ela se arrastou para trás com as palmas das mãos ardendo.

Lobo fez uma pausa ao chegar no cruzamento. A luz da lua evidenciava sua silhueta, com olhos dourados, verdes, pretos e furiosos.

Ela o viu passar a língua pelos dentes. Abrir e fechar os dedos. Seu maxilar trabalhava como se quisesse inspirar uma quantidade maior de ar.

Scarlet conseguia ver a luta dele. O esforço. Tão claramente quanto conseguia ver o animal, o lobo dentro dele. Tão claramente quanto ainda conseguia ver o homem.

– Lobo. – A língua dela estava seca. Tentou molhar os lábios e sentiu gosto de sangue. – O que fizeram com você?

– Você. – Cuspiu a palavra, cheia de ódio. – O que *você* fez comigo?

Lobo deu outro passo inseguro naquela direção enquanto ela se arrastava para trás com os calcanhares, mas era inútil. Em um piscar de olhos, ele se agachou em cima dela, derrubando-a nos cotovelos sem nem precisar tocá-la. Lobo apoiou as mãos no chão

uma de cada lado da cabeça de Scarlet.

Scarlet observou olhos que agora pareciam brilhar no escuro. A boca de Lobo estava vermelho-rubi, e a frente da camisa estava preta. Sentiu o cheiro de sangue, nas roupas, no cabelo, na pele dele.

Se o cheiro era tão intenso para ela, não conseguia imaginar como deveria ser para Lobo.

Ele rosnou e baixou o nariz até o pescoço dela.

Farejando.

– Sei que você não quer me machucar, Lobo.

O nariz dele esbarrou no maxilar dela. Seu hálito acariciou a omoplata.

– Você me ajudou. Você me *salvou*.

Uma lágrima quente escorreu pela bochecha dela.

As pontas dos cabelos, desgrenhadas e emaranhadas de novo, roçaram nos lábios dela.

– As coisas mudaram.

O coração dela tremeu como um vaga-lume sem uma das asas. A pulsação latejava nas veias, esperando os dentes se fecharem em seu pescoço a qualquer momento. Mas alguma coisa o estava segurando. Já poderia tê-la matado, mas não matou.

Ela engoliu em seco.

– Você me protegeu de Ran. Não foi para poder me matar agora.

– Você não sabe o que se passa na minha cabeça.

– Sei que você é diferente deles. – Ela fixou o olhar na lua enorme no céu. Lembrou a si mesma que ele não era um monstro. Era Lobo, o homem que a abraçou com tanto carinho no trem. O homem que lhe deu o chip de identificação, para ajudá-la a fugir. – Você disse que nunca queria me assustar. Bem, está me assustando.

Um grunhido vibrou no corpo dela. Scarlet tremeu, mas forçou o corpo a não se encolher. Em vez disso, engoliu em seco e levou as mãos ao rosto dele. Depois de passar os polegares pelas bochechas, ela deu um beijo em sua testa.

O corpo dele ficou tenso, e ela conseguiu inclinar a cabeça para trás o bastante para conseguir ver seus olhos dele. Os lábios estavam curvados em um rosnado, mas ela sustentou o olhar.

– Pare com isso, Lobo. Você não é mais um deles.

As sobrancelhas dele tremeram, mas o ressentimento pareceu desaparecer. A expressão demonstrava dor e desespero e raiva muda, mas não direcionados a ela.

– Ele está na minha cabeça – disse Lobo, com a voz reduzida a um grunhido. – Scarlet. Não posso...

Ele afastou o olhar, contraindo o rosto.

Scarlet passou os dedos pelo rosto dele. O mesmo maxilar, as mesmas bochechas, as mesmas cicatrizes, tudo manchado de sangue. Passou os dedos pelo cabelo desgrenhado.

– Apenas fique comigo. Me proteja, como você disse que faria.

Alguma coisa voou pelo ouvido dela e acertou o pescoço de Lobo.

Lobo ficou rígido. Ele ergueu o rosto, com os olhos arregalados e já ficando acesos de sede de sangue, mas logo se turvaram. Com um gorgolejar estrangulado na garganta, perdeu as forças e caiu em cima dela.

CAPÍTULO

– **LOBO! LOBO!** – **AO VIRAR O PESCOÇO, SCARLET VIU UM HOMEM** e uma mulher correndo na direção dela, o luar refletindo na arma da mulher. O pavor de Scarlet não se prolongou; eles não eram lunares malucos. Ela voltou a atenção para Lobo e procurou o dardo enfiado em seu pescoço. – Lobo! – gritou de novo enquanto arrancava o dardo e o largava no chão.

– Você está bem? – gritou a mulher quando chegou mais perto. Scarlet a ignorou até seu próprio nome atravessar a sensação de pânico. – Scarlet? Scarlet Benoit?

Ela ergueu o olhar quando a mulher parou... mas não, não era uma mulher. Uma garota, com cabelo bagunçado e traços delicados e levemente familiares. Scarlet franziu a testa, com a certeza de já ter visto a garota antes.

O homem a alcançou, ofegando para respirar.

– Quem é você? – perguntou Scarlet, passando os braços ao redor de Lobo quando os dois se abaixaram para puxá-lo para longe dela. – O que fez com ele?

– Venha – disse o homem, puxando Lobo. Ele tentou afastar o corpo pesado, mas ela continuou segurando-o com força. – Temos que sair daqui.

– Pare! Não toque nele! *Lobo!*

Ela segurou as laterais do rosto dele e o inclinou para trás. Se não fosse pelos dentes e pelo sangue no queixo, ele pareceria até tranquilo.

– O que você fez com ele?

– Scarlet, onde está sua avó? Ela está com você? – perguntou a garota.

Isso fez Scarlet voltar a prestar atenção nela.

– Minha avó?

A garota se ajoelhou ao seu lado.

– Michelle Benoit? Sabe onde ela está? – As palavras da garota saíram tão apressadas que se misturaram.

Scarlet olhou sem entender. Sua memória trabalhou. Conhecia essa garota. Uma luz se refletiu nos dedos da garota, e Scarlet percebeu que o que tinha visto antes não era uma arma; era a mão dela.

– Linh Cinder – sussurrou.

– Não se preocupe – disse o homem. – Somos os bonzinhos.

– Scarlet – chamou Cinder, segurando Lobo pelos ombros para tirar um pouco do peso de cima dela. – Sei qual foi a impressão passada pelas telas, mas juro que não estamos aqui para machucar você. Só preciso saber onde está sua avó. Ela está em perigo?

Scarlet engoliu em seco. Aquela era a princesa Selene. Aquela era a garota que estavam procurando, a garota por quem a avó foi interrogada.

A garota que a avó deu tudo para proteger.

Juntas, ela e o homem afastaram Lobo e o largaram no concreto.

– *Por favor* – disse Cinder. – Sua avó?

– Ela está no teatro da ópera – respondeu. – Morta.

A garota olhou para ela boquiaberta; Scarlet não conseguiu identificar se com pena ou decepção. Depois de se sentar, ela colocou a mão aberta no peito de Lobo, aliviada ao senti-lo subir e descer sob o toque.

– Estavam procurando você.

A surpresa destruiu rapidamente a solidariedade da garota.

– Venha – disse o homem ao lado dela, se inclinando e passando o braço por baixo da axila de Scarlet. – Hora de ir.

– Não! Não vou abandoná-lo! – Ela se soltou, rastejou até o corpo inconsciente de Lobo e envolveu a cabeça dele com os braços. Os estranhos olharam para ela como se fosse louca. – Ele não é como os outros.

– Ele é exatamente como os outros! – discutiu o homem. –

Estava tentando comer você.

– Ele salvou minha vida!

Os estranhos trocaram olhares incrédulos, e a garota deu de ombros sem entender.

– Tudo bem – disse o homem. – Você vai na frente.

Ele afastou Scarlet de Lobo, e a garota segurou-o pelos pulsos e os colocou por cima do ombro, gemendo pelo esforço.

O homem foi para trás e segurou as pernas de Lobo.

– Minha nossa – murmurou, já sem fôlego. – Do que esses caras são feitos?

Cinder começou a andar na direção do teatro da ópera em um ritmo que parecia quase de passeio. Scarlet se agachou entre eles e sustentou o abdome de Lobo da melhor maneira que conseguiu enquanto seguiam com dificuldade pela praça.

Depois da mulher, a forma brilhante de uma nave de carga militar surgiu na rua seguinte.

Um uivo quase fez Scarlet largar o corpo de Lobo com o susto. Não conseguia imaginar se sentir mais vulnerável, com os braços ao redor do tórax de Lobo, deixando a própria barriga e o peito expostos, se deslocando a ritmo de lesma, suando, exausta, com dor. Com sangue escorrendo pela barriga.

– É melhor você estar com os tranquilizantes prontos – disse o homem.

– Só consigo... botar... um de cada vez...

O homem xingou baixinho e quase gritou.

– Cinder! Dez ho...

Houve um estalo, e um dardo penetrou no peito de um homem na calçada em frente ao teatro. Ele caiu no chão antes mesmo de Scarlet perceber que estava lá.

– Vamos pegar esse aí – disse o homem atrás dela. – Quantos mais você tem?

– Só três – disse a garota, ofegando.

– Vamos ter que repor.

– Certo. Vou... até... a loja de conveniência e... – Ela não terminou, pois o esforço era muito.

Cinder tropeçou e todos caíram, e o corpo de Lobo bateu no chão com um baque surdo. Scarlet saiu de baixo dele, e seu coração deu um pulo quando viu sangue escorrendo dos ferimentos, que tinham piorado na caminhada.

– Lobo!

Um uivo apavorante surgiu ao redor deles. Bem mais perto do que antes.

– Abra a rampa! – gritou a garota, assustando o homem.

– Precisamos de curativos – disse Scarlet.

A garota ficou de pé e segurou os pulsos de Lobo de novo.

– Temos ataduras na nave. *Venha*.

O homem correu à frente, gritando:

– Iko! Abra a escotilha!

Scarlet ouviu o clique de mecanismos e o zumbir de eletricidade quando a escotilha começou a se abrir, revelando o interior acolhedor da nave. Depois de ficar de pé, ela segurou os tornozelos de Lobo, mas logo viu um homem disparado na direção deles, com as narinas dilatadas, os lábios repuxados por cima dos dentes. Era um dos homens que a levaram para a cela.

Houve um zumbido, um baque, e um dardo afundou no antebraço dele. O homem rugiu e aumentou a velocidade, até que a raiva sumisse, e caiu para a frente, a cara batendo direto na calçada.

– Quase lá – disse Cinder por entre dentes, pegando os pulsos de Lobo de novo.

Mais uivos soaram nas ruas e becos e sombras, e grandes figuras galopantes surgiram da escuridão.

As costas e as pernas de Scarlet doíam, e as palmas das mãos estavam escorregadias enquanto lutava para continuar segurando os tornozelos de Lobo.

– Eles estão chegando!

– Eu reparei!

Scarlet caiu de joelhos. Olhou para o rosto inconsciente de Lobo, para a garota em pânico, e a frustração cresceu dentro dela. Forçou-se a ficar de pé, mas suas pernas estavam moles como massa de pão.

O homem voltou e a empurrou em direção à nave.

– Venha! – gritou ele, pegando os tornozelos de Lobo.

– Thorne! Você tem que pilotar a nave, seu lerdo!

Scarlet virou para a escotilha aberta da nave.

– Eu sei pilotar! Tragam-no para dentro!

Correu, embora sua mente gritasse por deixar Lobo para trás. Os músculos queimavam, a cabeça latejava com o fluxo de sangue. Só conseguia se concentrar em colocar um pé na frente do outro. Em ignorar a queimação e a dor aguda no lado do corpo. Em piscar para tirar o suor dos olhos. Mais. Um. Passo.

Alguma coisa voou até suas costas. Ela ouviu tecido rasgando, um baque alto, e algo agarrou seu tornozelo. Ela gritou e caiu no pé da rampa. Unhas se afundaram na pele de sua panturrilha, e ela gritou de dor.

Um sibilar. Um baque.

A mão a soltou.

Scarlet chutou o queixo do homem antes de subir o restante da rampa, entrando pela abertura da nave. Saiu correndo para dentro e cambaleou até a cadeira do piloto. Os motores não haviam desligado, e a nave zumbia e ronronava ao redor. Seus movimentos foram automáticos. Mal conseguia enxergar através do suor salgado que escorria pelos olhos. Os batimentos pareciam cascos de cavalo em seu peito.

Mas seus dedos sabiam o que fazer ao passearem pelo painel.

– Capitão? Cinder?

Ela virou assustada para olhar para a porta, mas não havia ninguém lá.

– Quem está aí?

Um breve silêncio.

– Quem é você?

Scarlet limpou o suor da testa. A nave. A nave estava falando com ela.

– Sou Scarlet. Precisamos nos preparar para decolar. Você pode...?

– Onde estão Thorne e Cinder?

– Logo atrás de mim. Esta nave é equipada com elevação automática?

Uma série de luzes se acendeu no painel.

– Elevação e estabilizadores magnéticos automáticos.

– Que bom. – Esticou a mão para o controle dos propulsores e esperou até ouvir o som de passos na rampa.

Uma gota de suor escorreu pela testa. Ela engoliu em seco com força e falhou na tentativa de umedecer a garganta.

– Por que estão demorando tanto? – Scarlet girou a cadeira, foi até a entrada do cockpit e olhou para além do compartimento de carga.

O rosto inerte de Lobo estava a menos de dez passos do fim da rampa, e ali estavam Linh Cinder e o amigo, um de costas para o outro.

Estavam cercados por sete agentes lunares e pelo taumaturgo.

CAPÍTULO

Quarenta e Dois

CINDER SENTIU O TAUMATURGO ANTES DE VÊ-LO, COMO UMA cobra deslizando para dentro de seu cérebro. Mandando-a parar de correr. Ficar imóvel e se deixar capturar.

A perna direita obedeceu, mas a esquerda continuou a correr.

Com um grito agudo, ela caiu de quatro. O homem inconsciente (Lobo?) quase a esmagou quando seu corpo saiu rolando. Thorne gritou e tropeçou, e quase não conseguiu se equilibrar antes de cair.

Cinder ficou de pé novamente e virou.

Os homens saíram das sombras, dos becos, de esquinas, de trás da nave, todos com olhos brilhantes e dentes afiados à mostra. Eram sete no total.

Ela viu o taumaturgo, belo, como os lunares sempre eram, com cabelo preto encaracolado e rosto esculpido como o de uma estátua. Usava um casaco vermelho, de taumaturgo de segundo nível.

Ao recuar, ela colidiu com Thorne, que murmurou.

– Então... Quantos dardos você tem ainda?

As íris escuras do taumaturgo brilharam ao luar.

– Um.

Ela duvidava que o taumaturgo pudesse ter ouvido, mas ele sorriu serenamente e enfiou as mãos dentro das mangas vermelhas.

– Certo – disse Thorne. – Se é assim...

Arrancou do cinto a arma roubada do oficial e girou, mirando no taumaturgo. Em seguida, ficou paralisado.

– Ah, não.

Com o canto do olho, Cinder viu o braço de Thorne se curvar e mudar de direção até o cano estar apontado para a têmpora dela.

– Cinder... – A voz dele quase falhou de pânico.

A expressão do taumaturgo permaneceu complacente.

Cinder prendeu a respiração, controlou os nervos e apontou o último tranquilizante para a perna de Thorne. O golpe a fez se encolher, mas em poucos segundos a arma caiu dos dedos dele e seu corpo despencou inerte sobre o de Lobo.

Uma gargalhada calorosa saiu da boca do taumaturgo.

– Olá, srta. Linh. É um prazer conhecê-la.

Ela observou os sete homens. Eram todos ameaçadores, estavam famintos e prontos para atacá-la e arrancar cada membro seu à menor provocação.

De alguma forma, ela preferia isso à diversão alegre do taumaturgo. Pelo menos com aqueles homens não havia como errar na interpretação das intenções.

Já tinha dado três passos para a frente quando percebeu. Se firmou e lutou para manter os pés parados, indecisos por um momento antes de se equilibrarem e ficarem imóveis no chão, ao mesmo tempo que seu dispositivo biônico captou a invasão.

**MANIPULAÇÃO
DETECTADA.**

BIOELÉTRICA

**INICIALIZANDO
RESIST...**

PROCEDIMENTO DE

A mensagem sumiu quando Cinder recuperou o controle dos próprios pensamentos, do próprio corpo. Seu cérebro estava sendo puxado em duas direções, mas o taumaturgo não estava conseguindo controlá-la, seu dom lunar estava lutando contra o dele.

– Então é verdade – disse ele.

A pressão foi interrompida, seus ouvidos estalaram e ela estava de volta na própria mente. Ofegante, sentindo como se tivesse acabado de atravessar um oceano a nado.

– Queira me perdoar. Eu tive que tentar. – Os dentes brancos cintilaram. Não pareceu nem um pouco incomodado pelo fato de ela não poder ser controlada com a mesma facilidade que Thorne.

Com a mesma facilidade que os sete homens ao redor dela.

Com o coração disparado, ela olhou para o homem mais próximo, de cabelo louro escuro desgrenhado e uma cicatriz que ia da têmpora ao maxilar. Obrigou-se a ficar calma, mandou o desespero sumir e projetou os pensamentos na direção dele.

A mente dele não era como a das pessoas que ela já tinha tocado com o dom lunar. Não era aberta e concentrada como a de Thorne, nem fria e determinada como a de Alak, nem apavorada como a de Émilie, nem ansiosa e orgulhosa como as dos oficiais militares.

Aquele homem tinha a mente de um animal, dispersa e selvagem e enfurecida com instintos básicos. Tinha desejo de matar, necessidade de se fartar comendo, percepção constante de seu lugar na matilha e de formas de provar sua posição. *Matar. Comer. Destruir.*

Com um tremor, ela afastou os pensamentos da mente dele.

O taumaturgo estava rindo de novo.

– O que você acha dos meus bichinhos? Eles se misturam com facilidade com humanos, mas viram feras rapidamente.

– Você os está controlando – disse ela, encontrando sua voz.

– Você me lisonjeia. Só estou encorajando instintos naturais.

– Não. Nenhuma pessoa ou animal tem instintos assim. De caçar e defender, talvez, mas você os transformou em monstros.

– Talvez tenha alguma coisa a ver com modificação genética. – Ele encerrou a frase com outra risadinha, como se ela o tivesse flagrado em um prazer do qual ele se envergonhava. – Mas não se preocupe, srta. Linh. Não vou deixar que machuquem você. Quero que minha rainha tenha esse prazer. Já seus amigos, infelizmente...

Ao mesmo tempo, dois soldados deram um passo à frente e seguraram Cinder pelos cotovelos.

– Levem-na para o teatro – disse o taumaturgo. – Vou informar Sua Majestade que Michelle Benoit acabou sendo útil para alguma coisa, afinal.

Mas os captores de Cinder não a haviam carregado por dois passos quando o rugido do motor fez o chão tremer. Eles hesitaram, Cinder olhou para trás e viu a Rampion começar a subir, flutuando na rua a um metro e meio de altura. A rampa ainda estava aberta, e o metal vibrava, as caixas batendo umas nas outras.

– *Cinder!* – A voz de Iko cortou o barulho trovejante. – Abaixe-se!

Ela caiu de joelhos, inerte entre os soldados, quando a nave se deslocou para a frente. A plataforma abaixada acertou os dois homens, que soltaram Cinder. Ela apoiou as mãos no chão e olhou para cima na hora em que a rampa passou por entre os outros soldados, derrubando todos menos um, que teve o reflexo de se abaixar, até atingir o taumaturgo.

Ele ofegou e se pendurou na beirada, com as pernas balançando.

Ainda abaixada e com a barriga da nave flutuando acima, Cinder virou e tateou em busca da pistola que Thorne tinha derrubado. Esperou até ter certeza de que não havia nada no caminho e atirou. A bala se alojou na coxa do taumaturgo e ele gritou, soltou a rampa e caiu na calçada.

Sua calma sumiu e seu rosto se contorceu de ira.

O soldado louro saiu do nada e derrubou Cinder no chão, o que fez a arma sair deslizando pela calçada. Ela lutou para empurrá-lo, mas era pesado demais e prendeu seu braço direito ao chão. Cinder o socou com o punho de metal e ouviu ossos sendo esmagados com o impacto, mas ele não a soltou.

Ele rosnou e abriu bem a boca.

Quando aproximou os dentes do pescoço dela, a nave girou no ar. O trem de pouso acertou o soldado pela lateral e o jogou para longe de Cinder. Ela rolou para o outro lado e colidiu com os corpos inertes de Thorne e Lobo.

A nave girou, e suas luzes acesas iluminaram a rua. A rampa

raspou no chão quando pousou a uns dez passos de onde Cinder estava. De dentro da nave, a cabeça de Scarlet Benoit apareceu na porta do cockpit.

– Venha!

Cinder ficou de pé, agarrou Thorne pelo cotovelo e o arrastou por cima de Lobo, mas mal tinha se movido quando um uivo longo ecoou pela espinha dela. Foi rapidamente repetido pelos outros soldados, e o som foi ensurdecedor.

Cinder cambaleou na base da rampa e olhou para trás. Dois soldados estavam caídos e imóveis, os dois que tinham sido acertados primeiro pela nave. O restante estava de quatro, com o rosto virado para o céu, uivando.

O taumaturgo, mais afastado, se levantou do chão com uma expressão de desprezo. Apesar de estar escuro demais para se conseguir ver sangue, Cinder notou que ele estava poupando a perna atingida.

Tirando o suor dos olhos, ela se concentrou no soldado mais próximo. Buscou mentalmente as ondas bioelétricas que emanavam dele, desesperadas e famintas, e mirou seus pensamentos nelas.

Um uivo deixou de acompanhar o resto.

Uma dor de cabeça já estava se formando em suas têmporas pelo esforço necessário para controlá-lo, mas ela sentiu a mudança imediatamente. O soldado ainda era violento, ainda estava com raiva, mas não era mais uma fera selvagem enviada para destruir qualquer pessoa em seu caminho.

Você. Ela não sabia se tinha falado em voz alta ou apenas pensado. *Você é meu, agora. Pegue esses dois homens e coloque na nave.*

Os olhos dele piscaram, com ódio, mas sob controle.

– *Agora.*

Enquanto ele andava pesadamente na direção dela, o restante dos uivos parou. Quatro rostos olhavam para Cinder e para o traidor. O taumaturgo grunhiu, mas Cinder mal conseguia vê-lo.

Pontos luminosos dançavam em sua visão. Suas pernas estavam começando a tremer pelo esforço de se manter de pé enquanto controlava o homem.

Ele segurou Lobo e Thorne pelos pulsos e começou a arrastá-los rampa acima, como uma marionete puxada por cordinhas.

Mas ela já conseguia sentir as cordinhas se rompendo.

Bufando, ela se apoiou em um joelho.

– Impressionante.

A voz do taumaturgo soou abafada em sua cabeça. Atrás dela, seu peão colocou Lobo e Thorne no chão do compartimento de carga.

– Consigo entender por que minha rainha teme você. Mas tomar controle de um dos meus bichinhos dificilmente vai te salvar agora.

Ela estava tão perto. Era só tirar o soldado da nave. Era só entrar na nave.

Conseguiu levá-lo até a porta, até a beirada da rampa, antes de o controle acabar. Caiu para a frente, segurando as têmporas, sentindo como se cem agulhas estivessem sendo enfiadas em seu cérebro. Não tinha doído assim quando precisara controlar outras pessoas, nunca sentira dor.

Mas a dor começou a diminuir. Ela apertou os olhos. O taumaturgo estava rosnando, com um braço apertando a barriga, onde a rampa o acertou.

O resto dos soldados só estava ali de pé, com os olhos ainda brilhando, mas expressões passivas, e ocorreu a Cinder que o taumaturgo estava machucado demais para manter o controle de todos. Que até o contato dele com os outros era tênue.

Mas não importava. Ela não tinha mais forças.

Ela se sentou nos calcanhares e deixou as mãos penderem ao lado do corpo. Seu corpo oscilou. Conseguiu sentir a inconsciência chamando-a, penetrando em seu cérebro.

Um sorriso mais uma vez curvou os lábios do taumaturgo, mas daquela vez mostrava mais alívio do que diversão.

– Troya – disse –, entre e recolha a mademoiselle Benoit. Vou ter que decidir o que fazer com o Alfa Kes...

O olhar dele se deslocou para trás de Cinder no mesmo momento em que ela ouviu um tiro.

O taumaturgo cambaleou para trás segurando o peito.

Cinder escorregou para o lado, olhou para trás e viu Scarlet descendo a rampa com uma escopeta nas mãos.

– Mademoiselle Benoit recolhida – disse ela, e colocou o calcanhar nas costas do soldado tonto e de expressão vazia, empurrando-o para fora da rampa. – E não se preocupe, vamos tirar o Alfa Kesley das suas mãos.

Com olhar de desprezo, o taumaturgo caiu no chão. O sangue começou a jorrar por entre os dedos.

– Onde você conseguiu isso? – perguntou Cinder com dificuldade.

– Em uma das caixas no compartimento de carga – respondeu Scarlet. – Venha, vamos...

Uma mistura de emoções surgiu nos olhos dela: fúria atormentada, confusão assustada, vazio.

Scarlet baixou a arma.

Cinder falou um palavrão.

– Iko, a rampa! – gritou, rastejando pela rampa e desmoronando nos pés de Scarlet. Cinder esticou a mão e agarrou a arma antes que o taumaturgo conseguisse fazê-la ser apontada para uma das duas, e a rampa começou a subir, fazendo-as cair no compartimento de carga.

Um grito furioso chegou a elas, seguido de outro coro de uivos que desapareceu rapidamente. Os últimos esforços do taumaturgo para controlar seus bichinhos.

Cinder viu Scarlet balançando a cabeça para se livrar da névoa, e logo se levantou.

– Segure em alguma coisa se conseguir – gritou Scarlet ao entrar no cockpit. – Nave, acionar elevação magnética e propulsores

posteriores!

Cinder se deitou no chão, exausta, ainda segurando a arma. Momentos depois, sentiu a nave subindo para longe da Terra, disparada pelo céu.

CAPÍTULO

Quarenta e Três

KAI ESTAVA SUANDO ENQUANTO SE ESFORÇAVA PARA NÃO VOMITAR. Seus olhos ardiam, mas não conseguia afastá-los da tela. Era como ver uma produção de terror horrível, repugnante e surreal demais para ser verdade.

A imagem estava sendo transferida da praça do centro da cidade, onde a feira semanal e o festival anual aconteceram poucos dias antes, no dia de sua coroação. Corpos ocupavam a praça, com sangue derramado embaixo dos outdoors iluminados. A maioria dos cadáveres estava concentrada perto da entrada de um restaurante que ficava aberto até a madrugada, um dos poucos negócios que funcionava e estava com muito movimento à meia-noite, quando o ataque começou.

Disseram a ele que apenas um agressor estava no restaurante na hora, mas, vendo aquela carnificina toda, tinha certeza de que não podia ser. Como um homem podia fazer tanto estrago?

A imagem mudou para um hotel em Tóquio na hora em que um homem com olhar louco jogou um corpo inerte em uma coluna. Kai se encolheu na hora do impacto e virou o rosto.

– Desligue. Não consigo ver mais. *Onde está a polícia?*

– Está fazendo o melhor que pode para impedir os ataques, Vossa Majestade – disse Torin atrás dele –, mas é preciso tempo para mobilizar a polícia e fazer uma tentativa de reação organizada. Esse ataque foi tão sem precedentes. Tão... anormal. Esses homens são rápidos, raramente ficam em um quarteirão mais do que alguns minutos, só o tempo suficiente para matar qualquer pessoa ao alcance antes de seguir para outra área da cidade... – Torin parou de falar, como se ouvisse o pânico aumentando na própria voz e

tivesse que parar e se acalmar. Limpou a garganta. – Tela, mostre as notícias globais mais importantes.

O aposento se encheu de ruído, com seis novos âncoras relatando a mesma história: ataque repentino, psicopatas assassinos, monstros, número de mortes ainda desconhecido, confusão no planeta todo...

Quatro cidades tinham sido atingidas dentro da Comunidade das Nações Orientais: Nova Pequim, Bombaim, Tóquio e Manila. Mais dez foram vítimas nos outros cinco países terráqueos: Cidade do México, Nova York, São Paulo, Cairo, Lagos, Londres, Moscou, Paris, Istambul e Sydney.

Catorze cidades ao todo, e apesar de ser impossível obter o número exato de atacantes, os relatos das vítimas diziam que não mais de vinte ou trinta homens pareciam estar por trás das agressões em cada local.

Kai se esforçou para fazer a conta de cabeça. Trezentos ou quatrocentos homens.

Parecia impossível, pois o número de mortos só aumentava, e as cidades atacadas começavam a pedir assistência às vizinhas, enviando os feridos para outros hospitais.

Havia pelo menos dez mil mortos, diziam alguns, ao longo de menos de duas horas, e nas mãos de apenas trezentos ou quatrocentos homens.

Trezentos ou quatrocentos lunares. Porque ele sabia, ele *sabia* que Levana estava por trás disso. Em duas das cidades atacadas, sobreviventes alegaram terem visto um taumaturgo real entre os agressores. Embora as duas testemunhas estivessem quase alucinando pela perda de sangue, Kai acreditava nelas. Fazia sentido que os assecas favoritos da rainha estivessem envolvidos nisso. Fazia sentido também que estivessem distantes do derramamento de sangue e apenas orquestrassem o ataque pelas mãos de seus peões.

Kai se afastou da tela e esfregou os dedos nos olhos.

Isso era por causa dele. Levana tinha feito isso por causa dele.

Dele e de Cinder.

– Isso é guerra – disse a rainha Camilla do Reino Unido. – Ela declarou guerra contra nós.

Kai desabou na escrivaninha. Todos estavam tão silenciosos, tão hipnotizados pelas imagens exibidas, que tinha esquecido que ainda estava em uma conferência global com os outros líderes da União Terráquea.

A voz da primeira-ministra da África, Kamin, soou pelos alto-falantes com fúria.

– Primeiro quinze anos de peste, e agora isso! E para quê? Levana está aborrecida porque uma única prisioneira fugiu? Uma simples garota? Não, está usando isso como desculpa. Quer nos humilhar.

– Vou mandar evacuar todas as minhas grandes cidades – disse o presidente Vargas, da América. – Podemos pelo menos tentar estancar o sangramento...

O primeiro-ministro europeu, Bromstad, interrompeu:

– Antes de você seguir esse caminho, infelizmente tenho mais notícias desagradáveis.

Kai baixou o queixo até o peito, derrotado. Sentiu vontade de cobrir os ouvidos e não escutar. Não queria ouvir mais nada, mas se preparou para o que viria.

– O ataque não é só nas metrópoles mais importantes – disse Bromstad. – Acabei de ser informado que, além de Paris, Moscou e Istambul, uma cidade pequena também foi atacada. Foi Rieux, uma comunidade de fazendeiros no sul da França. Com população de três mil e oitocentas pessoas.

– Três mil e oitocentas pessoas! – exclamou a rainha Camilla. – Por que ela atacaria uma cidade tão pequena?

– Para nos confundir – respondeu o governador-geral Williams, da Austrália. – Para nos fazer acreditar que não há sentido nesses ataques, para nos deixar com medo de que pode nos atacar em qualquer lugar, a qualquer hora. É precisamente o tipo de coisa que

Levana faria.

O Chefe Huy entrou no escritório de Kai, sem bater. Kai deu um pulo e pensou por um momento que o chefe era um lunático que tinha ido matá-lo, antes de sua pulsação voltar ao normal.

– Alguma notícia?

Huy assentiu. Kai reparou que seu rosto havia envelhecido anos na última semana.

– Linh Cinder foi vista.

Kai engoliu um grito de surpresa e se levantou, afastando-se da escrivaninha.

– O quê? Quem estava falando? – perguntou Camilla. – O que falaram sobre Linh Cinder?

– Preciso cuidar de outros assuntos – disse Kai. – Fim da conferência. – Sons de protesto foram imediatamente silenciados, e Kai se concentrou em Huy, cada nervo zumbindo. – E então?

– Três oficiais militares conseguiram encontrá-la por meio da identificação positiva da meia-irmã falecida, Linh Peony, como a guardiã dela havia sugerido. Nós a encontramos em uma pequena cidade no sul da França, minutos antes do ataque.

– Sul da... – Kai olhou para Torin na mesma hora em que seu conselheiro fechou os olhos, atingido pela mesma percepção. – A cidade por acaso se chamava Rieux?

Os olhos de Huy se arregalaram.

– Como o senhor sabia?

Kai gemeu e voltou para trás da escrivaninha.

– Os homens de Levana atacaram Rieux, a única cidade atacada que não era metrópole. Também devem ter conseguido rastreá-la. Foi por isso que estavam lá.

– Então precisamos alertar os outros líderes da União – disse Torin. – Ao menos sabemos agora que ela não está atacando aleatoriamente.

– Mas como a encontraram? O chip de identificação da irmã dela era nossa única pista. De que outra forma ela poderia ser... –

Ele parou de falar e passou as mãos pelo cabelo. – É claro. Ela sabia sobre o chip. Sou tão *idiota*.

– Majestade?

Ele virou para Huy, mas foi Torin quem chamou sua atenção.

– Não diga que é paranoia. Ela *está* ouvindo. Não sei como, mas está nos espionando. Este escritório mesmo deve estar com alguma escuta. Foi assim que ela soube do chip, e foi assim que sabia quando meu escritório estava aberto e ela podia invadir sem ser anunciada, e foi assim que ela soube quando meu pai morreu!

Torin fechou a cara, mas pela primeira vez não fez nenhum comentário depreciativo sobre Kai e suas teorias ridículas.

– Então... nós a encontramos? Cinder?

O constrangimento fez Huy franzir a testa.

– Sinto muito, Majestade. Depois que o ataque começou, ela conseguiu fugir em meio ao caos. Encontramos o chip de identificação em uma fazenda nos arredores de Rieux, ao lado dos sinais da decolagem de uma nave. Estamos trabalhando para encontrar qualquer pessoa que a tenha visto, mas infelizmente... todos os três oficiais que a identificaram foram mortos no ataque.

Kai começou a tremer, o corpo queimando de dentro para fora. Lançou um olhar furioso para o teto, quase gritando.

– Está vendo, *Majestade*? Se não fosse seu ataque, nós a teríamos capturado! Espero que esteja satisfeita com o que fez!

Bufando, cruzou os braços e esperou a pressão sanguínea baixar novamente.

– Chega disso. Cancele a busca.

– Majestade? – questionou Torin.

– Quero todos os militares e oficiais da polícia concentrados em encontrar esses homens que nos atacaram e em colocar um fim nisso. É nossa nova prioridade.

Como se aliviado pela decisão, Huy fez uma reverência breve e saiu do escritório, deixando a porta aberta atrás de si.

– Vossa Majestade – disse Torin –, embora eu não discorde dessa

linha de ação, temos que considerar como Levana vai reagir. Temos que considerar a possibilidade de que esse ataque, por mais horrível que seja, não passe de um incômodo em comparação ao que ela realmente é capaz. Talvez devêssemos tentar acalmá-la antes que cause mais danos.

– Eu sei. – Kai olhou para a tela e para os âncoras assustados que murmuravam. – Ainda não me esqueci das fotos da República da América.

A lembrança ainda lhe provocava um arrepio na espinha: centenas de soldados em formação, e cada um era um cruzamento entre homem e animal. Tinham dentes afiados e garras enormes, ombros caídos e uma camada fina de pelo nos braços fortes.

Os homens que estavam atacando toda a Terra eram cruéis, selvagens e brutais, isso estava claro. Mas ainda eram apenas homens. Kai desconfiava que não passavam de uma prévia do que o exército de animais de Levana seria capaz.

Não era capaz de odiá-la ainda mais. Não depois que escondeu propositalmente o antídoto contra a letumose. Depois que atacou um de seus servos para provar uma questão política. Depois de forçá-lo a trair Cinder só porque ela fugira de Luna anos antes.

Mas nem ele teria conseguido imaginar essa crueldade.

E se odiaria para sempre pelo que estava prestes a fazer.

– Torin, você pode me dar um momento?

– Majestade? – Os olhos de Torin estavam com rugas nos cantos, parecendo entalhadas na pele. Talvez todos eles tivessem envelhecido injustamente naquela semana. – O senhor quer que eu saia?

Ele mordeu o interior da bochecha e assentiu.

Torin apertou os lábios, mas pareceu demorar muito tempo para conseguir formar palavras. Kai conseguia ver a compreensão no rosto do conselheiro; Torin sabia o que ele estava planejando.

– Vossa Majestade, o senhor tem certeza de que não deseja discutir isso? Deixe-me oferecer orientação. Deixe-me ajudar.

Kai tentou sorrir, mas o que saiu foi apenas uma careta de dor.

– Não posso ficar aqui, neste lugar seguro, sem fazer nada. Não posso deixar que ela mate mais ninguém. Não com esses monstros, não com a retenção do antídoto da letumose, não com... o que quer que ela tenha planejado. Nós dois sabemos o que ela quer. Nós dois sabemos o que vai impedir isso.

– Então deixe-me ficar para apoiá-lo, Majestade.

Ele balançou a cabeça.

– Não é uma boa escolha para a Comunidade das Nações Orientais. Pode ser a única escolha, mas nunca vai ser boa. – Ele ajustou a gola da roupa. – A Comunidade não deve poder culpar mais ninguém além de mim. Por favor, vá.

Ele viu Torin respirar lenta e dolorosamente antes de fazer uma reverência profunda.

– Vou estar do lado de fora, caso o senhor precise de mim, Vossa Majestade. – Parecendo terrivelmente infeliz, Torin saiu e fechou a porta.

Kai andou de um lado para outro em frente à tela, com um nó de ansiedade no estômago. Ajustou a camisa, amassada depois do longo dia, mas pelo menos ainda estava no escritório quando o alerta chegou. Acreditava que talvez jamais voltasse a ter uma noite inteira de sono depois disso.

Depois do que estava prestes a fazer.

Em seus pensamentos febris, não conseguia deixar de pensar em Cinder no baile. No quanto ficou feliz ao vê-la descendo a escada para o salão. No quanto achou uma graça inocente do cabelo molhado de chuva e do vestido amassado, concluindo que era um visual adequado para a mecânica mais famosa da cidade. Achava que ela devia ser imune às imposições da sociedade de moda e decoro. Que ficava tão à vontade consigo mesma que podia ir a um baile real como convidada do próprio imperador com cabelo desgrenhado e manchas de óleo nas luvas, e mesmo assim manter a cabeça erguida.

Isso foi antes de ele saber que Cinder tinha corrido para o baile para lhe dar um aviso.

Cinder tinha sacrificado a própria segurança para implorar que ele não aceitasse a aliança. Que não se casasse com Levana. Porque, depois que a cerimônia de casamento estivesse encerrada e ela tivesse ascendido ao trono da Comunidade das Nações Orientais, Levana pretendia matá-lo.

Kay se sentiu enojado por saber que Cinder estava certa. Sabia que Levana não hesitaria em descartá-lo assim que ele tivesse servido a seu propósito.

Mas ele tinha que impedir esses assassinatos. Tinha que impedir essa guerra.

Cinder não era a única capaz de se sacrificar por uma causa maior.

Com um suspiro, olhou para a tela.

– Estabelecer ligação por vídeo com a rainha Levana, de Luna.

O pequeno globo no canto girou apenas uma vez antes de se iluminar com a imagem da rainha lunar, envolta num véu branco de renda. Ele imaginou o rosto dela velho, emaciado e decrepito por baixo da proteção, e isso não ajudou.

Kai sentiu que ela estava esperando aquela ligação. Sentiu que estava ouvindo tudo e já sabia precisamente quais eram as intenções dele. Sentiu que estava com um sorriso irônico por trás do véu.

– Meu querido imperador Kaito, que surpresa agradável. Deve ser bem tarde em Nova Pequim. Duas horas e vinte e quatro minutos após a meia-noite, correto?

Ele engoliu a repulsa da melhor maneira que conseguiu e ergueu as mãos para ela.

– Vossa Majestade, eu imploro. Por favor, pare o ataque. Por favor, chame seus soldados de volta.

O véu se mexeu quando ela inclinou a cabeça para o lado.

– Você *implora*? Que delícia. Prossiga.

O rosto dele ficou quente.

– Pessoas inocentes estão morrendo: mulheres e crianças, transeuntes, pessoas que não fizeram nada a você. Você venceu e sabe disso. Então, *por favor*, acabe com isso agora.

– Você diz que venci, mas qual é meu prêmio, jovem imperador? Você capturou a garota ciborgue que iniciou tudo isso? É a ela que você devia estar apelando. Se ela se entregar a mim, chamo meus homens de volta. Essa é minha proposta. Avise-me quando estiver preparado para negociar. Até lá, boa noite.

– Espere!

Ela cruzou as mãos.

– Sim?

A pulsação dele latejava dolorosamente nas têmporas.

– Não posso lhe dar a garota. Pensamos que a tínhamos capturado, mas ela fugiu de novo, como desconfio que já sabe. Mas não posso deixar você continuar a assassinar terráqueos inocentes enquanto tentamos encontrar outra maneira de rastreá-la.

– Infelizmente, não é problema meu, Vossa Majestade.

– Tem outra coisa que você quer, algo que *posso* oferecer. Nós dois sabemos o que é.

– Eu certamente não sei do que você está falando.

Kai não tinha percebido que estava apertando as mãos, praticamente implorando, até os nós dos dedos começarem a doer.

– Se sua oferta de aliança de casamento ainda for válida, eu aceito. Seu prêmio por mandar seus homens pararem vai ser a Comunidade das Nações Orientais. – Sua voz falhou nas palavras finais e ele trincou os dentes com força.

Esperou, sem fôlego, sabendo que cada segundo que se passava significava mais derramamento de sangue nas ruas da Terra.

Depois de um silêncio agonizante, Levana riu.

– Meu querido imperador. Como eu poderia resistir a um pedido tão encantador?

CAPÍTULO

Quarenta e Quatro

QUANDO A NAVE ENTROU EM ÓRBITA NEUTRA, SCARLET SOLTOU o ar dos pulmões doloridos e desabou no banco do piloto. Gemendo, todas as dores a atacando ao mesmo tempo, virou e olhou a nave.

Linh Cinder estava sentada no chão com as pernas esticadas à frente do corpo. Lobo, inconsciente, estava deitado de costas, esparramado. Um rastro de sangue o seguia da rampa por onde fora arrastado. O outro homem estava caído de barriga para baixo.

– Você pilota – disse Cinder.

Linh Cinder.

A princesa Selene.

– Minha avó me ensinou. Ela foi piloto na... – As palavras evaporaram com a dor que Scarlet sentiu no coração. – Mas sua nave voa muito bem por conta própria.

– Fico feliz em ser útil – disse uma voz incorpórea. – Sou Iko. Tem alguém ferido?

– Todo mundo está ferido – respondeu Cinder, gemendo.

Scarlet andou com dificuldade até o corpo de Lobo e sentou ao seu lado.

– Eles vão ficar bem?

– Espero que sim – disse Cinder –, mas nunca esperei para ver os efeitos desses dardos.

Scarlet abriu o zíper do moletom sujo e o amarrou acima do ferimento aberto no braço de Lobo.

– Você disse que tinha ataduras?

Viu o medo de Cinder por ser forçada se mover de novo, mas ela logo se levantou e desapareceu por uma porta no outro lado do compartimento de carga.

Um gemido baixo atraiu a atenção dela para o estranho. Ele rolou de costas, fazendo uma careta.

– Ondeagetestá? – murmurou, confuso.

– Ah, você já acordou – disse Cinder ao voltar trazendo pomada e gaze. – Eu tinha esperanças de que você ia ficar desacordado por mais tempo. A paz e o silêncio foram uma mudança agradável.

Apesar do tom dela, Scarlet conseguiu sentir o alívio emanando da garota quando pousou um tubo de pomada na barriga do homem. Ela passou a gaze para Scarlet, junto com outro tubo de pomada e um bisturi.

– Precisamos retirar seus chips de identificação e destruí-los antes que rastreiem vocês.

Depois de se sentar, o homem lançou um olhar torto e desconfiado para Scarlet, achou por um momento que ele tinha se esquecido de onde ela surgira, antes de a atenção dele se voltar para Lobo.

– Conseguiu colocar o maluco a bordo, hein? Quem sabe conseguimos arrumar uma jaula para ele em uma dessas caixas. Eu odiaria que nos matasse quando estivéssemos dormindo depois disso tudo.

Scarlet olhou para ele cheia de raiva enquanto desenrolava um pedaço de gaze.

– Ele não é um animal – retrucou, se concentrando nas marcas de garra nas laterais do rosto de Lobo.

– Tem certeza?

– Detesto concordar com Thorne – disse Cinder. – Quero dizer, *realmente* odeio concordar com ele, mas está certo. Não sabemos se ele está do nosso lado.

Scarlet apertou os lábios e puxou outra tira de gaze.

– Vocês vão ver quando ele acordar. Ele não é... – Hesitou e percebeu tarde demais que não conseguia nem convencer a si mesma de que Lobo estava do lado deles.

– Ah – disse o homem. – Me sinto bem melhor.

Depois de abrir um buraco na calça, passou pomada no ferimento causado pelo tranquilizante.

Scarlet tirou o cabelo do rosto, abriu a camisa de Lobo e passou o unguento medicinal nos cortes profundos no abdome.

– Quem é você?

– Capitão Carswell Thorne. – Depois de fechar o tubo de pomada, ele se recostou na parede do compartimento de carga. Pousou a mão na arma. – De onde veio isso?

– Scarlet encontrou em uma das caixas – respondeu Cinder, olhando para a tela na parede. – Tela, ligar.

A tela mostrou uma imagem trêmula de um homem ensanguentado correndo em direção à câmera. Houve gritos, depois estática. Um âncora atrás de uma mesa substituiu o vídeo, com o rosto pálido.

– Essa filmagem mostra os ataques em Manhattan no começo desta noite, e fontes confirmaram que mais de dez cidades em toda a União também estão cercadas.

Scarlet se inclinou para cortar o chip de identificação do pulso de Lobo. Reparou que já havia uma cicatriz ali, como se não houvesse muito tempo que o chip fora colocado nele.

O âncora prosseguiu.

– O governo pede que os cidadãos fiquem em casa e tranquem todas as portas e janelas. Agora vamos receber imagens ao vivo de Capitol City, onde o presidente Vargas fará um pronunciamento.

Um gemido chamou a atenção de todos para Lobo. Com o canto do olho, Scarlet viu o capitão Thorne engatilhar a arma e apontar para o peito do homem.

Scarlet colocou o bisturi de lado, junto com os chips de identificação dos dois, e virou o rosto de Lobo na direção do dela.

– Você está bem?

Ele abriu olhos turvos para Scarlet, então de repente se afastou e virou de lado para vomitar no chão da nave. Ela fez cara de nojo.

– Me desculpe – disse Cinder. – Deve ser efeito colateral do tranquilizante.

Thorne teve ânsia de vômito.

– Ainda bem que não aconteceu comigo. Que constrangedor.

Limpendo os lábios, Lobo caiu de novo deitado de costas, fazendo caras de dor a cada movimento. Franziu a testa e olhou para Scarlet. Os olhos tinham voltado ao verde vibrante normal, não mais tomados de fome animal.

– Você está viva.

Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha, surpresa com o próprio alívio. Aquele era o homem que a tinha entregado àqueles monstros. Devia odiá-lo, mas só conseguia pensar no desespero dele quando a beijou no trem, quando implorou que não fosse procurar a avó.

– Graças a você.

Thorne riu com deboche.

– Graças a *ele*?

Lobo tentou olhar para Thorne, mas não conseguiu virar o pescoço o bastante.

– Onde estamos?

– Você está a bordo de uma nave de carga na órbita da Terra – respondeu Cinder. – Me desculpe pelo tranquilizante. Achei que você ia devorá-la.

– Eu também achei. – A expressão dele se tornou sombria quando reparou na mão de metal de Cinder. – Acho que minha rainha está procurando você.

Thorne ergueu uma sobrancelha.

– Isso é para me fazer sentir melhor por ele estar a bordo?

– Ele está melhor agora – disse Scarlet. – Não está?

Lobo balançou a cabeça.

– Vocês não deviam ter me trazido para cá. Só vou botar vocês em perigo. Deviam ter me deixado lá embaixo. Deviam ter me matado.

Thorne soltou a trava da arma.

– Não seja ridículo – disse Scarlet. – *Eles* fizeram isso com você. Não é sua culpa.

Lobo olhou para ela como se estivesse falando com uma criança teimosa.

– Scarlet... se alguma coisa acontecesse com você por minha causa...

– Você pretende machucar alguém nesta nave ou não? – perguntou Cinder, interrompendo a conversa.

Lobo olhou para ela, para Thorne e para Scarlet, onde seu olhar se demorou mais.

– Não – sussurrou.

Três segundos depois, o corpo de Cinder relaxou.

– Ele está falando a verdade.

– O quê? – disse Thorne. – E isso deve me fazer sentir melhor?

– Kai vai fazer um pronunciamento! – A voz de Iko ressoou pela nave, e o volume na tela aumentou.

Um âncora estava falando de novo.

– ... parece que todos os ataques pararam. Vamos manter o público informado conforme os eventos se desenrolarem. Agora, vamos conectar vocês à transmissão da Comunidade das Nações Orientais, de onde esperamos um pronunciamento emergencial do imperador Kai, a começar em...

Ele foi interrompido, e a imagem que surgiu foi da sala de imprensa da União Terráquea, onde Kai estava atrás de um púlpito. Cinder apertou o tecido da calça com as mãos.

– Cinder tem uma certa quedinha por ele – Thorne fingiu sussurrar.

– Todas nós temos, não? – comentou Iko.

Kai pareceu momentaneamente desconcertado pelas luzes intensas, mas essa impressão passou no momento em que empertigou os ombros.

– Todos vocês sabem por que pedi esta coletiva no meio da noite, e agradeço a todos por virem em tão pouco tempo. Espero poder responder a algumas das perguntas feitas desde que os ataques começaram, quase três horas e meia atrás.

Lobo sibilou de dor quando se sentou para ver melhor. Os dedos de Scarlet se apertaram em sua mão.

– Posso confirmar que aqueles homens são de Luna. Alguns de nossos cientistas já começaram a fazer exames no corpo de um deles, morto por um policial em Tóquio, e confirmamos que são soldados geneticamente projetados. Parecem ser machos lunares cuja estrutura física foi combinada com o circuito neural de algum tipo de híbrido lupino. Parece claro que o ataque surpresa foi orquestrado de forma a provocar terror, confusão e caos em todas as grandes cidades da Terra. Nisso, acho que é seguro dizer que foi bem-sucedido.

“Muitos de vocês estão cientes de que a rainha Levana vem ameaçando declarar guerra à Terra durante quase todo o seu reinado. Se estão questionando por que a rainha Levana escolheu este momento para iniciar o ataque depois de tantos anos de ameaça... É por minha causa.”

Scarlet reparou que Cinder puxou os joelhos até o peito e os apertou até os braços começarem a tremer.

– A rainha Levana está com raiva da minha incapacidade de aderir a um tratado entre Luna e a Terra que declara que todos os fugitivos lunares devem ser apreendidos e devolvidos a Luna. A rainha Levana deixou suas expectativas bem claras nesse ponto, e eu não consegui satisfazê-las.

Um som estranho escapou da garganta de Cinder, algo como um gemido ou um choramingo, e ela levou a mão metálica à boca para sufocá-lo.

– Por isso, sinto que é minha responsabilidade acabar com esses ataques e impedir uma guerra de proporções gigantescas enquanto ainda está a meu alcance. E foi o que fiz, da única maneira que podia. – O olhar dele perfurou a parede dos fundos da sala de imprensa, como se Kai estivesse envergonhado demais para olhar nos olhos dos jornalistas. – Aceitei a aliança de casamento com a rainha de Luna, Levana.

Cinder deu um grito de choque e ficou de pé.

– Não. Não!

– Em troca – continuou Kai –, a rainha Levana concordou em suspender os ataques. O casamento foi marcado para a próxima lua cheia, no vigésimo quinto dia de setembro, com a coroação imediata da rainha Levana como imperatriz da Comunidade das Nações Orientais em seguida. A retirada de todos os soldados lunares de território terráqueo começará no dia seguinte.

– *Não!* – gritou Cinder. Ela arrancou a bota do pé e a jogou na tela. – Idiota! Seu idiota!

– Meu gabinete e eu teremos mais atualizações nos próximos dias. Não responderei a nenhuma pergunta agora. Obrigado. – O aposento se encheu de gritos mesmo assim, mas Kai ignorou todos e desceu da plataforma como um general derrotado.

Cinder virou e chutou a caixa mais próxima com o pé de metal descoberto.

– Ele sabe que a culpa é dela, mas vai lhe dar tudo que quer mesmo assim! Ela é responsável pela morte de milhares de terráqueos e agora vai ser *imperatriz!* – Andou de um lado para outro, viu os dois chips de identificação manchados de sangue ao lado de Scarlet e esmagou-os com o pé sem pena, apertando com força com o calcanhar. – E por quanto tempo ela vai ficar satisfeita com isso? Um mês? Uma semana? Já falei para ele! Falei que ela planejava usar a Comunidade das Nações Orientais como ponto de partida para declarar guerra ao resto da Terra, e mesmo assim vai se casar com ela! Ela vai ter controle completo sobre todos nós, e vai ser tudo culpa dele!

Scarlet cruzou os braços sobre o peito.

– Ao que me parece – disse ela, erguendo a voz para competir com a de Cinder –, isso tudo vai ser *sua* culpa.

Cinder parou com o ataque de ira e olhou boquiaberta para Scarlet. Entre as duas, Thorne apoiou o queixo na palma da mão como se assistisse a um grande show, embora a mão livre ainda

segurasse a arma apontada para a cabeça de Lobo.

– Você sabe por que ela fez isso – disse Scarlet, ficando de pé apesar dos protestos dos músculos furiosos. – Você sabe por que ela está atrás de você.

A fúria de Cinder diminuiu.

– Sua avó lhe contou.

– Sim. O que me dá nojo é você deixar isso tudo acontecer!

Com uma expressão de raiva, Cinder se inclinou e tirou a outra bota. Scarlet se encolheu, mas Cinder só a jogou em um canto.

– O que você acha que eu deveria fazer? Me entregar? Me sacrificar na esperança de que isso a satisfizesse? Acabaria sendo assim de qualquer forma.

– Não estou falando de quando você foi presa no baile. Estou falando de antes. Por que não fez nada para impedi-la? As pessoas contam com você. As pessoas acham que você pode fazer a diferença, e o que você está fazendo? Fugindo e se escondendo! Minha avó não morreu para você viver como fugitiva, covarde demais para fazer alguma coisa!

– Hum, estou confuso – disse Thorne, levantando um dedo no ar.

– Do que estamos falando?

Scarlet olhou para o capitão.

– Quer *parar de apontar essa arma pra ele*?

Thorne jogou a arma para o lado e cruzou as mãos no colo.

– Ele nem sabe, não é? – Scarlet se dirigiu a Cinder. – Você colocou a vida dele em perigo, as vidas de todos nós, e ele nem sabe por quê.

– É mais complicado do que isso.

– É?

– Eu só sei há uma semana! Descobri quem eu era no dia depois do baile, quando estava sentada em uma cela de prisão me preparando para ser entregue a Levana como um troféu. Então, entre fugir da prisão, escapar de todos os militares da Comunidade das Nações Orientais e tentar salvar a *sua* vida, não tive muito

tempo para derrubar um regime inteiro. Lamento se decepcionei você, mas o que quer que eu faça?

Scarlet recuou, sentindo uma dor de cabeça latejar nas têmporas.

– Como você podia não saber?

– Porque sua avó me mandou para a Comunidade sem se dar o trabalho de me contar.

– Mas não foi por isso que você foi ao baile?

– Pelas estrelas, não. Você acha que eu teria sido burra o suficiente para encarar Levana se soubesse a verdade? – Hesitou. – Bem. Não sei. Por Kai, talvez, mas... – Ela segurou a cabeça com as mãos. – Eu não sei. Eu não sabia.

De repente Scarlet ficou tonta de raiva, do sangue disparado nas veias, da exaustão. A única resposta que conseguiu formar foi um muxoxo desnortado.

– Ah.

Thorne tossiu.

– Ainda estou confuso.

Com um suspiro, Cinder se apoiou em uma caixa e olhou para as mãos descombinadas. Contraiu o rosto todo, como se estivesse se preparando para um golpe, e murmurou: – Eu sou a princesa Selene.

Thorne riu com deboche, e todos se viraram para ele.

Ele olhou sem entender.

– O que, é sério?

– É.

O sorriso debochado pareceu congelar nos lábios dele.

Um silêncio pesado foi seguido por uma vibração sob os pés deles, e então se ouviu a voz de Iko.

– Eu não computo.

– Então somos dois – disse Thorne. – Desde quando?

Cinder deu de ombros.

– Me desculpe. Eu devia ter contado, mas... não sabia se podia

confiar em você, e achei que se conseguisse encontrar Michelle Benoit e pedisse que ela me explicasse algumas coisas, me contasse como vim parar aqui, como passei a ser *isso*... – Ela levantou as mãos antes de largá-las, imóveis, no colo de novo. – ... talvez pudesse começar a entender as coisas. – Suspirou. – Iko, me desculpe. Eu juro que não sabia antes.

Thorne fechou a boca e coçou o queixo.

– *Você é a princesa Selene* – repetiu, avaliando as palavras. – A garota ciborgue maluca é a princesa Selene.

– Seu dom está intacto? – perguntou Lobo, que estava sentado meio torto, tentando não colocar muito peso na lateral.

– Acho que sim – respondeu Cinder, se mexendo com desconforto. – Ainda estou aprendendo a usá-lo.

– Ela controlou um dos... agentes especiais – disse Scarlet. – Eu vi. Cinder olhou para baixo.

– Foi difícil. Não consegui manter o controle.

– Você conseguiu manipular um integrante da matilha? Com Jael presente?

– É, mas foi horrível. Só consegui alcançar um deles e quase desmaiei...

Uma gargalhada alta a silenciou, mas logo Lobo começou a tossir com dor. Ainda assim, uma expressão divertida permaneceu no rosto dele.

– Então é por isso que Levana quer você. Você é mais forte do que ela. Ou... pode vir a ser, com treino.

Cinder balançou a cabeça.

– Você não entende. Aquele taumaturgo estava controlando sete homens, e eu mal consegui controlar um. Não chego nem perto da força deles.

– Não, *você* não entende – interrompeu Lobo. – Cada matilha é liderada por um taumaturgo, que controla quando nossos instintos animais tomam conta, quando só conseguimos pensar em matar. Eles manipularam nosso dom lunar e o usaram para nos

transformar nos monstros que somos, com algumas modificações físicas. Mas tudo é ligado ao nosso mestre. A maioria dos lunares não conseguiria nos controlar, seríamos como cascudos para eles, e até nossos mestres, que conseguem controlar centenas de cidadãos normais de uma vez, só conseguem controlar uns doze agentes de uma vez. É por isso que nossas matilhas são tão pequenas. Entende?

– Não – responderam Cinder e Thorne ao mesmo tempo.

Lobo ainda estava sorrindo.

– Mesmo o mais talentoso dos taumaturgos só consegue controlar doze agentes, no máximo quinze, e isso depois de anos de modificações genéticas e treinamento. Mas você conseguiu tirar um do mestre em sua primeira tentativa? Com um pouco de treino... – Ele parecia estar com vontade de rir. – Não achava antes, mas agora acho que Sua Majestade pode ter mesmo motivo para ter medo de você, princesa.

Cinder fez uma careta.

– Não me chame assim.

– Estou supondo, é claro, que você pretende lutar contra ela – prosseguiu Lobo –, a julgar por sua reação ao pronunciamento do imperador.

Cinder balançou a cabeça.

– Não tenho a menor ideia de como fazer isso... Não sei nada sobre ser governante ou líder ou...

– Mas muitas pessoas acham que você pode detê-la – disse Scarlet. – Minha avó morreu para que você pudesse ter essa chance. Não vou deixar que o sacrifício dela seja em vão.

– Eu ajudaria você – acrescentou Lobo. – Você poderia treinar suas habilidades comigo. – Ele se encolheu, com o corpo cansado de ficar sentado ereto por muito tempo. – Além do mais, se você for quem alega ser, isso a torna minha verdadeira rainha. Portanto, você tem minha lealdade.

Cinder balançou a cabeça e pulou de cima da caixa.

– Não quero sua lealdade.

Scarlet colocou as mãos nos quadris.

– O que você quer?

– Eu quero... quero um tempo para pensar nisso tudo e resolver o que fazer sem todo mundo resmungando no meu ouvido! – Cinder saiu batendo os pés na direção do corredor principal, com um estalo alto a cada dois passos, quando o pé de metal batia no chão.

Depois que ela foi embora, Thorne deu um assobio baixo.

– Eu sei, eu sei. Ela parece meio – ele ficou meio vesgo e girou um dedo ao lado de cada orelha –, mas é parte do charme dela depois que você a conhece.

CAPÍTULO

TINHA MANDADO CONSTRUIR A PONTE DE COMANDO ESPECIALMENTE para ela com vidro especial, para que pudesse ver os soldados de cima (vê-los treinar, vê-los lutar, vê-los se adaptar às novas mutações) sem ser observada. Estava intrigada agora com uma nova matilha que tinha completado a transformação genética alguns dias antes. Ainda eram tão jovens. Meros garotos, com no máximo doze anos.

Eram quase preciosos, pela forma como alguns se destacavam do grupo, verificavam constantemente o pelo fino nos dedos, pulavam para a frente e para trás nos membros reestruturados, enquanto os outros já estavam gritando e provocando uns aos outros.

Procurando seu espaço, determinando a hierarquia.

Como os animais que eram.

Cada taumaturgo sinalizava para os subordinados atribuídos a eles e os guiava por várias formações. Isso também sempre a fascinava. Como alguns deles forçavam o controle, enquanto outros tentavam seduzir os filhotes, como mães carinhosas.

Observou o grupo mais jovem com prazer crescente. Sete tinham se formado em fila sem perguntas e deixaram só um separado do resto. Agachado de quatro, ele estava rosnando para a taumaturga, com os dentes à mostra, mais parecido com um lobo do que qualquer outro. Rebelião e ódio brilhavam por trás dos olhos dourados.

Aquele seria um alfa. Já conseguia perceber.

– Vossa Majestade.

Ela inclinou a cabeça, mas não tirou os olhos do garoto.

– Sybil.

Os calcanhares da taumaturga-chefe estalaram no piso de vidro. Ela detectou o movimento de tecido quando Sybil fez uma

reverência.

Lá embaixo, na caverna, o filhote estava andando em círculo ao redor da mestra, uma garota jovem e loura que parecia pálida demais com o casaco preto. A expressão dela demonstrava um traço de ansiedade, uma sombra de dúvida se teria força mental suficiente para controlar aquele menino.

– Todos os agentes especiais foram temporariamente dispensados de suas missões e voltaram para os esconderijos. Estimamos a morte de duzentos e sessenta agentes.

– Os terráqueos vão reparar nas tatuagens em pouco tempo, se é que já não repararam. Certifique-se de que eles as escondam bem.

– É claro, Vossa Majestade. Infelizmente, também tenho a morte de um taumaturgo a relatar.

Levana ergueu o olhar, esperando por um momento ver o reflexo de Sybil no vidro, mas não havia reflexo, não naquela janela. Não em nenhuma das janelas reais. Ela cuidava para que não houvesse. Mesmo assim, depois de todos esses anos, ainda não tinha se acostumado.

Ergueu uma sobancelha para encorajar Sybil a continuar.

– O taumaturgo Jael. Levou um tiro no peito.

– Jael? Não é do perfil dele abandonar seu santuário, mesmo durante uma batalha.

– Um dos betas dele me informou que Linh Cinder apareceu. Parece que estava tentando prendê-la pessoalmente.

As narinas de Levana se dilataram, e ela virou para a área de treinamento bem na hora em que o filhote pulou para cima da mestra. A garota gritou e caiu de costas antes de todo o corpo dela ser tomado de concentração. Mesmo de seu ponto de observação, Levana conseguia ver gotas de suor se formando na testa, escorrendo pela têmpora.

O filhote abriu a boca, com os dentes cintilando, mas hesitou.

Levana não conseguia perceber o que estava lutando contra o instinto animal dele: a taumaturga buscando obter controle ou os

resquícios de um garoto lunar ainda agarrado aos pensamentos na própria cabeça.

– A matilha de Jael já debandou, exceto pelo beta que foi encontrado no forte de Paris. Vou mandar o taumaturgo Aimery buscá-los.

O filhote saiu de cima da mestra e se encolheu de lado. Tremendo. Choramingando. Com dor evidente.

A taumaturga, abalada, ficou de pé e tirou o pó preto de regolito do casaco. Havia pó de regolito para todos os lados naquelas cavernas, tubos de lava criados naturalmente que jamais ficariam limpos, independentemente do quanto continuassem a ser desenvolvidos e se construísse dentro deles. Levana odiava o pó, a forma como se agarrava ao cabelo e às unhas, enchia os pulmões. Ela evitava os túneis sempre que podia e preferia ficar no domo iluminado e brilhante que abrigava a capital de Luna e seu palácio.

– Vossa Majestade? – disse Sybil.

– Não, não mande Aimery – respondeu, com a atenção grudada no filhote enquanto ele se contorcia de dor. Ainda lutando contra o controle da mestra. Ainda lutando para manter a própria mente. Ainda querendo ser um garotinho. Não um soldado. Não um monstro. Não um peão. – Deixe a matilha de Jael pra lá. Os agentes já serviram a seus propósitos.

O filhote acabou parando de se contorcer. Com o pelo fino das bochechas molhado de lágrimas, ficou deitado no chão, ofegante.

O olhar da mestra era intenso, tão animalesco quanto suas ordens. Levana quase conseguia ouvir as ordens da mulher, apesar de nenhuma palavra estar sendo falada. Mandando-o ficar de pé. Entrar na fila. Obedecê-la.

O garoto obedeceu. Movendo-se lenta e dolorosamente, se levantou nas pernas magras e entrou na fila. Com a cabeça baixa. Os ombros encolhidos.

Como um cachorro repreendido.

– Esses soldados estão quase prontos – disse Levana. – As

modificações genéticas estão completas e os taumaturgos estão preparados. Na próxima vez que atacarmos a Terra, esses homens vão liderar o ataque, e não vamos disfarçá-los.

– Sim, Vossa Majestade. – Sybil fez uma reverência. Levana sentiu o respeito emanando dela tanto quanto ouviu. – E eu também gostaria de dar meus calorosos parabéns por seu noivado, Minha Rainha.

Levana fechou a mão esquerda e passou o polegar sobre o anel de pedra no dedo. Ela sempre o escondia com o glamour. Não sabia se alguém vivo sabia que ainda o usava. Ela mesma costumava se esquecer que estava ali, mas seu dedo estava formigando hoje, desde que o imperador Kaito aceitara a aliança de casamento.

– Obrigada, Sybil. Isso é tudo.

Outra reverência e o som de passos se afastando.

Abaixo, os grupos estavam começando a debandar com o fim do dia de treinamento. Os taumaturgos os conduziram para cavernas separadas, para o labirinto natural sob a superfície de Luna.

Era peculiar observar aqueles homens e garotos, aquelas criaturas que eram só um experimento na época dos pais dela, mas que tinham se tornado realidade no seu reinado. Um exército mais rápido e mais forte do que qualquer outro. A inteligência dos homens, os instintos dos lobos, a flexibilidade das crianças. Eles a deixavam nervosa, uma sensação que não tinha havia muitos anos. Eram tantos lunares, com ondas cerebrais tão peculiares, que nem ela conseguia controlar todos. Não ao mesmo tempo.

Aqueles animais, aquelas criações científicas, jamais a amariam.

Não como o povo de Luna a amava.

Não como o povo da Terra em breve amaria.

CAPÍTULO

Quarenta e Seis

SCARLET CHOROU DURANTE HORAS ENCOLHIDA NO BELICHE DE baixo da cabine da tripulação. Cada soluço pulsava pelos músculos doloridos, mas a dor só fazia com que chorasse mais com a lembrança de tudo pelo que passara.

A adrenalina, a raiva e a negação sumiram quando revirou a cômoda e encontrou um uniforme militar dobrado na gaveta de baixo. Embora o uniforme americano fosse todo cinza e branco, em vez da mistura de azuis dos uniformes dos pilotos europeus, ainda parecia muito com as roupas que sua avó usara nos dias de militar.

Agarrou a camiseta branca lisa e chorou nela por tanto tempo que ficou quase tão suja quanto as roupas que precisava tirar.

Seu corpo todo latejava quando as lágrimas finalmente começaram a secar. Esforçando-se para respirar, deitou de costas e secou as últimas com o tecido de algodão. Antes, cada vez que o choro começava a diminuir, as palavras ecoavam na cabeça dela, *grand-mère morreu*, e outra torrente se iniciava. Mas as palavras estavam ficando vazias, a dor estava virando entorpecimento.

O estômago dela roncou.

Gemendo, Scarlet colocou a mão na barriga e se perguntou se o corpo seria capaz de esquecer que não comia havia mais de um dia se fechasse os olhos e dormisse. Mas, enquanto ainda estava deitada ali, desejando que o entorpecimento tomasse conta de si, o estômago roncou de novo. Mais alto.

Scarlet fungou, irritada. Apoiou-se na cama de cima e sentou. Mesmo com a cabeça girando de tontura e desidratação, conseguiu cambalear até a porta.

Ouviu um estrondo vindo da cozinha assim que abriu a porta. Quando espiou pelo corredor, viu Lobo inclinado em uma bancada,

segurando uma lata.

Ao entrar na luz da cozinha, Scarlet viu que a lata tinha uma etiqueta com a imagem de tomates vermelhos. A julgar pelos amassados enormes nas laterais, Lobo estava tentando abrir com um martelo de carne.

Ele olhou para Scarlet, e ela ficou feliz por não ser a única com o rosto vermelho.

– Por que colocariam comida aqui se é tão difícil de abrir?

Ela mordeu o lábio para evitar um sorriso fraco, sem saber se era de pena ou de diversão.

– Você tentou o abridor de latas?

Ao ver a expressão de incompreensão de Lobo, contornou a mesa e mexeu na gaveta de cima.

– Nós, terráqueos, temos tipos especiais de ferramentas, como esta – continuou, mostrando o abridor de latas. Prendeu-o na beirada da lata e girou lentamente até abrir.

As orelhas de Lobo ficaram cor-de-rosa quando ele puxou a tampa e olhou para a pasta vermelha.

– Não era isso que eu estava esperando.

– Não é fresco da fazenda como aqueles com os quais você se acostumou, mas vai ter que servir. – Scarlet revirou o armário, encontrou uma lata de azeitonas e um vidro de alcachofras em conserva. – Vem, vamos fazer um lanche.

Ela sentiu um toque delicado no cabelo e se afastou. Lobo baixou a mão e segurou a beirada da bancada.

– Me desculpe. Você estava... seu cabelo...

Depois de colocar a lata e o vidro na bancada, Scarlet tateou a parte de trás da cabeça e descobriu que o cabelo estava embaraçado como um palheiro. Empurrou as azeitonas para Lobo.

– Por que você não experimenta o abridor de latas?

Enquanto puxava os nós distraidamente, encontrou um garfo e se sentou à longa mesa. Havia anos de iniciais de tripulação militar entalhadas no tampo, o que a fez se lembrar da cela de prisão no

teatro da ópera. Embora estar na nave fosse infinitamente melhor do que estar naquele porão, o confinamento ainda a incomodava e era quase sufocante. Sabia que a avó devia ter trabalhado em uma nave parecida durante a época em que serviu como militar. Não era surpresa ela ter ido para uma fazenda, com todo o céu e o horizonte que uma pessoa poderia querer.

Esperava que Émilie ainda estivesse cuidando dos animais.

Quando não conseguiu encontrar mais nenhum nó, alisou o cabelo com as mãos, depois abriu o vidro de alcachofra. Ao erguer o rosto, viu que Lobo ainda estava de pé com as latas de azeitonas e tomates, uma em cada mão.

– Você está bem?

Os olhos dele brilharam. Pânico, pensou. Talvez medo.

– Por que você me trouxe para cá? – perguntou Lobo. – Por que não me deixou para trás?

Ela baixou o olhar, pegou uma alcachofra e viu o azeite escorrer de volta para o vidro.

– Não sei. Não deu para parar e avaliar os prós e contras. – Deixou o coração de alcachofra cair de novo na conserva. – Mas não me pareceu certo deixar você lá.

Ele virou de costas, colocou as latas na bancada e pegou o abridor. Na terceira tentativa, conseguiu prendê-lo na tampa da lata de azeitonas e girar na beirada.

– Por que não me contou a verdade? – indagou Scarlet. – Antes de chegarmos a Paris?

– Não teria feito diferença. – Colocou as latas abertas sobre a mesa. – Você ainda teria insistido em ir atrás da sua avó. Pensei que pudesse debater com Jael e convencê-lo de que você era inútil para nós, que ele devia deixá-la ir embora. Mas eu só poderia fazer isso se ainda fosse leal a eles.

Scarlet espetou o coração de alcachofra de novo e o colocou na boca. Não queria discutir o que poderia ter acontecido. Não queria insistir em todas as escolhas que poderiam ter terminado com ela e

a avó em segurança na fazenda. Nem sabia se tais escolhas existiam.

Lobo baixou o olhar e se sentou no banco em frente a ela, fazendo uma careta de dor a cada movimento. Depois de acomodado, pegou um tomate na lata e enfiou na boca. Seu nariz se enrugou. Parecia que estava engolindo uma minhoca.

Scarlet apertou os lábios para sufocar uma risadinha.

– Acaba fazendo você gostar mais dos tomates da minha fazenda, não?

– Eu gostei de tudo que você me deu. – Pegou a lata de azeitonas e cheirou, com medo de estar sendo enganado de novo. – Apesar de não ter merecido nada daquilo.

Scarlet mordeu o lábio. Achava que ele não estava se referindo aos alimentos.

Inclinou a cabeça, enfiou o garfo na lata de azeitonas que Lobo estava segurando e conseguiu espetar duas.

Eles comeram em silêncio. Lobo descobriu que gostava de azeitonas e sofreu ao comer mais dois tomates, até Scarlet oferecer uma alcachofra. Descobriram que a combinação dos dois era quase aceitável.

– Um pouco de pão seria ótimo – disse Scarlet enquanto observava as prateleiras atrás de Lobo, com pratos de modelos variados e canecas de café com a insígnia da República da América.

– Me desculpe.

Com os braços arrepiados, ela ousou olhar para ele, mas Lobo estava olhando para a lata de tomates, quase esmagando-a na mão fechada.

– Tirei de você tudo que você gostava. E sua avó...

– Não, Lobo. Não faça isso. Não podemos mudar o que aconteceu, e... você me deu aquele chip. Você me salvou de Ran.

Ele encolheu os ombros. Metade do cabelo estava desganhado e emaranhado e normal, e a outra metade ainda estava grudada com o sangue seco.

– Jael me disse que ia torturar você. Achava que isso ia fazer sua avó falar. E eu não consegui...

Scarlet tremeu e fechou os olhos.

– Eu sabia que me matariam quando descobrissem, mas... – Ele lutou para encontrar palavras e respirou fundo. – Acho que percebi que preferia morrer por tê-los traído a viver porque traí você.

Scarlet limpou os dedos oleosos na calça jeans.

– Eu ia voltar para buscar você e sua avó quando vi você sendo perseguida por Ran. Minha cabeça estava tão confusa que eu não conseguia pensar direito. Sinceramente, não sei se eu pretendia ajudar ou matar vocês. Mas, quando Ran jogou você naquela estátua, alguma coisa... – Os nós de seus dedos ficaram brancos. Balançou a cabeça, e as pontas dos cabelos balançaram junto. – Não importa. Era tarde demais.

– Você me salvou.

– Você não teria que ser salva se não fosse por minha culpa.

– Ah? Então, se você não tivesse sido escolhido para me raptar ou para descobrir que informações eu tinha, teriam me deixado em paz? Não. Se tivesse sido qualquer outra pessoa, eu estaria morta agora.

Lobo franziu a testa.

– E não acredito nem por um segundo que você ia voltar para nos matar. Independentemente de quanto controle aquele taumaturgo tinha sobre você, ainda era você aí dentro. Você não ia me machucar.

Lobo olhou nos olhos dela, triste e confuso.

– Espero sinceramente que nunca tenhamos que testar essa teoria de novo. Porque você não faz ideia do quanto foi arriscado.

– Mas você lutou contra aquilo.

O rosto dele se contorceu, mas Scarlet ficou feliz por Lobo não discutir.

– Não devia ter sido possível resistir daquele jeito. O que fizeram conosco... com nossos cérebros... mudou a forma como pensamos

nas coisas. A raiva e a violência vêm tão rápido, mas as outras coisas... Não devia nem ser possível. – A mão dele começou a se deslocar na direção da dela, mas parou na metade do caminho. Ele a retraiu rapidamente e mexeu no rótulo da lata de tomate.

– Bem, e se... – Scarlet inclinou a cabeça. – Você disse que eles controlam quando seus instintos animais superam seus próprios pensamentos, certo? Mas lutar e caçar não são os únicos instintos que um lobo tem. Os lobos... não são monogâmicos, por exemplo? – Suas bochechas ficaram quentes, e ele precisou afastar o olhar enquanto passava o garfo em uma inicial entalhada. – E o macho alfa não é o responsável por proteger todo mundo? Não só a matilha, mas sua companheira também? – Ela largou o garfo e levantou as mãos no ar. – Não estou dizendo que acho que você e eu somos... Depois de só... Sei que acabamos de nos conhecer e... Mas não está fora de questão, está? Que seus instintos de me proteger possam ser tão fortes quanto os instintos de matar?

Ela prendeu a respiração e ousou olhar para ele. Lobo estava boquiaberto enquanto a encarava, e por um segundo pareceu quase envergonhado. Mas sorriu, com uma expressão calorosa e confusa. Scarlet teve um vislumbre dos dentes afiados e sentiu um nó no estômago ao vê-los.

– Você pode estar certa – disse. – Faz algum sentido. Em Luna, ficávamos tão distanciados do resto da população que nunca havia chance de...

Scarlet se animou de ver que ele também estava ficando vermelho.

Ele coçou a orelha.

– Talvez seja isso. Talvez o controle de Jael tenha funcionado *contra* ele, porque meus instintos me mandavam proteger você.

Scarlet tentou dar um sorriso indiferente.

– Aí está. Enquanto houver uma fêmea alfa por perto, você deve ficar bem. Não deve ser difícil encontrar uma, certo?

A expressão de Lobo ficou pétrea, e ele afastou o olhar. O clima

ficou desconfortável de novo.

– Sei que você não deve querer nada comigo. Não culpo você. – Lobo deu de ombros e olhou para ela com uma expressão de remorso. – Mas você é a única, Scarlet. Sempre será a única.

A pulsação dela acelerou.

– Lobo...

– Eu sei. Nos conhecemos há menos de uma semana, e nesse tempo não fiz nada além de mentir, enganar e trair você. Eu sei. Mas, se me der uma oportunidade... Só quero proteger você. Ficar perto de você. Pelo tempo que puder.

Ela mordeu o lábio, se inclinou para a frente e afastou os dedos dele da lata. Viu que o rótulo estava picotado por baixo da movimentação inquieta daquelas mãos.

– Lobo, você está me pedindo para ser... sua fêmea alfa?

Ele hesitou.

Scarlet não conseguiu evitar e caiu na gargalhada.

– Ah... me desculpe. Isso foi cruel. Sei que eu não deveria provocar você com isso. – Ainda sorrindo, tentou puxar a mão, mas ele de repente a estava segurando, se recusando a interromper o contato. – Você parece tão assustado, como se eu fosse desaparecer a qualquer minuto. Estamos presos em uma *nave espacial*, Lobo. Não vou a lugar algum.

Os lábios dele tremeram e o nervosismo começou a sumir, embora a mão continuasse tensa sobre a dela.

– Fêmea alfa – murmurou. – Acho que gosto disso.

Com um sorriso largo, Scarlet deu de ombros de leve.

– Posso acabar gostando também.

CAPÍTULO

Quarenta e Sete

CINDER ESTAVA DEITADA DE COSTAS, OLHANDO PARA O MOTOR da Rampion. Só sua mão ciborgue se movia, girando o pequeno e cintilante chip D-COMM nos dedos, passando por um dente de cada vez. Estava hipnotizada pela forma como o material estranho do chip refletia as luzes da placa-mãe na parede, espalhando rubis e esmeraldas pelos fios e ventoinhas e fontes chaveadas que zumbiam. Hipnotizada, mas sem realmente vê-las. Seus pensamentos estavam a milhares de quilômetros.

A Terra. A Comunidade das Nações Orientais. Nova Pequim e Kai, que agora estava noivo da rainha Levana. Seu estômago se revirou, ficava se lembrando do veneno na voz dele quando Kai comentou sobre a rainha. Tentou imaginar o que ele estava pensando agora. Será que *tinha* outras escolhas? Não tinha como saber. Queria dizer que sim, que qualquer coisa (a guerra, a peste, a escravidão) era melhor do que escolher Levana como imperatriz, mas não sabia se era verdade. Não sabia se ele teve escolha ou se aquela decisão tinha sido inevitável.

Seus pensamentos se afastaram da Terra e se dirigiram a Luna. Um local de que ela não se lembrava, um lar que nunca conheceu. A rainha Levana sem dúvida estava comemorando a vitória naquele momento, sem ligar para todas as vidas que tirou.

A rainha Levana. Tia de Cinder.

O chip D-COMM estalou, estalou, estalou nos dedos dela.

– Cinder? Você está aí?

Os dedos dela pararam, com o chip equilibrado no nó do dedo mindinho.

– Sim, lko. Estou aqui.

– Na próxima vez que formos à Terra, será que você pode comprar uns sensores? Parece que estou xeretando, com o áudio

ligado o tempo todo. Está ficando estranho.

– Estranho?

As luzes ficaram mais fortes, o que fez Cinder pensar que Iko estava ficando vermelha. Ela se perguntou se tinha sido intencional.

– Scarlet e Lobo estão falando coisas melosas na cozinha – explicou Iko. – Eu normalmente gosto de coisas melosas, mas é diferente quando são pessoas de verdade. Prefiro nas novelas da rede.

Inesperadamente, Cinder se viu sorrindo.

– Vou fazer o melhor que puder para comprar uns sensores na próxima vez que formos à Terra. – Voltou a mexer os dedos. O chip girou, estalou, rolou. – Como está se sentindo, Iko? Está se acostumando a ser o sistema de controle automático? Está ficando mais fácil?

Alguma coisa zumbiu no painel do computador.

– O choque já passou, mas ainda sinto como se estivesse fingindo ser muito mais poderosa do que eu sou e que vou decepcionar todo mundo. É muita responsabilidade. – As luzes amarelas ficaram mais intensas no chão. – Mas me saí bem em Paris, não foi?

– Você foi excelente.

A temperatura na sala de máquinas aumentou.

– Fui meio incrível mesmo.

– Todos estaríamos mortos, se não fosse por você.

Iko emitiu um ruído agudo incomum, que Cinder imaginou ser uma risadinha nervosa.

– Acho que não é tão ruim ser uma nave. Você sabe, enquanto você precisar de mim.

Cinder deu um sorrisinho debochado.

– É muito... *grandioso* de sua parte.

Uma das ventoinhas do motor ficou mais lenta.

– Foi uma piada, não foi?

Rindo, Cinder treinou girar o chip como um pião na ponta do dedo. Precisou tentar algumas vezes até pegar o jeito e conseguir

vê-lo cintilar e dançar sem muito esforço.

– E você? – perguntou Iko depois de um momento. – Como é ser uma princesa de verdade?

Cinder se encolheu. O chip caiu de seu dedo, e ela quase não conseguiu pegá-lo a tempo.

– Até agora, não está sendo nem um pouco legal, como era de se imaginar. Lembra da parte de ter muito poder e responsabilidade e achar que vai decepcionar todo mundo? Porque me pareceu bem familiar.

– Pensei que seria o caso mesmo.

– Você está zangada porque não contei?

Houve um longo período de silêncio, o que provocou vários nós no estômago de Cinder.

– Não – respondeu, por fim, e Cinder desejou que seu detector de mentiras funcionasse com androides... ou espaçonaves. – Mas estou preocupada. Antes, achava que a rainha Levana se cansaria de nos procurar e acabaríamos podendo voltar para casa, ou ao menos voltar para a Terra e viver vidas normais de novo. Mas isso nunca vai acontecer, não é?

Cinder engoliu em seco e começou a girar o chip nos dedos de novo.

– Acho que não.

Clique, clique, clique.

Ela expirou e girou o chip uma última vez, depois o guardou na mão fechada.

– Levana vai assassinar Kai depois que se casarem. Vai ser coroada imperatriz, depois vai matá-lo e vai ter toda a Comunidade das Nações Orientais sob controle. Depois disso, vai ser mera questão de tempo até que invada o resto da União. – Tirou o cabelo da testa. – Pelo menos, foi o que aquela garota me disse. A programadora da rainha.

Ela afrouxou um pouco a mão fechada, com medo de o punho de metal esmagar o chip enquanto estivesse distraída.

- Mas eu gosto de Kai.
- Você e todas as garotas da galáxia.
- *Todas* as garotas? Você finalmente está se incluindo nessa contagem?

Cinder mordeu o lábio. Sabia que Iko estava pensando em todas as vezes que Cinder zombara de Peony por causa de sua quedinha inútil pelo príncipe, fingindo ser imune a tolices similares. Mas aquilo parecia ter sido muito tempo antes. Mal conseguia se lembrar da garota que fora naquela época.

– Só sei que não posso deixar que ele se case com Levana – disse com a voz engasgada. – Não posso deixar que isso aconteça.

Segurou o chip entre o polegar e o indicador. A nova mão ainda parecia nova *demaís*. Tão limpa, tão imaculada. Ela apertou os olhos e deixou que a corrente elétrica fluísse da coluna e aquecesse o pulso até a mão parecer humana. De pele e osso.

– Eu concordo – disse Iko. – Então, o que você vai fazer?

Cinder engoliu em seco e deixou o glamour mudar. A carne da mão voltou a ser metal; não titânio impecável, mas aço simples, surrado pelo tempo, com sujeira nas fendas, um pouco pequena demais, um pouco rígida demais. A mão ciborgue substituída. A que sempre escondia, normalmente com algodão pesado e manchado. Uma vez, com seda.

A garota que fora na época. A que sempre tentou manter às escondidas.

Uma luz laranja piscou no canto de sua visão. Ela a ignorou.

– Vou deixar Lobo me treinar. Vou me tornar mais forte do que ela. – Girou o chip de novo. Foi estranho no começo, porque ela precisava cuidar para que os dedos na ilusão se movessem da forma como deveriam, que as juntas se flexionassem e mexessem na hora certa. – Vou encontrar o dr. Erland, e ele vai me ensinar como vencê-la. Depois, vou procurar a garota que programou este chip, e ela vai me contar tudo que sabe sobre Luna, a segurança de lá e todos os segredos da rainha.

Clique. Clique. Clique.

– Depois, vou parar de me esconder.

Agradecimentos

É impressionante quantas pessoas são necessárias para trazer um livro ao mundo, e este não é exceção.

Primeiro de tudo, quero agradecer às minhas quatro espetaculares leitoras-beta pela genialidade, paciência, entusiasmo e por serem simplesmente incríveis: Jennifer Johnson, Tamara Felsing, Meghan Stone-Burgess e Whitney Faulconer –, vocês me tornam uma escritora melhor.

À minha maravilhosa editora que sempre me apoia, Liz Szabla, e a todos da Feiweil & Friends, obrigada por tornarem cada passo dessa jornada tão divertido. Rich Deas, Jean Feiweil, Elizabeth Fithian, Lizzie Mason, Anna Roberto, Allison Verost, Holly West, Ksenia Winnicki, Jon Yaged e incontáveis outros que causaram impacto nestes livros, vocês são os melhores e me orgulho muito de fazer parte da família editorial de vocês.

À equipe da minha agência, Jill Grinberg, Cheryl Pientka e Katelyn Detweiler, que trabalharam incansavelmente para levar estes livros às mãos de leitores de todo o mundo, obrigada por me fazerem sentir sempre a autora mais sortuda do planeta.

Eu gostaria de fazer um agradecimento especial ao meu editor da Pocket Jeunesse na França, Xavier D'Almeida, que concordou em ler um rascunho inicial e verificar detalhes relativos ao cenário, me ajudou a escolher a localização perfeita para a fazenda Benoit e me salvou de envenenar as pobres galinhas, felizmente.

Aos meus colegas com estreia em 2012, the Apocalypsies, e em particular, ao meu grupo local de escrita: J. Anderson Coats, Megan Bostic, Marissa Burt, Daniel Marks e Jennifer Shaw Wolf, obrigada por fazerem esse ano ser tão bom. Espero ansiosamente ver suas carreiras de escritores crescendo durante muitos anos no futuro.

Toda minha gratidão neste mundo vai para meus amigos e

família, que estão comigo a cada passo do caminho, para meu irmão, Jeff, por me emprestar tantos livros sobre naves espaciais, e para meu maravilhoso marido, Jesse – um ano de felizes para sempre, e contando.

E, por fim, mas não menos importante, agradeço carinhosamente a todos os leitores, professores, livreiros, bibliotecários, críticos e blogueiros que mantiveram viva a chama do amor.

A história de Scarlet
continua em...

Cress

Título original

Book Two

SCARLET

THE LUNAR CHRONICLES

Copyright © 2013 by Marissa Meyer Primeira publicação pela Feiwel and Friends, um selo da Macmillan Children's Publishing Group.

Os direitos de publicação da edição brasileira foram acordados pela Jill Grinberg Literary Management LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. Todos os direitos reservados.

Direitos desta edição reservados à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais CLÁUDIA MELLO

Coordenação Digital LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub ANA CHRYSOSTOMO

Edição Digital: julho 2014

M56s

Meyer, Marissa

Scarlet [recurso eletrônico] / Marissa Meyer ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed.
- Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.

recurso digital (Crônicas lunares; 2) Tradução de: Scarlet

ISBN 978-85-8122-411-4 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros
eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

14-12539

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

Marissa Meyer mora em Tacoma, Washington, com o marido e os dois gatos. É fã de muitas coisas nerds (*Sailor Moon*, *Firefly*, organizar as estantes por cor...) e é apaixonada por contos de fadas desde criança – e não pretende abandonar isso. Ela pode ser ou não um ciborgue.